


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LUCIANA MERCÊS RIBEIRO

**ESTUDO DAS FRICATIVAS CORONAIIS DA LÍNGUA PORTUGUESA:
DA FONÉTICA À ORTOGRAFIA E DA ORTOGRAFIA À FONÉTICA.**



ARARAQUARA – SP
2011

LUCIANA MERCÊS RIBEIRO

**ESTUDO DAS FRICATIVAS CORONAIIS DA LÍNGUA PORTUGUESA:
DA FONÉTICA À ORTOGRAFIA E DA ORTOGRAFIA À FONÉTICA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: História da ortografia da Língua Portuguesa (análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática).

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: FAPESP

ARARAQUARA – SP
2011

Ribeiro, Luciana Mercês

Estudo das fricativas coronais da Língua portuguesa: da fonética à ortografia e da ortografia à fonética / Luciana Mercês Ribeiro – 2011
175 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

1. Fricativas coronais. 2. Escrita. 3. Ortografia.
4. Língua Portuguesa -- História. I. Título.

LUCIANA MERCÊS RIBEIRO

**ESTUDO DAS FRICATIVAS CORONAIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA:
DA FONÉTICA À ORTOGRAFIA E DA ORTOGRAFIA À FONÉTICA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: História da ortografia da Língua Portuguesa (análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática).

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: FAPESP

Data da defesa: 16 /05/2011

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Mercedes Saraiva Hackerott

Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo

Membro Titular: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico meu trabalho às minhas duas amadas
avós e aos meus três amados avôs:
Maria das Mercês Ribeiro,
Maria Conceição da Silveira,
Rui de Deus Ribeiro,
Sebastião Teixeira Macedo,
Ozacy Heitor da Silveira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS (o Pai, o Filho e o Espírito Santo), por tudo, sempre.

À Edna e ao Raimundo Expedito, meus queridos pais, pela educação que me deram, mostrando que a vitória é fruto de muito trabalho, disciplina, coragem, amor e, sobretudo, fé.

Às minhas irmãs Gisele e Natali pelo carinho e amor.

Ao Bruno pelo incentivo, admiração e amor com que tem me acompanhado. Também pela agradável convivência e pelo privilégio de poder compartilhar questionamentos sobre a Linguística e a Literatura com um linguista.

Agradeço ao meu orientador, Luiz Carlos Cagliari, por ter disponibilizado grandes oportunidades na UNESP – Araraquara com seu trabalho teórico sobre a História da Ortografia da língua portuguesa, o qual representa um novo e necessário olhar para os estudos metaortográficos. Agradeço pela orientação paciente, séria, adequada, dedicada, competente, crítica e genial. Também pelo excelente exemplo enquanto profissional, oferecendo condições plenas para a formação completa de pesquisadores. Agradeço ainda pelo exemplo de pessoa educadíssima, exemplar e pela amizade.

Agradeço enormemente à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que desde a Iniciação Científica tem concedido condições favoráveis para o desenvolvimento da minha pesquisa.

À Doutora Clarinda de Azevedo Maia, que atendeu tão gentilmente aos meus questionamentos em Coimbra.

À Doutora Maria Helena Mira Mateus, que se disponibilizou para me receber em sua casa em Portugal.

À Maria Filomena Gonçalves que atendeu às minhas dúvidas.

Ao Rolf Kemmler pelas suas críticas competentes e necessárias aos estudos metaortográficos e ainda pela amizade com que recebe os pesquisadores em geral.

Aos portugueses que tão amavelmente me receberam em seu país e concordaram em serem filmados e entrevistados por mim.

Aos professores arguidores deste estudo, os quais avaliaram o meu trabalho de modo tão enriquecedor.

Às bibliotecárias da UNESP - FCL - Araraquara pelo atendimento dedicado, competente e simpático. Principalmente à Ana Paula, à Sandra e ao André.

Aos funcionários da SAEPE na FCLAr pela ajuda na configuração das filmagens.

À professora Yara Maria Denadai Golfi, que tem despertado o encanto dos estudos da área de Língua Portuguesa aos alunos do Ensino Médio no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Polivalente – Americana, SP. Muitos dos alunos dessa professora deram continuidade aos estudos no meio acadêmico na UNESP, UNICAMP e USP.

Ao professor Márcio Thamos, que foi meu primeiro orientador na graduação. Tenho a honra de ter recebido a orientação dele na área de Estudos Clássicos e na área da Linguística, pois tal professor/pesquisador está verdadeiramente comprometido com o trabalho que desenvolve na UNESP- FCLAr, mostrando o respeito e a postura crítica que devemos ter para com o estudo que desenvolvemos.

Aos demais professores da graduação e da pós-graduação da UNESP - FCLAr pelo compromisso sério e dedicado em suas atividades de docência e pesquisa, oferecendo excelente formação aos alunos.

Aos amigos Guilherme, Vanessa, Alessandra, Professor Alceu Dias Lima, Suzana, Vilma, Patrícia, Adriana, Wallace, Fabiana, Castrinho, Dona Iracema, José, João, Maria, Natália, Patê, Kelli, Helena, Niguelme, Paola, Alexandre, Cristiane, James, Domingos, Sylvia, Aline, Vera, Audinéia, Gisele, André, Taísa, Márcio, Livia e demais pessoas que direta ou indiretamente têm me ajudado para a realização deste trabalho.

Terei summo prazer, de que mereça attenção este meu trabalho aos Philologos Portuguezes [e aos demais interessados], não só porque nos he próprio este affecto quando nos approvaõ o que fazemos, mas principalmente porque estou certo, que emprehendendo elles aperfeçoar esta pequena Obra, Ella ha de sahir algum dia mais augmentada, mais correcta, e bem digesta; e por isso mais útil a todos, que he o que devemos respeitar, e eu respeitei sem duvida quando intentei dala á luz, persuadido tambem, e rogado por algumas pessôas, que amaõ, e cultivaõ estes estudos.

Naõ peço que me encubraõ os defeitos que acharem; porque sei he inutil, e injusto rogallo á homens entendidos, que pelo amor da verdade naõ devem deixar correr como acerto o que he erro, [...] e rogo cuide cada hum de emendar as faltas que achar, de sorte, que nos aproveitemos todos das suas advertencias. (SOUSA, 1789, p.11).

RESUMO

Este trabalho buscou estudar as fricativas coronais da língua portuguesa e sua relação com a ortografia. Procurou ainda depreender o que essa relação pode dizer sobre a constituição e funcionamento da ortografia da língua portuguesa, e, por outro lado, apresentou e discutiu aspectos do desenvolvimento histórico desses sons. O estudo envolveu historicamente fricativas coronais e palatais como [s], [ʃ], [z], [ʒ] [θ], [ð], [ʃ], entre outras realizações históricas. Na escrita, os grafemas <s>, <z>, <ss>, <c>, <ç>, <sc>, <xc> representam fricativas coronais e os grafemas <x>, <ch> representam fricativas palatais. A pesquisa investigou a proveniência desses sons fricativos no português e como eles têm sido descritos, representados e estudados nas gramáticas, ortografias, tratados de ortografia e trabalhos mais antigos (do século XV até XX). Verificou ainda determinadas considerações de dialetólogos, filólogos e demais pesquisadores da língua portuguesa sobre o assunto em questão. A perspectiva teórica aqui adotada partiu da obra *Aspectos Teóricos Linguísticos da Ortografia* (2004) de Luiz Carlos Cagliari, que traz discussões fundamentais sobre ortografia e a relação entre a oralidade e a sua representação gráfica. Esta obra representa ainda um novo olhar sobre os estudos metaortográficos da língua portuguesa. A presente pesquisa trouxe um conjunto de gravações feitas em 2008 e 2010 com falantes portugueses da Região de Entre Douro e Minho e da Região Trás-os-Montes e do Alto Douro para comparar tais realizações com as análises históricas. Esse material testemunha pronúncias conservadoras que foram descritas nos primeiros trabalhos normativos em língua portuguesa por terem ajudado a interferir na sistematização da ortografia. As gravações foram analisadas por meio do programa PRAAT para investigação acústica. A partir do presente estudo, pretendeu-se contribuir para um melhor conhecimento da história das fricativas, principalmente das coronais, bem como para um melhor conhecimento de como esses sons foram representados na ortografia da língua portuguesa e as consequências das decisões ortográficas na representação deles. Esse estudo busca também ser útil à elucidação de alguns fatos do passado linguístico do português que podem contribuir para esclarecer fatos da sua estrutura atual.

Palavras-chave: Fricativas Coronais. Escrita. Ortografia. História da Língua Portuguesa.

RÉSUMÉ

Ce travail a cherché à étudier les fricatives coronales de la langue portugaise et sa relation avec l'orthographe. Il y a eu encore l'intérêt de déduire ce que cette relation peut dire à propos de la constitution et du fonctionnement de l'orthographe portugaise et, en outre, de présenter et discuter des aspects du développement historique de cette catégorie de sons. L'étude a compris historiquement les consonnes fricatives coronales et palataux comme [s], [ʃ], [z], [ʒ], [θ], [ð], [ʃ], entre autres réalisations historiques. À l'écrit, les graphèmes <s>, <z>, <ss>, <c>, <ç>, <sc>, <xc> représentent les fricatives coronales et les graphèmes <x> et <ch>, les palataux. Cette recherche a étudié l'origine des sons fricatives dans le portugais et comment ils ont été décrits, représentés et évalués dans les grammaires, dans les orthographe, dans les traités de l'orthographe ainsi que dans les travaux plus anciens (du XV^{ème} et XVI^{ème} siècles). Nous avons vérifié aussi quelques considérations de dialectologues, philologues et d'autres investigateurs de la langue portugaise sur le sujet en question. La perspective théorique ici adoptée s'est basée sur l'œuvre *Aspectos Teóricos Linguísticos da Ortografia* (2004), de Luiz Carlos Cagliari, qui comprend des discussions fondamentales sur l'orthographe et la relation entre l'oralité et sa représentation graphique, elle représente encore un nouveau regard sur les études « métaorthographiques » de la langue portugaise. Cette recherche a apporté un ensemble d'enregistrements réalisés en 2008 et 2010 avec des portugais des régions d'Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes et Alto Douro pour comparer ces réalisations phonétiques avec les analyses historiques. Ce matériel est témoin des prononciations conservatrices qui ont été décrites dans les premiers travaux normatifs dans la langue portugaise à cause d'avoir aidé à interférer dans la systématisation de l'orthographe. Les enregistrements ont été analysés au moyen du programme PRAAT pour la recherche acoustique. Avec cet étude, nous avons voulu contribuer à une meilleure compréhension de l'histoire des sons fricatives, surtout les coronales, comment ils ont été représentés par l'orthographe de la langue portugaise et les conséquences de cette représentation. Cet étude cherche aussi être utile pour élucider quelques faits du passé linguistique du portugais qui peuvent contribuer à l'éclaircissement des faits de sa structure actuelle.

Mots-clés: Fricatives Coronales; Écrit; Orthographe; Histoire de la langue portugaise.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
------------------	----

PARTE 1: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS DA FORMAÇÃO DA ORTOGRAFIA DO PORTUGUÊS EUROPEU: ESCRITA E EXPRESSÃO VERBAL

1 Considerações sobre a relação entre fala e escrita com destaque para a natureza, funções e usos da ortografia da língua portuguesa.....	18
1.1 Considerações iniciais.....	19
1.2 Sobre a representação da fala pela escrita: rudimentos.....	22
1.2.1 O sistema de escrita alfabético.....	23
1.2.2 A necessidade da ortografia para o sistema de escrita alfabético.....	25
1.3 O início da escrita da língua portuguesa: problemas e soluções ortográficas para a fixação das letras nas palavras.....	30
1.3.1 O Alfabeto Romano no início da representação escrita da língua portuguesa e as diversificadas decisões para a fixação das letras nas palavras.....	30
1.3.2 Ortografia da língua portuguesa: fonética e/ou fonológica?.....	38
1.3.3 Ortografia da língua portuguesa: etimológica e/ou pseudo-etimológica?.....	45
1.4 A primeira reforma ortográfica da língua portuguesa por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.....	48
1.4.1 Considerações iniciais.....	48
1.4.2 Os fundamentos da proposta de Reforma Ortográfica de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.....	54
1.4.3 Soluções e problemas da Ortografia Nacional (1904).....	59
1.4.4 A representação dos sons fricativos por Gonçalves Viana.....	65
1.5 Considerações a respeito desta primeira parte.....	68

PARTE 2: SONS FRICATIVOS CORONAIS NA SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA: DA FONÉTICA À ORTOGRAFIA

2 Origem dos sons fricativos da língua portuguesa: considerações fonológicas e fonéticas.....	70
2.1 Os sons fricativos.....	71
2.1.1 O som fricativo coronal.....	71
2.2 Do latim ao português europeu: origem do som fricativo.....	72
2.3 Descrição da realização de sons fricativos nas primeiras gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa.....	84
2.4 Análise.....	88

2.5 Considerações Dialetais.....	106
2.6 Gravação de sons fricativos da Região Norte de Portugal coletados em 2008 e 2010.....	111
2.6.1 A organização dos dados.....	111
2.6.2 Organização das gravações.....	112
2.7 Análises no PRAAT.....	122
2.8 Discussão.....	142

PARTE 3: CONSIDERAÇÕES SOBRE REFORMA E ENSINO DA ORTOGRAFIA

3 A ortografia dos sons fricativos na discussão da reforma e do ensino de ortografia.....	146
3.1 Reforma.....	146
3.2 Ensino.....	151

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	155
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	158
-------------------------	------------

APÊNDICE A: Descrição dos sons fricativos dos primeiros gramáticos e ortógrafos da língua portuguesa.....	166
--	------------

APÊNDICE B: DVD com as gravações de sons fricativos da Região Norte de Portugal.....	175
---	------------

INTRODUÇÃO

O estudo dos sons fricativos lança desafios nas diversas áreas em que é analisado, quer seja na investigação dos processos fonéticos articulatórios, acústicos ou auditivos, quer na pesquisa sobre o seu desenvolvimento histórico, interno ou externo¹.

A escrita que dá a forma concreta da representação desses sons traz o fascínio de ser um meio de comunicação a partir do qual a diversidade sonora é neutralizada, podendo ser fixada e, finalmente, reconhecida pelos seus usuários, na leitura, que é o objetivo principal da escrita e da ortografia. (CAGLIARI, 2004).

Observando-se essa ligação entre escrita e fala, no seu desenrolar temporal, é possível trazer novas perguntas para esse tipo de estudo, buscando fazer descobertas surpreendentes tanto em relação à expressão oral quanto ao registro gráfico. Com essa motivação, a presente pesquisa tem pretendido observar tal fenômeno linguístico.

Este trabalho representa a continuidade de uma pesquisa anterior, de Iniciação Científica, intitulada *Análise e descrição do sistema ortográfico de documentos manuscritos oficiais do século XVII escritos no Brasil*, com financiamento FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo: 07/56550-8) e ligado ao projeto *História da Ortografia da Língua Portuguesa*², coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari.

A esse projeto estão ligadas outras pesquisas concluídas e em andamento como as teses: *A ortografia do Português no século XVI: Um estudo de Os Lusíadas*³ de Nazarete de Souza; *Descrição do sistema ortográfico em documentos manuscritos do século XVII no Brasil*⁴ de Kelly Priscila Lóddo Cezar, *A ortografia da Língua Portuguesa em documentos*

¹ Essa dificuldade está explicitada na tese de doutoramento denominada *Acoustic Phonetics of European Portuguese Fricative Consonants* (2001) do autor Luis Miguel Teixeira de Jesus. Esse trabalho é a mais recente pesquisa que trata de modo bastante detalhado sobre os sons fricativos do português europeu e a dificuldade envolvida em seu estudo, como Jesus (1999, p.166) afirma “o estudo de sons fricativos do português constitui um campo de pesquisa complexo e desafiante, ainda pouco explorado”. Com vasto levantamento bibliográfico, o pesquisador mostra toda a problemática para se estudar um som fricativo atestada em estudos anteriores e, em vista disso, propõe uma nova metodologia para a pesquisa acústica do referido som. No entanto, esse trabalho não buscou abranger o percurso histórico dos sons fricativos, bem como não tratou de realizações específicas da Região Norte de Portugal.

² O projeto tem sido desenvolvido na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara. Para maiores informações sobre esse projeto acesse: <<http://lattes.cnpq.br/9965718421533502>>.

³ Concluída em 2009.

⁴ Iniciada em 2010.

*históricos do início do século XVIII e final do século XIX do Maranhão: uma análise comparativa*⁵ de Vilma de Souza.

Há ainda as dissertações: *Estudo da Ortografia da Carta de Pero Vaz de Caminha*⁶ de Nazarete de Souza; *Da ortografia para a fonética e a fonologia nos Sermões do Padre Vieira*⁷ de Cristiane Jussara Romanatto, entre outros trabalhos de Iniciação Científica.

O objetivo desta dissertação é estudar as fricativas coronais do português europeu e sua relação com a ortografia. Busca depreender o que essa relação pode dizer sobre a constituição e funcionamento da ortografia da língua portuguesa, e, por outro lado, apresenta e discute aspectos do desenvolvimento histórico desses sons.

Assim, a pesquisa envolve historicamente fricativas coronais e palatais como [s], [ʃ], [z], [ʒ] [θ], [ð], [ʃ], entre outras realizações históricas. Na escrita, os grafemas <s>, <z>, <ss>, <c>, <ç>, <sc>, <xc> representam fricativas coronais e os grafemas <x>, <ch> representam fricativas palatais.

Para dar conta da relação entre a oralidade e a escrita, a dissertação organiza-se sobre dois eixos fundamentais. O primeiro trata dos aspectos históricos da formação da ortografia da língua, que foram determinantes para fixar grafias e, o segundo, verifica o desenvolvimento temporal das fricativas coronais do português europeu, partindo da Fonética Histórica. Assim, no plano fonético e fonológico, investigamos a origem dos sons fricativos e seu desenvolvimento na perspectiva da história interna da língua, haja vista a sua interferência na escrita desses sons.

A perspectiva teórica parte da obra *Aspectos Teóricos Linguísticos da Ortografia* (2004) de Luiz Carlos Cagliari, na qual se buscou uma definição para a ortografia e a compreensão do seu funcionamento. Essa obra concebe a ortografia a partir dos sistemas de escrita e reflete sobre sua natureza, funções e usos. Traz ainda discussões sobre a relação entre a oralidade e a sua representação ortográfica. A obra representa ainda um novo olhar sobre os estudos metaortográficos da língua portuguesa.

Foram incluídas outras obras que têm esta particularidade de ver a ortografia em paralelo aos sistemas de escrita, reforçando as reflexões aqui apresentadas; são elas *The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems* (2006) do autor Florian Coulmas, *Writing Systems: A linguistic Approach* (2005) do autor Henry Rogers, *International Encyclopedia*

⁵ Iniciada em 2007.

⁶ Concluída em 2002.

⁷ Concluída em 2011.

of *Linguistics* (2003) editado por William J. Frawley, *The World's Writing Systems* (1996) dos autores Peter T. Daniels, William Bright.

O estudo da origem dos sons fricativos baseia-se nas seguintes obras: *Do Latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa* (1994) do autor Edwin B. Williams, *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* (2006) de Rosa V. Mattos e Silva, *Curso de história da língua portuguesa* (1991) de Ivo Castro, *História do galego-português: estado lingüístico da Galiza e do Noroeste Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)* (1986) de Clarinda de Azevedo Maia, *História da Língua Portuguesa* (1982) do autor Paul Teyssier, *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (1979) do autor Joaquim Mattoso C. Junior e a obra *Lições de Filologia Portuguesa* (1912-1913) de Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Além dessas obras, foram incluídos outros estudos como a tese *A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do Português do século XVII: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros* de Clarisse Assalim (2007), a dissertação *Documentos setecentistas: edição semidiplomática e estamento das sibilantes* de Vanessa Martins do Monte (2007), a obra *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII* (2006) de Heitor Megale; Silvio de Almeida Toledo Neto (orgs.).

Também foram consultadas as seguintes pesquisas metaortográficas, *Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911* (2001) de Rolf Kemmler e *As ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)* (2003) de Maria Filomena Gonçalves.

Para a observação do desenvolvimento histórico dos sons fricativos coletamos, ainda, a descrição desses sons, feita pelos primeiros gramáticos e ortógrafos da língua portuguesa. As obras e autores consultados são os seguintes: *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira, *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha* (1540) de João de Barros, *Regras que ensinam a maneira de escrever orthographia da lingua portuguesa, com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma língua* (1574) de Pêro de Magalhães de Gândavo, *Orthographia da lingoa portuguesa. Origem da Língua Portuguesa* (1576) de Duarte Nunes de Leão, *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa* (1631) de Álvaro Ferreira de Vera, *Regras gerays, e comprehensivas da melhor orthografia com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina & Portugueza* (1666) de Bento Pereira, *Ortografia da lingua portuguesa* (1671) de João Franco Barreto,

Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza (1734) de João de Moraes Madureira Feijó, *Othographia da Lingua Portuguesa* (1736) do autor Luis Caetano de Lima, *Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à República, e à Igreja: proporcionado Ao estilo, e necessidade de Portugal, Exposto Em várias cartas, escritas pólo R. P. Barbardinho da Congregasam de Itália, ao R. P. Doutor da Universidade de Coimbra* (1746) (Livro II) do autor Luis A. Verney, *Arte da grammatica da Lingua Portuguesa* (1770) do autor Antônio José dos Reis Lobato e a *Grammatica Philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem* (1822) de Jerônimo Soares Barbosa⁸.

É indispensável também trazer à tona o impacto que os trabalhos de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana trouxeram à ortografia da língua portuguesa. Por isso, discutimos a obra *Ortografia Nacional* (1904), priorizando suas soluções para a representação dos sons fricativos.

Depois, foram incluídas considerações dialetais a partir da *Nova proposta de classificação dos dialectos galego- portugueses* (1973) do autor Luis F. Lindley Cintra.

Buscou-se, ainda, fazer uma breve ilustração e descrição dos sons fricativos atuais, coletados em Portugal, durante o desenvolvimento da pesquisa. A inserção desses dados tornou-se muito produtiva e, somente possível, devido ao financiamento que este trabalho recebeu por meio de bolsa de Mestrado concedida pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Desse modo, tem-se um conjunto de gravações feitas recentemente com falantes portugueses da Região Norte de Portugal, cujas realizações dialetais são conservadoras e atestam fenômenos do passado da língua. Por isso, esse material é comparado com as considerações históricas. Ele também passa por uma breve análise fonética feita com base nos seguintes trabalhos *Acoustic Phonetics of European Portuguese Fricative Consonants* (2001) do autor Luis Miguel T. de Jesus, *The Sounds of the World's Languages* (1996) de P. Ladefoged e A. I. Maddieson e a obra *Fonética, fonologia e morfologia do português* (1990) da autora Maria Helena Mira Mateus. A análise acústica é processada através do programa PRAAT.

A dissertação foi organizada em três partes, a primeira discute aspectos históricos e teóricos da formação e funcionamento da ortografia do português europeu e sua relação com

⁸ Certamente, a não inserção da obra *Compêndio de Orthografia* de Luís Monte Carmelo (1767) constitui uma grande lacuna no presente trabalho, que ocorreu devido à categoria de dissertação do presente estudo em face à longa obra de Monte Carmelo, que exigiria maior tempo para a sua análise.

a oralidade. Traz ainda considerações sobre a primeira reforma ortográfica a partir da análise da obra *Ortografia Nacional* (1904), a qual buscou definir a ortografia dos sons fricativos para a atualidade.

A segunda parte trata da origem dos sons fricativos da língua portuguesa com base na Fonética Histórica. Apresenta e analisa as descrições que as primeiras gramáticas e tratados de ortografia do vernáculo português fizeram dos sons fricativos. Por fim, ilustra e discute a realização atual desses sons a partir de gravações feitas em Portugal em 2008 e 2010.

A terceira parte utiliza as discussões anteriores para debater determinadas ideias sobre o ensino e a reforma ortográfica.

Há, ainda, um apêndice que traz as descrições detalhadas dos sons fricativos feitas pelos primeiros trabalhos normativos em vernáculo português e um DVD com as gravações coletadas em Portugal.

A pesquisa entende que a investigação da história dos sons fricativos, bem como a sua descrição e normatização são aspectos que podem e devem ser aproximados para depreender melhor o fenômeno linguístico analisado. Pois, se queremos responder quais são as possíveis relações entre ortografia e oralidade, se faz necessário passar pelo desenrolar histórico, que muito ensina sobre o que foi e o que é essa ortografia a partir da qual a oralidade se expressa.

A escolha do estudo do som fricativo partiu do fato de que esse som, em si, é pouco explorado e muito desafiante no campo da Fonética (JESUS, 2001) que é ainda mais raro quando relacionado ao passado da língua portuguesa. Assim, a correlação da pesquisa fonética com o estudo histórico trouxe novos dados, análises e resultados para esse tipo de trabalho.

Com isso, o presente estudo buscou contribuir para um melhor conhecimento da história das fricativas, principalmente das coronais, mostrando a sua realização atual acompanhada de análise acústica. Explorou, discutiu e buscou compreender melhor como esses sons foram representados na ortografia da língua portuguesa e as consequências das decisões ortográficas envolvidas nessa representação. Assim, os aspectos sobre ensino e reforma são questões adjacentes, mas muito importantes para o estudo ortográfico, haja vista serem participantes do seu desenvolvimento histórico.

PARTE 1

***ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS DA FORMAÇÃO DA ORTOGRAFIA DO
PORTUGUÊS EUROPEU: ESCRITA E EXPRESSÃO VERBAL***

1 Considerações sobre a relação entre fala e escrita com destaque para a natureza, funções e usos da ortografia da língua portuguesa

Justificativa

A presente seção passa a investigar a ortografia da língua portuguesa considerando, inicialmente, a sua definição num quadro teórico que relaciona escrita e ortografia, com base na obra *Aspectos Teóricos Linguísticos da Ortografia (2004)* de Luiz Carlos Cagliari.

Nessa perspectiva, concebe-se a ortografia para além da aceção mais amplamente divulgada de que ela é a escrita correta das palavras (como ilustra o termo técnico *ortografia*, formado dos elementos gregos *orthós* ‘correta (mente)’ e *graphein* ‘escrever’). Nesse cenário, pretendeu-se compreender a necessidade da ortografia, considerando aspectos fundamentais sobre a sua natureza, funções e usos.

A busca por uma melhor apreensão do significado desse termo à luz teórica representa grande ajuda na compreensão das possíveis relações entre a escrita e a fala para se chegar à relação entre sons fricativos e sua representação gráfica.

Os problemas e soluções ortográficas para a fixação das letras nas palavras no início da escrita da língua portuguesa até a sua uniformização no século XX trazem informações relevantes sobre a complexidade de que é feita uma ortografia. Nesse contexto, buscamos destacar alguns dos constructos mais salientes (como a etimologia, fonética/fonologia e usos) na ortografia do vernáculo português, os quais imprimem um caráter heterogêneo a ela, revelando aspectos de sua formação e contribuindo na análise dos sons fricativos.

A busca pela compreensão da maneira como se forma uma ortografia e da maneira como ela é utilizada pelo usuário também é crucial para evitar que se confundam aspectos que são pertinentes à sua construção, mas são desnecessários ao seu uso, como acreditar que, para que se possa operar com a ortografia, é necessário trazer, constantemente, à consciência a ligação entre grafemas e fonemas.

Desse modo, procuramos lidar com a questão da ortografia para além dos limites da norma estabelecida, consultando também outros estudiosos que encaram a questão de modo o mais científico possível, baseando-se em pesquisas de longo fôlego.

Autores como, Florian Coulmas (1996), Peter T. Daniels; William Bright (1996), William J. Frawley (2003), Maria Filomena Gonçalves (2003), Luiz Carlos Cagliari (2004) e Henry Rogers (2005)⁹ nos apresentam uma visão dos sistemas de escrita, cada um o faz sob

⁹ Além desses autores, há outros trabalhos de alto nível que, entretanto, não serão mencionados neste estudo, dado o enfoque desta pesquisa de mestrado.

diferentes direções e interesses, mas é comum a todos trazer um quadro histórico e teórico da questão e, nesse cenário, a ortografia. Desses autores, descreveremos o fundamental para os objetivos do presente trabalho.

1.1 Considerações iniciais

No presente trabalho, assumiu-se que a ortografia é parte dos sistemas de escrita, os quais são fundamentalmente representações gráficas da linguagem oral, e cujo objetivo é permitir a leitura, segundo Cagliari (2004).

A perspectiva teórica¹⁰ aqui adotada considera que a ortografia se define no sistema de escrita. Contudo, pode-se dialogar com outros pontos de vista em favor da compreensão de como a ortografia tem se desenvolvido historicamente.

O trabalho *As ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)* de Maria Filomena Gonçalves (2003) é um exemplo de pesquisa metaortográfica de referência, a qual traz, nos seus pressupostos metodológicos, a relação entre ortografia e escrita, como realidades de diferentes naturezas. Tal questão não será discutida neste trabalho.

Nesse contexto, Gonçalves (2003, p. 19) diz,

Importa também fazer a distinção entre a ortografia (do gr. ὀρθογραφία “a escrita correcta”) e o sistema gráfico. Como princípio teórico fundamental, aceitamos que são conceitos distintos, embora muitas vezes apareçam confundidos na metalinguagem dos estudiosos por estarem estreitamente associados, visto o segundo ser mais amplo que o primeiro: em geral a ortografia designa a “norma” – o código ou convenção –, e o sistema gráfico (ou “sistema de escrita”) refere, por sua vez, a comunicação humana realizada por meio de signos escritos.

Por outro lado, a autora traz à tona a investigação bastante detalhada das ortografias do vernáculo português num período que vai de 1734 a 1911, essencial para a presente pesquisa.

Outro trabalho que se destaca nos estudos metaortográficos do vernáculo português e utilizado na presente pesquisa é *Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911* do

¹⁰ Adotada a partir da obra *Aspectos Teóricos Linguísticos* (2004) do autor Luiz Carlos Cagliari.

autor Rolf Kemmler (2001). Nessa pesquisa, também não há um enfoque substancial quanto à ortografia a partir dos sistemas de escrita, como se desenvolveu na presente dissertação.

Para outros especialistas¹¹, a conexão entre ortografia e escrita é bastante notável para uma visão mais ampla da questão, bem como a relação entre a escrita e a expressão verbal humana. Nesse sentido, para William J. Frawley (2003, p.386),

Orthography is a visible and readable representation of language. It is based on the laws and mechanisms underlying a specific script and also relates to a particular socio-historical framework. Orthography gives linguistic messages a permanency that allows them to travel through time and space; and it also serves many other cultural and personal functions¹².

Os principais meios de divulgação da ortografia oficial da língua portuguesa não fazem menção da definição dela nem da sua importância para os sistemas de escrita, bem como da sua relação com a língua e do seu valor social. Por isso não representam uma fonte de conhecimento para além da visualização das regras ortográficas vigentes. Nem mesmo o VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, um dos documentos mais importantes para a difusão da ortografia oficial a todos os usuários, traz a menor definição dela.

Assim, dicionários, gramáticas e outros materiais de natureza didática estão na incumbência de trazer definições para o termo.

No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2004, p.2085), a ortografia é um “Conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras [...]”.

Vale notar aqui a definição da ortografia de um dos primeiros dicionários da língua portuguesa a fim de mostrar como essa acepção mais antiga dialoga com a atual, assim, no *Vocabulario Portuguez, & Latino* (BLUTEAU, 1720, p. 124, livro VI), “ORTHOGRAPHIA. Deriva-se do Grego *Orthos*, Recto, & *Grapho*, Escrevo, & assim

¹¹ Consultados a partir das seguintes obras e seus respectivos autores: *The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems* (2006) do autor Florian Coulmas, *Writing Systems: A linguistic Approach* (2005) do autor Henry Rogers, *International Encyclopedia of Linguistics* (2003) editado por William J. Frawley, *The World's Writing Systems* (1996) dos autores Peter T. Daniels, William Bright.

¹² A Ortografia é uma representação visível e legível da língua. Ela é baseada nas leis e mecanismos subordinados a uma escrita específica e também se relaciona a uma estrutura sócio-histórica específica. A Ortografia dá às mensagens lingüísticas uma permanência que as permite viajar pelo tempo e pelo espaço e também serve para muitas outras funções culturais e pessoais. (FRAWLEY, 2003, p.386, tradução nossa).

Orthographia vem a ser, Arte de escrever as vozes, com as letras convenientes à sua origem, & recta pronunção, que o uso tem introduzido”.

Também, segundo Gonçalves (2003, p.19), “os dicionários de linguística fornecem uma definição de ortografia mais ou menos idêntica, cuja tónica ora recai no seu carácter normativo e correctivo, ora no seu carácter uniformizador e sistemático”.

No *Compêndio de Gramática Portuguesa* (FERREIRA, A. G; FIGUEIREDO, J. N., 2006, p.250, grifos do autor), a ortografia “é a escrita correta das palavras segundo as *normas* oficialmente estabelecidas”.

Na *Gramática escolar da Língua Portuguesa*, (BECHARA, E. 2006, p.596) a ortografia é “um sistema oficial convencional pelo qual se representa na escrita uma língua”.

Há ainda outras gramáticas que não trazem uma definição para o termo ortografia, apenas expõem as regras, começando com a apresentação do alfabeto, como ocorre na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2001).

As definições apresentadas anteriormente têm em comum o fato de restringirem a visão de ortografia à norma, pois se limitam basicamente a duas preocupações: 1) à ideia de que a ortografia é a escrita convencional; 2) à exposição das suas regras, como uso das letras, acentuação, hífen, alfabeto, etc.

Raramente explicam o porquê das regras. Quando essa explicação ocorre, geralmente é sutil ou cópia de uma sucinta nota explicativa presente no documento oficial do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, que traz algumas justificativas.

Em razão disso, os professores nunca encontram um material oficial que diga ou indique ao seu público que a questão da ortografia é mais ampla e instigante do que parece ser quando vemos apenas as suas regras. Também não nos diz que ela pode ser investigada cientificamente, ou então, quais os critérios utilizados nas reformas ortográficas, etc.

No entanto, a ortografia pode ser concebida por meio de um olhar investigativo, teórico, a ponto de poder contribuir para um aprendizado mais adequado e sofisticado.

No enfoque científico, a definição de ortografia amplia-se, como indica Florian Coulmas (2006, p.379-380), “An orthography is a normative selection of the possibilities of a script for writing a particular language in a uniform and standardized way. [...] Orthographies are based on historically involved writing conventions and hence often involve different structural principles of linguistic representation”¹³.

¹³ Uma ortografia é uma seleção normativa das possibilidades de escrita de uma língua específica de uma forma uniforme e padronizada. [...] As Ortografias são baseadas em convenções escritas historicamente evoluídas e,

Para William J. Frawley (2003, p.380), “an orthography is the standardized variety of a given language-specific writing system”¹⁴.

Luiz Carlos Cagliari (2009, p.105) diz, “[...] a ortografia representa uma forma fixa de escrever palavras, sem variar os caracteres que as compõem, neutralizando a variação dialetal no sistema alfabético e a variação semântica (polissemia) nos sistemas ideográficos”. Para Cagliari (2004), a ortografia tem o objetivo de permitir a leitura. E nessa última definição, é que se apoia a presente pesquisa.

1.2 Sobre a representação da fala pela escrita: rudimentos

A capacidade que a escrita tem de representar a fala traz admiração e espanto. É o que se nota na cartilha¹⁵ de 1827 de José Luiz de Sousa Monteiro,

Não há cousa mais digna da nossa admiração, e das nossas reflexões, que o divino dom da *Palavra*... À maravilha porém de ter achado o segredo de fallar aos olhos da mesma maneira que se falla aos ouvidos; de dar consistencia aos sons, e de prender huma cousa tão veloz como a *Palavra*, por meio de *Figuras* traçadas sobre o papel, he sem duvida tão admiravel como a primeira. (MONTEIRO, 1827, p.2).

A fala é espontânea e dinâmica, ocorre em meio sonoro pleno de significado. Ela está em constante processo de mudança e sua realização independe de projetos. A escrita, em contrapartida, é desenvolvida, controlada e fixada pelos seus usuários e, para que ela funcione nas sociedades, sua realidade não pode ser exatamente igual à fala. Nesse contexto, Daniels e Bright (1996, p.2) argumentam que,

Writing differs from language, though, in a very fundamental way. Language is a natural product of the human mind – the properties of people that make it possible for everyone to learn any language, provided they start at a young enough age – while writing is a deliberate product of human intellect: no infant illiterate absorbs its script along with its language; writing must be studied. Language continually develops and changes without the conscious interference

por isso, frequentemente envolvem diferentes princípios estruturais de representação lingüística. (COULMAS, 2006, p.379-380, tradução nossa).

¹⁴ Uma ortografia é a variedade padronizada de um dado sistema de escrita específico da linguagem.(FRAWLEY, 2003, p.380, tradução nossa).

¹⁵ *Alfabeto Portuguez, ou Arte Completa D’ensinar a Ler.*

of its speakers, but writing can be petrified or reformed or adapted or adopted at will¹⁶.

A seguir, notar-se-á que, para estabelecer a representação sistemática da fala na escrita da língua portuguesa, o alfabeto foi fundamental, pois possibilitou a associação de segmentos fonéticos às letras, sendo um dos pontos de partida no processo de representação da expressão verbal na escrita. Nesse processo, concorriam ainda outros fatores de uso do sistema, de soluções dadas pelos usuários, ou incorporadas de outros sistemas.

1.2.1 O sistema de escrita alfabético

De acordo com Coulmas (2006), “Alphabetic writing can be defined as a system of recording language which makes use of this inventory of letters or any historically related variant thereof”¹⁷.

O alfabeto que utilizamos hoje para o vernáculo português e que teve pequenas modificações, a partir de janeiro de 2009 (segundo a lei ortográfica¹⁸), é composto por vinte e seis letras, como mostra o quadro a seguir¹⁹. Na escrita são usadas letras maiúsculas e minúsculas:

¹⁶ Porém, a escrita se diferencia da fala de uma forma muito fundamental. A fala é um produto natural da mente humana – as propriedades das pessoas que tornam possível para qualquer um aprender qualquer linguagem, desde que elas comecem cedo o suficiente – enquanto que a escrita é um produto deliberado do intelecto humano: nenhuma criança não-alfabetizada absorve sua escrita juntamente com sua linguagem; a escrita precisa ser estudada. A linguagem se desenvolve continuamente e muda sem a interferência consciente de seus falantes, mas a escrita pode ser petrificada ou reformada ou adaptada ou adotada à vontade. (DANIELS; BRIGHT, 1996, p.2, tradução nossa).

¹⁷ A escrita alfabética pode ser definida como um sistema de registro da linguagem que usa esse inventário de letras ou qualquer variante relacionada historicamente com ela.

¹⁸ Nos termos dos artigos 164º, alínea j, e 169.º, n.º 5, da Constituição.

¹⁹ Conforme a lei ortográfica atual, os nomes das letras sugeridos em parênteses, no quadro, não excluem outras formas de as designar. Por exemplo, no Piauí, na Bahia, entre outros locais, os nomes das letras são diferentes em algumas cidades onde se diz: a, bê, cê, dê, é, fê, guê, agá, i, ji, lê, mê, nê, ó, pê quê, rê, si, te, u, vê, xis, zê.

Letras de forma maiúscula		Letras de forma minúscula	
A (á)	N (ene)	a (á)	n (ene)
B (bê)	O (o)	b (bê)	o (o)
C (cê)	P (pê)	c (cê)	p (pê)
D (dê)	Q (quê)	d (dê)	q (quê)
E (é)	R (erre)	e (é)	r (erre)
F (efe)	S (esse)	f (efe)	s (esse)
G (gê ou guê)	T (tê)	g (gê ou guê)	t (tê)
H (agá)	U (u)	h (agá)	u (u)
I (i)	V (vê)	i (i)	v (vê)
J (jota)	W (dáblio)	j (jota)	w (dáblio)
K (capa ou cá)	X (xis)	k (capa ou cá)	x (xis)
L (ele)	Y (ípsilon)	l (ele)	y (ípsilon)
M (eme)	Z (zê)	m (eme)	z (zê)

Quadro 1 - Alfabeto atual da Língua Portuguesa.
Fonte: Acordo ... (2009).

De acordo com Cagliari (2004), nesse tipo de sistema, a representação da fala na escrita evidencia-se no fato de que determinados segmentos sonoros (como os fonemas) são associados às letras. Esse tipo de representação é chamado de fonográfico porque usa caracteres para representar os sons individuais (vogais e consoantes).

A fala também pode ser representada na escrita a partir das ideias que as palavras representam. Segundo Cagliari (2004), encontramos esse tipo de escrita quando, por exemplo, um desenho ou uma forma gráfica representa uma palavra ou um conjunto de palavras, como no caso da escrita chinesa e de placas de trânsito. Esse tipo de escrita é chamado ideográfico, pois não é pelos sons que chegamos ao significado, como ocorre na escrita fonográfica, mas pela própria ideia contida na forma gráfica de escrita, capaz de nos indicar o significado das palavras.

Podemos representar a fala partindo das ideias ou dos sons e, segundo Cagliari (2004, p. 65),

Toda escrita precisa ser uma representação lingüística e não apenas um desenho, uma figura, um rabisco. Com exceção das escritas pictográficas primitivas (que são puramente ideográficas) e das transcrições fonéticas (que são puramente fonográficas), todos os sistemas de escrita que a humanidade tem usado caracterizam-se por ser em parte ideográficos e em parte fonográficos, às vezes prevalecendo um desses aspectos, às vezes, outro.

Todos os sistemas procuram um “equilíbrio” entre os dois modos de escrever.

No seu aspecto fonográfico, o alfabeto propõe a escrita que parte da representação fonética (sons) para definir o valor dos caracteres²⁰ (CAGLIARI, 2009). No entanto, a escrita não pode ser uma representação fonética, pois refletiria a variação dialetal, gerando diferentes grafias para as mesmas palavras. Diante desse problema, vem a necessidade de fixar grafias, o que faz com que o sistema tenha uma face ideográfica, como mostrar-se-á a seguir.

1.2.2 A necessidade da ortografia para o sistema de escrita alfabético

Segundo Cagliari (2004), a ideia original da escrita alfabética era de partir da representação direta da fala, por meio de uma observação atenta e sistemática dela. Com a observação rigorosa de um enunciado e, em parte, guiado pela Fonologia, pode-se perceber que é possível segmentar a fala em unidades cada vez menores — por exemplo, em palavras, sílabas, vogais e consoantes — e isolar os sons, percebendo que há segmentos sonoros comuns a diversas palavras, como a vogal “a”, que aparece em *gato*, *mato*, *sapo*, *dado*, etc. Quem criou o alfabeto conseguiu notar essas mínimas diferenças sonoras, distingui-las e enumerá-las²¹. Seu objetivo era representar cada segmento fonético das palavras por um determinado caractere. Para isso, fez uma lista de palavras, de tal modo que cada uma começasse por um som diferente. Assim, foi possível ter, no total, a representação de todas as consoantes no início dessas palavras.²²

O alfabeto resulta dessa façanha, tendo sido criado a partir do princípio acrofônico, segundo o qual nas letras há os sons que elas representam. Para cada letra, “existe um som correspondente a uma consoante ou a uma vogal e, para escrever uma palavra, bastaria observar a fala, identificar as ocorrências das consoantes e das vogais e grafá-las com as letras correspondentes” (CAGLIARI, 2004, p.97). O conjunto de caracteres que representa os sons da fala é o alfabeto.

²⁰ O caractere aqui empregado representa a menor unidade gráfica de qualquer sistema de escrita.

²¹ A percepção e notação dos segmentos da fala por meio da escrita ampliou a visão do homem a respeito da linguagem, como comenta Câmara Jr. (1975,p.16) “A invenção da escrita, por exemplo, faz com que os homens percebam a existência de formas linguísticas, à medida em que eles tentam reduzir os sons da linguagem à modalidade escrita convencional. É uma nova atitude social que faz com que o pensamento humano focalize, com atenção as maneiras como falamos como também o mecanismo da linguagem”.

²² Nas línguas semíticas antigas, as palavras não começavam por vogal. Provavelmente por esta razão, o alfabeto começou sem a representação delas. (CAGLIARI, 2004).

A partir do referido autor, nota-se ainda que esse sistema de escrita parte da representação da linguagem por segmentos fônicos da fala. Nesse sentido, cada letra representa um som. Pela combinação das letras, podemos formar palavras. Esta relação direta entre letras e sons, dada pelo princípio acrofônico, provavelmente funcionou de modo satisfatório num primeiro instante, quando o alfabeto foi criado, mas, logo se percebeu que o sistema era falho. Na verdade, nem poderia ser usado extensivamente numa sociedade, uma vez que há variação dialetal²³ nas línguas, assim, há palavras de mesmo significado com pronúncias diferentes.

O problema da escrita alfabética era que se cada pessoa escrevesse exatamente como falava, haveria muitos tipos diferentes de escrita para as mesmas palavras e a comunicação por meio da escrita complicar-se-ia. Por exemplo, guiando-se pela fala, a palavra “mesmo” poderia ser escrita “memu”/ “mes” [memu]/[mes] em Minas Gerais, “meixmu” [meifmu] no Rio de Janeiro, “mermu” [mehmu] no Piauí ou “mezmu”/“mesmu” [mesmu]/[mezmu] em São Paulo, etc.

A solução para esse dilema foi estabelecer padrões na escrita com a ortografia e, assim, congelar as sequências de letras das palavras neutralizando a variação linguística para permitir a leitura (CAGLIARI, 2004). A ortografia, operando no sistema de escrita alfabético, fez com que ele se tornasse de base alfabético-ortográfica e, segundo Cagliari (2005, p.175, destaques do autor),

[...] depois que a ortografia passou a comandar a escrita alfabética, quem escreve coloca as letras nas palavras como um chinês coloca os traços nos caracteres de sua escrita. Ambos se guiam, basicamente, pelo significado e não pelos sons da fala. Dizemos que o alfabeto é um *sistema fonográfico*, porque partimos dos sons vocálicos e consonantais para escrever, mas somente terminamos a tarefa quando constatamos que, apesar das variações possíveis de pronúncia, a escrita de uma palavra é única. Por outro lado, dizemos que um sistema de escrita como o chinês é *ideográfico*, porque partimos da observação das idéias das palavras para escrever e depois procuramos os sons com que vamos pronunciá-las. A ortografia do alfabeto e da escrita chinesa, de certo modo, igualou a atitude de quem escreve diante destes dois sistemas de escrita. Para saber escrever as letras certas de uma palavra, por exemplo, se é *concerto* ou *conserto*, ou ainda *mesa* ou *meza*, é preciso saber antes quais as letras que as palavras têm e não ficar apenas observando como são pronunciadas.

²³ Em relação à definição de dialeto, Maria Helena Mira Mateus (1990, p.310), diz que: “As variantes de uma única língua falada em diferentes países denominam-se **variedades**. As variações regionais no interior de uma mesma variedade são os **dialetos**”.

O alfabeto foi criado pela relação unívoca entre sons e letras e funcionava como uma espécie de transcrição fonética. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.67), no começo da escrita,

[...] quando era raro escrever e ler, as diferenças nas grafias das palavras eram poucas e facilmente superadas pelos leitores. Porém, quando a sociedade começou a produzir e a usar muito a escrita, logo se percebeu que era preciso “fixar” a forma de se escreverem as palavras, para que falantes de dialetos diferentes encontrassem, na escrita, uma maneira fácil e “neutra” de ler.

Assim, a relação entre letras e sons, na escrita, passou a ser estabelecida pela ortografia e não mais pelo alfabeto. O objetivo do sistema deixou de ser a representação fonética da fala, passando a ser uma forma gráfica única que permite a leitura.

O grande problema na utilização do alfabeto era a variação linguística presente em todas as línguas. Quem pretendesse utilizar o alfabeto, em qualquer sociedade, teria obrigatoriamente que eliminar a variação linguística na escrita, por meio da ortografia, para que todos os usuários pudessem ler. Neste sentido, ocorreu a necessidade de haver um sistema ortográfico como condição para o funcionamento dos sistemas de escrita. Segundo Cagliari (2004, p.6),

[...] a variação é um traço marcante da história da ortografia e tal fato pode ser visto na história de qualquer língua. Na verdade, a ortografia tem muito mais a ver com a variação do que com uma simples grafia congelada no tempo e no espaço, porque é a ortografia que controla as relações entre letras e sons ou seja, entre escrita e a fala.

Neste contexto, Frawley (2003, p.389) diz: “Orthography also needs the sociolinguistic perspective”²⁴. Assim, observando-se a maneira como se forma a escrita a partir de uma representação linguística, que nunca é isenta de variações, há que se concordar com a necessidade da participação da perspectiva sociolinguística para a melhor compreensão das relações possíveis entre escrita e fala. No entanto, não se encontram trabalhos metaortográficos relacionando escrita, ortografia e sociolinguística, explicitamente.

Tendo em vista que as relações entre letras e sons (e vice-versa) são comandadas pela ortografia, é importante ainda explorar dois aspectos fundamentais que são: a categorização gráfica e a categorização funcional das letras.

²⁴ A Ortografia também precisa da perspectiva sociolinguística. (FRAWLEY, 2003, p.389, tradução nossa).

De acordo com Cagliari (2004), o uso do alfabeto permite que uma grande variedade de sinais seja usada para representar graficamente uma mesma letra²⁵. Por exemplo, a letra A pode ser escrita de diversas maneiras como: A: a, *a*, *A*, *1*, *2*, *a*, *a*, *a*, etc. Mas, podemos reconhecer que todas essas letras pertencem à categoria da letra A; tal fenômeno de *categorização gráfica* faz com que essa identificação ocorra em função do uso das letras nas palavras, ou seja, em função da expectativa ortográfica de quais letras compõem uma palavra.

Assim, do ponto de vista do aspecto gráfico, a letra A, bem como as demais letras do alfabeto, é uma abstração. “O aspecto material, físico, gráfico é apenas um suporte. Quando nos referimos a algo como *letra A*, não estamos falando de nenhuma letra A em particular, mas de tudo o que pode ser uma letra A” (CAGLIARI, 2004, p.142, destaques do autor). A *categorização gráfica* surgiu com a ortografia estabelecendo padrões na escrita à medida que a sociedade passou a utilizá-la de modo extensivo.

A *categorização funcional* das letras é a propriedade que define o som da letra em função da variação dialetal e em correlação com a forma ortográfica da palavra (CAGLIARI, 2009). Para compreendê-la melhor é necessário lembrar que, apesar de o alfabeto ter sido criado pelo princípio acrofônico, que pressupõe uma correspondência unívoca entre uma letra e um som da fala e vice-versa, somente sem esse princípio, o alfabeto poderia ser utilizado amplamente numa sociedade.

Quando se estabeleceu uma forma de escrita fixa para cada palavra, todos os falantes, de diferentes dialetos, puderam escrever de uma única maneira, mesmo lendo essas palavras com diferentes pronúncias. Assim, o princípio acrofônico (ou princípio alfabético) ficou em um plano secundário no uso do alfabeto para escrever as línguas e, no plano principal, ficou a ortografia (CAGLIARI, 2004), de modo que as letras passaram a representar os diversos sons que os falantes de diferentes dialetos atribuem a elas.

Portanto, mesmo com a padronização da escrita, a leitura não ficou prejudicada, pois cada indivíduo poderia (e, de fato, pode) ler conforme seu dialeto. Com isso, a ortografia criou a *categorização funcional* das letras, permitindo a neutralização da variação linguística nas formas de escrita (CAGLIARI, 2004).

²⁵ Neste item, utilizamos o termo letra ao invés de grafema porque aqui tratamos da origem do alfabeto e sua relação com a ortografia das palavras em vernáculo português. O alfabeto é constituído pelas letras, que, por sua vez formam as palavras. O termo grafema também é interessante, mas vem associado aos termos linguísticos fonema e morfema, além disso, ainda há grandes divergências quanto à sua definição, conforme nos apresenta em detalhes o autor Luiz Carlos Cagliari em *Aspectos Teóricos Linguísticos* (2004).

Nesse sentido, verifica-se que há um imbricamento entre a forma gráfica das letras do alfabeto e a função que essa forma exerce na ortografia das palavras, não apenas para seu reconhecimento fonético, mas também para o seu reconhecimento gráfico. É a ortografia que favorecerá o nosso reconhecimento e interpretação de determinada letra, enquanto unidade concreta variável, e qual seu valor, enquanto unidade abstrata, em determinado contexto de palavra. Consequentemente, identificado o valor de cada letra, logo, de cada palavra, sua realização oral (no caso, leitura) pode dar-se conforme a variedade linguística de cada indivíduo. Por exemplo, no caso da palavra "encontramos", alguns falantes a dizem com "a" (encontramus) e outros a dizem com "e" (incontremu). Portanto, reconhecemos que a letra A representa os sons de "a" e de "e", conforme a palavra e o falante²⁶.

Desse modo, as relações entre letras e sons (e vice-versa) passaram a ser comandadas pela ortografia e não pelo princípio acrofônico do alfabeto. Os aspectos funcional e gráfico abordados acima, surgidos a partir da ortografia, são cruciais porque passaram a possibilitar a leitura para todos os falantes, independentemente de sua variedade linguística.

O valor fonético do alfabeto — ideia mais importante na criação dele — foi quebrado, e em seu lugar ficou o valor que a ortografia passou a atribuir às letras. Desse modo, a criação do alfabeto passou a ser secundária em relação à ortografia, sem a qual o alfabeto não poderia ser utilizado socialmente.

²⁶ Na verdade, todas as palavras escritas passaram a carregar em potencial toda a diversidade de pronúncias dos falantes de uma língua, usuários desse sistema de escrita.

1.3 O início da escrita da língua portuguesa: problemas e soluções ortográficas para a fixação das letras nas palavras

Justificativa

O início da escrita da língua portuguesa traz informações históricas importantes para o estudo da ortografia dessa língua, além de contribuir com a pesquisa no âmbito das investigações fonéticas e fonológicas que podemos depreender dos registros escritos mais antigos da língua por meio de uma metodologia específica.

A partir do que podemos visualizar a respeito das dificuldades enfrentadas e das soluções encontradas na tarefa de elaborar o sistema de escrita do vernáculo português, buscamos identificar como se constituiu a ortografia portuguesa.

Essa investigação é muito interessante porque vai ao encontro da complexidade de que é feita uma ortografia, tendo em vista que a sua construção vem da prática conflitante do uso e se consolida por meio dele (FRAWLEY, 2003), base para a elaboração das leis ortográficas.

1.3.1 O Alfabeto Romano no início da representação escrita da língua portuguesa e as diversificadas decisões para a fixação das letras nas palavras

O uso do alfabeto romano foi predominante na formação da escrita da língua portuguesa. Na verdade, ele foi utilizado na escrita de diversas línguas no mundo. Segundo Cagliari (2009, p. 89) “com o passar do tempo, o alfabeto teve uma importância cada vez maior entre os sistemas de escrita. E dentre os alfabetos ainda em uso no mundo, o romano acabou sendo o mais importante deles, sendo conhecido em todos os cantos da Terra”.

A preferência pela utilização desse alfabeto se deve “por razões de uso em transliterações ou para servir de sistema de uso geral de uma língua”, tendo sido “adaptado a todas as línguas que têm alguma forma de escrita. O chinês, por exemplo, conta com um sistema de transliteração para o alfabeto romano, criado por Matteo Ricci em 1625” (CAGLIARI, 2009, p.89) e que sofreu algumas alterações ao longo do tempo.

A escrita da língua portuguesa partiu do uso do alfabeto romano, para o qual havia uma prática de escrita de muitos séculos²⁷. Assim, com um sistema de escrita operante há

²⁷ Os primeiros documentos escritos em Latim datam do século VII ou VI a.C, como as inscrições encontradas no vaso de Duedos e em uma fivela, encontrada no cipo do Fórum (CARDOSO, 2006).

tanto tempo na vida dos romanos e levado às regiões conquistadas na expansão do império, não fazia sentido criar um sistema de escrita totalmente novo para representar a língua portuguesa²⁸.

Segundo Cardoso (2006, p. 8),

Com as invasões dos povos bárbaros e o esfacelamento do Império Romano, o latim perdeu a sua unidade como língua, gerando inúmeros falares locais que se desenvolveram em numerosos idiomas. As classes cultas, entretanto, procuraram ainda, por muito tempo, manter o uso do latim. Os tabeliães utilizavam-no até o século XII em documentos oficiais [...]. A Igreja fez do latim a sua língua oficial, sendo tal idioma obrigatório, até 1961, tanto na redação de documentos eclesiásticos como na realização de cultos e cerimônias religiosas.

Há, ainda, o uso do latim feito pela ciência até o início do século XX, assim como para se escrever muitos tratados filosóficos, científicos, literários e acadêmicos.

A formação da escrita das línguas neo-latinas tomou por referência a tradição de escrita latina, consagrada no mundo Romano. Além disso, conforme comenta Cagliari (2004, p.118),

As escritas mais antigas baseavam-se no modelo latino vigente na época, ou seja, nas gramáticas do final da Idade Média e em livros, em geral, de uso muito restrito. Ao transpor o sistema ortográfico do Latim para o Português, era preciso fazer ajustes, uma vez que o português tinha muitas vogais e consoantes que não se encontrava em Latim. A imaginação criativa das pessoas começou a encontrar soluções, indo buscar ajuda em todas as línguas que podiam ter acesso. Assim, surgiram os dígrafos com H (talvez por influência do Italiano), o Cê-cedilha (por influência do Espanhol), o Jota (por influência do Francês) e os acentos agudo e circunflexo, para diferenciar qualidades vocálicas do tipo É, Ê, Ó, Ô (provavelmente, por influência do Árabe). O resto se acomodaria através da aplicação do princípio acrofônico do alfabeto [...]

A referência do sistema de escrita romano para a formação da escrita da língua portuguesa norteou soluções iniciais como a segmentação de sons associados às letras do alfabeto, entretanto, pode-se considerar que esse processo é complexo, como aponta Frawley (2003, p.388), “Orthographies have rarely emerged as the result of deliberate projects,

²⁸ O alfabeto romano foi predominante na formação da escrita da Língua Portuguesa. Contudo, não se pode esquecer que naquele momento de formação da escrita portuguesa havia outros sistemas em uso, como o sistema de escrita árabe e, ainda, o chinês.

however. Rather than being planned extraneously, the morphogenesis of writing usually occur spontaneously in response to various circumstances [...]”²⁹.

Nesse contexto, Leite de Vasconcellos (1959, p. 205-206, destaques do autor) diz que,

Os primeiros que tentaram representar grãficamente o português viram-se em grandes embaraços: de um lado tinham o modelo tirânico do latim, a que mal podiam subtrair-se (como entre nós ainda hoje em parte sucede), e de outro precisavam de representar os sons da língua viva com suficiente exatidão, sons que por vezes eram absolutamente estranhos ao latim, como os ditongos nasais e as palatais *x*, *ch*, *lh*, *nh*³⁰, [...] De tais embaraços resultou um mixto na ortografia, não sòmente na medieval, senão também na dos tempos posteriores. § Em um documento português do século XII acha-se *fecerum* = fizeram, *uno* (= ão; cfr. *neu* = *neũ*), *seuo* <> *suo* [...] *vices* = vezes [...], *notitia* = notícia, *eygreyga* = eigreija [...]. No século XVI as oscilações de *m* e *n* são grandes: *coremtenas*, *costramgam*=constranjam, *comsemntades*, *compraaes*, *queremdo*, *amdar*, *pemdente*. § No século XVI há muitos latinismos: *recepta*, *sobceder*, *sobpricante*, *regno*, *escripvão*.

A construção de um sistema de escrita para o vernáculo português não se guiou somente pelo modelo latino, ou pelos sons da língua viva, ou por qualquer outro tipo de modelo ou solução única. Mas, como aponta Leite de Vasconcellos (1959), por um *mixto* de soluções e critérios que iam sendo encontrados pelas tentativas dos usuários. Nessa fase, era natural encontrar instabilidade gráfica em documentos.

Para escrever uma palavra, os usuários podiam partir de diferentes soluções. Eles podiam, por exemplo, considerar a procedência da palavra. Assim, o SS medial do latim: *ossum* > *osso*; o S inicial do latim: *sal* > *sal*, preservando a forma gráfica do latim.

Segundo Rolf Kemmler (2001, p. 139) “um caso muito especial é o som do [z] que etimologicamente provém de <-S-> latino em posição intervocálica ou diante de uma consoante sonora, o qual sofreu sonorização. Numa ortografia rigorosamente fonográfica deveria ser escrito <-z->, numa ortografia etimologizante dever-se-ia respeitar a origem”.

²⁹ Porém, as Ortografias têm raramente surgido como resultado de projetos deliberados. Ao invés de ser planejada extrinsecamente, a morfogênese da escrita geralmente ocorre espontaneamente em resposta a várias circunstâncias [...].(FRAWLEY, 2003, p.388, tradução nossa).

³⁰ Vasconcellos (1959), afirmando que as palatais destacadas eram sons absolutamente estranhos ao latim, não traz maiores informações sobre a questão. No entanto, certamente a língua latina apresentava variação linguística como outras línguas antigas e modernas, o que não exclui a possibilidade de haver diversidade de sons palatais no latim. O autor latino Mario Vitorino (280 - 363 d.C), por exemplo, na obra *Orthographia et de metrica ratione*, que está no *Liber Primvs, Artis grammaticae Libri III* (que são os três livros da arte ou da técnica gramatical), já comentava a existência do som palatal [ʃ] na pronúncia popular, entre outras realizações populares a serem evitadas na escrita e na fala. Em vista disso, dizer que os ditongos nasais e as palatais *x*, *ch*, *nh*, *lh*, eram sons *absolutamente estranhos ao latim* pressupõe que a escrita da língua latina refletia uma única variedade falada expressa na escrita do latim clássico.

Os seguintes exemplos: autor/author; rhetorica/retórica; Achilles/ Aquilles, ilustram a variação gráfica que decorreu da discordância dos critérios, etimológico *versus* fonográfico (ou fonológico). Gonçalves Viana (1904) resolve este problema (na primeira reforma ortográfica portuguesa) eliminando o que chama de “falsa grafia etimológica”.

Até o tipo de letra utilizada na escrita contribuía para variar a grafia de uma palavra. Acioli (2003) mostra que a letra *processual* ou *processada*, utilizada em documentos setecentistas brasileiros³¹, por exemplo, era um estilo de escrita europeia funcional que foi eleita pelos escrevões por proporcionar maior agilidade e rapidez na escrita. Mas o seu uso trazia instabilidade gráfica, porque se consentia a separação irregular de palavras, ligações das letras, variedade de abreviaturas, confusão no traçado das letras, sendo bastante comum terem diferentes grafias para as mesmas palavras, como *sinco*, *çinco*, *cinquo*, *cinco*; *forteficações*, *forteficaçõens*, *fortifficações*, etc.

Acioli (2003) ilustra esse tipo de letra,



A produção literária também influenciou a ortografia, segundo Cagliari (2004, p.118),

Quando algumas obras começaram a ser reconhecidas como grandes obras literárias, muitos usuários começaram a se espelhar nelas para

³¹ A descrição ortográfica desses documentos setecentistas foi objeto de estudo do trabalho de Iniciação Científica com Financiamento FAPESP (processo: 07/56550-8) da pesquisadora Luciana Mercês Ribeiro.

grafar as palavras, deixando a influência do Latim para trás. É o caso típico da influência das obras de Luís de Camões, na segunda metade do século XVI. Outro fator importante foi o surgimento de gramáticas e dos trabalhos dos ortógrafos (ainda no século XVI) e, posteriormente, dos dicionaristas (já no século XVIII).

Vale lembrar ainda que modificações nas letras do alfabeto romano também vinham associadas às adaptações para o vernáculo português. Como a inserção dos dígrafos CH, LH, NH, na representação dos sons palatais e a modificação da letra C com a cedilha³² embaixo Ç, representando um único elemento gráfico, que “foi inventado para distinguir o som de [s] do som de [θ], escritos antes apenas com a letra C”. (CAGLIARI, 2004, p. 98).

Havia ainda o valor social atribuído às formas gráficas, o qual selecionava e combinava essas formas a determinadas realizações dialetais em detrimento de outras. As primeiras gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa (em sua grande maioria) dão a conhecer que eram as realizações mais valorizadas que se fixavam na escrita.

Para exemplificar essa situação, Marli Quadros Leite (2007) mostra que a variação de pronúncia nas formas: *té* e *até*, refletia, respectivamente, a pronúncia de prestígio e a pronúncia mais comum, popular, já no século XVI. A autora compara a maneira como Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540) tratam a questão. João de Barros condena o uso da forma popular *até* e a caracteriza, na sua gramática, como um barbarismo ou vício de linguagem. Enquanto Fernão de Oliveira (1536) comenta a variação dessas formas, e, ao contrário de João de Barros, favorece a realização da forma *até*.

Com isso, notamos que o valor que se atribuía a determinadas realizações linguísticas julgadas como merecedoras de serem registradas na ortografia, também era um critério utilizado para a fixação gráfica. Nesse cenário, certamente um maior número de realizações variantes ficavam fora dos registros escritos, deixando a dúvida da sua permanência ou não nos dialetos.

A falta de consenso entre os usuários também era um motivo para gerar grafias diversificadas para as mesmas palavras. A título de exemplificação, vale destacar que a escolha de quais letras deveriam compor o alfabeto da língua portuguesa foi um problema que se estendeu durante séculos entre diferentes gramáticos e ortógrafos, como ilustra o quadro a seguir:

³² A cedilha era um pequeno ‘z’.

<p>1. O alfabeto em Fernão de Oliveira (1536):</p> <p>α a b c ç d e ε f g h i j l m n o ω p q r r r s s s t u x z y ch lh nh</p>	<p>4. O alfabeto em João Franco Barreto (1671):</p> <p>a b c d e f g h i k l m n o p q r s t u x y z</p>
<p>2. O alfabeto em João de Barros (1540):</p> <p>á a b c ç d e e f g h I i y l m n ó o p q R r ∫ s t V u x z. – ch, lh, nh: (que sam ã figura trinta e tres, e ã poder vinte e seis. Barros 1971: fol. 40 v).</p>	<p>5. O alfabeto em João de Morais Madureira Feijó (1734):</p> <p>A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T U V X Y Z</p>
<p>3. O alfabeto em Duarte Nunes de Leão (1576):</p> <p>a b c d e f g h i k l m n o p q r s t u x y z.</p>	

Quadro 2- Diferentes alfabetos nas primeiras gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa.

Fonte - elaboração própria.

Pode-se observar que havia divergências nesses primeiros trabalhos normativos, as quais envolviam a apresentação ou não de determinadas particularidades da língua portuguesa, não significando que a ausência da sua representação determinasse ausência de realização oral.

Fernão de Oliveira (1536), por exemplo, buscou demonstrar a diferença de timbre aberto e fechado, utilizando “e” para vogal fechada [e] e ε para a vogal aberta [ε]; “o” para a vogal fechada [o] e “ω” para a vogal aberta [ɔ]. O uso de letras gregas (α, ω, ε) permaneceu isolado em algumas propostas de escrita, como a de João de Barros (1540) e Fernão de Oliveira (1536). Estes autores incluíram “ç” no alfabeto, diferente de João Franco Barreto (1671) e outros estudiosos.

Apesar de o alfabeto de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540) registrar a diferença de timbre das vogais E e O, tal solução não permaneceu no alfabeto, bem como a letra Ç no alfabeto³³.

Portanto, com tantos critérios diversificados para a formação de uma ortografia, em meio a uma construção ortográfica não planejada, mas erigida no uso conflitante, queremos

³³ A letra Ç fazia parte do alfabeto de alguns ortógrafos provavelmente porque a cedilha não é utilizada em nenhuma outra letra ou situação, assim não faz sentido excluí-la do alfabeto. Como comenta Cagliari (2004, p.151), “Não se pode dizer que a cedilha seja hoje um diacrítico da letra C, como já foi no passado, na sua origem. Se a letra Ç é um C com um diacrítico histórico, a letra G também o é”, já que a letra G vem da adaptação de C, conforme indica o referido autor.

destacar que a representação da expressão verbal na escrita constitui apenas uma parte dos fatores que entraram na formação da escrita da língua portuguesa, apesar de a fala ser uma referência fundamental e inicial para a escrita. No entanto, ainda que a ortografia adquira estabilidade e permanência no uso, ela não é definitiva, haja vista que a fala se modifica ao longo dos tempos e de maneira profunda, o que inevitavelmente acaba alterando o código gráfico que a representa.

Todos os fatores envolvidos nessa formação sofrem adaptações do sistema, em si, e também do uso, a partir de uma tradição que se forma e que exerce força sobre o sistema. Nesse contexto, Rogers (2006, p.7) diz que, “The rules relating language and writing tell us which symbols must be written to express a given utterance, but the rules of the internal structure of the writing system tell us how these symbols are actually to be written down”³⁴.

Nas tentativas iniciais de escrita da língua portuguesa surgiram formas variantes para se escrever as mesmas palavras, dando a impressão de que a escrita daquele período era um verdadeiro caos ou que era um tipo de escrita fonética/sónica. Contudo, havia regularidades nas variações gráficas como ocorre no processo de alfabetização (CAGLIARI, 2004).

Nesse contexto, é de grande valor notar que as dificuldades encontradas pelos usuários na escrita podem ser comparadas às dificuldades sistemáticas que muitas crianças têm na fase de alfabetização, porque ajudam a visualizar um pouco o modo de os usuários mais antigos da língua portuguesa lidarem com as práticas de escrita que iam surgindo. A esse respeito Cagliari (1998, p. 7) diz que,

As crianças escrevem letras que acham possíveis a partir do alfabeto e de outros conhecimentos (ortográficos) que têm e acabam produzindo formas variantes de escrita: um escreve de um jeito, outro, diferentemente. Por exemplo, um escreve com C - outro com QU; um, com R - outro com RR; um escreve EI - outro apenas E, etc. A falta de um modelo bem definido e obrigatório leva os usuários a imaginarem como as palavras devam ser escritas, a fazer hipóteses sobre o uso das letras do alfabeto e sobre a uma possível adequação com o que acontece com outras palavras, para a quais restam poucas dúvidas, como a escrita do próprio nome que, em geral, apresenta uma grafia já bem definida.

Os documentos mais antigos em língua portuguesa de que se tem conhecimento datam de finais do século XII, conforme argumenta Ana Maria Martins (2001), que editou

³⁴ As regras relacionadas à linguagem e à escrita nos dizem quais símbolos devem ser escritos para expressar uma dada elocução, mas as regras da estrutura interna de um sistema de escrita nos dizem como esses símbolos devem de fato ser escritos. (ROGERS, 2006, p.7, tradução nossa)

documentos não literários da Idade Média ao Renascimento produzidos no Noroeste e região de Lisboa.

Os documentos mais antigos descritos pela pesquisadora datam de finais do século XII e assinalam “a produção primitiva portuguesa” (MARTINS, 2001, p.8) capazes de confirmar a “predição”³⁵ de Ivo Castro (1991, p.182) que diz,

A produção regular de documentos em português só é conhecida a partir da segunda metade do século XIII: em 1255 começam a ser escritos em português alguns dos documentos saídos da Chancelaria de D. Afonso III e em 1279 D. Dinis torna sistemático o uso do português como língua dos documentos oficiais. Pode assim usar-se o ano de 1255 como divisória. Antes de 1255 existiu também uma diminuta produção primitiva portuguesa constituída por documentos de carácter notarial escritos em português, cuja importância é excepcional para o estudo da primeira fase da história da língua: o *Testamento de Afonso II* (1214), a *Notícia de Torto* (1214) e dois documentos do Mogadouro recentemente descobertos.

Como destacamos anteriormente, as divergências gráficas ocorriam na escrita do português arcaico. Segundo Edwin B. Williams (1994, p. 33-34, destaques do autor),

Como havia muitos novos sons que não existiam em latim e para os quais não se desenvolvera uma tradição representativa, foram obrigados a adaptar velhas grafias ou a inventar novas. E muitas inconsistências se desenvolveram. Os escribas representaram freqüentes vezes o mesmo som de diferentes maneiras e diferentes sons da mesma maneira [...]. Assim, em *gisa* e *guisa*, duas grafias, *g* e *gu*, representam o mesmo som, enquanto em *gisa* e *fugo* dois sons, [g] e [ʒ], são representados pela mesma letra.

Williams (1994) elenca mais casos em que ocorre a confusão de grafias, dentre os quais foram selecionados os seguintes:

Oscilações gráficas	Exemplos
Uso de <i>qu</i> por <i>c</i>	<i>cinquo</i> por <i>cinco</i> ; <i>nunqua</i> por <i>nunca</i> .
Uso de <i>x</i> por <i>is</i>	<i>Rex</i> por <i>reis</i> ; <i>ex</i> por <i>eis</i> .
Oscilação entre <i>g</i> e <i>gu</i>	<i>Amígua</i> por <i>amiga</i> ; <i>linguoa</i> por <i>língua</i> ; <i>agoa</i> por <i>água</i> .

Quadro 3 - Exemplos de confusões gráficas ocorridas no início da representação escrita da língua portuguesa.

Fonte - adaptado de Williams (1994, p. 34).

³⁵ (MARTINS, 2001, p.8).

As variantes gráficas encontradas pelos primeiros usuários se estenderam até o século XX, antes da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa ocorrida em 1911, pois, segundo Cagliari (1996, p. 3),

[...] a Língua Portuguesa apresentava grande variação ortográfica, porque nenhum autor ou editor conseguiu impor um modelo e formar uma tradição. Os governos só passaram a se interessar pela ortografia no final do século XIX. Portanto, durante séculos, cada um escrevia procurando seguir os modismos da época e da região, introduzindo idiossincrasias quando tinham dúvidas ortográficas e não sabiam como resolvê-las, ou simplesmente por gosto pessoal ou por acharem que determinada forma era preferível a outras, baseando-se nos conhecimentos que tinham.

Esse longo período de instabilidade gráfica revela que, apesar de a ortografia forçar o sistema de escrita a se consolidar com suas formas gráficas fixas, ela admite determinadas oscilações gráficas sem prejuízo para a compreensão de um texto. Assim, essas formas fixas podem conviver com variações, como ocorre na atualidade, quando uma pessoa escreve um texto cheio de “erros” ou insere novas formas gráficas em mensagens de internet, celulares, etc., sem prejudicar a comunicação escrita.

A título de exemplificação, há milhares de sites e blogs na internet que comentam os “erros” ortográficos dos alunos na prova do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio³⁶. Há, abaixo, alguns desses “erros” geralmente denominados como “pérolas do ENEM”³⁷:

- O serumano no mesmo tempo que constrói também destrói;
- A camada de ozonel;
- O povo amazônico está sendo usado como bote xpiatório.

1.3.2 Ortografia da língua portuguesa: fonética e/ou fonológica?

Na seção anterior destacamos que as diversificadas decisões para a fixação das letras nas palavras emergem da experiência de se operar com uma ortografia em formação, ainda que o usuário tenha, à sua disposição, um consolidado sistema de escrita como referência, no caso, o sistema de escrita romano.

³⁶ De acordo com o Ministério da Educação, o Enem - Exame Nacional do Ensino Médio foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Atualmente, é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular.

³⁷ Pérolas... (2010).

Assim, na prática, a escrita da língua portuguesa surge a partir desse modelo romano, das adaptações gráficas feitas para os sons da língua, além de tentativas de outra natureza, como as idiossincráticas, sem uma aparente justificativa, como poderá ser visto a seguir.

Todos esses fatores concorreram para a construção da ortografia da língua portuguesa, não se podendo privilegiar nenhum deles, mas devendo-se considerar aqueles que se apresentam mais salientes, como em a) o aspecto fonético, o aspecto fonológico da língua (ambos, de certa forma, refletidos na escrita) e b) o aspecto etimológico ou pseudo-etimológico, os quais serão discutidos em seguida.

Sobre o aspecto fonético, há determinados equívocos que impedem uma visão mais apurada acerca dos fatos. Nesse sentido, a escrita da língua portuguesa dos séculos XII ao XVI é tradicionalmente conhecida como *Período Fonético da Ortografia da Língua Portuguesa*. Essa classificação baseia-se na ideia de que a escrita daquele período era fonética ou sônica/sónica. Parte-se, então, da concepção de que os textos produzidos naquele período buscavam transcrever a fala de quem os produzia. A esse respeito, Coutinho (1954, p. 67) diz que: “a língua era escrita para o ouvido” e Silva Neto (1986, p. 412), afirma que “a grafia era fonética, procurava espelhar fielmente a pronúncia do tempo”.

Entretanto, essa questão tem sido reavaliada, tendo-se em vista que o início da escrita da língua portuguesa foi “um momento em que várias alternativas de construção de escrita são testadas” (FERREIRA NETO, 2001, p. 26).

Massini-Cagliari (1998), a partir da análise do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, por exemplo, traz argumentos contrários à classificação fonética do referido período, considerando-o como ortográfico. De acordo com a especialista, a escrita fonética pressupõe que a relação entre letras e sons seja unívoca: cada letra representa um único som e vice-versa, ou seja, a prática do princípio acrofônico. Entretanto, a escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* distancia-se desse princípio.

Nesse documento, Massini-Cagliari (1998) identifica o uso de várias letras que podiam representar o mesmo som ou, a mesma letra que podia se referir a diferentes sons. O uso de abreviaturas é um entre muitos outros casos em que se pode perceber que a escrita não era fonética.

A fonóloga elenca uma série de exemplos. Dentre eles, selecionaram-se alguns em que se pode notar a existência de diferentes grafias para as mesmas palavras e em uma mesma cantiga: *tam, tan, tã; ia, ya; uir, uijr, ueir; errmanas, hirmana, irmana, irmaa*.

A partir dessa investigação, a autora diz que:

A única diferença entre a escrita do CBN e a atual escrita ortográfica do português é que, naquela época, a ortografia não era unificada. Pode-se dizer que havia até uma certa normatização, mas esta era restrita a grupos (ou, às vezes, até a uma única pessoa) — o que fazia com que houvesse muitas ortografias para o português arcaico (MASSINI-CAGLIARI, 1998, p. 174).

Assim, pode-se notar que a escrita daquele período não era uma representação direta da fala, não havia uma relação unívoca entre letra e som. Na verdade, isso nem poderia ocorrer porque as escolhas gráficas daquele período inicial já contavam com a exigência que o próprio sistema de escrita fazia para ser utilizado numa sociedade: o uso de uma ortografia que elimina a variação linguística para permitir a leitura.

Assim, com uma escrita ortográfica, as formas variantes do português arcaico não podem nos mostrar fielmente como era a fala daquele período. Mas, por outro lado, a falta de um padrão geral na escrita pode ajudar na formulação de hipóteses sobre o sistema fonológico de períodos mais antigos da língua, os quais são estudados, fundamentalmente, pelos registros escritos.

Oliveira (2005) defende que entre a língua escrita e a língua falada não há correspondência estrutural perfeita. Ele reconhece que para o estudo de estágios anteriores da língua, o texto escrito é uma fonte valiosa de informações, entretanto sinaliza para o fato de que *nem tudo que esteja contido em um texto vai corresponder a um traço concreto da fala*. Nesse sentido, argumenta que,

[...] não se pode atribuir um correspondente na língua falada a tudo aquilo que se encontra na língua escrita. Então, como separar os casos? Talvez uma boa teoria lingüística possa facilitar as coisas. Uma teoria é, basicamente, uma maneira de se conceber um objeto, e não apenas uma maneira de abordá-lo. Ou seja, embora um texto possa ser caracterizado, de modo bastante geral, como uma representação, ainda que imperfeita, da língua falada, é inegável que um texto escrito tem características próprias que dificilmente poderão ser correlacionadas a fatos da fala. E isso pode ser percebido em qualquer nível descritivo: na correspondência entre sons e letras, na grafia de algumas palavras, no vocabulário, na extensão dos parágrafos (falados e escritos), etc. (OLIVEIRA, 2005, p.4).

Para a história da ortografia e das fricativas coronais da língua portuguesa, essas questões mostram que, apesar de se poder fazer hipóteses sobre a realidade oral de períodos mais antigos da língua portuguesa a partir de documentação escrita, deve-se levar em consideração ideias mais concretas sobre o funcionamento dos sistemas de escrita e da ortografia, contribuindo, assim, para a análise de dados.

Nesse sentido, parece ser precipitado afirmar que a ortografia possa ser classificada por rótulos, como *ortografia fonética*, no período arcaico, e como *ortografia etimológica/pseudo-etimológica* ou *ortografia fonológica* no português moderno, por exemplo. Isso porque a formação da ortografia da língua portuguesa não seguiu uma orientação específica pela fonética, ou pela origem latina das palavras, ou então pela fonologia, mas por vários fatores, que, em conjunto, tinham o objetivo de possibilitar a escrita e a leitura a partir das diversas tentativas dos usuários e da referência de escrita de outras línguas de que se dispunha.

Por isso, quando se relaciona a oralidade com a escrita deve-se considerar que há duas situações distintas, uma diz respeito à situação inicial de formação de um sistema de escrita valendo-se de um alfabeto, a partir do qual é possível relacionar segmentos da fala à expressão gráfica. No entanto, vem a segunda situação em que essa relação passa a ser neutralizada em função da ortografia. Nesse nível, a palavra é o grande referencial para a representação da fala pela escrita. A palavra escrita corresponde à palavra da língua.

Há ainda a atuação do princípio cumulativo nos sistemas de escrita em geral. Esse princípio diz que formas ortográficas antigas convivem com formas ortográficas modernas, porque fatos antigos de escrita tendem a permanecer no sistema, ainda que este se altere profundamente (CAGLIARI, 2004).

Atualmente, mesmo com a unificação ortográfica da língua portuguesa decretada oficialmente em janeiro de 2009, há determinadas formas variantes para as mesmas palavras: registro/registo ; aluguel/ aluguer; prêmio/ prémio; gênero/género, etc., com uso característico do Brasil para as primeiras palavras desses exemplos e, para as segundas palavras, o uso mais comum em Portugal.

Esses diferentes usos podem conviver ao mesmo tempo fazendo com que a ortografia acabe agregando novas formas para um uso geral e deixando permanecerem formas paralelas mais tradicionais ou idiossincráticas, por meio do princípio cumulativo (CAGLIARI, 2004).

No Francês, há atualmente variação gráfica entre Y e I para a palavra lírio: “lys”/”lis” (ROBERT, 2008, p.1465). Essa mesma palavra, no português, já foi escrita com Y, “lyrio”, por Almeida Garret (1799-1854), porque, para ele, essa letra faz lembrar a flor que a palavra representa, segundo Cagliari (2004).

Essa preocupação que determinados usuários tinham com a estética da escrita em correlação com o significado da palavra fica mais evidente quando aparecerem as reformas ortográficas. No caso da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa, em 1911, de acordo com o que apresenta Gomes (2008, p.10), o poeta Teixeira de Pascoas diz que,

Na palavra *lagryma*, [...] a forma da *y* é *lacrymal*; estabelece (...) a harmonia entre a sua expressão gráfica ou plástica e a sua expressão psicológica; substituindo-lhe o *y* pelo *i* é ofender as regras de estética. Na palavra *abysmo*, é a forma do *y* que lhe dá profundidade, escuridão, mistério... Escrevê-la com *i* latino é fechar a boca do *abysmo*, é transforma-lo numa superfície banal.

Da mesma forma, com a unificação ortográfica mais recente, ratificada em 2008, o poeta e escritor angolano Ondjaki, entrevistado pelo jornal *Folha de São Paulo* (NOVA ORTOGRAFIA, 2008, C4, destaques do autor), ao ser perguntado sobre a crença de que, com a unificação da grafia, haverá alguma desvantagem, do ponto de vista cultural, prático, afirma: “Só penso no ponto de vista artístico, da escrita literária. Há algo de tom, cheiro de personalidade que se vai perdendo”.

É importante ainda refletir acerca da relação que existe entre a Ortografia e a Fonologia. Afinal, a ortografia da língua portuguesa pode ser classificada/definida como Fonológica (ou de natureza, de base Fonológica)? Para tentar discutir essa questão, surge uma outra: o que faz com que se pense que a ortografia seja fonológica?

A Fonologia está presente na ortografia pelo fato de que a escrita representa a fala. Desse modo, pode-se reconhecer, na ortografia, elementos da língua, como os fonemas, através da leitura. Entretanto, a convenção da ortografia das palavras está acima da realidade fonológica que nelas se reconhece. Além disso, ortografia e a fonologia focam a língua sob diferentes perspectivas.

Na ortografia da língua portuguesa, há muitas letras que podem ser associadas diretamente a elementos do sistema fonológico. Por exemplo, na palavra “pato” facilmente se reconhecem os fonemas /p/ e /t/ quando se lê essa palavra. Esse fato é o ponto de partida daqueles que defendem a ideia de que há uma ortografia fonológica para o português, ou então, de que a natureza da ortografia dessa língua é fonológica. Essa ideia é defendida, por exemplo, por Mira Mateus (2006, p.167), que traz os seguintes argumentos,

(a) um único símbolo gráfico — que se pode interpretar como representando um elemento do sistema fonológico — cobre diferentes realizações fonéticas e (b) dois símbolos — representando apenas um som em certos dialectos — podem ser reconhecidos como representações de oposições fonológicas.

Para exemplificar essa afirmação, Mira Mateus (2006, p. 168-169, destaques da autora) acrescenta que, nas variedades europeia e brasileira do português,

[...] encontramos igualmente exemplos de diferentes realizações das consoantes fonológicas, como ocorre com as oclusivas /t/ e /d/, ambas representadas pelas letras <t> e <d> e pronunciadas, no português europeu, como oclusivas dentais, [t] e [d], enquanto no português do Brasil são realizadas como africadas, [tʃ] e [dʒ] [...] Estamos, portanto diante de exemplos de variantes dialectais de uma única variedade (a portuguesa) e de realizações diferentes dos mesmos fonemas em duas variedades (a portuguesa e a brasileira), variações representadas na ortografia por um *único símbolo gráfico que coincide com a representação do respectivo elemento do sistema fonológico*.

De acordo com a autora, haveria correspondência entre fonologia e ortografia, porque os elementos do sistema fonológico são abstrações das realizações fonéticas da língua. Do mesmo modo, letras também têm caráter abstrato por representar, na escrita, diferentes fonemas. Diante disso, Mira Mateus (2006, p. 176) diz que: “[...] propusemo-nos fundamentar a afirmação de que a ortografia portuguesa é de natureza fonológica [...]”.

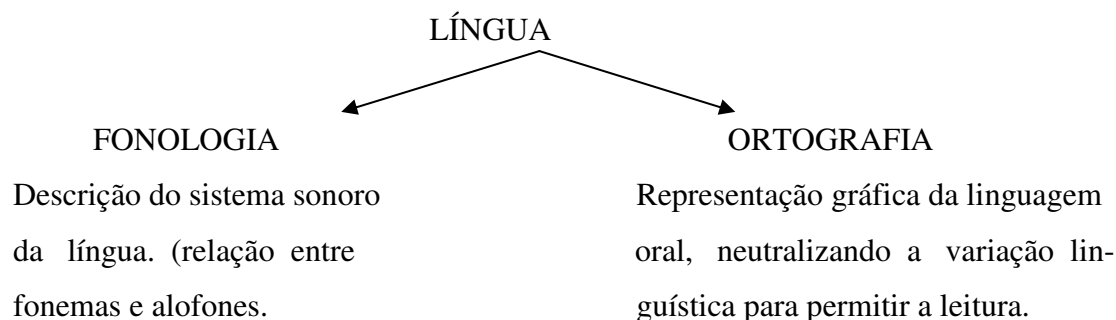
Assim, essa correspondência entre elementos do sistema fonológico e elementos do sistema de escrita é o fundamento da afirmação de que a ortografia da língua portuguesa é fonológica ou de natureza fonológica. Entretanto, esse fundamento parece ser problemático.

O falante nativo conhece sua língua e, portanto, tem interiorizado o sistema fonológico. Assim, opera adequadamente com os fonemas e as variantes, em seu dialeto e nos demais dialetos da língua. Quando ele lê algo escrito, transforma a escrita em linguagem oral e, a partir dessa realidade, reflete sobre a adequação da leitura que fez. Por exemplo, diante da palavra “pato”, ele sabe que a letra O pode ter os sons de ô (toda), pode ter o som de u (gato) ou pode ter o som de ó (pode), porém, essas relações só existem porque existe uma ortografia e porque, na linguagem oral, as palavras escritas com O apresentam esses sons. Porém, na linguagem oral, o fonema /o/ nunca vem associado ao alofone ó.

Embora se possam ver categorias mais abrangentes (fonemas, letras) e categorias menores, partes das categorias mais abrangentes (alofones e letras), permitindo agrupamentos específicos de sons e de letras, na fonologia, a relação entre fonemas e alofones é de dependência. No caso da ortografia, é de associação entre letras e sons, indo diretamente para as representações alofônicas. A identificação dos fones só pode ser feita dentro da linguagem oral. Portanto, a associação entre fonemas e letras não ocorre.

O que a ortografia faz é relacionar letras com alofones, porque a ortografia permite a leitura e a leitura é sempre fonética e nunca fonológica. A representação fonológica é abstrata, mas a fonética é física e, de certo modo, nem precisa ser objeto da linguística, podendo ser apenas uma realidade física associada à linguagem.

Nesse sentido, a ortografia e a fonologia se ocupam de diferentes tarefas e, assim, têm seus elementos (letra e fonema, por exemplo) voltados para funções distintas. A partir disso, veja o esquema a seguir:



Os fonemas (o sistema) estão sempre em relação com os alofones (dialetos) e, por sua vez, os alofones só fazem sentido com relação aos fonemas, tendo, portanto, um caminho determinado pelo sistema da língua. Por outro lado, a relação entre letras e sons (leitura) é diferente da relação entre sons e letras, que é a escrita (CAGLIARI, 2004). No entanto, a ortografia não é apenas uma relação entre sons e letras, mas uma relação neutralizada que fixa a grafia das palavras de um determinado modo, por exemplo, por tradição, ou por lei.

Coerentemente, até hoje, nenhuma reforma ortográfica implementou um sistema fonológico para a ortografia da língua portuguesa. Nesse sentido, Buescu (1978, p. 32, destaques da autora) diz que:

Nesse ponto encontramos como que uma unanimidade entre os ortografistas: a melhor grafia é aquela que mais se aproxima da pronúncia. Acordo teórico apenas, pois na prática a formulação de regras capazes de salvaguardar esse princípio varia de autor para autor. Dificuldade agravada pela verificação empírica de que as línguas, estando sujeitas a uma lei de mobilidade como que biológica dificilmente suportam uma fixidez gráfica. Agravada ainda pelo facto de que o ortografista se encontrava dividido entre a *tradição* ou o *costume* ortográfico, a *etimologia* (revalorizadora pelo culto das letras antigas e das tradições clássicas) e as *realidades fonéticas* da língua, que presenciava e não procurava ignorar.

A dificuldade em se implementar uma ortografia fonológica e toda a discussão a respeito dela exigem um estudo especial, que poderá ser feito futuramente, mas não é o objetivo do presente estudo.

Do ponto de vista da origem da ortografia a partir dos sistemas de escrita, entende-se aqui, que a natureza da ortografia está vinculada ao funcionamento dos sistemas de escrita e

não de uma representação fonológica. O reconhecimento dessa grande correspondência entre fonemas e grafemas decorre do fato de os sistemas de escrita estarem vinculados à linguagem verbal. Desse modo, não faz sentido afirmar que a ortografia seja fonológica ou de natureza fonológica.

Além disso, a ortografia das palavras forma-se por soluções que abrangem muitos aspectos, como o princípio cumulativo, e, até mesmo, por ideias confusas de como as palavras deveriam ser escritas. A esse respeito, J. Leite de Vasconcellos (1959, p. 207) diz que "às vezes o prurido etimológico é tal, que já vi um brasileiro escrever HAGHORA por AGORA, pois que esta palavra vem de hac hora!".

1.3.3 Ortografia da língua portuguesa: etimológica e/ou pseudo-etimológica?

Quanto ao aspecto etimológico na ortografia portuguesa, pode-se dizer, em linhas gerais, que, nos séculos XVI-XVII, houve uma acentuada valorização de grafias latinas em lugar de grafias representativas de formas vernáculas. Por exemplo, Madureira Feijó (1734) mostra que uma das pronúncias populares de sequestro é “socresto” e de arbitrar é “alvidrar”, as quais são pronúncias do “vulgo” (populares), “corruptas” e “impuras”, que precisam ser evitadas, devendo ser escritas e faladas da seguinte maneira: “seqüestro” e “arbitrar” porque se aproximam mais de suas origens latinas: “sequestrum” e “arbitrare” (FEIJÓ, 1734).

A respeito daquele período, Coutinho (1976, p. 76) diz que “não só vocábulos novos entraram para o nosso léxico com aspecto gráfico alatinado, mas também os que já tinham formas vulgares sofrem o travestimento etimológico”.³⁸

Essa grande valorização etimológica, intensificada na ortografia a partir do século XVI-XVII, motivou vários estudiosos da história da língua portuguesa (Cf., NUNES (1945); COUTINHO (1973); CHAVES DE MELO (1967); etc.) a considerar esse período sob o rótulo de “Pseudo-etimológico”, que pode ser caracterizado por uma certa busca de se escrever de acordo com a retomada da forma greco-romana da palavra. Para exemplificar a influência clássica nas obras normativas mais antigas, seguem alguns trechos desses trabalhos em que se pode identificar a grande valorização da cultura romana.

³⁸ Há, ainda, vocábulos e muitos termos eruditos emprestados do latim sem nenhuma modificação ortográfica, como o vocábulo *status* (FARACO, 2002).

Segundo João de Barros (1540, p.7), em seu trabalho intitulado *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*,

Grammatica, e [é] vocabulo **Grego**: quer dizer, ciência de letras. E segundo a difinçám que lhe os Grãmaticos derã: hũ módo çerto e iusto de fálar, e escreuer, colheito do uso, e autoridade dos barões doutos.”

Luis Caetano de Lima (1736, p. 8), em sua obra *Orthographia da Lingua Portugueza*, diz:

[...] dou este conselho, por não achar Orthographia mais bem regulada, que a que se faz por etymologias, e derivações, ainda que seja com alguma alteração, conforme o genio das Linguas. Nisto sigo o exemplo dos Grammaticos Italianos, e Francezes, que são os que mais se empregarão em procurar a pureza das suas Linguas.

Na *Orthographia da lingoa portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão (1576, p. 66),

Que trabalhemos sempre, por investigar a origẽ dos vocabulos. Porq̃ pela etymologia delles, se sabe a orthographia, & pela bõa orthographia a etymologia. E esta eh a fonte & a raiz de fallarmos, & screvermos bem, & propriamente, ou mal.

Madureira Feijó (1734, p. 9-10, grifos nossos) diz, em sua obra *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, que

Todos os nossos autores confessam, e devem confessar todos aqueles, que professaram a latinidade, que a nossa língua é filha da língua latina. E se perguntarmos em quê? Ou por quê? Respondem, que na semelhança dos nomes, na imitação dos verbos, e na propriedade dos vocábulos. E eu acrescento, que não é menos no som, da perfeita pronúnciação; tanto, que já houve curiosos, que compuseram poemas inteiros, que com pouca mudança da pronúnciação, já se leem em Português, e já se leem em Latim.

Dizem também, que a nossa língua vai subindo ao auge da perfeição, e se examinarmos donde lhe nascem esses argumentos, dirão, que é, porque essa filha cada dia se vai enriquecendo com a herança das palavras, que cada vez mais participa daquela mãe. O certo é, que as prosas, e poesias portuguesas, que a fama canta, e todos aplaudem por singulares na locução, são aquelas que estão mais cheias de palavras latinas reduzidas com pouca diferença à pronúnciação portuguesa [...].

A preocupação etimológica em obras prescritivas foi marcante para a história da ortografia, pois, a partir dela, houve exagero, acrescentando-se no sistema novas grafias injustificáveis pela etimologia e sem nenhum fundamento científico, como o uso de consoantes dobradas, o uso de Y, K e W e ainda o uso dos dígrafos <ph>, <th>, <rh>, porque faziam lembrar grafias latinas/gregas, expressando, ainda, uma possível erudição, como chega a comentar Gonçalves Viana (1904).

A inserção de palavras “com aspecto gráfico alatinado” ou com aspecto idêntico ao latino contribuiu para a caracterização de um período ortográfico, de fato, pseudo-etimológico devido a esses exageros.

Essa preocupação etimológica excessiva do século XVI - XVII será fortemente combatida na primeira reforma ortográfica da língua portuguesa em favor de uma ortografia considerada, naquele período, como “simplificada”, a qual foi idealizada, fundamentalmente, por Gonçalves Viana, apesar de já ter sido discutida por Fernão de Oliveira (1536), como se mostra a seguir.

1.4 A primeira reforma ortográfica da língua portuguesa por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana

Justificativa

Os ditames da primeira reforma ortográfica foram engendrados, sobretudo, por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914), grande filólogo e foneticista português. Suas principais ideias ortográficas apresentam-se na obra *Ortografia Nacional (1904)*, e, em função disso, essa obra foi focalizada no presente estudo e não outros trabalhos desse autor.

A presente seção pretende vislumbrar um pouco da história da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa ocorrida no século XX a partir da *Ortografia Nacional (1904)*. Naquele período, foram estabelecidos os principais fundamentos dessa reforma, os quais perduraram até a atualidade. Com este estudo, é possível verificar as bases da representação ortográfica dos sons fricativos para os séculos XX e XXI.

Assim, neste item, é apresentada a proposta teórica de Gonçalves Viana para a reforma ortográfica com maior destaque para a escrita dos sons fricativos.

1.4.1 Considerações iniciais

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914) foi a figura mais importante no momento em que se consolidou a primeira reforma ortográfica da língua portuguesa de 1911. Segundo Maria Filomena Gonçalves (2003, p.655) “O caráter sistemático, rigoroso e fundamentado das propostas de Gonçalves Viana fizeram do filólogo o verdadeiro mentor da Reforma de 1911”.

Poder-se-á notar, a seguir, que Gonçalves Viana viveu em um momento de transformações muito significativas nos estudos da linguagem, sobretudo no campo da Fonética, tendo sido influenciado por esses estudos.

Embora o filólogo não tivesse formação superior³⁹, produziu artigos e livros respeitados e admirados pelos acadêmicos. O foneticista mantinha contatos com grandes pesquisadores portugueses e estrangeiros (GONÇALVES, 2003), os quais, naquele momento contribuíam para firmar os rumos dos estudos científicos humanísticos (CÂMARA Jr. 1975).

Por meio de estudos em fonética, fonologia e linguística histórico-comparativa,

³⁹ Em função de circunstâncias financeiras insuficientes.

Viana desenvolveu trabalhos importantes nessas áreas e soube utilizá-los com maestria em favor de uma reforma ortográfica que pudesse prevalecer sobre as muitas ortografias utilizadas em Portugal até aquele período e, sobretudo, naquele período, já que propostas de reforma de outros pesquisadores concorriam com a dele.

A obra de maior destaque do foneticista foi a *Ortografia Nacional (1904)* a partir da qual a Comissão de Reforma firmou as regras de uma ortografia unificada em Portugal. De acordo com Maria Filomena Gonçalves (2003, p.656) tal obra é “de inquestionável monumentalidade no quadro da reflexão e do discurso metaortográficos”.

Essa obra reúne uma série de investigações anteriores feitas pelo ilustre filólogo e foneticista. A produção bibliográfica decorrente dos estudos do autor é vasta⁴⁰, mas pode ser vista sob duas vertentes fundamentais ligadas entre si: a fonética e a ortografia portuguesas. (GONÇALVES, 2003).

Gonçalves Viana inicia suas publicações produzindo artigos em “O Positivismo” (vols. III e IV, em), órgão do pensamento positivista em Portugal, publicado entre 1878 e 1882 e na revista “Romania”. Posteriormente, em 1883, é publicado o *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, separata de Romania, 12, pp 29-98⁴¹, e, em 1892, a obra *Exposição da pronuncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros. Memória destinada á X Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1892).

Outra obra de destaque do autor são as *Bases da Ortografia portuguesa* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1885), publicada em parceria com Guilherme de Vasconcelos Abreu, que é uma proposta de reforma ortográfica (GONÇALVES, 2003), cujas bases foram fundamentais para a reforma de 1911, que, antes dessa data, havia sido retocada em 1900 e 1904.

Com as produções desses trabalhos e pesquisas, a reflexão teórica de Gonçalves Viana a respeito da reforma ortográfica passa a ganhar cada vez mais destaque e força diante da Academia e da sociedade.

Nesse sentido, foi em 1900 que as ideias ortográficas do filólogo foram levadas à apreciação da Academia das Ciências de Lisboa por ele, na condição de sócio

⁴⁰ Quanto a esse assunto consultar Maria Filomena Gonçalves (2003).

⁴¹ Há ainda mais publicações em outras revistas como a “Revista Lusitana, II”, como, por exemplo, o artigo: *Nota sobre a fonetica alemtejana e Fonolojia histórica portuguesa*, além do texto *Notre alphabet* (“Le Maître Phonétique”, 1889).

correspondente, e sob a forma de um documento questionário⁴² em que, basicamente, os problemas da ortografia utilizada naquele momento são expostos em forma de perguntas⁴³ que seriam avaliadas por uma Comissão de Reforma⁴⁴ a fim de se estabelecerem normas gráficas para toda a nação portuguesa.

A princípio, as ideias do foneticista não foram aceitas tão prontamente pela Comissão, que era responsável pela avaliação cautelosa de propostas de reforma. Essas análises demandavam certo tempo e discussão entre acadêmicos.

Diante disso, Gonçalves Viana, em resposta ao tratamento “infrutífero” da Academia das Ciências de Lisboa, se empenha ainda mais na produção da *Ortografia Nacional* (1904), conforme comenta Maria Filomena Gonçalves (2003, p.679) dizendo,

A publicação da *Ortografia Nacional* é uma manifestação do inconformismo de Gonçalves Viana perante o rumo que levava a discussão Acadêmica sobre as respostas ao seu Questionário ortográfico [...]. Depois da tentativa infrutífera de fazer passar a Academia das intenções às soluções concretas, portanto dali nada saiu, para efeitos práticos e conclusivos, quer dizer, em termos de votação-aprovação de um sistema gráfico uniforme, resolve Gonçalves Viana reunir, aprofundar e ampliar o que haviam sido as suas respostas aos quesitos e alguns dos seus estudos anteriores, numa obra de longo fôlego (454 p.) — a *Ortografia Nacional* (1904).

Tendo sido elaborada a *Ortografia Nacional* (1904), somente em 1911 se constitui nova Comissão de Reforma para, enfim, consolidar a primeira reforma ortográfica da língua portuguesa, que, de fato, foi aprovada em 1911.

A Comissão foi nomeada oficialmente pelo Ministro do Interior do Governo Provisório da República e era composta por grandes estudiosos da língua portuguesa daquela

⁴² Trata-se da *Proposta de um Questionário para se formularem as regras de orthographia portuguesa uniforme tendo-se em atenção as principais divergencias que se observam na maneira por que se encontram escritos os vocabulos portugueses no diferentes escritores antigos e modernos por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana* (Proposta apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa na sessão ordinaria de 10 de maio de 1900, Lisboa, Typographia da Academia, 1900; republicada no “Boletim da Segunda Classe”, I, Lisboa, 1903, pp. 304-318)

⁴³ Para exemplificar, seguem algumas perguntas do questionário:

4. — São uniformes as orthographias dos dictionarios e grammaticas portuguesas?;

15. — É, ou não, conveniente reformar as orthographias portuguesas, uniformizando-as?;

21. — Convirá, ou não, para a regularização da orthographia portuguesa, conservar as feições peculiares da sua escrita tradicional, isto é, **ç, j, lh, nh**, accentos agudo e circunflexo, e o til?

⁴⁴ Antes de 1900, houve outra Comissão de Reforma (a Comissão do Porto), que foi a primeira Comissão responsável pela avaliação de proposta de reforma ortográfica. Essa necessidade surgiu a partir do opúsculo *Considerações sobre a Orthographia Portugueza* de José Barbosa Leão (1818-1888). Ele desencadeou toda uma discussão sobre esse assunto, tendo influenciado bastante a reforma ortográfica de 1911 (Kemmler, 2001). Na altura, o opúsculo havia sido publicado anonimamente e fez suscitar a formação da Comissão, bem como a solicitação de um parecer da Academia das Ciências de Lisboa. Para maior conhecimento sobre esse assunto, consultar Rolf Kemmler (2001).

época, tais como, Francisco Adolfo Coelho, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, José Leite de Vasconcelos, Antônio Cândido de Figueiredo, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (na qualidade de relator), entre outros.

Para tecer as regras ortográficas da reforma, foram utilizados trabalhos de Gonçalves Viana. Assim, segundo Maria Filomena Gonçalves (2003, p.752), “A reflexão e a discussão da Comissão incidiu sobre os textos do *Questionário* de 1900 e da *Ortografia Nacional (1904)* de Gonçalves Viana, a quem se deve, portanto, o fundo ideológico-doutrinal da reforma saída dessas sessões de trabalho”.

Na verdade, a reforma foi desencadeada por José Antônio Dias Coelho, um amigo de Gonçalves Viana que trabalhava na Imprensa Nacional. Kemmler (2001) revela que Dias Coelho levantou a questão problemática da prática de diferentes grafias para as publicações nacionais. Ele propôs que no futuro fosse utilizada a *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, “obra que naquela altura já gozaria de uma ampla recepção a muitos níveis”. (KEMMLER, 2001, p.287).

Antônio Dias Coelho argumentou a questão com Luís Carlos Guedes Derouet, administrador geral da Imprensa Nacional que,

[...] convencido pelos argumentos de Dias Coelho, tomou, em 14 de Janeiro de 1911, a iniciativa de escrever ao então director da Direcção Geral da Instrução Secundária, Superior e Especial por intermédio do qual o referido Ministro nomeou a Comissão integrada pelos seguintes filólogos:

- Carolina Michaelis de Vasconcellos (1851-1925),
- Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914),
- Antônio Cândido de Figueiredo (1846-1925),
- Francisco Adolfo Coelho (1847-1919),
- José Leite de Vasconcelos (1858-1941).

Na primeira sessão da Comissão de 15 de Março de 1911, foi decidido convidar mais seis pessoas [...]. (KEMMLER, 2001, p.287-288).

O relatório expedido pela Comissão é aceito pelo governo e pela Academia, tendo sido publicado no “Diário do Governo”, nº 213, de Setembro de 1911, e ainda por Gonçalves Viana, apresentando o seguinte título: *Bases para a Unificação da Ortografia que deve ser adoptada nas Escolas e Publicações Oficiais. Relatório da Comissão Nomeada por Portaria de 15 de Fevereiro de 1911.*

Além da proposta de Gonçalves Viana havia outras de menos porte, que, de um modo geral, podem ser divididas em duas categorias de reformadores: de um lado, os sônicos e, de

outro lado, os etimológicos⁴⁵.

Essa classificação provém de modelos ortográficos praticados desde os primeiros gramáticos e ortógrafos da língua portuguesa. Os sônicos faziam projetos de reformas ortográficas privilegiando a representação fonética e/ou fonológica na escrita, em que, por exemplo, o som [z] deveria ser escrito com a letra z, “meza”, etc., enquanto os etimológicos privilegiavam a representação histórica da língua, baseada, sobretudo, na tradição de escrita do latim. Nesta perspectiva, defende-se o uso de letras consideradas etimológicas como o “ph” em lugar de “f”; a palavra “mesa” com “s” para preservar a origem latina dessa palavra (*mensa* em latim), etc.

Na verdade, a ortografia da língua portuguesa sempre enfatizou uma dessas duas opções, mas operando com um pouco de cada. Pêro de Magalhães de Gândavo (1574) e Duarte Nunes de Leão (1576), por exemplo, buscavam privilegiar a vertente etimológica, enquanto Fernão de Oliveira (1536) tendia mais para a vertente sônica (CAGLIARI, 2004).

Apesar de existirem muitas propostas de reforma, não foram esses trabalhos em si que fizeram com que a população passasse a utilizar uma única ortografia, mas antes um fator externo: a intervenção do governo. Por meio dos fatos, vê-se logo que para a aceitação (imposição) geral de uma determinada ortografia houve a intervenção política e legislativa nessas questões acadêmicas, tendo sido a primeira vez que o governo passa a intervir legalmente na ortografia.

Naquele período, o interesse do governo por essas questões acadêmicas não foi gratuito, haja vista a situação política e econômica de Portugal, que passava por grandes transformações, dentre elas, a implementação da República. Segundo Maria Filomena Gonçalves (2003, p.653), naquele período “imperava a calamidade dos números do analfabetismo” e ainda havia muito o que se fazer para melhorar a condição econômica e social da população.

O novo governo se compromete com a melhora da situação social com destaque para a educação. É nesse contexto que os projetos de reforma ortográfica ganham espaço entre os meios políticos. Em relação a essa situação Gonçalves (2003, p. 654) diz:

⁴⁵ A título de exemplificação, seguem dois reformadores sônicos e um etimológico: Antônio Augusto Louro, que fez um trabalho intitulado “Ortografia Portuguesa Sônica. Novas regras ortográficas para aprender a ler e escrever como se fala corretamente a língua portuguesa” (Lisboa, Imprensa de Libano da Silva, 1901); Há ainda o trabalho de Gonçalves de Guimarães, “Algumas Reflexões Sobre a Ortografia Portuguesa (Coimbra, 13 de Maio de 1903) e a obra de Alexandre Magno de Fontes, “Escripta Nacional ou a orthographia portugueza, etymologica e tradicional. Licção theorico-pratica (1910)”, que era a réplica etimológica aos trabalhos de Gonçalves Viana.

Além dos argumentos linguísticos e filológicos que determinam a normalização do código gráfico, a lógica da simplificação ortográfica parecia residir na ideia de que a acessibilidade da escrita era directamente proporcional ao grau de simplicidade do sistema e, por conseguinte, à popularização da prática da escrita. À luz das condições sociais, políticas e culturais da transição do século XIX para o século XX, não é difícil de compreender a conjuntura negativa que propiciou a tardia uniformização do código escrito, apenas levada a cabo com sucesso pela República, como medida catalizadora da eficácia das reformas da instrução. Aos reformistas do sistema político, administrativo educativo, acrescentar-se-ão também os reformadores ortográficos⁴⁶.

Assim, o assunto da Reforma Ortográfica passou a ser oficial a partir do momento em que houve a adesão do governo nessas questões, podendo-se legislar sobre elas a fim de estabelecer um único sistema gráfico para toda a nação. Nesse sentido, Gonçalves (2003, p. 751) diz,

Com a implantação da República em 5 de Outubro de 1910, os partidários da simplificação ortográfica encontraram apoio institucional para a pretensão de uma reforma urgente, como via para uma alfabetização generalizada e uma educação mais democrática, menos elitista. De facto, a nomeação de uma Comissão de Reforma Ortográfica (Portaria 15 de Fevereiro de 1911) antecede em poucos dias a reforma da instrução (Decreto de 29 de Março), na qual se privilegiava, sobretudo, o ensino primário, em cumprimento ao programa republicano para o combate ao analfabetismo, visto que, de acordo com o censo de 1900, na população maior de sete anos a percentagem de analfabetos seria de 74% [...]

Com isso, de certo modo, a reforma ficou atrelada à melhora no sistema educacional por meio da intervenção do governo nessas questões académicas, mas finalmente foi possível fixar uma norma para a escrita, eliminando as divergências gráficas praticadas pelos usuários há muitos séculos.

Nesse cenário, a ortografia simplificada de Gonçalves Viana foi implementada pelo governo. A proposta dele, em síntese, considerava aspectos históricos, fonológicos, fonéticos e etimológicos como a base sobre a qual uma reforma ortográfica deveria ser feita. Além

⁴⁶ Além desse aspecto político e social refletido nas decisões ortográficas, há ainda que se considerar a existência de sociedades ortográficas, as quais se alastraram pela Europa na década de quarenta, conforme comenta Gonçalves (2003, p.671) “de facto, antes da “Société de réforme orthographique”, fundada em Dezembro de 1886 por Passy, já haviam sido fundadas a “Phonetic Society” (1843), que promovia a estenografia de Pitman e o alfabeto fonotípico, sendo presidida por Max Müller; a “Société néographique Suisse et étrangère” (1869); a “American Spelling Reform Assciaton” (1876), criada pelo Dr. March, com vista à difusão do alfabeto fónico e à adopção de uma ortografia moderadamente simplificada; [...]. Concluimos, pois, que a polémica em torno da reforma, independentemente dos contornos específicos de que a questão possa ter-se revestido em Portugal, se enquadra numa problemática internacional e translinguística, situação que era bem conhecida de Gonçalves Viana”.

disso, Gonçalves Viana não se posicionou nem como um reformador sónico⁴⁷, nem como etimológico, nomeando sua proposta sob o rótulo de “ortografia simplificada”⁴⁸.

O presente estudo infelizmente não irá detalhar aqui todo o contexto em que se desenvolveram as propostas de reforma ortográfica paralelas naquele momento, nem irá explorar extensivamente as ideias de Gonçalves Viana em razão do enfoque da pesquisa. Mas essas questões serão publicadas posteriormente. Assim, a seguir, será exposta e discutida a base do projeto de reforma de Gonçalves Viana a partir da obra *Ortografia Nacional* (1904), a qual foi crucial na primeira reforma ortográfica e, com ela, a representação dos sons fricativos, mostrando que os desdobramentos das principais soluções ocorridas na primeira reforma ortográfica para esses sons permaneceram no sistema até a atualidade (com a unificação ortográfica de 2009 entre os países lusófonos). Com isso, é possível mostrar, em parte, a ortografia desses sons para os séculos XX e XXI, contribuindo para uma visão panorâmica deles.

Nas discussões a seguir, pode-se notar ainda que a ortografia de Gonçalves Viana fez continuar a concepção mais tradicional de ortografia definida como a escrita correta das palavras, desconsiderando completamente sua importância para os sistemas de escrita.

1.4.2 Os fundamentos da proposta de Reforma Ortográfica de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana

Para compreender melhor as ideias de Gonçalves Viana é importante lembrar como era o uso da escrita antes dele. Como exploramos anteriormente, durante muito tempo, a expressão da escrita em Portugal tinha usos ortográficos bastante diversificados, situação que se complicava à medida que crescia o número de usuários.

Vale destacar ainda, que esse aparente caos ortográfico formou-se com a prática de múltiplas tentativas de escrita para a língua portuguesa, as quais iam se fixando ao longo do tempo e que permaneceram como ortografias paralelas até a primeira reforma ortográfica oficial e legalizada. É importante frisar que essas tentativas dos usuários não eram ilimitadas,

⁴⁷ Segundo Gonçalves (2003, p. 655), Gonçalves Viana “não é um ‘sónico’, pois procurava um sistema que, em vez das realizações concretas ou físicas, tão variadas quantas as regiões e os indivíduos, reflectisse sobretudo a componente fonológica, logo, os aspectos gerais e pertinentes”.

⁴⁸ Fernão de Oliveira já havia idealizado um uso ortográfico em que se pode reconhecer uma escrita simplificada. Ele não era a favor de uma ortografia etimológica (LEITE, 2007) e já havia repudiado, por exemplo, o uso das letras etimológicas em função de uma escrita mais voltada para a pronúncia legítima de Portugal, por exemplo, para a escrita das letras k, ph e ps, ele diz: “Por tanto .k. nẽ .ph. nem .ps. nunca as ouvimos na nossa linguagem: nem nas avemos mestrer” (OLIVEIRA, 1536, p. 30). Seguindo esse mesmo raciocínio, Gonçalves Viana (1904, p.17) diz: As seqüências th, ph, ch, rh e y, não são pronunciadas, portanto não devem ser escritas.

pois, apesar de haver grafias simultâneas para as mesmas palavras, a leitura era possível⁴⁹ e o sistema foi se desenvolvendo cada vez mais.

Nesse aparente caos ortográfico que antecedeu Gonçalves Viana, os usuários faziam suas escolhas gráficas de modo heterogêneo, ou seja, baseando-se em diferentes critérios para fixar as letras nas palavras, que são basicamente os seguintes:

- 1) o modelo tradicional de escrita latina;
- 2) aspectos fonológicos e fonéticos da língua portuguesa (de certa forma);
- 3) em costumes de usos locais, os quais certamente iam deixando marcas gráficas mais antigas com o uso do sistema, seguindo um princípio cumulativo próprio da escrita.

Gonçalves Viana retoma todos esses aspectos na obra *Ortografia Nacional (1904)*, sobretudo, quanto à fonologia e fonética, ele diz,

A que vou expor e motiva esta publicação é a ortografia tradicional, cientificamente regularizada em todas as suas minudências, e na qual foram adoptadas as simplificações e correções que o estudo histórico da língua portuguesa aconselha, e o autor defende e entende necessárias para a uniformização científica e prática da escrita nacional [...] É também a meu ver a mais racional e a mais conforme com a fonologia portuguesa, quer actual, quer anterior, podendo, com insignificantes modificações, servir para representar, com igual propriedade, a língua moderna e a antiga, a comum, e a dialectal. [...] (VIANA, 1904, p. 17).

Ele estabelece um diálogo com essa tradição de uso a fim de regularizar e unificar a ortografia, como argumenta,

As ortografias dos documentos oficiais impressos, assim como as dos livros e publicações dados á estampa por editores, ou autores, também não são uniformes, e ainda o são menos as dos documentos manuscritos; cada amanuense tem a sua ortografia privativa, não contando nós as numerosas cacografias, sistemáticas ou assistemáticas, e incluindo nesta categoria as pseudo-eruditas, que não são em menor abundância que as evidentemente errôneas, devidas a ignorância consciente e confessada. Se há certa uniformidade nas palavras e formas gramaticais mais usuais e correntes, deixa de havê-la logo que tais formas ou palavras são mais raras, e neste caso

⁴⁹ A ortografia instaura limites gráficos nos sistemas de escrita já que seu objetivo é o de permitir a leitura em qualquer dialeto. Esses limites gráficos admitem uma certa variação entre os caracteres utilizados para se escrever uma palavra, por exemplo, na representação de um som fricativo [z], pode haver variação entre as letras S e Z: “mesa” ou “meza”, mas a leitura é possível, uma vez que o leitor vê a palavra como um todo e consegue interpretar os caracteres que a compõem. E isso se deve ao fato de que a palavra é a unidade básica de qualquer sistema de escrita, funcionando como uma referência interpretativa e mais ainda nos sistemas ortográficos.

as contradições e arbítrios dependem do critério de cada escritor, de cada redactor, de cada amanuense, ou de um director, raras vezes mais competente que o seu subordinado para resolver questões destas. (VIANA, 1904, p.3).

Diante disso, a *Ortografia Nacional (1904)* é uma obra que foi construída em torno dessa preocupação em simplificar aquelas grafias diversificadas, conforme pode ser visto no prefácio da obra,

Este opúsculo não é um tratado de ortografia portuguesa; é antes um inquérito, e a crítica minuciosa, desenvolvida e documentada da actual anarquia ortográfica, acompanhada de numerosas soluções, ao seu autor sugeridas pelo estudo sistemático e detido da questão, e que podem pôr cõbro a essa anarquia, porque são de execução fácil e estão em harmonia com a tradição portuguesa, fiel e cientificamente observada. § Pouco se alterando nas suas feições tradicionais as diversas escritas a que o público se tem habituado, [...]” (VIANA, 1904, p. 5).

Gonçalves Viana pretendia acabar com o “caos” ortográfico em Portugal, uniformizando a escrita para toda a nação portuguesa. O principal objetivo dele era fazer com que as pessoas entendessem que a ortografia deveria ser única para todos, mesmo sabendo que, desde o século XII, a prática dessas diferentes grafias não impediam a comunicação por meio da escrita, porque como expomos anteriormente, o sistema permite determinadas variações gráficas sem comprometer a eficiência da escrita.

O objetivo final da *Ortografia Nacional* era fixar grafias. Essa preocupação normativa acabou se sobrepondo à apreensão científica que a ortografia ainda deveria ter. A investigação tão minuciosa de Gonçalves Viana, quanto à história e à fonologia da língua portuguesa, acabou caindo no esquecimento e raramente se encontra um artigo sobre os estudos do foneticista no meio acadêmico. Contudo, a sua importância é indiscutível.

A proposta de reforma de Gonçalves Viana partiu de uma grande revisão da formação e dos usos ortográficos mais antigos, pretendendo a regularização gráfica. Ele não se ateve a fazer grandes mudanças ortográficas, na verdade, ele nem pôde fazer isso, sobretudo para a grafia dos sons fricativos, como poderá ser visto ao longo desta seção. Viana queria antes, uniformizar as muitas grafias paralelas que eram praticadas até aquele momento, posicionando-se, assim, mais para a tradição do que para a inovação.

Por outro lado, como comenta Câmara Jr. (1975, p. 82), Gonçalves Viana foi um foneticista, como outros daquela época, que "dedicaram suas investigações às modernas línguas européias, tanto com propósitos puramente descritivos como didáticos", para isso, G. Viana, em suas pesquisas, utilizou os estudos linguísticos mais sofisticados de sua época.

Nesse contexto, ele foi inovador, sendo uma das figuras centrais, dentre aqueles que teciam projetos de reforma ortográfica em fins do século XIX e início do século XX. Naquele período, as ortografias e tratados de ortografia ficaram em segundo plano e em primeiro esses projetos de reforma e fixação gráfica em nível nacional, como comenta Rolf Kemmler (2001, p. 253) “Já não se trata aqui, pois, de tratados de ortografia propriamente ditos, mas sim de programas de reformas”.

Na realidade, Gonçalves Viana, viveu num momento em que a Linguística e, sobretudo, a Fonética estavam se redefinindo no campo dos estudos da linguagem. Segundo Câmara Jr. (1975), em meados do século XIX ocorreu um grande desenvolvimento da Fonética através de um estudo biológico da linguagem, no momento em que as ciências naturais ganhavam impulso decisivo. Naquele período, a descoberta da gramática do sânscrito no século XVIII (pela erudição europeia) contribuiu bastante para estabelecer novos olhares aos estudos da linguagem, e, em especial à Fonética. Por exemplo, a Fonética descritiva hindu partia de uma abordagem articulatória, em que se observavam os movimentos dos órgãos fonadores na produção dos sons vocais. Essa abordagem era diferente daquela feita pelos gregos e utilizada, até então, pelos europeus, que, descreviam os sons a partir da percepção e não da produção. Segundo Câmara Jr. (1975, p.79) "para um desenvolvimento rigoroso esta perspectiva (hindu) é mais fácil do que a auditiva, na qual basicamente, se apoiavam os gregos".

Neste contexto, o trabalho do estudioso alemão Eduard Sievers, intitulado: *Fundamentos da Fisiologia Vocal* (1876) foi o mais significativo na área, contribuindo para "o advento da disciplina fonética, separada da fisiologia e colocada sob o domínio da linguística" (CAMARA Jr. 1975, p.82). Além disso, o estabelecimento da Fonética beneficiou a gramática comparativa do indo-europeu e a linguística moderna.

O trabalho de Sievers foi adotado na obra de Gonçalves Viana *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros* (1892)⁵⁰, que por sua vez, foi retomado na *Ortografia Nacional*, conforme Viana explicita: “Repetirá aqui (na obra *Ortografia Nacional*) o autor a doutrina ortográfica por êle expendida na EXPOSIÇÃO DA PRONÚNCIA NORMAL PORTUGUESA [...] (Viana, 1904, p. 17).

A *Ortografia Nacional* é uma obra organizada a partir de determinados fundamentos,

⁵⁰ Logo na Parte 1 dessa obra, Gonçalves Viana dirige-se ao leitor interessado em estudos fonéticos ou em “teoria dos sons da fala humana”, fazendo recomendações de leituras de várias obras importantes sobre esses assuntos, como a obra *Grundzüge der Lautphysiologie* (1876) de Eduard Sievers, a obra *Handbook of Phonetics* (1877) de Henry Sweet, a obra *Popular Manual of Vocal Physiology* de Alexander Melville Bell, a obra *Étude sur les changements phonétiques et leurs caracteres généraux* (1890) de Paul Passy, etc.

dentre os quais a descrição fonética e fonológica da língua portuguesa. Daí a necessidade de um estudo fonético para se organizar uma ortografia. Para o filólogo e foneticista “o sistema (ortográfico) a seguir deve ter por fundamento representar todas, ou as principais pronúncias lejitimas, sem figurar exclusivamente nenhuma” (VIANA, 1904, p.4).

De um modo geral, a proposta de ortografia dele une um estudo sincrônico e diacrônico da língua em sua manifestação oral e escrita, fundamentando-se “na história da língua, na sua evolução, e no exame sistemático da sua pronúncia, antiga, moderna e dialectal, bem como na representação nacional dessa pronúncia” (VIANA, 1904, p.3).

Ele equilibra aspectos sônicos e etimológicos em sua ortografia “simplificada”. Nesse sentido, a crítica do autor quanto à grafia etimológica e seus exageros merece destaque. Em primeiro lugar, para Gonçalves Viana (1904, p.40), “O que, portanto, se entende por ortografia etimológica é a conservação de letras inúteis para a pronúncia, ou que podiam ser substituídas por outras, propriamente portuguesas”⁵¹.

De acordo com o autor, os exageros etimológicos eram provenientes de uma determinada situação, que ele comenta acidamente no seguinte relato:

Estou de há muito convencido, e várias vezes o tenho dito pela imprensa, de que a denominada ortografia etimológica é uma superstição herdada, um erro científico, filho de um pedantismo que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade clássica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a consequente instrução das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quase sem protesto. § Sabem todos que essa cópia servil, apenas modal, e como tal ilusória, de feições ortográficas de línguas arcaicas tiveram a sua existência explicável em tempos, nos quais o espírito público se não podia manifestar, em razão do despotismo político e administrativo, e da ignorância quási geral; e que, portanto, a aceitação tácita de tam incongruentes como falsos e insensatos sistemas de escrita, impostos por uma minoria pedante, em detrimento da utilidade pública e da conveniência geral, não significa o consentimento, e ainda menos o aplauso, porém mera submissão e assentimento inconsciente, ou forçado, da parte de quem tinha por hábito obedecer cegamente, abdicando a razão e a vontade. (VIANA, 1904, p.9-10).

Gonçalves Viana se posiciona totalmente contra esse problema, pois é necessário que

⁵¹ A expressão *ortografia etimológica* trata de um determinado uso ortográfico que se baseia na origem das palavras para fixar grafias, diferente da disciplina Etimologia que, segundo Câmara Jr. (2000, p. 112) “nos dá os métodos para descobrir os étimos dos vocábulos primitivos de uma língua [...]. Essa pesquisa apóia-se: a) no conhecimento das mudanças fonéticas sistemáticas (v.); b) na possível ação da analogia (v.); c) no exame das formas anteriores documentadas; d) nas relações de significado entre o vocábulo dado e o da língua originária; e) nas informações históricas”.

“Portugal se liberte do jugo dessa tradição postiça e presunçosa de ortografia helenizada e alatinada, para não dizer afrancesada, criando obra nova, assente em bases científicas” (VIANA, 1904, p.12).

1.4.3 Soluções e problemas da Ortografia Nacional (1904)

Todas as soluções ortográficas propostas por Gonçalves Viana se apoiam em três preceitos fundamentais documentados tanto na *Ortografia Nacional (1904)* quanto nas *Bases para a Unificação da Ortografia que deve ser adoptada nas Escolas e Publicações Oficiais. Relatório da Comissão Nomeada por Portaria de 15 de Fevereiro de 191*, a saber,

- I. *Tudo o que se diferencia na fala tem de ser diferenciado na escrita.*
- II. *Todas as pronúncias legítimas devem ser representadas na ortografia comum, para que a língua escrita seja uma só.*
- III. *Todos os artifícios etimológicos inúteis, ou que se não expliquem pela evolução da língua falada, serão desterrados da escrita portuguesa, como contrários á sua expressão gráfica. (VIANA, 1904, p. 287).*

Esses preceitos sintetizam as bases científicas por meio das quais as regras da ortografia simplificada do foneticista e filólogo foram feitas. No caso da aplicação desses preceitos na primeira reforma ortográfica da língua portuguesa, segue um quadro que mostra os “pontos capitais da reforma” (VIANA, 1904, p. 17), ou seja, uma síntese das soluções gráficas com as principais justificativas, nas quais os três preceitos mencionados anteriormente podem ser reconhecidos.

	Simplificações Gráficas	Justificativas principais
1	<p>Eliminação dos símbolos de etimologia grega: th, ph, ch (com valor de [k]), rh e y;</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “autor” em lugar de author; - “filosofia” em lugar de “philosophia”; - “Aquiles” em lugar de “Achilles” (ch com valor de [k]); - “retórica” em lugar de “rhetórica”); - “i” em lugar de “y”, “Policarpo” em lugar de “Polycarpo”. 	<p>As sequências th, ph, ch (com valor de [k]), rh e y, não são pronunciadas, portanto não devem ser escritas. (VIANA, 1904, p.17).</p>
2	<p>Redução das consoantes dobradas (geminadas), com exceção de rr e ss mediais.</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “inocente” em lugar de “innocente”; - “radical” em lugar de “rradical”; - “boca” em lugar de “bocca”; - “atento” em lugar de “attento”; - “adição” em lugar de “addição”. 	<p>“não existem, nem existiram jamais na nossa língua, no interior da palavra, consoantes duplas, geminadas na pronúncia, como se observam em toscano, e existiam em latim” (VIANA, 1904, p.14).</p>
3	<p>Eliminação de consoantes nulas (mudas), quando não influam na pronúncia da vogal que as preceda⁵².</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “oito” em lugar de “octo”; - “fruto” em lugar de “fructo”; - “afeto” em lugar de “afectto”; - “pronto” em lugar de “prompto”. 	<p>“<i>Fruto</i>, adornado com um c, fructo, apêndice inútil e contrário à etimologia, a qual é o anterior <i>fruito</i>, e não o remoto <i>fructus</i>, cujo c há uns doze séculos já se não proferia como K, nem na península Hispânica, nem em parte alguma do domínio românico”. (VIANA, 1904, p.15). Trata-se, portanto, da eliminação de letras consideradas pseudo-etimológicas.</p>
4	<p>Regularização da acentuação gráfica⁵³.</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “fécula”, “lôbrego” (acentuam-se as proparoxítonas ou vocábulos esdrúxulos); - “avô”, “avó” (distinção de vocábulos escritos com as mesmas letras, mas com pronúncia diversa); - “pára” (do verbo parar), “pélo” (do verbo pelar), etc. 	<p>Acentuar-se hão, pois, sómente as excepções ás regras gerais, e distinguir-se hão vocábulos escritos com as mesmas letras, porém com pronúncia diversa. Teremos dêste modo acentuação gráfica metódica, e fundada nas propriedades fonológicas da língua portuguesa. (VIANA, p. 160)⁵⁴</p>
5	<p>Manutenção de (determinadas⁵⁵) grafias</p>	<p>É necessário, [...], manter-se a distinção</p>

⁵² Costuma-se alegar que existem consoantes mudas, etimológicas, que não são pronunciadas, mas influem na pronúncia da vogal que as precedem, pois indicam o grau de abertura dessas vogais (*a* -aberto -, *e* ou *o* – semi-aberto) para distinguir as pretônicas abertas ou semi-abertas das reduzidas. Exemplos: *acto*, *acção*, *correcto*, *correccção*, *adoptar*, etc. (CINTRA, CUNHA, 2006).

⁵³ Gonçalves Viana, dispondo de conhecimentos acerca da entoação das palavras em enunciados, decide delimitar a maneira como a acentuação será feita. Assim, as regras de acentuação devem incidir sobre palavras isoladas, fora da interferência do enunciado. Ele diz: “Trataremos aqui apenas da acentuação que compete a cada palavra solta, independente, como se encontra nos dicionários, e não daquela que lhes cabe na frase, em ligação com outras palavras, e que em português não é uso marcar-se, como o não é a acentuação melódica, ou entoação” (VIANA, 1904, p.156).

⁵⁴ As soluções para a acentuação gráfica podem ser vistas mais amplamente da página 290 até a 292, na *Ortografia Nacional* (1904). Detalhar essas soluções aqui não é objetivo do presente estudo, assim, apresentamos essas questões de acentuação de uma forma mais geral possível.

⁵⁵ Gonçalves Viana pretendia manter grafias representativas de determinadas pronúncias portuguesas, ou seja, apenas àquelas que eram mais praticadas pelos usuários e que eram identificadas nas grandes produções literárias. A título de exemplificação, o foneticista comenta na *Ortografia Nacional* (1904, p.32) que as realizações “otro” em lugar de outro, e “oço” em lugar de ouço (de falantes do Alentejo, ou do Algarve) são absolutamente possíveis na escrita, mas não são desejáveis uma vez que sua recorrência não aparece

<p>representativas de pronúncias portuguesas (sincrônicas e diacrônicas).</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -uso de CH e X (<i>bucho e buxo</i>); -S inicial, SS medial e Ç ou C antes de E/I (<i>saga, passo, paço, cela e sela</i>); -S entre vogais e Z (<i>cozer e coser</i>). 	<p>entre êstes símbolos, porque pertence á história da língua, e quási sempre se tem feito, e porque a abolição da diferença a deformaria e interromperia a sua continuidade literária, ao mesmo passo que a escrita deixaria de corresponder á pronúncia dialectal, que ainda distingue palavras em que essas letras figuram, e que se tornaram homónimas no idioma literário. São letras etimológicas dentro do português, representam factos fonéticos que lhe pertencem, ou pertenceram, e não devem ser menosprezados numa ortografia nacional, que represente o idioma total até o presente, e haja de ser perdurável no futuro. (VIANA, p.31-32)</p>
--	---

Quadro 4 - Simplificações gráficas propostas por Gonçalves Viana na obra *Ortografia Nacional* (1904).

Fonte - Adaptado de Gonçalves Viana (1904, p.17).

Com isso, o autor: 1) resolve o problema dos excessos pseudo-etimológicos, e 2) define como será feita a representação da pronúncia na escrita⁵⁶, equilibrando os aspectos sônico e etimológico para regularizar e simplificar a ortografia.

O item “2)” merece destaque porque mostra o modo como Gonçalves Viana faz uso do alfabeto para representar a fala “lejítima” na escrita.

Gonçalves Viana relaciona o alfabeto com segmentos sonoros, recuperando o aspecto fonográfico do sistema. Assim, a letra T representa o fonema /t/, a letra P representa o segmento /p/ da fala, e assim por diante. E isso acontece porque ele via a letra como a forma registrada das realizações dos fonemas e dos fones da língua, e diz “o nosso sistema gráfico, tal como actualmente usamos, ficou composto dos seguintes símbolos, que expressam fonemas simples: **á, â, ã, é, ê, e, i, ó, ô, õ, u; b, c, ç, ch, d, f, g, gu, h, j, (k), l, lh, m, n, nh, p, qu, r, rr, s, ss, t, v, (w), x, (y), z.** O k, o w e o y sómente se usam em vocábulos estrangeiros, sendo o último também letra etimológica”. (VIANA, 1904, p.28).

O filólogo e foneticista utiliza um conceito de fonema mais entendido como sons vocais, o que acaba englobando fones também. Para entender melhor a forma como ele via o fonema foi necessário consultar a obra *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros* (1892), nela é possível encontrar a seguinte explicação:

significativamente na história da língua, pois “o regulador, a norma para se fugir destes extremos censuráveis, é a história da língua” (VIANA, 1904, p.32).

⁵⁶ A escrita, portanto, deve expressar com rigor os acidentes comuns a todo o domínio português, desatendendo os especiais que não tenham fundamento histórico dentro da própria língua”. (VIANA, 1904, p.5).

Os sons da falla humana são produzidos por um de dois modos: 1º **Expiração**, 2º **Inspiração**, do ar. Êstes elementos ou sons denominam-se **phonemas**, quando proferidos, e **letras** quando representados pela escrita. Assim letra é sýmbolo gráphico que expressa para a vista um elemento da falla humana, um soído della, um phonema”. (VIANA, 1892, p.3, grifos do autor).

A título de comparação, atualmente entende-se que esse conceito é, basicamente, uma unidade mínima, opositiva, significativa e indivisível da língua. Para exemplificar essas noções atuais de fonema de uma forma mais geral, segue a acepção do *Dicionário de Linguística e Fonética* de David Crystal (2000, p.112-113, grifos do autor):

fonema (fonêmico, fonêmica) A unidade mínima do SISTEMA de sons de uma LÍNGUA, de acordo com as teorias FONOLÓGICAS tradicionais. A motivação original para o conceito se originava do interesse em estabelecer padrões de organização dentro da gama indefinidamente grande de sons ouvidos nas línguas. As especificações FONÉTICAS dos sons (ou FONES) contêm muito mais detalhes do que o necessário para identificar a maneira como as línguas fazem CONTRASTES de SIGNIFICAÇÃO. A noção de fonema permitiu que os lingüistas agrupassem os fones semelhantes foneticamente como VARIANTES, ou ‘membros’, da mesma unidade subjacente. Segundo os lingüistas, os fones eram REALIZAÇÕES do fonema e as variantes eram os alofones (cf. ALO) dos fonemas.

Segundo Câmara Jr. (1975), o termo “fonema” já existia na Grécia Antiga, significando “enunciação” ou “voz”. O termo foi sugerido pelo polonês Jan Baudouin de Courtenay, no final do século XIX, com a seguinte definição: “idéia de som vocal” (CÂMARA Jr., 1975, p. 199).

Naquele período, a ideia de fonema começou a ganhar espaço entre pesquisadores que estudavam os sons da fala e faziam estudos descritivos da língua. O conceito de fonema variava dependendo do enfoque de cada pesquisador. Para Saussure, por exemplo, que também havia adotado esse termo, ele “colocou os sons vocais, aos quais chamou ‘fonemas’, dentro do seu conceito geral e essencial dos sinais linguísticos” (CÂMARA Jr., 1975, p. 199) e de língua.

Na visão de Daniel Jones e sua escola inglesa de fonética, procurou-se estabelecer os sons vocais na sua realidade física e, numa etapa posterior, reuni-los em grupos de sons semelhantes ou fonemas.

Com o desenvolvimento da ideia de fonema em processo, Gonçalves Viana utilizou conhecimentos linguísticos disponíveis naquele momento como um recurso para descrever a

expressão sonora da língua portuguesa, haja vista o enfoque descritivo do referido autor (CÂMARA Jr., 1975).

Para compreender melhor a noção de fonema praticada por Gonçalves Viana em seus estudos é necessário uma pesquisa à parte, que estamos fazendo. Mas, sabe-se que a noção dele difere muito da atual no que concerne a essa visão estruturalista de fonema⁵⁷.

Além disso, a relação entre fonologia e ortografia, que autoriza relacionar as letras do alfabeto aos fonemas da língua, parece trazer problemas. Nesse sentido, Câmara Jr.(1985, p.34) diz “o fonema é um conceito da língua oral e não se confunde com a letra na língua escrita, nesta, o mesmo fonema pode ser representado com letra diferente, como em português aço e asso, chá e xá”.

Independente do fato de um mesmo fonema ser representado com letra diferente, o maior problema dessa relação entre letras e sons é desconsiderar a diferença que há entre fenômenos fonológicos e ortográficos, pois, enquanto na Fonologia há a descrição do sistema sonoro da língua, na ortografia ocorre a representação gráfica da linguagem oral que neutraliza a variação linguística para permitir a leitura.

Na *Ortografia Nacional (1904)*, Gonçalves Viana associou valores fonológicos e fonéticos às letras do alfabeto a fim de justificar a ortografia de determinadas palavras (ele também manteve grafias de usos históricos da ortografia). Para a representação de segmentos da fala na escrita, o foneticista precisou selecionar realizações fonéticas e fonológicas de determinado dialeto que ele chamou de “padrão médio” de pronúncia (diacrônico e sincrônico), que era mais perceptível em Coimbra e em Lisboa (VIANA, 1904).

Por exemplo, a palavra *quanto* era escrita de duas formas: *canto* e *quanto*, refletindo duas possibilidades de pronúncia /kantu/ e /kuanu/. A ortografia simplificada do filólogo e foneticista selecionou a forma *quanto*, pois refletia o “padrão médio”. A esse respeito ele comenta: “Com efeito, devemos ter em consideração que, se cada pessoa, que pretender simplificar as ortografias correntes, se guiar pela sua pronúncia individual ou dialectal, nos perderemos num dédalo de sistemas, todos tam bons, ou tam ruins, como o de Barbosa Leão. Em uma parte do Minho a palavra **quanto** profere-se *canto* e não *quanto*; o reformador que assim pronunciar quererá que dêste modo se escreva, e dentro do seu dialecto será coerente,

⁵⁷ No Estruturalismo, “A função opositiva e distintiva é a função fonológica que permite — através do teste de comutação, isto é, da substituição de um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado — fazer o levantamento de todos os sons que exercem a função de fonemas numa língua ou do valor fonológico que as demais unidades têm. Em outras palavras, na Fonologia, tudo se faz por oposição, tendo como medida de controle o significado resultante das alterações nas comparações” (CAGLIARI, 2002, 24).

e terá razão, mas não a terá em presença de portugueses de outras regiões, que não reconhecerão o vocábulo de tal maneira escrito” (VIANA, 1904, p.32).

Para Gonçalves Viana (1904), as diferenças dialetais poderiam complicar o uso do sistema. Ele chega a considerar que são as diferentes pronúncias da língua que ajudam a causar erros ortográficos. Nessa perspectiva, quem domina o “padrão médio” da fala tem maior facilidade com a ortografia, pois vê o seu dialeto representado na escrita.

Nesses casos de erro ortográfico por desconhecimento do “padrão médio” é possível notar que esse tipo de problema decorre do fato de que a ortografia das palavras foi pensada em um nível de segmentação fonológica em que se pode associar uma letra a um fonema da língua. Em outras palavras, nessa perspectiva, as relações entre sons e letras (no processo de escrita) e letras e sons (no processo de leitura) é firmada a partir do alfabeto em relação aos fonemas da língua. Essa relação ajuda a mostrar a forma como o filólogo decidiu fixar a grafia das palavras, diz um pouco desse método.

Contudo, na prática, quem estabelece essa relação entre letras e sons não é o alfabeto e a fonologia, é antes a ortografia que opera no nível da palavra. O usuário reconhece, na palavra escrita, a palavra da língua que ele lê a seu modo, e, em função disso, tanto na leitura quanto na escrita ele não precisa se ater às mínimas segmentações sonoras associadas às letras do alfabeto. Somente quem faz transcrição fonética fica pensando permanentemente na relação unívoca entre som e símbolo gráfico.

Gonçalves Viana não percebeu que essa associação de letras e sons se restringe ao artifício da ortografia. Não é necessário que o usuário do sistema esteja consciente dessa associação para operar com a ortografia.

Essa questão fica ainda mais clara quando vemos a ortografia em uso. Em primeiro lugar, qualquer sistema de escrita só tem razão de ser quando há leitura e escrita, pois seu funcionamento parte desses aspectos fundamentais e depende deles para o seu uso extensivo. Nesse contexto, faz-se necessário considerar que a palavra é a unidade essencial dos sistemas de escrita (CAGLIARI, 2004). Na leitura, ela concentra o sentido dos signos que ela representa, com isso, o leitor reconhece a significação das palavras da língua no código escrito. Para escrever a palavra *casa* um usuário não precisa ficar pensando nos sons que a compõem, mas na convenção, senão ele escreveria *casa* com a letra Z.

Além disso, segundo Cagliari, (2004, p.75),

Para o usuário habitual da escrita, as dúvidas ortográficas nunca se resolvem consultando o alfabeto, mas um dicionário ou vocabulário ortográfico. Isso

significa que escrevemos com letras, mas usamos um procedimento que, em parte, é fonográfico (seu caráter alfabético) e, em parte, é ideográfico (seu caráter ortográfico, que congelou o modo de escrever as palavras). [...] somente o sistema ortográfico (e não o alfabeto) permite que todos os usuários da língua possam ler e escrever sem se preocupar com o dialeto de ninguém em particular.

Para os usuários, o que faz com que eles leiam uma palavra não é simplesmente saber quais fonemas estão associados às letras, já que a convenção está acima da realidade fonética e fonológica. Essa convenção se dá no nível da palavra, que associa a palavra escrita à palavra da língua.

1.4.4 A representação dos sons fricativos por Gonçalves Viana

A atual representação dos sons fricativos não é exatamente a mesma que foi proposta por Gonçalves Viana na *Ortografia Nacional (1904)*, como mostra os exemplos no quadro a seguir:

	Grafias propostas por Gonçalves Viana	Representação atual
Valores da letra X	ficso	fixo
	esame	exame
	aussílio	auxílio
Valor da letra Ç	çapato	sapato
Valor da letra -S-	Brazil	Brasil
Valor da letra S-	mezquita	mesquita
Valor da letra Z	alférez	alferes
Valores das letras G e J	Fonolojia	fonologia

Quadro 5 – representação dos sons fricativos proposta por Gonçalves Viana (1904) em comparação com a notação gráfica atual desses sons.

Fonte – autoria própria.

Para o foneticista, a representação dos sons fricativos deveria estar mais voltada para uma representação sônica do que para a etimológica. Porém, essa perspectiva não foi aceita pela Comissão, como comenta Maria Filomena Gonçalves (2003, p.756-757), ela diz:

Em nome da história da língua, [...] a Comissão conservou, pelo contrário, a distinção entre <se, si> e <ce, ci> iniciais, <ç> e <ss> mediais, e <s> e <z> intervocálicos; pelo mesmo motivo, manteve a distinção entre <x> e <ch>. Estes preceitos apoiam-se em explicações de ordem histórica, designadamente o facto de <ce, ci, ç ou -z> serem oriundos de <ci, ti> latinos ou SS arábicos, de <s, ss> derivarem de <s, ss> latinos, de <z> corresponder a <z, ce, ci> latinos ou zz arábicos (p.31). Também a distinção entre <x> e

<ch> se funda na respectiva origem: um correspondendo ao <x> latino ou árabe, o outro decorre da palatalização dos grupos latinos <cl, fl, pl>. Além disso, mantém-se também a distinção entre <g^{e.i}> e <j^{e.i}>.

Deste modo, é possível notar que nem todas as ideias de Gonçalves Viana foram aplicadas no texto oficial da reforma. Na *Ortografia Nacional* (1904), ele pontua cinco itens que foram modificados pela Comissão. Destes cinco, três se referem à representação de sons fricativos.

O foneticista faz comentários a respeito desses assuntos no Vocabulário Ortográfico aprovado para a reforma:

A Comissão nomeada por portaria de 15 de fevereiro deste ano não se conformou no seu parecer com todos os preceitos formulados na Ortografia Nacional a que obedeceu este Vocabulário. Essas divergências, de pequena importância e que pouco ou nada influem no sistema geral da Reforma ortográfica intentada pelo autor, e não diminuem a utilidade do Vocabulário como livro de consulta, são as seguintes, que é necessário ter em consideração, principalmente para a busca de qualquer vocábulo ou forma.

- a) Conservou o *h* inicial etimológico, e portanto é por esta letra, e não pela vogal seguinte, como os vocábulos estão inscritos no Vocabulário, que eles terão de ser ortografados.
- b) Manteve o *x* os seus valores actuais, ao passo que no Vocabulário, como na Ortografia Nacional, êle é substituído por *cs, ss, s*, conforme a sua pronúncia no dialecto literário, e apenas é empregado com o seu valor de inicial, e o de (*e*)*is*, no prefixo *ex*.
- c) Conservou *ge, gi* etimológicos, mesmo no meio das palavras, onde o Vocabulário empregou *je, ji*.
- d) Substituiu por *s* o *z* final etimológico dos vocábulos e nomes próprios em que a sílaba predominante não é a última; ex. *alferes, Rodrigues*, e não *alférez, Rodríguez*, eliminando, portanto, o acento gráfico; mas conserva o *z* quando a sílaba final é predominante, como em *vez, altivez*. Substituiu também por *s* o *z* final da sílaba, como em *mezquita*, que se escreverá *mesquita*.
- e) Substituiu pelo acento circunflexo o agudo, nas vogais nasais; ex. *ânsia, ausência, vergôntea*, ou antes de consoante nasal, como *ânimo*, quando sejam fechadas. Semelhantemente, acentua com o circunflexo, e não com o agudo, como se faz no Vocabulário, o ditongo final *em, ens*, dos polissílabos em que é predominante, como em *armazêm, armazêns, vintêm, vintêns, contêm, contêns*, do verbo *conter*.

A estas pequenas alterações terá portanto de atender quem quiser seguir pontualmente a ortografia oficial, ao utilizar-se do Vocabulário, no qual sempre é acusada a etimologia de cada palavra ou forma, quando dela dependa a sua correcta escrita (VIANA, 1909b: XXXI-XXXII).

Com essas correções da Comissão na proposta original de Gonçalves Viana, a representação dos sons fricativos foi firmada em 1911, ficando inalterada até a atualidade⁵⁸.

Apesar de a *Ortografia Nacional* (1904) não ter sido aproveitada completamente na primeira reforma ortográfica, deve-se considerar que Gonçalves Viana é verdadeiramente digno de respeito e admiração. Não foi à toa que os trabalhos produzidos por ele foram levados em conta nessa primeira reforma e com poucos ajustes.

Algumas das alterações feitas ao trabalho do referido autor para viabilizar a reforma dizem respeito à representação dos sons fricativos. Assim, a Comissão de Reforma regularizou o uso de S em vez de Z intervocálico (*Brasil* e não *Brazil*); Ç inicial (*sapato* e não *çapato*); manteve o S final em oxítonas (*português* e não *portuguêz*); regularizou os valores de X (*fixo* e não *ficsso*; *auxílio* e não *aussílio*, etc.); conservou GE e GI etimológicos, mesmo em meio de palavra (*fonologia* e não *fonolojia*), etc. Com isso, a primeira reforma ortográfica ficou direcionada mais para a tradição do que para uma inovação no sentido sônico.

O foneticista e filólogo teve que equilibrar sua proposta de reforma ortográfica entre os usos tradicionais (etimológicos) e as inovações (sônicas) que pôde fazer. Com essas orientações, Gonçalves Viana acabou permanecendo vinculado a uma tradição que entendia a ortografia como a escrita normativa e correta das palavras, tendo em vista que fixar grafias era a maior preocupação na *Ortografia Nacional* (1904), com o objetivo final de estabelecer uma única norma para toda a nação portuguesa.

Contudo, essa perspectiva poderia ser ampliada considerando o papel da ortografia para os sistemas de escrita, sua natureza, funções e usos. Isso ajudaria muito na compreensão do tipo de relação que a ortografia tem com a fonologia e principalmente do tipo de relação que a ortografia tem com a variação linguística, que sempre tem sido pouco discutida nos trabalhos sobre ortografia. Seria útil ainda para o ensino básico da escrita no processo de alfabetização. E, certamente, seria interessante para as reflexões acerca de futuras reformas ortográficas.

⁵⁸ Em 29 de novembro de 1920 a portaria no. 2533 alterou algumas disposições da reforma de 1911, mas a representação dos sons fricativos foi mantida. Em 1940, a Academia das Ciências de Lisboa publica o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, com base na reforma de 1911, na portaria de 1920 e no acordo de 1931, segundo Ivo Castro (1987).

Notamos que há um fato curioso nas bases desse *Vocabulário* de 1940, que, apesar de manter a representação dos sons fricativos da portaria no. 2533, de 1920, traz a palavra *dança* escrita da seguinte forma: *dansa*, no terceiro parágrafo.

Em 1945 o governo português aprova o Acordo Ortográfico, pelo decreto-lei no. 35 228, sem alterações na representação dos sons fricativos.

1.5 Considerações a respeito desta primeira parte

As fricativas coronais e a sua representação ortográfica chamam a atenção, em primeiro lugar, quanto à diversidade de grafemas representando um mesmo fonema como /s/ em Saber, moÇa, Cebola, máXimo, paSSo, eXSucção, etc. Essa situação se estende a outros grafemas como <x>, <z>, <-s->, etc.

Por isso, a representação da oralidade na escrita dos sons fricativos parece confusa, a princípio. Mas, quando se verifica sua história de modo mais amplo e contextualizado, considerando a formação da ortografia, tem-se aí revelada a causa dessa diversidade e, se ela é, de fato, um problema⁵⁹. Nessa investigação, tornam-se nítidos os constructos mais salientes da ortografia com a fonética, fonologia, etimologia e usos, os quais justificam o porquê de “mesa” ter som de [z], mas ser escrito com <s>, haja vista sua origem latina (*mensa*), consagrada pelo uso, por exemplo.

Além disso, há variadas dificuldades para se estabelecer a ortografia de uma língua, as quais ajudam a criar formas oscilantes para se escrever as palavras, até que o sistema se estabeleça. Por outro lado, segundo Frawley (2003, p.383) “Once established, writing systems are very stable”⁶⁰.

Diante dos problemas enfrentados e das soluções encontradas pelos usuários de um novo sistema de escrita, é possível vislumbrar um pouco a história da ortografia e da sua complexidade que, nesse percurso, passa a carregar formas gráficas velhas e novas, com o princípio cumulativo inerente aos sistemas de escrita.

Por tudo isso, a ortografia apresenta-se de modo heterogêneo, em consequência tem-se essa diversidade gráfica para os sons fricativos, como produto de sua história. Sua fixação unificada firmou-se com a primeira reforma ortográfica, permanecendo estática até a atualidade sob leis que se propõem a reger a ortografia da língua portuguesa.

Os aspectos fonéticos e fonológicos presentes na história da ortografia dos sons fricativos são explorados mais detalhadamente na segunda parte desta dissertação.

⁵⁹ Essa questão é discutida na terceira parte desta dissertação.

⁶⁰ Uma vez estabelecidos, os sistemas de escrita são muito estáveis (FRAWLEY, 2003, p.383, tradução nossa).

PARTE 2

***SONS FRICATIVOS CORONAIIS NA SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA:
DA FONÉTICA À ORTOGRAFIA***

2 Origem dos sons fricativos da língua portuguesa: considerações fonológicas e fonéticas

Justificativa

Objetiva-se mostrar um quadro geral a respeito da origem dos sons fricativos da língua portuguesa baseando-se na Fonética Histórica, que busca, na história interna da língua, as mudanças fonéticas (CAMARA JR., 2004), em trabalhos de autores que investigaram transformações linguísticas do latim ao português e do português arcaico, fase considerada mais antiga da língua portuguesa.

Busca-se, ainda, ilustrar e discutir a descrição da produção desses sons fricativos nas primeiras gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa. Na sequência, são feitas considerações dialetais a respeito de sons fricativos peculiares da Região Norte de Portugal e que tem sido constantemente discutidos na ortografia dos sons fricativos. Tais sons foram coletados em 2008 e 2010 e são apresentados e analisados nesta seção.

Esse estudo histórico que perpassa a fonética e a fonologia dos sons fricativos ajuda na discussão da problemática envolvida na representação ortográfica desses sons, além de mostrar ideias contraditórias entre autores a respeito da origem e descrição de determinados sons fricativos no português europeu.

2.1 Os sons fricativos

Os sons fricativos são classificados como sons consonantais a partir do modo como são produzidos. Segundo Cagliari (2007, p. 36) “um som é fricativo quando ocorre um estreitamento entre dois articuladores de tal modo que o ar passando por ele produz fricção. Um estreitamento desse tipo pode ocorrer em qualquer lugar do aparelho fonador, da glote até os lábios”.

Para exemplificar, a figura que segue ilustra a articulação de uma fricativa alveolar [s], em que a língua aproxima-se dos alvéolos:

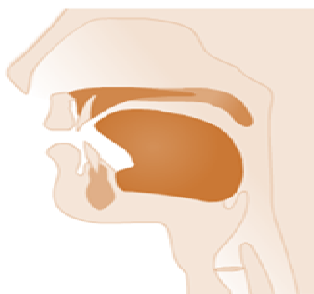


Figura 1 - Exemplo da maneira de articulação de uma fricativa alveolar [s].
Fonte - elaboração própria.

2.1.1 O som fricativo coronal

Uma fricativa coronal é produzida a partir do movimento da coroa da língua, ou seja, a região que compreende a ponta e lâmina da língua (Ladefoged, 2006).

Segundo Johnson (1999, p.96), “The sounds [t], [d], [s], [z], [θ], [ð], [ʃ], [ʒ], [tʃ] and [dʒ], among others, are defined as coronal, since they all involve a gesture of the tongue blade”⁶¹.

⁶¹ Os sons [t], [d], [s], [z], [θ], [ð], [ʃ], [ʒ], [tʃ] e [dʒ], entre outros, são definidos como coronais, já que todos envolvem um movimento da lâmina da língua (JOHNSON, 1999, p.96, tradução nossa).

A figura que segue destaca a região coronal,

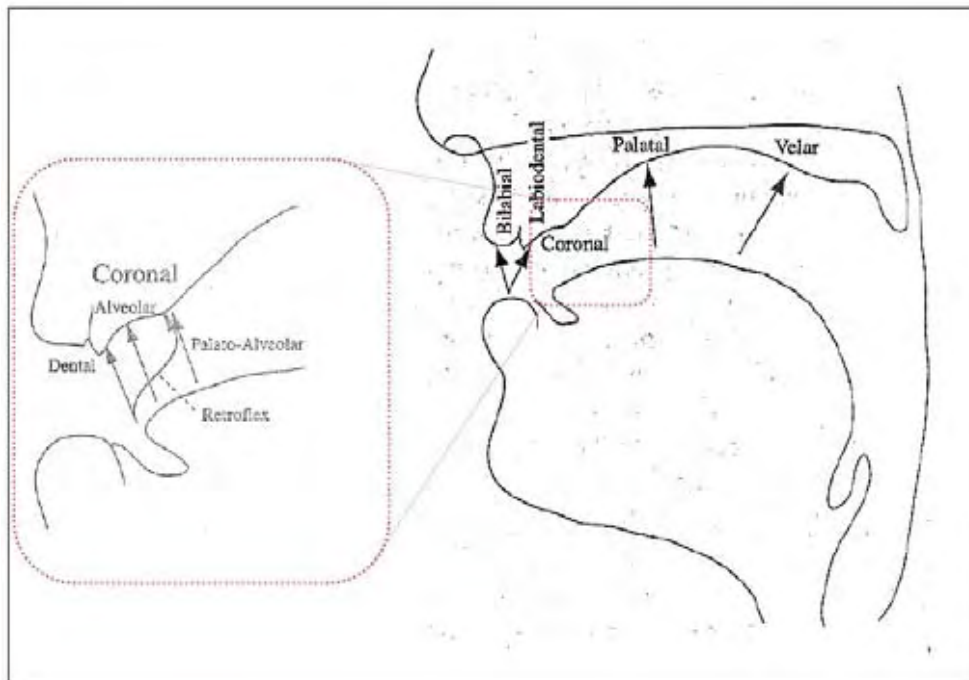


Figura 2: Localização da região coronal.
Fonte - adaptado de Ladefoged (2006, p.87).

2.2 Do latim ao português europeu: origem do som fricativo

Atualmente, do ponto de vista fonético, os sons fricativos, em geral, apresentam realizações muito diversificadas, que parecem mais evidentes quando comparadas com outras possibilidades articatórias. Na tabela do IPA⁶² - International Phonetic Alphabet, observando o eixo horizontal (que representa o modo de articulação) somente as consoantes fricativas completam a tabela. Também, no eixo vertical (que representa o lugar de articulação), somente a região coronal completa a tabela do IPA.

⁶² O IPA retrata todas as possibilidades articatórias de todas as línguas e é o alfabeto fonético mais utilizado atualmente.

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 2005)

CONSONANTS (PULMONIC)

© 2005 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			ʀ					ʀ		
Tap or Flap		ⱱ		ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulations judged impossible.

Quadro 6: Alfabeto Fonético Internacional.
Fonte: International Phonetic Alphabet... (2005).

Mais adiante, é possível notar que as realizações fonéticas do português europeu para os sons fricativos vão ao encontro dessa grande diversidade, sendo sons muito produtivos no seu desenvolvimento histórico e na atualidade.

No estudo da história da língua portuguesa, essa diversidade fonética tem sido correlacionada à expressão escrita (e vice-versa), a fim de observar a possível ocorrência de mudanças linguísticas, as quais podem ser depreendidas a partir da escrita flutuante representativa desses sons. Por isso, as realizações fricativas e sua expressão gráfica têm despertado a atenção para a sua investigação e descrição desde os primeiros gramáticos e ortógrafos do vernáculo português, passando pela Fonética Histórica e por trabalhos mais recentes no campo da dialetologia, do estudo metaortográfico, etc.

Do ponto de vista fonológico, o português (atual) apresenta os seguintes segmentos fricativos de natureza consonântica: /f v s z ʃ ʒ/.⁶³ Além desses segmentos, há ainda outros tipos de realizações encontradas em dialetos⁶⁴.

Essa diversidade entre sons fricativos na língua portuguesa resulta, fundamentalmente, de transformações fonéticas e fonológicas ocorridas do latim ao português; elas são abordadas, sucintamente, na presente seção.

⁶³ As realizações fonéticas com sons do tipo [x, ɣ, h, ɹ, ɻ] representam alofones do fonema vibrante. Embora sejam fricativas não são objeto de estudo do presente trabalho. Do ponto de vista da escrita da língua portuguesa, sempre ficaram vinculadas à letra R.

⁶⁴ Segundo Lindley Cintra (1973), atualmente, em Portugal, há um sistema de sete fricativas: [ʃ] çaça, [z] azar, [s] sabe, assa, [ʒ] asa, [ʂ] xaile, [tʃ] chave, [ʒ] haja.

Para a formação das consoantes na língua portuguesa, ocorreu um processo geral “evolutivo”, a partir do qual preponderaram as tendências à lenização⁶⁵ articulatória e, sobretudo, à palatalização, ou seja, “à utilização do médio-palato como zona articulatória complementar em conexão com o meio da língua” (Câmara Jr. 1979, p.50).

Nesse contexto, o sistema consonantal do latim pode ser visto no Quadro 7 e os novos fonemas constritivos⁶⁶ ou fricativos surgidos por meio da “evolução” do latim ao português podem ser visualizados no Quadro 8 a seguir,

Ponto de articulação / Modo De articulação		Labial		Anterior		Posterior	
		Simplex	Geminada	Simplex	Geminada	Simplex	Geminada
Oclusiva	Surda	p	-pp-	t	-tt-	k	k
	Sonora	b	-bb-	d	-dd-	g	g
Constritiva ou Fricativa	Surda	f	-ff-	s	-ss-	-	-
	Sonora	-	-	-	-	-	-
Nasais Laterais Vibrantes		m	-mm-	n	-nn-	-	-
		-	-	l	-ll-	-	-
		-	-	r	-rr-	-	-

Quadro 7 - Sistema Latino “Clássico”.

Fonte - adaptado de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2006, p.74).

Ponto de articulação / Modo De articulação	Labial		Anterior		Posterior	
	Surda	Sonora	Surda	Sonora	Surda	Sonora
Constritiva ou Fricativa	/f/	/v/	/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/

Quadro 8 - Fonemas constritivos da língua portuguesa provenientes da transformação do latim.

Fonte - adaptado de Câmara Jr. (1979, p.50).

⁶⁵ De acordo com o *Dicionário de Linguística e Gramática* de Mattoso Câmara Jr. (2004, p.156) a LENIZAÇÃO é mudança lingüística que consiste na passagem de um fonema de articulação forte para outro de articulação fraca, dentro do sistema fonológico da língua. Assim, a passagem de uma oclusiva para constritiva, como no romance lusitânico /b/ intervocálico para /v/ (ex.: faba > fava) é uma lenização [...]. Também se usa o termo sinônimo ABRANDAMENTO.

⁶⁶ De acordo com Câmara Jr (1979, p.48), uma consoante constritiva é produzida “com uma compressão da corrente de ar, em vez da sua interrupção”. Para o mesmo autor a constritiva /s/ também é chamada de “sibilante”. Conforme o *Dicionário de Linguística e Fonética* de David Crystal, essa constritiva é definida da seguinte maneira: **Sibilante** - [...] Refere-se a uma FRICATIVA produzida por um OBSTÁCULO estreito, em forma de SULCO, entre a PONTA da LINGUA e a parte posterior do alvéolo. Estes sons, como [s] e [ʃ], têm uma característica sibilante de alta frequência. Os sons que não têm estes traços são chamados de “não-sibilantes”. Ladefoged 1982: Caps. 7,11. (CRYSTAL, 2000, p. 236)

No mesmo dicionário e termo “constritiva” é definido como “som feito quando dois órgãos se aproximam tanto que o ar passando entre eles produz uma FRICÇÃO audível. Não há um FECHAMENTO completo entre os órgãos, mas um estreitamento. São exemplos de constritivas os FONEMAS SONOROS [v] (*vão*) e [z] (*zoo*) e os surdos [ʃ] (*chave*) e [f] (*foi*), entre outros. Um nome alternativo para as constritivas é FRICATIVA. Gimson 1980: Caps. 4, 8; Catford 1977: Cap. 7.” (CRYSTAL, 2000, p. 63).

Tanto nas tabelas anteriores quanto em outras subsequentes há os termos “fricativa”, “constritiva” e “sibilante” que são consideradas equivalentes quanto ao modo de articulação no presente trabalho a partir de literatura consultada. Esses sons configuram-se essencialmente pelo estreitamento entre dois articuladores.

Poder-se-ia focalizar apenas um dos três termos como única possibilidade de descrição das transformações históricas a fim de facilitar a apreensão dos fenômenos analisados. Contudo, isso não foi feito porque se buscou manter a notação fonética original da literatura utilizada, preservando uma tradição.

De acordo com Câmara Jr. (1979), as constritivas latinas se “enriqueceram” e passaram a formar pares de sons surdos e sonoros, apresentando as anteriores alveolares: /s/-/z/, que são realizadas com a “coarticulação da zona anterior da língua, abaixada para a arcada dental inferior, com os alvéolos da arcada dentária superior”⁶⁷ (Câmara Jr., 1979, p. 49), como mostra a Ilustração 1:

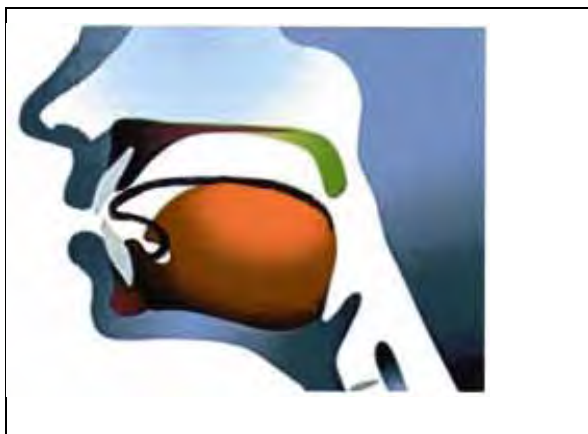


Ilustração 1 - A linha preta indica a posição da língua quando as constritivas anteriores /s/ e /z/ são articuladas.
Fonte - autoria própria.

Há ainda as constritivas posteriores (/ʃ/-/ʒ/), que correspondem a consoantes “articuladas no médio-palato pela zona média da língua, enquanto a ponta avança para os dentes superiores” (Câmara Jr., 1979, p. 49), como mostra a Ilustração a seguir:

⁶⁷ Segundo o mesmo autor “tudo indica que era esta também a articulação da sibilante latina” (Câmara Jr., 1979, p. 49).

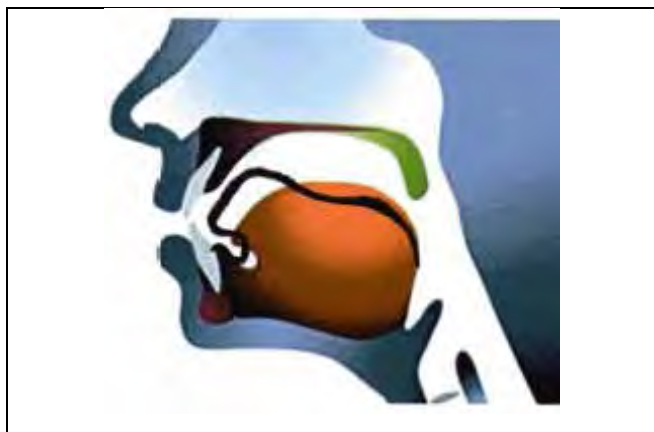


Ilustração 2 - A linha preta indica a posição da língua quando as posteriores /ʃ/ e /ʒ/ são articuladas.
Fonte – autoria própria.

No sistema consonantal latino só havia constrictivas surdas, mas, no sistema consonantal português, passam a existir as correspondentes sonoras: rosa /rosa/ > rosa /roza/, ajudando a tornar o sistema consonantal mais “equilibrado” (Câmara Jr., 1979).

Assim, fenômenos fônicos como as palatalizações e as lenizações ajudaram na reorganização do quadro consonantal latino, gerando o sistema consonantal do português. Neste contexto, com a lenização ou abrandamento, ocorreram a simplificação das geminadas (bucca > boca, officina > oficina), a sonorização das surdas (lupum > lobo, lacum > lago) e o aparecimento das homorgânicas sonoras, como em /dz/, *cinza* [sĩndzɐ]⁶⁸.

Em relação às palatalizações, Mattos e Silva (2006, p.76) diz,

As palatalizações românicas (não só as portuguesas) resultam de complexas mudanças fonéticas, na maioria dos casos, condicionadas pelo contexto fônico: presença de vogal ou semivogal palatal /i,e/, seguindo consoantes oclusivas. Note-se que se designa pelo termo geral de palatalização fenômenos que tenham como característica fonética a posteriorização em direção ao palato de uma articulação anterior, dental, ou a anteriorização em direção ao palato de uma realização posterior, velar⁶⁹.

⁶⁸ Exemplo extraído de Edwin B. Williams, 1994, p.84.

⁶⁹ Esse mesmo fenômeno é comentado por Hock (1987, apud CASTRO, 1991, p.110-111), que diz que as consoantes que, em latim vulgar, vão transformar-se em palatais são também consoantes “linguais”, articuladas com o corpo da língua. Neste sentido, as seguintes consoantes podem ser definidas, a partir de uma alteração na propriedade distintiva [-alt] na matriz fonológica, porque o segmento sofreu uma elevação do corpo da língua:

$$\begin{bmatrix} t \\ d \\ l \\ n \end{bmatrix} > \begin{bmatrix} tʃ \\ dʒ \\ ʎ \\ ɲ \end{bmatrix} / -[j]$$

Por outro lado, segundo esse autor, as consoantes que eram articuladas com a língua em posição recuada adiantaram o ponto de articulação tornando-se [-rec]:

Com esses fenômenos, identifica-se que o trecho anterior da cavidade bucal passa a ser melhor explorado, fator que ajuda na inserção de consoantes anteriores que serão contrastivas no sistema fonológico das línguas românicas⁷⁰.

Com base na obra *Do latim ao português*, de Williams (1994, p.70-121), seguem informações mais detalhadas e organizadas em quadros quanto ao percurso das transformações fonéticas de sons fricativos do latim ao português.

Assim, a origem das fricativas alveolares surda e sonora [s, z] provêm das seguintes sequências apresentadas no Quadro que segue:

Sons fricativos do PE	Percurso de transformações fonéticas de sons fricativos: do Latim ao Português Moderno.	Exemplos de cada item
[s]	1. C inicial do latim seguido de E ou I (lat.vulg. [ts])	1. centum > cento; ciuitatem > cidade;
	2. C inicial do latim precedido de consoante e seguido de E ou I.	2. mancipium > mancebo;
	3. Do latim C + $\dot{\text{i}}$ ⁷¹ precedido de vogal ou de consoante	3. facio > faço; lanceare > lançar;
	4. Do latim T + $\dot{\text{i}}$ precedido de consoante.	4. fortiam (Du Cange) > fôrça;
	5. Do latim S inicial.	5. sal > sal;
	6. Do latim SS intervocálico.	6. ossum > osso;
	7. Do latim RS medial.	7. persicum > pêssego;
	8. Do latim PS medial.	8. gypsum > gesso;
	9. Do latim X seguido de consoante.	9. expertum > esperto;
	10. Do latim X medial.	10. dixit > disse; traxuit > trouxe.
[z]	1. Do latim C precedido de vogal e seguido de E ou I.	1. dices > dizes;

$$\begin{bmatrix} \text{k} \\ \text{g} \end{bmatrix} > \begin{bmatrix} \text{tʃ} \\ \text{dʒ} \end{bmatrix} / -\text{ij}$$

⁷⁰ No latim vulgar, também identifica-se a ocorrência de transformações fonológicas como a fonologização do traço de palatalidade, ou seja, os fonemas /s/, /k/, /g/, /l/, /n/ seguidos de vogal anterior ou de “i” semivogal geraram uma pronúncia palatalizada. Esse fenômeno fez com que esses sons palatalizados passassem a se opor a outros fonemas da língua como em: *assar-achar, sono-sonho, mala-malha*, etc, ocasionando a distinção de palavras com sentidos diferentes. Outro exemplo trata da transfonologização, que é a transferência do traço de sonoridade, criando novos fonemas na língua. Por exemplo, a oposição de sonoridade de pares de sons semelhantes, que já havia no latim, como em /p/-/b/, /c/-/g/, /t/-/d/, foi estendida para pares de sons do tipo /s/-/z/, /f/-/v/ para o português e para outras línguas românicas. (ILARI, 1992).

⁷¹ O “ $\dot{\text{i}}$ ” é o mesmo que “j”.

	2. Do latim S intervocálico.	2. causam > coisa;
	3. Do latim T + j precedido de vogal.	3. uitium > vêzo;
	4. Do latim X intervocálico no prefixo ex-.	4. examem > exame;
	5. Do Z grego (ζ) inicial.	5. zephyrum > zéfiro.

Quadro 9 - percurso de transformações fonéticas do latim ao português de sons fricativos.

Fonte - Adaptado de Williams (2004).

Também foram resultantes da reorganização do sistema consonantal do latim ao português as africadas sibilantes [ts], [dz], as africadas palatais [tʃ], [dʒ], ambas as africadas são identificadas já no século XIII, bem como as palatais [ʃ, ʒ, ɲ, ʎ], conforme apresentam os estudiosos que seguem.

Neste sentido, Williams (1994) mostra a presença de determinadas fricativas e africadas, a partir do percurso de transformações fônicas desses sons. Por exemplo, o C intervocálico do latim clássico seguido de E ou I (latim vulgar [ts]) resultando, em português, no som “z”: *dīcis* > *dizes*; *placēre* > *prazer*; *uīces* > *vezes* (WILLIAMS, 1994, p.78). O mesmo autor acrescenta que esse som passou pelas seguintes modificações: [ts] > [dz] > [z] (WILLIAMS, 1994, p.78).

Ele considera que a fricativa palatal surda [ʃ] surgiu em desenvolvimentos do tipo de PL para CH (palatalização), como em *plāgam* > *chaga*, *plēnum* > *cheio*. Esse desenvolvimento ocorreu da seguinte forma: “pl > pll (alongamento de l) > [pʎ] (donde o castelhano [ʎ]) > pʎ > ptch > tch > ch” (WILLIAMS, 1994, p.75).

O autor citado anteriormente revela ainda que o som [ʒ] e a africada palatal sonora [dʒ] resultam de: “g inicial de sílaba do latim clássico seguido de e ou i (lat.vulg. [j]) > port. g [ʒ]: *genūcūlum* > *geolho* > *joelho*; *gñgūam* > *gengiva*; *gññerum* > *genro*; *gentem* > *gente*. E ainda o som [g] passou pelas seguintes modificações: [g] > [gj] > [j] > [dʒ] > [ʒ]” (WILLIAMS, 1994, p.72).

Williams (1994, p.80) acrescenta que “em português arcaico e em certos dialetos do Norte de Portugal, o “s” intervocálico se tornou [ʒ]. Essa modificação se encontra em espanhol. Devia-se tal fato à estreita similaridade entre z [ẓ] cacuminal⁷² dialetal e [ʒ]”.

Quanto à [ʃ] e [ʒ] segue o Quadro, de acordo com Williams (1994, p.70-121):

⁷² Uma consoante cacuminal é aquela produzida com a língua em posição reversa para formar aproximação com o cacúmeme ou ponto culminante da abóbada palatina.

Sons fricativos do PE	Percurso de transformações fonéticas de sons fricativos: do Latim ao Português Moderno.	Exemplos de cada item
[ʃ]	1. Do latim SC precedido de vogal e seguido de E ou I.	1. piscem > peixe;
	2. Do latim SS + \dot{i} e SC+ \dot{i}	2. bassium > baixo; fasciam > faixa;
	3. Do latim CL, FL, e PL iniciais.	3. clauem > chave; flammam > chama; plagam > chaga;
	4. Do latim X medial.	4. fraxinum > freixo;
	5. Fr. CH: fr.	5. Chapeau > chapéu; fr. Chef > chefe;
	6. Do latim S seguido de consoante surda.	6. uestire > vestir;
	7. Do latim S final e lat. S ou C intervocálico seguido de E ou I finais.	7. duos > dois; mensem > mês; uicem > vez; feci > fiz.
[ʒ]	1. Do latim G inicial seguido de E ou I.	1. gentem > gente;
	2. Do latim G precedido de consoante e seguido de E ou I.	2. longe > longe;
	3. Do latim G precedido de vogal e seguido de E ou I.	3. uigilare > vigiar;
	4. Do latim I consonântico inicial.	4. ianuarium > janeiro;
	5. Do latim I consonântico intervocálico.	5. cuium > cujo;
	6. Do latim D inicial + \dot{i}	6. diaria > geira;
	7. Do latim medial + \dot{i}	7. hodie > hoje;
	8. Fr. J	8. fr. jardin > jardim; fr. forge > forja;
	9. Do latim S seguido de consoante sonora.	9. eleemosynam > esmola.

Quadro 10 - percurso de transformações fonéticas do latim ao português de sons fricativos.
Fonte - adaptado de Williams (1994).

A partir dos exemplos das transformações fonéticas e fonológicas dos sons fricativos mostrados anteriormente pode-se notar que as mudanças fônicas relativas aos sons fricativos provêm, sobretudo, de transformações do latim, tendo sido iniciadas já nos primeiros séculos do latim imperial.

Neste contexto, Teyssier (1982, p. 9) diz, “já vêm do latim imperial as anteriorizações das velares e a posteriorização das dentais seguidas de /i/ e /e/ que resultarão nas africadas /ts, dz, dʒ/, depois /s, z, ʒ/ tanto no início como no interior de palavra.”

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 80):

Sobre a sonorização das surdas intervocálicas informa-se que teria começado desde a época imperial no latim ibérico [...]. Esse processo de lenização possivelmente percorreu camadas do léxico ao longo dos séculos e não atuou simultaneamente nos diversos espaços linguísticos da hispanorromânia.

As modificações de sons fricativos do Latim ao Português continuaram a transformar-se e, a partir disso, novas realizações fônicas são identificadas para o Galego-Português.

Neste sentido, a respeito do momento inicial do Galego-português, Clarinda de Azevedo Maia (1986, p.438) diz:

Disponha o sistema consonântico galego-português, na sua fase mais antiga, de duas africadas pré-dorso-alveolares, surda e sonora, /ʃ/ e /ʒ/ e de duas fricativas ápico-alveolares, /s/ e /z/. Desde cedo as africadas pré-dorso-alveolares se transformaram, por perda do momento oclusivo inicial, em fricativas pré-dorso-alveolares, surda e sonora. Daí resultou uma etapa intermediária, comum a todo domínio lingüístico iberorromânico, com dois pares de sibilantes fricativas: um de pré-dorsais (/s/ e /z/) e outro de apicais (/ʃ/ e /ʒ/).

Na primeira fase do português arcaico, muitos autores — Cintra (1963), Teyssier (1982), Maia (1986), Mattos e Silva (2006) — identificam a possibilidade da existência de: africadas alveolares surda e sonora /ts/ e /dz/; africadas palatais surda e sonora /tʃ/ e /dʒ/; fricativas alveolares surda e sonora /s/ e /z/; e palatais surda e sonora /ʃ/ e /ʒ/. Todas essas realizações foram esquematizadas no Quadro 11, que segue:

	Alveolares		Palatais	
	surda	Sonora	surda	sonora
Africada	ts? (paço)	dz? (cozer)	tʃ (ancho)	dʒ? (anjo)
constritiva	s (passo)	z (coser)	ʃ (roxo)	ʒ (beijo)

Quadro 11- Fricativas existentes no português arcaico segundo C. Maia (1986) e Teyssier (1982). O ponto de interrogação nas duas africadas alveolares sinaliza a dúvida quanto à existência delas.

Fonte - adaptado de C. Maia (1986) e Teyssier (1982).

Entretanto, em relação à africada sonora /dz/, Maia (1986) diz ser difícil afirmar que ela realmente teria existido na primeira fase do período arcaico, sendo que, na segunda fase, certamente ela não ocorre.

A respeito da africada /dʒ/, Maria Helena Mira Mateus diz: “à africada /dʒ/, não há sequer prova de que tenha chegado a funcionar como tal no galego-português” (MATEUS, 1984, p. 302).

Entretanto, Teyssier (1997) afirma que as africadas /ts/, /dz/ e /dʒ/⁷³, em galego-português medieval eram representadas, respectivamente, pelas letras *c*, *z* e *j*, como nas palavras: *pretium* > *preço*; *pretiare* > *prezar*; *hodie* > *hoje*, indicando que havia, de fato, a africada /dʒ/. Ele diz:

Este fonema [/(d)ʒ/] foi inicialmente a africada /dʒ/ [dʒ], mas perdeu, num determinado momento, o seu elemento oclusivo inicial, e passou a /ʒ/ [ʒ]. Torna-se difícil saber se tal evolução ocorreu durante o período que estamos estudando [o galego-português] ou depois dele (Teyssier, 1997, p.33).

O mesmo autor também defende a ideia de que havia o seguinte sistema de quatro sibilantes na primeira fase do português arcaico:

O galego-português medieval possuía, como vimos, os quatro fonemas /ts/ (ex.:cem), /s/ (ex.: sem), /dz/ (coser) e /z/ (ex.: coser). Por volta de 1500, as duas africadas /ts/ e /dz/ tinham perdido o seu elemento oclusivo inicial, mas a oposição entre os dois pares de fonemas continuava a manter-se, porque seu ponto de articulação não era o mesmo (TEYSSIER, 1982, p. 49).

O ponto de articulação mencionado por Teyssier, segundo Mattos e Silva (2006, p. 88), “é descrito pelos historiadores da língua como predorsodental para as resultantes das africadas /ts/ → /s̺/ e /dz/ → /z̺/ e ápico-alveolar para as outras duas /s̺/ e /z̺/”.

Teyssier (2006, p.89) sistematiza essa questão no Quadro 12:

	Predorsodentais	Ápico- alveolares
su	Cem /ts → s̺/	Sem /s̺/
so	paço cozer /dz/ → /z̺/	passo coser /z̺/

Quadro 12 - Apresentação das oposições entre sons fricativos prédorsodentais e ápico-alveolares.

Fonte - Teyssier (2006, p.89).

As ilustrações seguintes buscam demonstrar, do ponto de vista articulatorio, como seria esse sistema apresentado no Quadro anterior.

⁷³ O som [dʒ], que é uma africada palatal sonora é representada da seguinte forma: [dʒ], pelo IPA - Associação Internacional de Fonética.

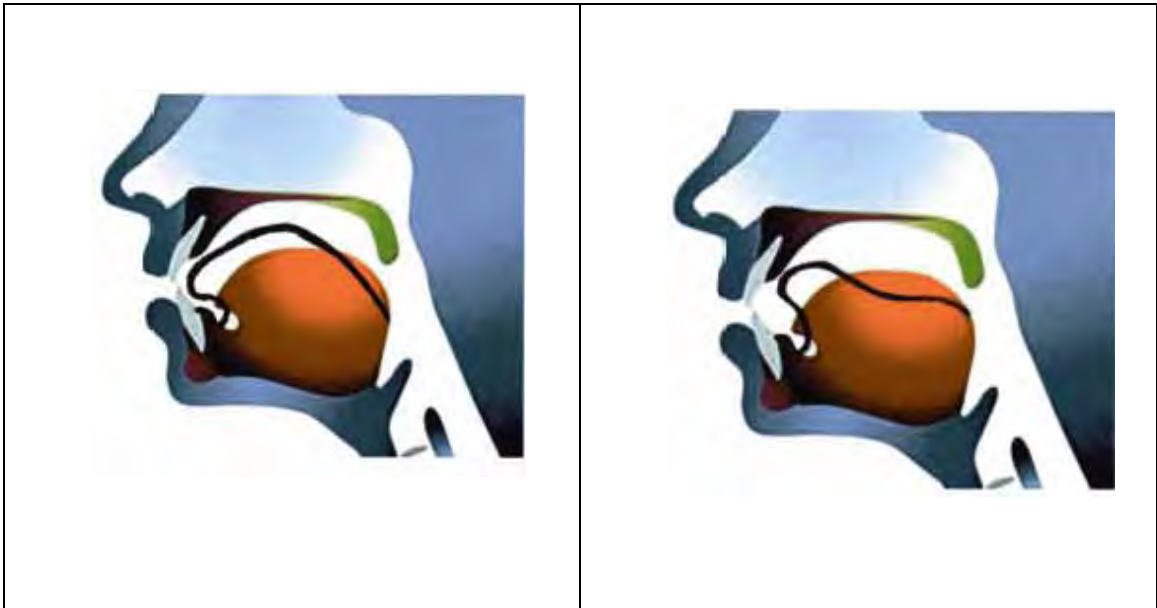


Ilustração 3 - Nas duas ilustrações, a linha preta indica a posição da língua quando são articuladas as ápico-alveolares: /s/ e /z/, à direita, e as predorsodentais: /ʃ/ e /ʒ/, à esquerda.
Fonte - autoria própria.

Há ainda outro problema relacionado à datação da perda do elemento oclusivo em /ts/ e /dz/. Nesse sentido, Mattos e Silva (2006, p.89) diz “A grafia da documentação não dá indícios seguros para acompanhar a perda das africadas sibilantes, mas permite, com segurança, demonstrar que havia quatro fonemas sibilantes no período arcaico”. Essa constatação fundamenta-se, sobretudo, a partir da análise minuciosa de documentos da Galiza e do norte de Portugal (dos séculos XIII ao XVI), realizada por Clarinda de Azevedo Maia (1986).

Neste contexto, Maria Helena Mira Mateus (1984, p.302) diz “A perda do elemento oclusivo em /ts/ e /dz/ deu-se cedo, em época difícil de determinar com exatidão por falta de provas”.

O quadro consonantal para as africadas e fricativas no final do período arcaico é o seguinte:

		Alveolares		
		pré-dorsodentais	ápico-alveolares	Palatais
Africada	surda			/tʃ/
	sonora			
Fricativa	surda	/s̺/	/s̺/	/ʃ/
	sonora	/z̺/	/z̺/	/ʒ/

Quadro 13 - consoantes africadas e fricativas no final do período arcaico.
Fonte - Mattos e Silva (2006, p.91).

Um dado interessante refere-se ao fato de o sistema arcaico de quatro sibilantes ter se mantido em dialetos atuais do norte e nordeste de Portugal e que são ilustrados a seguir. Neste sentido, Mattos e Silva (2006, p.90) diz, “esse dado dialetal contemporâneo é um argumento significativo para a história do passado porque, aí, a sincronia atual reflete estágios diacrônicos conviventes hoje: a variação diatópica atual espelha a mudança diacrônica”.

O sistema de quatro sibilantes, contudo, não é identificado no centro-sul de Portugal e na Galiza no século XIII até o findar do século XVI. Essas afirmativas provêm da identificação de confusões gráficas em documentos relativos a esse período avaliados por Maia (1986).

Entretanto, há diferentes resultados para a datação das variações na escrita desses sons, pois, para Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1911-1912) e Leite de Vasconcelos (s.d.), há uma distinção “absoluta e rigorosa” na pronúncia e na grafia, durante a época trovadoresca, que se estende do último quarto do século XII, no reinado de Sancho I, até 1350.

Para Clarinda de Azevedo Maia (1986), as confusões gráficas são notadas desde o século XIII no centro-sul de Portugal e na Galiza, mas não aparecem em documentos do norte português. Aparecem exemplos de confusões gráficas entre Ç ou C^{e.i} e S- ou -SS-. Para esta mesma autora haverá maior estabilidade gráfica nos grafemas <c> ou <ç> a partir do século XIV.

2.3 Descrição da realização de sons fricativos nas primeiras gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa

Buscou-se extrair a descrição e a representação ortográfica de sons fricativos das seguintes gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa: *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira, *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha* (1540) de João de Barros, *Regras que ensinam a maneira de escrever orthographia da lingua portuguesa, com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma língua* (1574) de Pêro de Magalhães de Gândavo, *Orthographia da lingoa portuguesa. Origem da Língua Portuguesa* (1576) de Duarte Nunes de Leão, *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa* (1631) de Álvaro Ferreira de Vera, *Regras gerays, e comprehensivas da melhor orthografia com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina & Portugueza* (1666) de Bento Pereira, *Ortografia da lingua portuguesa* (1671) de João Franco Barreto, *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza* (1734) de João de Morais Madureira Feijó, *Othographia da Lingua Portuguesa* (1736) do autor Luis Caetano de Lima, *Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à República, e à Igreja: proporcionado Ao estilo, e necessidade de Portugal, Exposto Em várias cartas, escritas pólo R. P. Barbardinho da Congregasam de Itália, ao R. P. Doutor da Universidade de Coimbra* (1746) (Livro II) do autor Luis A. Verney, *Arte da grammatica da Lingua Portugueza* (1770) do autor Antônio José dos Reis Lobato e a *Grammatica Philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem* (1822) de Jerônimo Soares Barbosa.

A partir dessas obras, objetivou-se, inicialmente, coletar apenas as descrições referentes às fricativas coronais, entretanto, muitos autores, em suas explicações, fazem comparações de sons fricativos coronais com sons fricativos palatais, enriquecendo em detalhes ambas as descrições, que, por essa razão, foram incluídas. A partir disso, foi feita uma tabela para cada autor destacando grafemas e suas respectivas descrições. Essas tabelas podem ser consultadas no APÊNDICE 1. Depois, reduziu-se o total de todas as tabelas em uma menor, denominada tabela-síntese, pois ela ilustra, no corpo do texto, a discussão subsequente.

Com a coleta desses dados foi possível ainda ter pistas de realizações acústicas de sons fricativos dos séculos: XVI, XVII e XVIII e notar também a forma como esses sons foram descritos nesses séculos nas referidas obras prescritivas.

DESCRIÇÃO ARTICULATORIA/FONÉTICA DOS GRAFEMAS:

	<C>	<C ^{ant} >	<Z>	<S>	<X>	<CH>	<SS>	<C>
ORTÓGRAFO:	predorsal [θ]	[k]	predorsal [ð]	apical [ɛ]	[ʃ]		apical [ɛ]	
Fernão de Oliveira (1536)	Juntando Ç a A, E, I, O, U as sílabas "ficam ceceadas da maneira dos ciganos"		"Z não tem tanto mudança nem mudança em servir seu ofício"		"X não tem tanto trabalho nem mudança em servir seu ofício"		tem toda uma "diçam"	
João de Barros (1540)		[k]	[dz]	[s]			SS, "tem mais semelhança de c, que de z, assi como remissão, profissão"	
Pêro de Mafalhões de Gândavo (1574)		[k]		[s]	[ʃ]		[s]	Soa como "uma espécie de z"
Duarte Nunes de Leão (1606)	Soa como "uma espécie de z"	[k]	"Soa entre s e ç"	[s]	[ʃ]		[s]	Soa como "uma espécie de z"
Álvaro Ferreira de Vera (1631)	Pronuncia-se "tocando brandamente com a lingua no ceo da bocca, e alto dos dentes"	[k]	Z se pronuncia "com a ponta da lingua, com mais força que, s, e menos que ç [...]"	"pronunciado a modo de ç", "é mais assobio que letra", "S se pronuncia com a lingua remissa, sem força"			"pronunciado a modo de ç", "é mais assobio que letra"	tem a pronúncia do ç
Bento Pereira (1666)	tem a mesma "toada" que SS	[k]		tem quase a mesma "toada" que C ^{ant}	[ʃ]		[s]	tem quase a mesma "toada" que Ç
João Franco Barreto (1671)	[s]	[k]	"formase encostando a ponta da lingua ao pádar no confim dos dentes cõ mayns força, que o s, e cõ me nos que o c"	[s]	[ʃ]		[s]	[s]
João de Moraes Madureira Feijó (1734)	"ç pronuncia com a extremidade anterior da lingua tocando os dentes quase fechados, em quanto sabe o seu som, que he suavemente brando" [...] "Ç é diverso de S"	[k]	"O Z pronunciasse com a parte anterior da lingua menos junta aos dentes, que na pronunçiaçõ do c, dando algum espaço para sair o som com mais força, e hum certo zumido"	"Se pronuncia com a ponta da lingua applicada moderadamente ao paladar, junto aos dentes de cima, de maneira que sabe um som como assoabiando, ou como sibilo"	[ʃ]		"Se pronuncia com a ponta da lingua applicada moderadamente ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, em quanto sabe um som quase assoabiando do meyo da bocca."	"Pronunciasse com a extremidade anterior da lingua tocando os dentes quase fechados, em quanto sabe o seu som, que he brando, e suave; como se percebe nestas palavras Cêa, Cear, Cinco, Cima."

<p>Luis Caetano de Lima (1746)</p>	<p>Ç "tem força de dous SS" e S "visto terem estas letras muitas vezes a mesma força"</p>		<p>"Há muita dificuldade em averiguar, quando se deve escrever S, ou Z entre duas vogais, pois que a pronúncia he a mesma".</p>	<p>Ç "tem força de dous SS" e S "visto terem estas letras muitas vezes a mesma força"</p> <p>O S "pronuncia-se com tanta força, como se fora C, ou dous SS".</p>	<p>[ʃ]</p>	<p>[ʃ]</p>	<p>Ç "tem força de dous SS" e S "visto terem estas letras muitas vezes a mesma força"</p>	<p>[s] Entre "S" e C^{si} não há "nenhuma diferença na pronúncia"</p>
<p>Luis António Verney (1746)</p>	<p>[s] o Ç "pronuncia-se como s"</p>		<p>A pronúncia do z é "asperíssima"</p>	<p>[s] Entre "S" e C^{si} não há "nenhuma diferença na pronúncia". O s Portugal, que namé final, é um verdadeiro sibilo ou letra sibilante". "S, e C, antes de e, i, pronunciam-se da mesma sorte"</p>	<p>Entre X e CH não há "diferença" na pronúncia, mas os beirenses (da Região Norte de Portugal), na pronúncia de x, "batem mais o dito C, encostando-se à pronúncia Romana do -c".</p>	<p>Entre X e CH não há "diferença" na pronúncia, mas os beirenses (da Região Norte de Portugal), na pronúncia de x, "batem mais o dito C, encostando-se à pronúncia Romana do -c".</p>		<p>[s] Entre "S" e C^{si} não há "nenhuma diferença na pronúncia"</p>
<p>António José dos Reis Lobato (1770) Jeronymo Soares Barboza (1822)</p>	<p>[s]</p>	<p>[k]</p>	<p>O z se faz com "mais esforço" do que com s</p>	<p>[Z, S e X] "fazem um som claro, e se pronúncia, com o som da vogal antes, e depois de si"</p>	<p>[Z, S e X] "fazem um som claro, e se pronúncia, com o som da vogal antes, e depois de si"</p>	<p>[ʃ]</p>	<p>[s]</p>	<p>[s]</p>

A princípio, para preencher a tabela-síntese buscou-se apenas inserir os símbolos fonéticos que revelam as realizações acústicas de cada grafema descrito nas obras. Tal tarefa, no entanto, apresenta dificuldades de interpretação, uma vez que algumas descrições são muito sucintas ou dialogam com o leitor da época, possuidor da referência linguística daquele período em que a gramática ou a ortografia era usual. Além disso, naquele momento havia vocábulos específicos para as descrições fonéticas e fonológicas.

Em vista da dificuldade de precisar determinadas descrições mais antigas em símbolos fonéticos atuais, optou-se por completar a tabela mantendo algumas descrições das obras originais para determinados autores, enquanto, para outros, fizemos interpretação⁷⁴ inserindo símbolos fonéticos com base na tabela do IPA.

Para facilitar a compreensão daqueles termos mais antigos em que se encontrou alguma dificuldade de interpretação e que aparecem na tabela-síntese, consultou-se o dicionário da língua portuguesa de 1720, intitulado *Vocabulario Portuguez, & Latino* do clérigo Raphael Bluteau, que é um trabalho monumental e mais próximo ao período das obras consultadas, tendo seu valor circunscrito na tradição lexicográfica⁷⁵ do vernáculo português. A partir dessa obra, foi feito um pequeno glossário que segue,

ASPEREZA. Rigor, dureza, austeridade⁷⁶.

CLARO. Intelligível. *Clarus, apertus, planus, a, um*. Voz clara. *Limpida Vox*⁷⁷.

DICÇAM. Palavra. Inteira⁷⁸.

PADAR (ou paladar). He na boca do homem, ou animaes a carne interior, & na parte superior, cuberta de hum panículo, que vem do estomago. Tem na extremidade dous buracos, com que communica com as ventas do nariz. Segundo a opinião commua, no padar reside o sentido do gosto. Alguns lhe chamão o Ceo da boca⁷⁹.

PRONUNCIAR. Articular. Pronunciar huma letra, huma palavra⁸⁰.

⁷⁴ Essa interpretação foi feita com base na referência de estudos metaortográficos, como os trabalhos de Rolf Kemmler (*Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911*, de (2001)), Maria Filomena Gonçalves (*Ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, de (2003)) e sob a orientação do foneticista Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari.

⁷⁵ Quanto aos dicionários mais antigos da língua portuguesa, Bluteau apresenta diferenças em relação a lexicógrafos tais como Cardoso/Stockammer (1570), Barbosa (1611), Pereira (1697) “ao inserir a explicação semântica das palavras portuguesas” (HACKEROTT, 2004, p.157). Para maiores informações, consultar (HACKEROTT, 2004).

⁷⁶ (BLUTEAU, 1720, v.1, p. 592).

⁷⁷ (BLUTEAU, 1720, v.1, p. 337).

⁷⁸ (BLUTEAU, 1720, v.1, p. 214).

⁷⁹ (BLUTEAU, 1720, v. 6, p. 174).

⁸⁰ (BLUTEAU, 1720, v. 6, p. 776).

PRONUNCIA, ou pronunção. Distincta articulação das letras, & palavras⁸¹.

REMISSAMENTE. Fracamente, sem vigor, sem fazer instancia, froxamente⁸².

SIBILANTE. O que sopra com zunido agudo⁸³.

SOAR. Fazer som⁸⁴.

TOADA. Tom, ou som da voz⁸⁵.

ZUNIR. Fazer hum certo estrondo, como de quem assovia⁸⁶.

2.4 Análise

Para a análise, confrontamos descrições de um mesmo autor e ainda de uns com os outros, buscando verificar e discutir,

a) de que maneira o sistema de pares de fricativas pré-dorsais e de fricativas apicais do período arcaico foi retomado nas obras, bem como as realizações [tʃ] a par de [ʃ] e ainda [k].

b) como os critérios etimológico e fonético podem ser depreendidos na representação dos sons fricativos nas obras analisadas;

c) o comentário que alguns autores fazem da influência árabe na realização de determinados sons fricativos.

a) de que maneira o sistema de pares de fricativas pré-dorsais e de fricativas apicais do período arcaico foi retomado nas obras, bem como as realizações [tʃ] a par de [ʃ] e ainda [k];

Conforme foi explorado anteriormente, a fase mais antiga da língua portuguesa apresentava dois pares de fricativas: “um de pré-dorsais (/s/ e /z/) e outro de apicais (/ʃ/ e /ʒ/)” (MAIA1986, p.438). As pré-dorsais também são denominadas como interdentaes [θ, ð] e as apicais correspondem ainda a [ʃ, ʒ], como a literatura tem apresentado na atualidade

⁸¹ (BLUTEAU, 1720, v. 6, p. 776).

⁸² (BLUTEAU, 1720, v. 7, p. 236).

⁸³ (BLUTEAU, 1720, v. 7, p. 636).

⁸⁴ (BLUTEAU, 1720, v. 7, p.668).

⁸⁵ (BLUTEAU, 1720, v. 8 ,p.182).

⁸⁶ (BLUTEAU, 1720, v. 9, p. 651).

(CASTRO, 2006; MATEUS, 1990). Esta última notação mais atual é retomada nas análises acústicas subsequentes.

Esse sistema de dois pares de fricativas aparece na descrição de determinadas gramáticas e ortografias mais antigas, como afirma Maia (2003, p.784) “Quem analisar o texto de reflexão metalinguística de Fernão de Oliveira, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, publicada em 1536, fica convencido de que o sistema de sibilantes possuía naquela época, quatro unidades distintivas e que eram as seguintes /s/, /z/ e /ʃ/ e /ʒ/”. Maia (2003) depreende esse sistema de quatro fonemas sibilantes em Fernão de Oliveira (1536, p.34-35) a partir das respectivas descrições,

“**.c.** pronunciasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxaes: fazendo hũ çerto lombo no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lõbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito [som de k, impede a passagem de ar]: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto.”

“O s singelo, diz Quĩtiliano, e letra mimosa, e ãndo a pronũciamos, alevãtamos a põta da língua pera o çeo da boca e o espirito assouia pellas ilhargas da língua.”

“O ss dobrado pronũciasse como o outro pregãdo mais a língua no çeo da boca.”

“A pronũciação d z zine antros dentes çerrados com a lingua chegada a elles: e os beyços apartados hũ do outro. E e nossa propria esta letra.”

De fato, é possível identificar a existência de grafemas representativos de sons fricativos coronais, e que, essas quatro descrições podem ser organizadas em dois pares. No entanto, a presente dissertação interpreta <c> como [k] e não como /s/ - na visão de Maia (2003), entre outros autores apresentados anteriormente.

Assim, o presente estudo considera que na *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536, p.34-36) os grafemas <ss> e <s> representam um par de sons fricativos, cujas características são parecidas, pois,

- Na pronúncia de <s> levanta-se a ponta da língua “pera o çeo da boca”;
- A pronúncia de <ss> faz-se “pregãdo mais a lingua no çeo da boca”.

Diferente dos grafemas <z> e <ç>, que representam o outro par,

- A pronúncia de <z> “zine antros dentes çerrados com a lingua chegada a elles”;
- O grafema <ç> tẽ a mesma pronúnciaõ q̃ .z. se não q̃. aperta mais a lingoa nos dẽtes.

A diferença fundamental na pronúncia dos dois pares ocorre porque o primeiro par (<s> e <ss>) articula-se levantando-se a língua em direção ao céu da boca (fricativa apical), enquanto, no segundo par (<ç> e <z>), a língua dirige-se entre os dentes, tocando-os (fricativa pré-dorsal, ou interdental). A articulação coronal é a chave para diferenciar os dois pares e se depreender a sua oposição fonológica, como /passo/ (fricativa apical) e /paço/ (fricativa pré-dorsal ou interdental).

Na descrição de João de Barros (1540) na *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha* não houve a preocupação de mostrar como eram os sons fricativos de um modo geral, veja-se, na tabela-síntese, a ausência de várias descrições, aparecendo apenas algumas⁸⁷, em que Barros (1540) revela que o ceceo é representado pelo grafema <ç> diante das vogais e que <s> tem toda uma dição.

A escassa descrição certamente não pode ser interpretada como um desconhecimento das realizações acústicas por parte do referido autor, tendo-se em vista a proposta doutrinal da obra de Barros (1540), centrada no ensino das primeiras letras⁸⁸. Além disso, o referido autor era proveniente da Região Norte de Portugal⁸⁹, bem como Fernão de Oliveira⁹⁰, e certamente conhecia aquele sistema de sons fricativos descritos em Oliveira (1536).

Pêro de Magalhães de Gândavo (1574), na obra *Regras que ensinam a maneira de escrever orthographia da lingua portuguesa, com hum dialogo que adiante se segue em defensam da mesma língua*, não reconhece o referido sistema de dois pares de sons

⁸⁷ Vendo a obra como um todo, nota-se que é restrita a descrição da pronúncia e dos sons feita por Barros (1540).

⁸⁸ O trabalho desse estudioso estava mais voltado ao ensino, tendo sido fortemente influenciado pela gramática de Nebrija (1492), segundo Quadros Leite (2007). Nota-se que João de Barros, ao indicar algumas pronúncias, conta, sobretudo, com o conhecimento que o falante tem da sua própria língua. Por isso é que Barros destaca a primeira regra norteadora para o leitor dele, dizendo “A Primeira e principal regra da nossa orthografia, e [é] escrever todalas dições com tantas letras com quantas a pronunciamos, sem poer consoantes oçiosas como vemos na escritura italiana e francesa” (BARROS, p.2). Nesse trecho, o autor chama a atenção para a pronúncia, que é uma referência para a escrita. Contudo, ele não detalha como são essas pronúncias, já que são conhecidas pelos portugueses, senão o trabalho do autor seria pouco profícuo. Poderíamos, então, questionar se havia variação e se ela atrapalharia o uso dessa primeira regra referida. No entanto, Barros (1540) considera que o usuário deve se guiar pela fala dos “barões doutos”. Sendo assim, deve-se escrever como se fala, ou seja, a fala padrão.

⁸⁹ João de Barros (1540) nasceu em Viseu, no ano de 1496 e morreu em 1570, segundo Leite (2007, p.87).

⁹⁰ Segundo Leite (2007, p.84), Fernão de Oliveira viveu no período de 1507 a 1580, ou 1581. Ele nasceu em Aveiro, passou a infância na Beira, a adolescência (até os 25 anos) em Évora, morou em Lisboa e em Coimbra. Em Lisboa, foi professor dos filhos de João de Barros.

fricativos. Vejamos quais as diferenças fundamentais na descrição de <s>, <ss>, <c>, <ç> e <z> entre esses dois autores. Para Gândavo (1574, p.21-22),

- Na pronúncia de <s>, <ss> e <C^{e.i}>⁹¹ “porão a lingua mais folgadamente pera cima que fique soando a pronunçiação á maneira de assuviu de cobra”.
- A pronunçiação de <z> e <-s-> “não he outra cousa, senão a de hum s, carregado por respecto daquelle d, que lhe formão diante, o qual d, não deixa soltar a língua tão livremente como o quando mesmo s, per si se pronuncia”.

Duas diferenças podem ser destacadas entre Oliveira (1536) e Gândavo (1574),

- a) <z> e <ç> não têm pronúncia parecida;
- b) <z> tem uma descrição muito particular não encontrada em nenhum outro autor estudado. Pois o que se encontra aqui é algo como uma africada alveolar sonora [dz], também interpretada dessa forma por Kemmler (2001, p.170).

Com as considerações a) e b) é possível notar que o sistema de dois pares de sons fricativos apontados por Oliveira (1536) não são retomados por Gândavo (1574), apesar de os dois autores serem da Região Norte de Portugal⁹² e a obra deles distarem entre si apenas 38 anos. É justamente nesse contexto de divergência na descrição dos sons fricativos entre Fernão de Oliveira (1536) e demais ortógrafos que Teyssier afirma haver, a partir do século XVI, a mudança linguística nos dois pares de sons fricativos, afirmando que, “Em fins do século XVI o português comum reduziu a dois os quatro fonemas, e essa redução fez-se em favor dos predorsodontais” (TEYSSIER, 1982, p.51).

Nesse cenário, para Maia (2003, p.786),

O contraste entre a situação descrita pelo primeiro gramático da língua portuguesa e a que nos apresenta o ortógrafo em 1574 permitiu a Paul Teyssier apresentar uma interpretação do acontecer histórico da língua neste aspecto concreto do plano fónico. Parece-nos escassíssimo o distanciamento cronológico entre os dois textos

⁹¹ A pronúncia de <s>, <ss> e <C^{e.i}> é igual, podendo ser atestada na seguinte passagem, bem como a proximidade que há entre a pronúncia de z e -s-: “Esta letra s, em principio de dição, e em meyo diante de consoante, e em meyo dobrado entre duas vogaes, sempre tem hũa mesma força e se pronuncia de maneira que parece ter mais semelhança de c, que de z, e em meyo singello entre duas vogaes mais de z, que de c, [...]”(1574, p.21-22).

O grafema <c> a que se refere o autor ocorre diante de <e> e <i>, conforme revelam os exemplos dados por Gândavo (1574, p.22), “[...] cervo se escreve com c, quando he pelo veado, e servo com s, quando se entende pelo escravo. E assi também cella com c, quando se toma pelo aposento do religioso, e sella com s, quando significa a que se põem no cavallo”.

⁹² Segundo Gonçalves (2003, p.809), Gândavo “terá nascido na região interamnense (Entre Douro e Minho), ou até mesmo em Braga, onde terá ensinado latim e português”.

para que, durante esse lapso de tempo, se tivesse desenvolvido e generalizado essa mudança linguística [...].

Além disso, a doutrina e o procedimento linguístico dos gramáticos e ortógrafos mais antigos eram diversificados⁹³ e tal fato certamente fazia com que as descrições das realizações acústicas pudessem ter alguma diferença em relação a um mesmo fenômeno que poderia ser interpretado de diferentes maneiras. Ou, então, diante dos dialetos, os autores podiam registrar fenômenos não coincidentes num mesmo período. A esse respeito Maia (2003, p.791, grifos nossos) diz que,

A falta de coincidência entre a descrição fornecida pelo primeiro gramático da língua portuguesa e os comentários apresentados pelos ortógrafos nos seus compêndios de ortografia **pode dever-se à perspectiva mais descritiva do primeiro em relação à orientação mais prescritiva dos segundos e, ainda, ao facto de fazerem referência a diferentes “variedades” da arquitectura da língua**, a língua comum ou o português exemplar em Fernão de Olivera, ou, nos segundos [Pero de Magalhães de Gândavo e Duarte Nunes de Leão], a observação do uso linguístico dos falantes.

Em vista dessas considerações, a mudança linguística depreendida por Teyssier (1982), quanto à redução dos quatro fonemas fricativos a dois, no findar do século XVI, conforme exposto anteriormente, parece carecer de maiores investigações para uma afirmação categórica quanto ao assunto.

Além disso, como podemos observar na tabela-síntese das obras analisadas, os autores decidiam selecionar e mostrar determinadas unidades linguísticas e outras não. Isso prova que eles procediam de modo distinto, ainda que diante de um mesmo fenômeno.

Duarte Nunes de Leão (1576), em sua *Orthographia da lingoa portuguesa. Origem da Língua Portuguesa*, traz uma descrição dos sons fricativos também diferente de Oliveira (1536) e de Gândavo (1574).

Quanto ao sistema de quatro sons fricativos a que Oliveira (1536) faz referência, não é possível identificá-lo em Leão (1576). No entanto, sua descrição para o grafema <ç> aproxima-se bastante daquela feita pelo primeiro gramático da língua portuguesa, porque,

⁹³ Esse fato pode ser notado na destrincha que fez Kemmler (2001) em seu trabalho intitulado *Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911* e ainda a estudiosa Filomena Gonçalves (2003) nas *Ideias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Além disso, Quadros Leite (2007), na obra *Nascimento da Gramática Portuguesa*, também oferece uma ótima análise das particularidades de Fernão de Oliveira (1536) em que é possível notar a posição linguística *sui generis* do gramático.

- Em Oliveira (1536) “.ç. tẽ a mesma pronũciação ã .z. se não ã aperta mais a lingoa nos dêtes”.
- Em Leão (1574), <ç> soa como “uma espécie de z”.

Do mesmo modo, há proximidade na descrição de <s> e <ss> entre os dois autores, porque a pronúncia desses grafemas se parece com um assobio. No entanto, para Leão (1574), além desse assobio, tais grafemas são proferidos “a modo de ç”, e nisto, Oliveira (1536) não concorda.

Dentre os autores estudados, encontraremos, a partir de Duarte Nunes de Leão (1574), a descrição da distinção de pronúncia entre <x> e <ch>, respectivamente, [ʃ] e [tʃ], pois

- <x>, segundo Leão (1574, p.25), tem uma pronúncia que se faz “da maneira que os Mouros pronunciam o seu xin [...] per que a dicta pronunciação Arabica, como nestas palavras: paixão, caxa, enxada, coxim. E assim os franceses, que teem a mesma pronunciação que nos, a denotão per .ch. impropriamente, porque per .x. se não podia denotar, & dizem, *cheval*, & *chapiste* por *xeval* & *xapiste*”.
- Na pronúncia de <ch> Leão (1574, p.25) revela que “os italianos a pareção imitar na pronunciação do seu, ce.ci.”.
Em Italiano, ce, ci pronuncia-se hoje [tʃe], [tʃi], respectivamente.

A obra *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa* (1631) de Álvaro Ferreira de Vera, nada diz sobre os grafemas <ch> e <x>. Além disso, difere dos demais autores na descrição dos sons fricativos porque, para ele, <s>, <ss>, <c>, <C^{e.i}>, <ç> são todos pronunciados “tocando brandamente com a língua no ceo da boca, e alto dos dentes” (VERA, 1631, p.41-42), como um “assobio”, enquanto <z> “soa entre s, e ç” (VERA, 1631, p.75). Essa descrição mostra, que, em Vera (1631), não há menção alguma àquele sistema de dois pares de sons fricativos de Oliveira (1536).

O mesmo ocorre em Bento Pereira (1666) nas *Regras gerays, e comprehensivas da melhor orthografia com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina & Portugueza*. Para o estudioso,

- <ç> tem a mesma “toada” que <ss>, e vice-versa;
- <C^{e.i}> tem quase a mesma “toada” que <s->, e vice-versa.

Pereira (1666) não descreve a pronúncia de <ch>, <x> e <z>, acrescentando apenas que <z> e <-s> costumam ser confundidas entre os usuários.

Na tabela-síntese, podemos observar ainda as considerações de João Franco Barreto (1671), na obra *Ortografia da lingua portuguesa*, em que, a distinção sistemática de pronúncia entre os sons fricativos representados pelos grafemas <s>, <ss>, <c>, <C^{e.i}>, <ç> e <z> não ocorre. Entretanto, o autor descreve a diferença de pronúncia entre <ch> e <x>, [tʃe] e [tʃi] respectivamente e que segue,

- Em relação ao <x>, diz Barreto (1671, p.182) “nossos ortografos dizem a pronunciamos segundo os Árabes o seu Xin, como nestes vocábulos, payxã, caxa, enxada, enxurrada, & outros, [...]”.
- Sobre <ch> Barreto (1671, p.) revela que “os Italianos pronunciam ce, ci, como nós che chi”.

Em João de Moraes Madureira Feijó (1734) na obra *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, a descrição de <ç> aproxima-se daquela feita por Fernão de Oliveira (1536) porque, em ambos, a pronúncia desse grafema é feita com a língua tocando os dentes quase fechados.

A pronúncia de <s> e <ss> também é parecida entre os autores quando eles dizem que tal letra pronuncia-se com a ponta da língua “aplicada moderadamente ao palladar” (FEIJÓ, 1734, p.53) ou “pera o çeo da boca”(OLIVEIRA, p.35). Além disso, em Oliveira (1536), <ç> tem pronúncia diversa de <s>, <ss>, o que é recuperado por Feijó (1734, p.26-28) que diz, “Demos a cada uma destas letras a diversidade da sua pronunciação e logo se perceberá a diferença de Sá ou Çá”. Aqui, a diferença gráfica também está associada à distinção de significado.

Na descrição de <ch> e <x>, Feijó (1735) também assinala haver diferença, porque, para ele a pronúncia de <ch> se faz ferindo as vogaes seguintes deste modo: *Cha, Che, Chi, Cho, Chu*: v.g. *Chave, Chaminé, China, Chove, Chuva*, **cuja pronunciação não tem semelhança com outras letras**” (Feijó, 1735, p.32, grifos nossos), então, não tem semelhança com a pronúncia de <x> e “só os oriundos de Lisboa a equivocão tanto com o x, que a cada palavra a trocã huma por outra: porque naõ só pronunciam, mas também escrevem, *Xave, Xaminé, Xina, Xove, Xuva*”. (FEIJÓ, 1735, p.32)⁹⁴.

Luis Caetano de Lima (1736) na sua *Othographia da Lingua Portuguesa*, também distingue a diferença de pronúncia entre <x> e <ch>, argumentando que, “[<ch>] Requere

⁹⁴ Maria Filomena Gonçalves (2003) não comenta esta distinção.

tanta força na língua Portuguesa, como na Ingleza v.g. *Church* Igreja; [...] Finalmente o CH se deve diferenciar muito da letra X, dandose-lhe dobrada força. (LIMA, 1736, p.62)”.

O referido autor não distingue diferença de pronúncia entre <ç>, <s>, <ss>, como pode ser notado na tabela-síntese, além disso, não indica como seria a pronúncia de <z>, apenas acrescenta que o seu uso traz dificuldade, pois entre <-s-> e <z> há uma mesma pronúncia.

Da mesma forma, Luis Antonio Verney (1746) na obra *Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à República, e à Igreja: proporcionado Ao estilo, e necessidade de Portugal, Exposto Em várias cartas, escritas pólo R. P. Barbardinho da Congregasam de Itália, ao R. P. Doutor da Universidade de Coimbra* (Tomo II), não encontra diferença de pronúncia entre <ç>, <s>, <ss> e ainda <C^ei>.

Ele traz uma descrição para <z>, muito difícil de ser interpretada (pois sua pronúncia é “asperíssima” (VERNEY, 1746, p.47)), mas acrescenta acreditar ser esta pronúncia de influência Moura.

Quanto à diferença entre <ch> e <x>, a descrição do autor é fabulosa. Verney (1746) diz que não há diferença na pronúncia desses grafemas em vista da norma, mas comenta a sua variação dizendo,

Dizemos *Choro, Chove &cc.* como se estivera escrito, Xoro, Xove [...] na pronúncia, nam á diferença entre uma, e outra letra. **Em materia de pronúncia, sempre se devem preferir, os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura**, que todos os das outras Provincias juntas. Ora é certo, que os ditos pronunciam docemente como um x: e nem só eles, mas muitíssimos de outras Provincias, tem a mesma pronúncia. **Somente alguma diversidade achei nos Beirenses, que batem mais o dito c, encostando-se à pronuncia Romana do c.** (VERNEY, 1746, p.45, grifos nossos).

Com essas considerações, o referido estudioso vem reforçar o fato de que, diante da variação, eram escolhidas determinadas realizações, enquanto outras, certamente mais populares, ficaram sem registro mais apurado. Tal situação faz com que desconfiemos desses trabalhos prescritivos mais antigos como sendo fonte segura para se atestar períodos de mudança linguística. Contudo, consideramos que eles representam uma fonte riquíssima de informação quanto a determinadas pronúncias pretéritas da língua e sua amplitude social e até mesmo o seu valor social. Um exemplo instigante disso vem ainda da citação anterior, em que Verney (1746) revela que a distinção entre <ch> e <x> encontra-se restrita a uma determinada região da Beira e que não representa a pronúncia culta.

Também, a proposta de cada autor para a elaboração da sua gramática ou ortografia podia ser mais ou menos abrangente, abordando determinados assuntos, mas deixando de

lado muitos outros aspectos da língua refletida nas regras ortográficas. Verney (1746, p.70), por exemplo, revela o seguinte, “Eu nam determinei, escrever um tratado completo: mas unicamente, sugeri a V.P o que se acha mais bem notado, nesta matéria [...]”. Em relação aos outros estudiosos mais antigos Verney (1746, p.60, grifos nossos) diz que “O Barreto, O Leam, o Vera tem algumas coizas boas, entre outras muito más. Na mesma classe ponho P. Argote, nas suas regras Portuguezas; e algum outro. **Tais autores copiaram-se fielmente uns aos outros, sem examinarem a materia**”.

Antônio José dos Reis Lobato (1770) na sua *Arte da grammatica da Lingua Portugueza* restringiu seu trabalho ortográfico a poucas considerações porque, para ele, “a ortografia por si só é matéria bastante para um tratado” (LOBATO, 1770, p.23) e, por isso, na tessitura da sua obra ele diz que se conformará com o costume dos gramáticos, que “nas artes não tratão da ortografia” (LOBATO, 1770, p.28). Com essas considerações é possível compreender porque o referido autor quase não descreve os sons fricativos, apenas fazendo uma comparação entre Z, S e X, dizendo que eles têm um som “claro”.

Com isso, chega-se ao último estudioso, Jerônimo Soares Barbosa (1822), que, a partir da sua obra *Grammatica Philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, faz uma descrição categorizada dos sons em geral e, nesta organização, revela como ele entendia os sons fricativos. Sua descrição é tão precisa e aproximada daquilo que conhecemos hoje em termos científicos, que, praticamente, foi possível completar a tabela-síntese com símbolos do IPA para o referido autor.

Deste modo, observando-se as descrições de Barbosa (1822), podemos notar a ausência do sistema de pares de sons fricativos (como aquele observado em Fernão de Oliveira (1536)), assim, <s>, <ss>, <ç>, <C^e> ficaram todos representando a pronúncia [s]. Quanto a <ch> e <x>, o autor não registrou distinção em sua obra.

Em relação à descrição do som [k], não houve maiores dificuldades. Na tabela-síntese, nota-se que apenas quatro ortógrafos deixaram de descrever esse som e que os demais fazem considerações parecidas, as quais levam-nos a acreditar que <C^{a,o,u}> tinham o som [k].

Para concluir essa reflexão, diante das obras consultadas, notou-se que o sistema de quatro fonemas fricativos do período arcaico não foi plenamente retomado nas obras analisadas, exceto em Fernão de Oliveira (1536). E, como foi dito anteriormente, essas obras não representam uma fonte única, e, por isso, segura, a partir da qual seria possível precisar fenômenos de mudança. Pois, não havia consenso entre gramáticos e ortógrafos quanto ao critério utilizado na representação escrita da oralidade.

Nesse contexto, as oscilações no plano gráfico também vinham associadas a diferentes atitudes desses estudiosos diante da maneira de selecionar, descrever e normalizar realizações dialetais.

Quanto à distinção entre <ch> e <x>, representando [tʃ] e [ʃ], respectivamente, é presente na maior parte das obras consultadas. Mas, não aparece em Oliveira (1536), Barros (1540) e Gândavo (1574), sendo descrita ininterruptamente nos demais autores até Verney (1746). Assim, Lobato (1770) e Barboza (1822) também deixam de registrar essa distinção. Aqui, não se têm ainda informações suficientes para depreender o motivo da ausência da descrição desse fenômeno nos autores mencionados. Por outro lado, deve ter havido alguma razão para que aqueles autores tenham deixado de registrar essa diferença de pronúncia, embora ela ainda exista na Região Norte de Portugal.

b) como os critérios etimológico e fonético podem ser depreendidos na representação dos sons fricativos nas obras analisadas;

Como se pode verificar na tabela-síntese, os sons fricativos foram descritos com base na pronúncia usual de determinados dialetos do período em que as obras foram escritas. Assim, em sua grande maioria refletem, fundamentalmente, fatos da fonética e da fonologia de períodos passados da língua, porque os grafemas que representam os sons fricativos eram descritos nas ortografias e nas gramáticas a partir da maneira como eles eram articulados, indicando-se quais os órgãos envolvidos. Até mesmo a distinção de segmentos era explicitada com exemplos que são verdadeiros pares mínimos⁹⁵. Aqui, fica evidente a presença do critério fonético e fonológico na escrita de determinados sons fricativos.

Além disso, os autores testemunharam ainda a percepção desses sons, ora dizendo que pareciam com o sibilo da cobra, como em Gândavo (1574), ora como um assobio, como em Feijó (1734), ora comparando com a pronúncia de outras letras, etc.

O latim também foi considerado um referencial importante para a ortografia dos sons fricativos. Barros (1540, p.15), por exemplo, diz que dobramos o <s> em <ss> “ao módo dos latinos”.

Além disso, para se saber diferenciar <s> <c> e <z>, Gândavo (1574, p.21) recomenda o seguinte, “todos os escrivães que nesta parte quiserem ser perfectos, tenham

⁹⁵ Como em Gândavo (1574, p.21), que exemplifica a diferença entre <ç> e <ss> dizendo “*passos* que se escreve com dous ss, quando significão os que dão com os pés, & *paços* quando se entendem pellas casas reaes com ç.”.

algum conhecimento de latim, ou ao menos conheção a diferença que há na pronúncia do c, ao s, & do s, ao z, [...]”.

Diante da variação e das possibilidades grafemáticas diferenciadas para se representar os sons fricativos no vernáculo português, como <s>, <ss>, <ç>, <C^{e.i}>, <z>, <-s->, <ch>, <x>, etc., buscava-se, no latim, a grafia original e definitiva. Duarte Nunes de Leão (1576) é um autor que também dialoga com essa questão. Ele diz, “Porq̃, pela etymologia delles, se sabe a orthographia, & pela boa orthographia a etymologia. E esta é a fonte & a raiz de falarmos, & escrevermos bem, & propriamente, ou mal” (LEÃO, 1576, p.60).

Nesse contexto, Gonçalves (2003, p.831) indica que “o ortografista favorece largamente a componente etimológica do sistema gráfico, facto que não surpreende à luz da perspectiva predominante na obra – a histórica ou diacrônica -, embora ele verbera os excessos etimológicos dos que grafam à latina *cru*x, *vo*x, por exemplo”. Por outro lado, a especialista revela que “contudo, o conservadorismo do princípio etimológico é temperado pela inovação trazida pelo costume, impulsionador da evolução permanente”, e nas palavras de Duarte Nunes de Leão (1576, p.61, grifos nossos), “e revendiquemos & restituamos a seu lugar os vocábulos, & façamos costume do q̃ consiste ã razão e analogia. **Porq̃ em nenhũa cousa pode mais o costume, que na orthographia, & nas palavras, que se mudão, & varião como as moedas**”.

Nota-se, assim, que o fator etimológico era um eixo sobre o qual a ortografia deveria se apoiar em termos de critério geral, conforme explicita o autor em questão. No entanto, mesmo com essa ênfase etimológica, Leão (1576) era especialista em seu estudo e bastante consciente da influência do uso, do costume e da variação como fatores presentes e concomitantes a essa ortografia “etimológica”. Sua descrição dos sons fricativos ilustra essa situação, uma vez que ela concentra o uso, a etimologia e o costume em suas reflexões.

Outros ortógrafos também buscavam tirar suas dúvidas gráficas baseando-se na origem das palavras. Álvaro Ferreira de Vera (1631), por exemplo, para diferenciar <-s-> de <z> em *mesa* diz “e assi os mais, que acerca dos latinos se escrevem com s; como mesa; e não meza”. Bento Pereira (1666) também utiliza a palavra *mesa*, para exemplificar essa mesma orientação etimológica.

Madureira Feijó (1734), Luis Caetano de Lima (1736) e Jerônimo Soares Barbosa (1822) também explicitam o critério etimológico na grafia de sons fricativos e na escrita de demais vocábulos.

Deste modo, notamos que os primeiros gramáticos e ortógrafos depreenderam a ortografia dos sons fricativos a partir da observação da sua realização fonética e de usos específicos. Refletiam ainda sobre a variação desses sons e, diante disso, estabeleciam regras e critérios, muitas vezes apoiados na etimologia, que, em função disso, teve um papel fundamental na padronização gráfica. A preocupação etimológica aparece em todas as obras analisadas, ocorrendo em maior ou menor relevo entre os autores.

c) breve análise do comentário que alguns autores fazem da influência árabe na realização de determinados sons fricativos.

Relatos dos primeiros gramáticos e ortógrafos

Na descrição dos sons fricativos feita pelos primeiros gramáticos e ortógrafos da língua portuguesa aparecem comentários sobre a influência árabe, também denominada moura.

Duarte Nunes de Leão (1576), por exemplo, diz que <x> tem influência árabe, “A pronúncia que agora damos a esta letra he Arabica, da maneira que os Mouros pronúnciam o seu, xin”.

João Franco Barreto (1671, p. 126) comenta as considerações feitas por Leão (1576) quanto à <ç>, dizendo “Duarte Nunez diz que é própria dos Mouros, & que delles a tomamos”. Barreto (1671, p.182) também comenta <x> revelando que “Nossos ortógrafos dizem a pronúnciamos segundo os Árabes o seu Xin, como nestes vocábulos, payxã, caxa, enxada, enxurrada, & outros”.

Luis Antonio Verney (1746, p.47) nota que <z> tem uma pronúncia “asperíssima” e acrescenta “creio lhe-ficou, da comunicasam com os Moiros, e Arabios, que abundam muito disso: eu acho em Portugal, muitos vocábulos destas Nasoes”.

Os grafemas <ç>, <x> e <z> chamaram a atenção de gramáticos e ortógrafos porque representam um tipo de pronúncia peculiar, que teria surgido por influência ou seria proveniente de mouros, árabes.

Por outro lado, autores como Fernão de Oliveira (1576), Pêro de Magalhães Gândavo (1574), Álvaro Ferreira de Vera (1631), Bento Pereira (1666), entre outros, nada disseram sobre essa influência árabe para sons fricativos. No entanto, eles não se empenharam em refutar o que outros autores afirmaram sobre essa influência, e isso é estranho, pois eles praticamente não tinham restrições para fazer suas críticas às obras, eles estavam habituados

a isso, como nota-se nesses estudos. Assim, cabem as perguntas: por que alguns autores publicaram essa influência e outros não? Por que aqueles que não publicaram decidiram não fazer nenhuma crítica quanto a essa possível influência árabe?

Os dados históricos permitem que se possam fazer algumas hipóteses, uma vez que, como se verá a seguir, Portugal teve uma relação bélica com os mouros e talvez a rejeição a esse povo tivesse também significado a rejeição da língua por meio da qual os árabes se expressavam.

Presença árabe em Portugal

A presença árabe em Portugal significou mais uma das diversas conquistas do Islão sobre “uma vasta parte da terra que se estende das Índias e dos mares do Oriente até o Atlântico e o centro da África” (NIMER, 2005, p.11). Muitas terras conquistadas sofreram grande influência cultural envolvendo profundas modificações linguísticas a tal ponto que em muitas regiões a “língua árabe substituiu as línguas ou dialetos dos povos conquistados” (NIMER, 2005, p.11).

Essa influência árabe no mundo e, sobretudo, na língua portuguesa, tem sido discutida por estudiosos como Duarte Nunes de Leão (1606), João de Sousa (1789), David Lopes (1940), Maria José Ferro Tavares (1992), Miguel Nimer (2005), entre outros que avaliam a questão em maior ou menor destringência. Esses autores serão retomados ao longo desta seção como referência para a investigação da possível influência árabe na realização de sons fricativos.

Em Portugal, a presença árabe remonta àquele período que antecede a formação do território português. A Península Ibérica foi uma colônia romana conquistada em 218 a.C, tendo sido tomada em 409 por invasores germânicos (Vândalos, Suevos e Alanos) na ocasião da queda do império romano⁹⁶. Nesse cenário, a presença mulçumana na Península chega em 711. E, segundo Tavares (1992), essas invasões vinham ocorrendo desde o último quartel do século VII às costas sul da Península Ibérica e se estenderiam até 1492, ano em que os reis católicos conquistaram o reino mouro de Granada.

Nesse contexto, a referida autora releva que,

Tariq, Musa e Abd al-Aziz, entre 711 e 716, foram os generais de uma empresa invasora que atingiu Toledo, Zaragoza, Leão e Gijón,

⁹⁶ Segundo Teyssier (1994).

nas Astúrias (711-714) e Tarragona, Barcelona e Gerona, no Levante peninsular (714-716). O território português teria sido atingido na expedição de Abd al-Aziz (714-716), com as conquistas de *Ossonoba* (Faro) e de Beja, e talvez também com a posse de Évora, Santarém e Coimbra [...]. (TAVARES, 1992, p.45)

Com a invasão árabe, estabelecia-se a economia islâmica, caracterizada por desenvolvimento comercial marítimo e terrestre, por grande circulação monetária bimetalista. Havia ainda desenvolvimento de técnicas de agricultura e a emergência de cidades aglutinadoras das funções religiosa, política, cultural, econômica, além de um núcleo social religiosamente diferenciado, segundo Tavares (1992).

Para Nimer (2005) as conquistas do Islão “determinaram grandes modificações na vida dos povos conquistados”. No entanto, tal situação não foi tão intensa em Portugal, sobretudo, quanto a modificações linguísticas, conforme comenta o referido autor, dizendo que, “as línguas da Península Ibérica eram e persistiram em ser uma continuação do latim, de um latim bárbaro, que vinha de diferentes horizontes do mundo romano e que, apesar de ser heterogêneo, continha um certo cunho de unidade”. (NIMER, 2005, p.12). Nesse cenário, nem as cidades conquistadas sofreram grandes alterações como argumenta Tavares (1992 p.54), “[...] não se conhece nenhuma cidade islâmica fundada de raiz, durante o domínio mulçumano. Todas elas continuaram o seu percurso temporal que lhes vinha já de um passado visigótico/romano ou até proto-histórico, como Lisboa, Santarém, Évora, Mértola ou Silves.”

Segundo Nimer (2005) havia diferenças profundas de raças e de religião, além disso, os povos conquistados não foram levados a adaptar-se à língua dos conquistadores. A proporção dos vocábulos árabes em Portugal e na Espanha foi menor em relação a outros povos conquistados. Nesse sentido, “a difusão dos vocábulos árabes não é devido à conquista dos mulçumanos. É consequência da irradiação de sua civilização, a civilização árabe” (NIMER, 2005, p.13).

Ainda que a presença árabe na Península Ibérica não tivesse acarretado transformações profundas na língua, ela deixou a sua marca nas expressões “científicas, técnicas e artísticas, designações para cargos e dignidades, medidas e pesos, plantas e animais, expressões da medicina, matemática, astronomia, música e guerra” (HUBER, 1933, p.33), haja vista o tempo dessa presença na Península, ou seja, cerca de 700 anos.

Com isso, determinados autores mais antigos destacaram em seus trabalhos a face árabe do português, como na obra *Origem da Lingoa Portuguesa* (1606) de Duarte Nunes de

Leão, em que se notam aspectos linguísticos e históricos dessa influência e sua real presença na origem da língua portuguesa.

Nesse contexto, Leão (1606) revela que houve um determinado domínio linguístico mouro na Península Ibérica que teria impulsionado certas alterações linguísticas no espanhol e no português, desde a origem dessas duas línguas. Nesse sentido ele diz,

E [os mouros] vivendo entre elles [os espanhóis] corromperaõ ainda mais a lingoa mea Gothica, & mea latina que fallavão tomando outros vocábulo dos Mouros, q̃ ainda oje nos duraõ. Depois deste captiveiro vindose recuperar muitos lugares de poder dos Mouros, pellas relíquias dos Christaõs que da destroicaõ dos Mouros escaparaõ nas terras altas de Vizcaia, Austurias, & Galliza. (LEÃO, 1606, p.23).

A obra *Vestígios da Lingua Arabica em Portugal ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes portuguezes, que tem origem arabica* (1789) do frei João de Sousa é o primeiro trabalho exclusivamente dedicado a este tipo de estudo referente a essa influência oriental na língua portuguesa.

Esse estudo revela que a presença árabe entrou na formação da língua portuguesa, assim como o latim e o grego. Nesse contexto, o frei João de Sousa (1789, p.5) diz “A Lingua Portugueza he principalmente composta das línguas, Latina, Grega, e Arabica, e destas se deduzem ainda muitas daquellas vozes, que Duarte Nunes de Leão reduz á Classe das Francezas”.

O referido autor relembra a presença árabe na Península no século VIII e sua interferência no idioma espanhol e naquele que viria a ser o português. Como consequência dessa situação o frei diz,

Conservamos pois muitas palavras Latinas, que recebemos dos Romanos; os quaes por tanto tempo nos deraõ Leis: muitas Gregas, que nos provieraõ já dos Póvos da Grecia, [...] **e também ficámos conservando tantas palavras Arabicas, que dellas bem se póde compor um arrazoado Lexicon [...]** (SOUSA, 1789, p.6, grifos nossos).

Sousa (1789) amplia sua investigação lançando olhar minucioso em obras de referência que o antecederam como *Origem da Lingoa Portuguesa* (1606) de Duarte Nunes de Leão, argumentando que,

Alguns me precedêraõ neste trabalho, como Duarte Nunes de Leão, que no ano de 1606 deo á luz hum livrinho com o titulo, *Origem da língua Portuguesa*, [...] He sem dúvida o melhor Etymologista que temos. Mas com tudo manifestamente confundio muitos vocábulos como se evidencia do cap. 16. pois nesse lugar das palavras nativas Portuguezas se achaõ muitas pertencentes a outras línguas, especialmente á Arabica, como *Açotea, Alardo, Alarido, Alçada, Alcatea, Alcaçus*, e outros. (SOUSA, 1789, p.9).

A obra de Duarte Nunes de Leão (1606) e a de João de Sousa (1789), entre outras que fazem uma investigação filológica da questão não serão avaliadas na presente dissertação. Apenas interessa-nos trazer à tona o fato de que a influência árabe na formação da língua portuguesa já foi matéria de profícuos trabalhos mais antigos do século XVII e XVIII e, com isso, é possível reforçar a ideia de que os primeiros gramáticos e ortógrafos da língua portuguesa poderiam estar certos quanto à afirmação que fizeram sobre a existência da influência árabe na realização de sons fricativos expressos pelos grafemas <ç>, <z> e <x>.

Além disso, se a formação da língua portuguesa contou com o elemento árabe como nos apresenta Leão (1606) e Sousa (1789), não seria de se estranhar que a interferência linguística do árabe no léxico português teria se estendido, de alguma forma, à expressão fonética, de tal modo que <ç>, <z> e <x> poderiam dar testemunho disso.

Em caso contrário, os gramáticos e ortógrafos que descreveram esses fenômenos estariam todos absolutamente errados, o que seria estranho diante da observação atenta que faziam dos sons daqueles períodos passados e da formação erudita que muitos deles tiveram. Nesse sentido, quanto às obras de Duarte Nunes de Leão, o autor Viaro (2011, p.51), argumenta que “mas, mesmo hoje o valor de suas obras parece não ser totalmente reconhecido”. O referido autor acrescenta que “do ponto de vista da história dos povos e da história interna do português, não deixam [Leão e Nebrija] nada a dever às obras novecentistas” (VIARO, 2011, p.43).

Textos em Aljamia Portuguesa

Outros trabalhos antigos que dialogam com a questão árabe na língua portuguesa e que envolvem a história dos sons fricativos são aqueles que versam sobre os textos em aljamia espanhola e portuguesa.

A aljâmia pode ser definida como a escrita com “caracteres árabes”⁹⁷ de uma língua não árabe. Lopes (1940, p.8) diz ainda que “Do mesmo modo que os Gregos e os Romanos chamaram aos outros povos “Barbaros”, assim também fizeram os Árabes que os designaram por “Aljame”, com igual significação.” Assim, um texto em aljâmia portuguesa é aquele que irá escrever o vernáculo português com caracteres árabes.

A prática da aljâmia na península Ibérica vem desde a conquista desse território pelos islâmicos, em 711, tendo sido mais intensa na Espanha, onde permaneceu por mais tempo e concentrou maior número de mouros.

Segundo Teixeira (2006), o auge da produção de textos em aljâmia na Península coincide com o período da reconquista em que ocorreu a tomada de Granada nos séculos XV e XVI, em que os mouros, em situações públicas, foram levados a abdicar a sua fé e língua. Diante dessa situação, eles continuaram a exercer secretamente suas práticas religiosas e culturais com mais afinco a fim de defender sua identidade. Porém, as perseguições continuaram e os textos em aljâmia acabaram desenvolvendo-se até a expulsão definitiva dos mouros em 1609.

A produção de textos em aljâmia portuguesa foi bem menor em relação à espanhola, apenas oito textos do século XVI que nos apresenta David Lopes, o arabista que os publicou pela primeira vez em 1897 e nos apresenta na obra *Textos em Aljâmia Portuguesa* (1940).

Com esse trabalho, David Lopes (1940) traz contribuições para a história externa e interna da língua portuguesa, uma vez que os textos analisados por ele são avaliados num contexto histórico trazido à tona. No seu aspecto linguístico, fornecem elementos para a investigação da pronúncia do português da época, indicando fenômenos no campo do vocalismo e consonantismo.

Quanto ao consonantismo, o trabalho de Lopes destaca as fricativas “s, z, c, ch” (LOPES, 1940, p.21) e intenta responder à seguinte pergunta: “Que elementos dão êles (os textos) para a história da pronúncia do português da época? É o que se poderá perguntar. E a nossa resposta é esta” (LOPES, 1940, p.21). Assim, o arabista revela que,

a] s entre vogais, quer na palavra, quer em ligação, proferia-se originariamente como ainda dialectalmente hoje no norte do País, isto é diferente de z: tinha o valor aproximado de zj reunidos num som único e por isso se representou em aljâmia por [...] c̄aja (casa), [...] mejmo (mesmo), [...].

b] s inicial, medial (ss) e final tinha originariamente e tem ainda no norte do País um som diferente de ç, que hoje tem na língua culta e centro sul, isto é proferia-se “com a parte anterior, um tanto côncava, da ponta da língua no convexo das

⁹⁷ LOPES, 1940. p.9.

gengivas dos incisivos superiores...: lembra no efeito acústico sx reunidos” [...] por isso se representou em aljâmia por [...] xen̄or (senhor), [...] n̄oxo (nosso) [...]

c] **z**. Não há na aljâmia vocábulo que principie por z. Quando medial, entre vogais, proferia-se como hoje: [...] fazenda. Quando final proferia-se diferentemente de hoje (x), isto é tinha o valor de z medial. [...] Não há exemplo de z interno seguido de consoante (como em mezquinho e mesquita), mas há-o em ligação e aí tem o mesmo valor de z intervocálico: [...] fiz t̄udo.

Originariamente, como ainda hoje em Trás-os-Montes, z tinha e tem o valor de ç quando final; e na verdade o ç dos nomes árabes passou para português na forma de z [...] Fēç (Fez) [...] Todavia, os exemplos de aljâmia parecem contrariar a opinião de que tinha na época o som de ç [Viana, *ibid.*, pp.48 e 92], mas os documentos árabes mostram a-par, que a pronúncia oscilava entre z e ç.

d] ç não se confundia, como hoje, com s ou ss; é sempre representado em aljâmia por ç.

e] **ch** tem hoje na língua culta e no centro e sul do País o valor de x, mas originariamente e ainda em certas regiões do norte proferia-se e profere-se como **ch** castelhano e inglês, isto é soava quasi como **tx** e talvez **dj** e daí o duplo valor que tem em aljâmia; e assim ora é representado por x, ora por j (às vezes): [...] xam̄ar (chamar), [...] ajeḡarao (achegaram) [...].(LOPES, 1940, p.21 - 23).

Lopes (1940), apresentando a referida descrição dos sons fricativos portugueses aljamiados no período aproximado do século XVI, ilustra as realizações dialetais de Trás-os-Montes no norte de Portugal, já apresentadas nos primeiros trabalhos prescritivos em vernáculo português e, com isso, reforçam as descrições presentes nessas primeiras gramáticas e tratados de ortografia. No entanto, não tece comentários sobre a possível relação que esses sons poderiam ter com o árabe no período de formação do português, com a invasão islâmica iniciada no século VII na Península, como alguns gramáticos, ortógrafos e estudiosos acreditam ter ocorrido, conforme explicitamos anteriormente.

2.5 Considerações Dialetais

A presente seção objetiva expor determinadas características da pronúncia das fricativas coronais da Região Norte de Portugal. Essa região conservou realizações fonéticas e fonológicas consideradas históricas⁹⁸ por remontarem a tempos passados da língua. Para esse estudo, recorreu-se à descrição dialetal simplificada de Luís F. Lindley Cintra em sua *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*⁹⁹, como referência para se chegar às realizações atuais de sons fricativos, sobretudo, os que foram filmados em 2008 e 2009 para essa pesquisa.

A classificação dialetal de Portugal tem sido feita por grandes nomes como José Leite de Vasconcelos, que fez uma primeira classificação baseada na divisão de Portugal em províncias, sendo assim, mais geográfica do que linguística (CINTRA, 2006). Essa primeira classificação foi publicada, inicialmente, sob o título *Mappa dialectologica do continente português (1897)*¹⁰⁰, depois reproduzido na *Esquisse d'une dialectologie portugaise (1901)*¹⁰¹

Outro trabalho de grande destaque na área é o *Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental (1961)*¹⁰² de Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. A proposta desses estudiosos visava a um estudo dialetal de Portugal mais amplo e com uma grande expectativa de instaurar a geografia linguística em universidades portuguesas, como comenta Manuel de Paiva Boléo nos seus *Estudos dos dialectos e falares portugueses (1942)*.

A respeito da proposta de Paiva Boléo, Lindley Cintra (2006, p. 6) diz que esta “assenta em factos linguísticos, principalmente, fonéticos, que, apresentados numa certa e possível hierarquização, permitiram talvez um mais claro agrupamento das variedades”. Também faz uma descrição bem detalhada e rica, sobretudo nas características fonéticas, o que acabou por dificultar a delimitação dos falares de cada região.

Em função dessa dificuldade, Lindley Cintra busca simplificar a divisão dialetal ao redefinir as características dos falares das regiões menores para regiões maiores, o que

⁹⁸ Silva Neto em *Ensaio de Filologia Portuguesa* (1956) comenta o conservadorismo da Região Norte de Portugal dizendo “Ainda hoje, a linguagem regional mostra-se conservadora” (SILVA NETO, 1956, p.19).

⁹⁹ “NOVA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DIALECTOS GALEGO - PORTUGUESES” in Boletim de Filologia, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 22, 1971, pp. 81-116.

¹⁰⁰ Lisboa, Guillard, Aillaud, 1897.

¹⁰¹ Paris-Lisboa, Aillaud, 1901, 2ª ed., com aditamentos e correções do autor, preparada por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1907).

¹⁰² Boletim de Filologia, (20: 85-112, Lisboa, 1961).

possibilita fazer uma melhor distinção dialetal de cada região¹⁰³. Essas distinções serão mostradas a seguir. Além disso, ele discute ainda os limites das regiões dialetais, as características dos falares do galego-português continental, o método utilizado para coletar e descrever dados, enfim, faz um trabalho bastante cuidadoso e crítico.

Assim, Lindley Cintra busca refinar conhecimentos dialetais que o precederam contribuindo para a área com a sua *Nova Proposta de Classificação dos dialetos galego-portugueses (1971)*¹⁰⁴. Esse trabalho tem sido uma grande referência utilizada na atualidade para ilustrar falares de Portugal, como faz menção Maria Helena Mira Mateus em sua *Gramática da Língua Portuguesa (2003)*, entre outros trabalhos da estudiosa.

Quanto à classificação geral dos dialetos portugueses feitos pelo referido autor, dois fatos curiosos para essa classificação merecem ser comentados: a) que a distinção entre os dialetos é feita, principalmente, a partir dos sons fricativos e b) essa classificação segue a ideia de pronúncia culta e popular, que são reconhecidas entre os falantes cultos, conforme comenta Lindley Cintra (2006, p.6),

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto de usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa-Coimbra, e que distinguirão pela fala um natural de Galiza, um homem do Norte e um homem do Sul.

Nessa perspectiva histórica e tradicional para o reconhecimento dos falares portugueses — também destacada em Gonçalves Viana (1904) — Cintra classifica os dialetos da faixa ocidental da Península Ibérica em três grandes grupos:

- 1 - Dialetos galegos;
- 2 - Dialetos portugueses setentrionais;
- 3 - Dialetos portugueses centro-meridionais.

Eles se diferenciam por traços fonéticos que estão descritos a seguir:

¹⁰³ A partir do mapeamento dialetal feito por Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, Lidley Cintra percebeu que muitas características dialetais de pequenas regiões coincidiam com outras e isso dificultava a delimitação de áreas dialetais menores. Até hoje é possível notar a presença de características dialetais, que historicamente são peculiares a uma determinada região, mas aparecem em outras regiões. Por exemplo, as fricativas ápicoalveolares são típicas da cidade de Guarda, no norte de Portugal, mas aparecem em outras cidades e aldeias.

¹⁰⁴ Boletim de Filologia, 22, 81-116, Lisboa, 1971 (ou *Estudos de Dialectologia portuguesa*, Lisboa, Sá de Costa, 1983, p. 117-163).

1) Dialectos galegos:

Características: não existem as sibilantes sonoras /z/ nem /ʒ/: *rosa* articula-se com a mesma sibilante [ʃ] ou [s] (surda) de *passo*; *fazer*, com a mesma sibilante [θ] ou [s] (surda) de *caça*. Não existe também a fricativa palatal sonora /ʒ/, grafada em português com *j* ou *g* (antes de *e* ou *i*). Em galego só há a fricativa [ʃ] surda do português *enxada*.

2) Dialectos portugueses setentrionais:

Características: existe a sibilante ápico-alveolar [ʃ], idêntica à do castelhano setentrional e padrão, em palavras como *seis*, *passo*. A ela corresponde a sonora [z] de *rosa*.

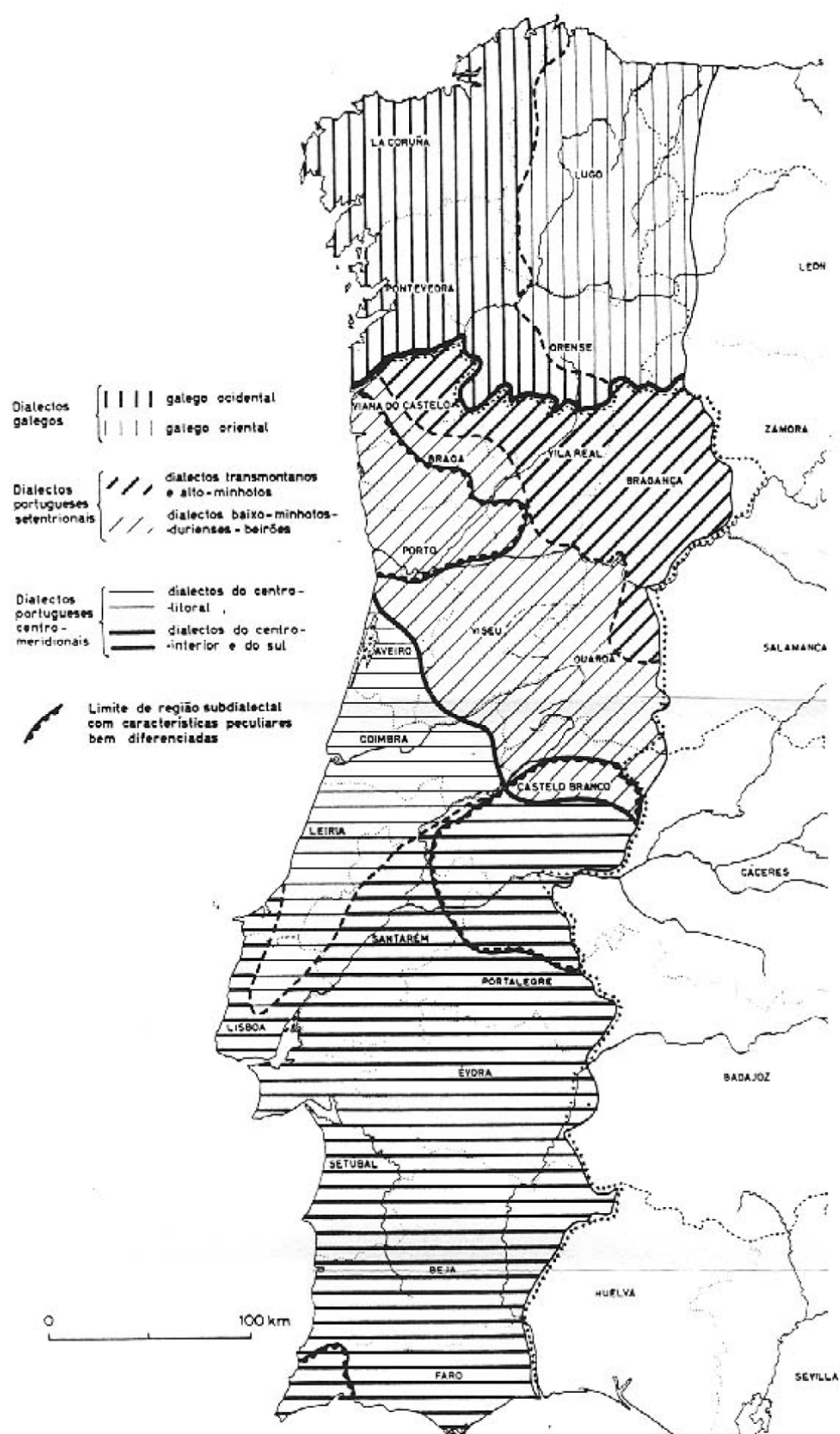
Em alguns dialetos mais conservadores coexistem com estas sibilantes as predorsodentais [s]¹⁰⁵ (em *cinco*, *caça*) e [z] (em *fazer*), que, noutros dialetos, com elas se fundiram, provocando a igualdade da sibilante de *cinco* e *caça* com a que aparece em *seis* e *passo*, ou seja [ʃ], bem como a da de *fazer* com a que se ouve em *rosa*, isto é [z].

3) Dialectos portugueses centro-meridionais:

Características: só aparecem as sibilantes predorso-dentais que caracterizam a língua padrão: a) a surda [s], tanto em *seis* e *passo* como em *cinco* e *caça*; b) a sonora [z], tanto em *rosa* como em *fazer*.

O mapa a seguir ilustra essa classificação:

¹⁰⁵ Essa realização também pode ser descrita como [θ], como Ivo Castro (1991) tem mostrado e as gravações feitas para a presente ilustram. Do mesmo modo [z] também pode ser descrito como [ð].



Mapa 1: Mapa dialetal proposto por Lindley Cintra em sua *Nova Proposta de Classificação dos dialetos galego-portugueses* (1971).

Lindley Cintra (1971; 2006) aponta ainda outros traços importantes em que a referida distinção dialetal se fundamenta, sem que, no entanto, as suas fronteiras coincidam perfeitamente com as características indicadas anteriormente no mapa:

- a) a pronúncia como [b] ou [β] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: **binho**, **abó** por **vinho**, **avó**;
- b) a pronúncia como africada palatal [tʃ] do *ch* da grafia (emitido como fricativa [ʃ]) na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro-meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: **tchave**, **atchar**, por **chave**, **achar**;
- c) a monotongação ou não monotongação dos ditongos [ow] e [ej]: a pronúncia [o] e [e] desses ditongos (por exemplo: **ôru** por **ouro**, **ferrêro** por **ferreiro**) caracteriza os dialetos portugueses centro-meridionais e, no caso de [o], a pronúncia padrão, perante os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos galegos.

De acordo com Cintra (1971; 2006) essa classificação panorâmica dos dialetos da faixa ocidental da Península Ibérica não exclui outras características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados e todos os outros do mesmo grupo. Além disso, há outras características linguísticas que ajudam a diferenciar esses dialetos como as morfológicas, as sintáticas, as semânticas, as lexicais, etc.

As diferenças culturais também são bem expressivas, por exemplo, enquanto a Região Norte de Portugal é mais rural, a Região Sul é mais urbana.

Nesse sentido, é importante destacar o fato de se conhecer diferentes Regiões de Portugal (mesmo que em pouco tempo), bem como interagir com pessoas das cidades e das aldeias, trabalhadores dos campos e das áreas urbanas. Ter um contato com a vida social que acontece nos locais destacados no presente estudo ajuda muitíssimo uma pesquisa com descrições dialetais e históricas da língua portuguesa.

Dados culturais podem corroborar hipóteses¹⁰⁶, a presença do pesquisador no local investigado o projeta na realidade social da língua que ali se expressa. Também não há

¹⁰⁶ Por exemplo, costuma-se dizer que a fala da Região Norte de Portugal é mais conservadora, bem como seu modo de vida. De fato, o contato da pesquisadora do presente trabalho com os costumes populares e o modo de vida menos agitado dessa região pôde confirmar isso. Ainda hoje é possível ver os campos de plantação das oliveiras e das videiras, em que, mulheres e homens trabalham para o sustento familiar e o isolamento deles em

absolutamente nenhum aparelho de captação de som que seja mais eficiente do que ouvido humano, capaz de processar as mais sutis diferenças sonoras, conforme comenta Cagliari (2007).

Particularmente, na Região Norte de Portugal, foi possível notar fatos sincrônicos que têm características fonéticas parecidas com as descrições diacrônicas que vão desde o latim, passando pelo português arcaico e por descrições presentes nas primeiras gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa até a atualidade.

Contudo, não é possível ter absoluta certeza de que o dado sincrônico é o mesmo dado diacrônico. Hoje, com as gravações, temos uma prova concreta da realização de sons fricativos, que podem não ser idênticos a outros momentos passados da língua. Ora, a língua é um fato social, e a sociedade vive uma dinâmica de mudança constante que se reflete na língua. Há, ainda, outros fatores externos, como o contato com povos de outras culturas, acontecimentos econômicos e políticos que influenciam o modo de vida da população e suas manifestações linguísticas.

A par dessas reflexões, passa-se agora à descrição sincrônica de sons fricativos coronais a partir de gravações feitas na Região Norte de Portugal.

2.6 Gravação de sons fricativos da Região Norte de Portugal coletados em 2008 e 2010

2.6.1 A organização dos dados

As gravações foram feitas na Região Norte de Portugal nas cidades de Guarda, Viseu, Vila Nova de Foz Côa, Bragança, Braga, Viana do Castelo e Porto¹⁰⁷, tendo sido coletadas em dois momentos: 2008 e 2010.

Em 2008 as gravações foram feitas com uma câmera filmadora *Canon DC220A*; e em 2010 utilizou-se outra câmera: *Samsung SMX – C10LP/EDC* (câmera digital). Neste ano, além das filmagens feitas com câmeras, coletamos dados com um gravador digital¹⁰⁸ *DVR-2850 Digital Voice Recorder*.

aldeias (pequenas vilas) em comparação às áreas urbanas. Essa imagem ainda é, basicamente, a mesma com que José Leite de Vasconcelos teve contato no século XIX.

¹⁰⁷ Foi feita uma gravação na cidade do Porto apenas para comparação, mas isso não aparece no trabalho porque nosso foco se restringe à análise de outras cidades.

¹⁰⁸ No tempo total das gravações, não incluímos àquelas feitas com o gravador digital. Tais gravações apenas confirmam as realizações dialetais da Região Norte de Portugal já apresentadas no corpo do trabalho. Por isso, não foram incluídas na seção que mostra as análises acústicas feitas no programa PRAAT.

As filmagens têm o total de 3h30min, contudo, vamos expor apenas as gravações que apresentam, mais nitidamente, as fricativas coronais destacadas na pesquisa. Assim, destas filmagens, são mostradas as falas de 23 pessoas que são provenientes de uma das cinco cidades a seguir: Guarda, Viseu, Vila Nova de Foz Côa, Braga, Bragança e Viana do Castelo, onde há mais nitidamente o fenômeno estudado (Cintra, 2006).

Foram feitos recortes nos vídeos originais para destacar determinadas realizações, sempre privilegiando a qualidade do som e da gravação em geral, tendo em vista que essa coleta de dados foi feita ou ao ar livre, ou em estabelecimentos comerciais, ou em estações ferroviárias, ou em igrejas, etc., ou seja, ambientes que favorecem ou podem favorecer a produção de ruídos.

Os falantes entrevistados são jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, cujas ocupações de trabalho e as condições de vida variam bastante, sendo que alguns não são alfabetizados e outros têm pós-graduação. Essas características não foram detalhadas na pesquisa porque o objetivo inicial e principal é apenas visualizar a existência do sistema de sons fricativos que é próprio da Região Norte de Portugal, já que esse sistema pode ser encontrado em qualquer falante dessa região, independente do nível de escolaridade, profissão ou sexo.

Outra questão que se impôs para que não especificássemos características sociais dos falantes foi o tempo disponível para as gravações: apenas duas semanas em 2008 e mais duas semanas em 2010, pois precisaríamos de mais falantes e mais tempo para fazer um trabalho dessa natureza sociolinguística.

Deste modo, segue a explicação da organização das gravações, bem como a indicação de onde encontrá-las nos DVDs que acompanham a presente pesquisa.

2.6.2 Organização das gravações

Em primeiro lugar, as gravações selecionadas para compor o DVD foram transcritas em quadros, depois cada quadro foi dividido por cidade e cada cidade nomeia um grupo maior. Assim, os quadros estão organizados em grupos de cidades:

GRUPO 1: Gravações feitas na cidade de Guarda.

GRUPO 2: Gravações feitas na cidade de Viseu.

GRUPO 3: Gravações feitas na cidade de Viana do Castelo

GRUPO 4: Gravações feitas na cidade de Vila Nova de Foz Côa

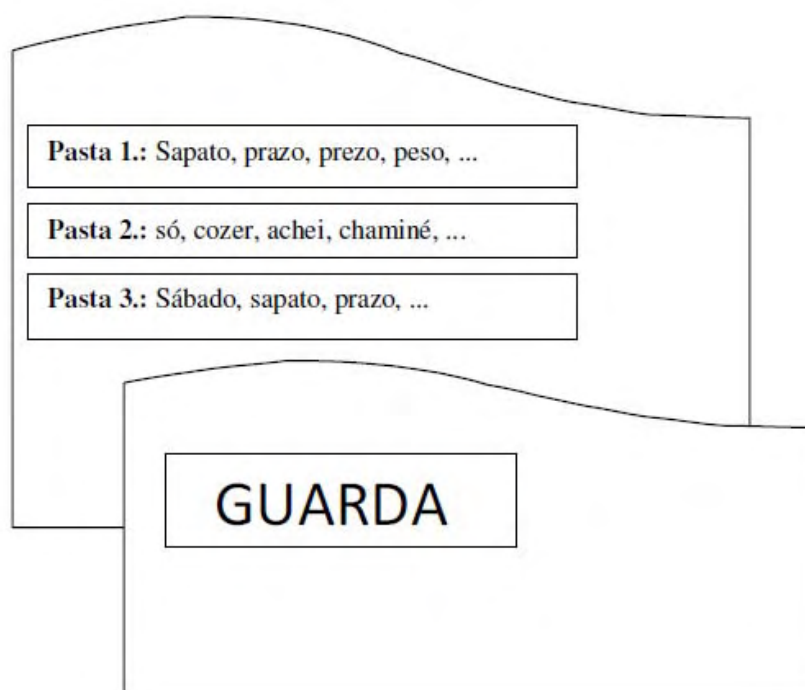
GRUPO 5: Gravações feitas na cidade de Bragança

GRUPO 6: Gravações feitas na cidade de Braga.

O quadro de cada grupo traz a informação sobre a cidade onde o falante nasceu; se ele é homem ou mulher, jovem, adulto ou idoso; mostra a transcrição da fala dele e se essa fala foi coletada espontaneamente ou por meio da leitura de uma lista de palavras¹⁰⁹.

Essa organização foi aproveitada para nomear os arquivos e pastas que compõem o DVD onde as gravações indicadas nos quadros podem ser consultadas.

Assim, ao abrir o DVD num computador, haverá arquivos que têm nomes de cidades e dentro destes arquivos há as pastas. O esquema a seguir, sintetiza essa organização:



A partir desse material foi feito ainda um novo recorte, selecionando dados para uma análise acústica por meio do programa PRAAT e que será mostrado na sequência. Essa análise mostra realizações acústicas das cidades de Viseu, Guarda e Vila Nova de Foz Côa, porque nestas cidades o sistema de quatro fricativas aparece mais nitidamente.

Os quadros a seguir, mostram o conteúdo das gravações. Mas nem todas serão comentadas e depois analisadas no PRAAT, mas optou-se por mostrá-las para que se possa observar o fenômeno estudado o máximo possível. Além disso, os dados de cultura que

¹⁰⁹ A leitura dessa lista e a gravação podem ter inibido, de alguma forma, algumas pessoas entrevistadas, mas sem alterar substancialmente o dialeto expresso por elas. Foi possível confirmar isso pela observação que a pesquisadora fez de pessoas que não foram filmadas.

aparecem nas falas ajudam a se ter uma ideia da vida que acontece na Região Norte de Portugal, sobretudo, a tranquilidade e calma do local, seu aspecto rural e conservador.

Nas transcrições há alguns pontos de interrogação entre parênteses, pois houve dúvida na transcrição de algumas palavras. Há poucas gravações em que aparecem outras pessoas falando.

Seguem as transcrições:

GRUPO 1: Gravações feitas na cidade de Guarda.

Nome do Grupo	Falante	Pastas	Tipo de seleção
Guarda	Homem	<p>Pasta 1.: Sapato, prazo, prezo, peso, pesado, peço, sal, sol, mesa, cesto de frutas, sexta-feira, Sé, cama, chama, cemitério, chapéu.</p> <p>Pasta 2.: só, cozer, achei, chaminé, coser, certo, asa, assa, arroz, cheiro, através, jarro, pássaros, céu, seu, chuva, caso, isto, está, anzol, terça-feira, azeite, zunido, isso, aceite, sumido, azar, asno, prosa, achar, asco, mosca, cinto, grátis, processo, anzol, chuva, Sumol, caixa, óculos, faixa, mexer, assim, xícara, Guarda Inglesa, missa, cítara, sumo, sumiço, excesso, palácio, cerveja, ensino, cereja, açougue, vassoura, professora, almoço, sangue, exame, machado, física, zoológico, manchado, suor, casa, santa, Bragança, São Sebastião, mosteiro, museu, seminário, cidade, sítio, manutenção, chave, celas, chumbo, chelas, cozinha, coxinha, 3, 4, 5, 6, 7, 8.</p>	Lista de palavra
Guarda	Mulher	<p>Pasta 3.: Sábado, sapato, prazo, prezo, peso, pesado, peço, sal, sol, mesa, cesto de frutas, sexta-feira, Sé, cama, chama, cemitério, chapéu, só, cozer, achei, chaminé, coser, certo, asa, atrás, assei um frango, assa, assunto, arroz, cheiro, através, jarro, pássaros, céu, seu, chuva, caso, isto, está, anzol, terça-feira, azeite, zunido, isso, aceite, sumido, azar, aceno, prosa, achar, aço.</p> <p>Pasta 4.: mosca, cinto, grátis, processo, anzol, chuva, Sumol, caixa, óculos, faixa, mexer, assim, xícara, Guarda Inglesa, missa, cítara, sumo, sumiço, excesso, palácio, cerveja, ensino, cereja, açougue, vassoura, dentista, ciências, saia, professora, almoço, sangue, exame, machado, física, zoológico, manchado, suor, casa, santa, Bragança, São Sebastião, mosteiro, museu, seminário, cidade, sítio, manutenção, chave, celas, chumbo, chelas, cozinha, coxinha</p>	Lista de palavra
Guarda	Moça	<p>Pasta 5.: caixa, óculos, faixa, mexer, assim, xícara, Guarda Inglesa, palácio, cerveja, ensino, cereja, açougue, vassoura, dentista, ciências, saia, professora, almoço, sangue, exame, machado, física, zoológico, manchado, suor, casa, santa, Bragança, São Sebastião, mosteiro, museu, seminário, cidade, sítio, manutenção, chave, celas, chumbo, chelas, cozinha, coxinha.</p>	Lista de palavra
	Moça	<p>Pasta 6.: peço, sal, sol, mesa, cesto de frutas, sexta-feira, Sé, cama, chama, cemitério, chapéu, só, cozer, achei, chaminé, coser, certo, asa, atrás, assei um frango, assa, arroz, cheiro, através, jarro, pássaros, céu, seu, chuva.</p> <p>Pasta 7.: caso, isto, está, anzol, terça-feira, azeite, zunido, isso,</p>	Lista de palavra

		<p>aceite, sumido, azar, asno, prosa, achar, asco, mosca, cinto, grátis, processo, anzol, chuva, Sumol, caixa, óculos, faixa, mexer, assim, xícara, Guarda Inglesa, missa, cítara, sumo, sumiço, excesso, palácio, cerveja, ensino, cereja, açougue, vassoura, dentista, ciências, saia, professora, almoço, sangue, exame, machado, física, zoológico, manchado, suor, casa, santa, Bragança, São Sebastião, mosteiro, museu, seminário, cidade, sítio, manutenção, chave, celas, chumbo, chelas, cozinha, coxinha, 3, 4, 5, 6, 7,</p>	
	Moça	<p>Pasta 8: Sábado, sapato, prazo, preço, peso, pesado, peço, sal, sol, mesa, cesto de frutas, sexta-feira, Sé, cama, chama, cemitério, chapéu, só, cozer, achei, chaminé, coser, certo, asa, atrás, assei um frango, assa, assunto, arroz, cheiro, através, jarro, pássaros, céu, seu, chuveiro, caso, isto, está, anzol, terça-feira, azeite, zunido, isso, aceite, sumido, azar, asno, prosa, achar, asco, mosca, cinto, grátis, processo, anzol, chuva, Sumol, caixa, óculos, faixa, mexer, assim, xícara, Guarda Inglesa, missa, cítara, sumo, sumiço, excesso, palácio, cerveja, ensino, cereja, açougue, vassoura, dentista, ciências, saia, professora, almoço, sangue, exame, machado, física, zoológico, manchado, suor, casa, santa, Bragança, São Sebastião, mosteiro, museu, seminário, cidade, sítio, manutenção, chave, celas, chumbo, chelas, cozinha, coxinha.</p>	Lista de palavra

GRUPO 2: Gravações feitas na cidade de Viseu.

Nome do Grupo	Falante	Pastas	Tipo de seleção
Viseu	Moça	<p>Pasta 9.: Meu nome é Lídia, e o que que eu gosto da cidade. Gosto da calma, tranquilidade, de andar na rua à vontade, sem... tanto à noite como de dia, sem medo de ser assaltada, ah..., da fluidez do trânsito. Acho que modo geral todos têm facilidade no acesso à educação e à escola em termos de transporte.</p> <p>E Viseu tem muitos espaços agradáveis pra sair à noite, conviver um bocadinho, sim, tem, nesse aspeto. E espaços limpos, com gente civilizada, entre aspas, porque já fui a, por exemplo, à Madri, e houve sítios em que me assustou um bocadinho entrar, porque o ambiente não, o ambiente dos espaços, deixava assim um bocadinho a desejar e aqui não não tenho esse problema nos sítios em que frequento.</p> <p>E, não há, pronto, há situações de droga, mas não tão evidentes, como em outras cidades.</p> <p>As pessoas que vem de fora não, também, não tem, se calhar essa noção de... como hei de explicar, não passei de da marginalidade na cidade, não há, também não é que haja muita, mas a que há não é muito evidente à primeira vista.</p> <p>Ah... o que eu não gosto na cidade, ah... apesar de não ser muito violenta, acho que precisava de mais policiamento.</p> <p>Eu não, mas familiares meus, meu pai, minha mãe já precisaram e foram socorridos. Posso dizer que sim em termos de saúde não tenho nada a dizer.</p> <p>Já fui a Madri e a Jenev, na Suíça, essas foram as únicas cidades em que fui ao exterior. Ah... comparo Viseu a cidades como Jenev também. Limpeza, em termos de limpeza e estética. Ah... é uma</p>	Fala espontânea

		<p>cidade tranqüila pra se viver, sem dúvida. Gostava de conhecer sim, mas, às vezes fico com pé atrás. Pois se calhar mais nas grandes cidades, ah, que há mais problemas de segurança, não? Lá no Brasil.</p>	
	Moça	<p>Pasta 10.: eu gosto porque não há poluição. E... vivemos de comércio, não há poluição, não há fábricas, não há nada. E gosto muito da cidade porque é calma. O ponto negativo, sim, porque é juventude quando saem da discoteca as tantas da manhã, vandalizam aí a cidade. Partem vidros, deitam coisas à baixo, viram os caixotes do lixo. Por vezes isso acontece. É mais essa coisa que eu tenho assim um bocadinho contra. Pasta 11.: sim e agora melhor que no meu tempo. No meu tempo era mais complicado, as escolas eram muito frias, as professoras eram muito severas. Agora não. Gostavam que nós aprendêssemos e, e por vezes “batiam nos”. Batiam nos bastante. Eu tinha muito medo de ir à escola, porque batiam nos muito. Ah... dava-nos assim pelas orelhas abaixo, por vezes agarrava-nos assim pelos cabelos e batiam nos com a cabeça no quadro. E agora eu acho que é precisamente o contrário. As professoras agora tem é medo dos alunos. Antigamente havia muito respeito, não é, nós tínhamos respeito. Agora não há respeito nenhum. Agora fazem o que querem têm toda a liberdade, não há respeito nenhum. O que acontece, por vezes vão se queixar aos pais e os pais vão à escola falar com a professora, com o diretor de turma, depende dos pais, não é? Porque nem todos são iguais. E se me disserem que a minha, por sabedoria, ninguém é obrigado a saber mais do que aquilo que consegue, nem todos podem ser doutores, não é? Mas agora, por falta de educação e de respeito, e eu, é... agradecia que me dissessem, mas há pais que não compreendem. Por vezes, qualquer coisa, os filhos têm é sempre razão. As pessoas por vezes, gastam nos bens essenciais, que faz falta, não é.. não vão comprar coisas desnecessariamente, que por vezes não faz falta. Ou, por vezes, se pode evitar. E muitos vivem, muitos vivem, como pessoas que vem de fora, ou estrangeiros. Vamos comprando conforme temos necessidade. Não digo muitas pessoas que venham de fora, mas há sempre, há sempre estrangeiros, há sempre outras pessoas que vem de outras cidades, há sempre movimento. Se calhar não tanto quanto se desejaria, não é? Mas vai havendo.</p>	
	Homem	<p>Pasta 12: Sábado, sapato, prazo, prezo, peso, pesado, peço, sal, sol, mesa, cesto de frutas, sexta-feira, Sé, cama, chama, cemitério, chapéu, só, cozer, achei, chaminé, coser, certo, asa, atrás, assei um frango, assa, através, jarro, pássaros, céu, seu, chuveiro, caso, isto, está, anzol, terça-feira, Pasta 13: seminário, cidade, sítio, manutenção, chave, celas, chumbo, chelas, cozinha, coxinha, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20. Dezembro, segunda-feira.</p>	
	Mulher	<p>Pasta 14: É uma pequena aldeia que não tem indústria, não tem comércio. Que que a gente pode dizer mais da nossa terra, gostamos dela, é a nossa terra, é um lugar sossegado. Menos positivo é isto ser pobrezinho não temos aqui cá nada, que</p>	

		<p>nos faça evoluir um pouco. Aqui, as mulheres pobrezinhas como eu, como esta, como aquela, como a maioria delas, vamos trabalhar pro campo para termos as batatas, os feijões e as cebolas, pra podermos ter algum lucro ao fim do mês para ajudar o ordenado do marido para não vivermos tão mal. Não vivemos ricos porque se for pra cidade ver as senhoras da cidade a queixarem-se de pobreza, de que vivem mal, mas vem com as unhas arranjadas, com as sobrancelhas arranjadas, com bons penteados, e nós não vive as unhas cheias de terra e de lixo da andarmos mexer nas terras, porque trabalhamos as terras para termos mais alguma coisa pra comer em casa. Também não, também não estamos, não estamos, a nossa cor é de andarmos no sol (boa tarde) não é de andarmos à praia é de andarmos o sol do campo, o sol do campo, enquanto muitas queixam que vão pra praia e fazem suas férias, e nós não fazemos. Nós somos daquelas que fazemos férias cá dentro nem saímos da aldeia (outras pessoas entram no assunto).</p> <p>De negativo, negativo é isso mesmo. Somos pequeninos, somos pobres. Eu preferia ter um bom emprego e chegar ao fim de semana e estar arregalada em casa, mas não eu trabalho todo fim de semana nas terras, e vem o sábado e ainda trabalho nas terras, e o Domingo ainda trabalho nas terras. E volta a segunda-feira a virar o disco e volta ainda a trabalhar nas terras.</p>	
--	--	--	--

GRUPO 3: Gravações feitas na cidade de Viana do Castelo

Nome do Grupo	Falante	Pastas	Tipo de seleção
Viana do Castelo	Moça	<p>Pasta 15.: No Brasil tem novela melhor do que as portuguesas se reparar porque as portuguesas são mais canelhada. No Brasil não, no Brasil fala de tudo neste momento. Metade da gente não gosta porque metem vícios. Se reparar as novelas da TVI metem vícios e as da SIC não, as da SIC. Se reparar as novelas da SIC, morangos com açúcar é um exemplo. É um exemplo, fala de droga, tabaco. Às vezes os jovens fazem asneiras.</p> <p>Poço, sapato, saco, cozer, coser, expor, paço, palácio, passo, casa, cinco, caça, cinco, cento, dizer, rosa, luz texto, mesmo, ensinar, disse, coser, dez, réis, jarros, chaves, seixo, chamar, baixo, faixa, caixa, auxiliar, açúcar.</p>	Texto e Lista de palavra
	Moça	<p>Pasta 16: Em comparação com Lisboa, pronto, aqui é mais sossegado, também, Lisboa também é capital, é mais difícil lá viver é mais confusão. Aqui de manhã a gente vai ter com os amigos, normalmente, damos voltas, quando há aulas vamos pra escola e em Lisboa há mais perigo, assim, nas ruas, tipo, aqui é mais sossegado, há menos crimes. Em Lisboa, como é capital há mais assaltos é mais perigoso.</p> <p>Quando eu era pequenina fui à França, e acho que já fui ali, fui ali, àquela Disney. (Pergunta: Você nasceu aqui mesmo?) Nasci aqui, nasci aqui.</p>	
	Moça	<p>Pasta 17: Realmente cá é muito mais sossegado, em Lisboa, eu já cheguei a passar lá dias e não se pode sair com tanta facilidade, cá saímos com nossos colegas sozinhos, podemos andar à vontade.</p>	

		Lá quando saímos temos que estar sempre com atenção a tudo que se passa a nossa volta, e não dá propriamente para nos (?). Eu também não tenho muita informação sobre o Brasil, raramente, falam sobre isso, mas gostava de ir lá deve ser um país muito gira, pelo que dizem. De resto eu já viajei para muitos sítios, mas o Brasil nunca foi um sítio realmente onde as pessoas...	
	Mulher	Pasta 18: Já sai dezessete vezes a França. Na França tem mais fartura mesmo. Trabalha-se muito. Eu lá na França, tinha, tinha, um, olha, tinha onze netos, quatro bisnetos, tinha, tinha, onze netos, três bisnetos, três filhos, três genros. Tinha as, as filhas do, as, as esposas dos netos, tinha lá muita gente, muita gente. Lá trabalha-se muito, mais, mais, mais, mais fartura do que aqui. É a vida, é a vida agora, é assim, mas é a vida.	

GRUPO 4: Gravações feitas na cidade de Vila Nova de Foz Côa

Nome do Grupo	Falante	Pastas	Tipo de seleção
Vila Nova de Foz Côa	Mulher	Pasta 19: E agora, e agora estamos, estamos, assim neste impacto, está, está formada, e vamos ver agora. Com tanto dinheiro que uma pessoa investiu na filha para ver o futuro da filha, como eu, o seu pai e todos os pais, não é... ? Com tanta dificuldade e agora se calhar vamos ver. O governo congelou a... a... é preciso profissionais de saúde nos hospitais, ela congelou tudo. Está a acabar com tudo... não entendo nada disso. Pra, e mas pra o governo fazer isso, ele havia de fechar, não havia, não havia de abrir, os... os cursos, não é? Não havia de deixar as pessoas, formadas pra quê? Pra estarem a gastar o dinheiro dos pais, depois chegar a altura, estarem formadas ficarem em casa? Não pode. Pra que que ele tá sempre a dizer, aquele, aquele, aquele mal homem, aquele mal, maldito homem, que entrou para o governo, para estar sempre a dizer para as pessoas terem cada vez mais cultura, irem estudar mais. Pra quê? Mas pra quê? As pessoas não, não se habituam a trabalhar, não é? Depois vão se formar, ficam em casa.	Texto
	Mulher	Pasta 20: Estou a relativamente pouco tempo aqui neste ramo de negócio, que eu tinha a outra papelaria lá em frente. É... pronto. Estou nova neste negócio, mas já tenho os meus conhecimentos, conheço pessoas, desde, que, pronto, praticamente, desde pequeninas, não é? Como eu tinha papelaria, já formei muitos doutores e muitos professores e... e muita gente que hoje já são, já tem cada um as suas vidas, isso, não é? De maneira que agora, aquela papelaria é do meu filho, eu fiquei aqui com isto pra mim. Vamos lá ver. Ainda estou na fase inicial como já disse, vamos lá ver como isso resulta, e... e se realmente agora com um bocadinho de... com tudo que a terra tem de bom, que eu penso que sim, que tem muitas coisas boas, sem dúvida, o vinho é... é bom, o azeite, o mel, tudo isto, vamos lá ver se as pessoas vão valorizando e nós fazemos alguma coisa.	
	Moça	Pasta 21: tenho uma pós-graduação em turismo, entretanto, como não consegui trabalho, ainda não consegui trabalho na minha área, e como não gosto de tá parada, comecei a, surgiu esta oportunidade, estou a explorar aqui, esta, este café da estação, o que, o que também é bom, porque, aprendemos a lidar com muitas	

		<p>peessoas e acho que isso é uma mais valia. E aprendemos outras coisas, a não ser só na nossa área, porque isto também tem muito que se lhe diga. E, e, e também o relacionamento entre cliente e nós estamos do lado de cá e habilidade com determinadas situações complicadas e... pessoas embriagadas, cá, às vezes, abusam um bocadinho e nós temos que saber lidar com essas situações, pessoas que se exaltam de vez em quando umas com as outras e é preciso também saber lidar com isso. E acho que sim, que, que, não estou arrependida, e prefiro estar a fazer isto do que estar em casa a procura desesperadamente de emprego e não encontrar. Enquanto não surgir (?) com isto.</p> <p>O fato de morar aqui? Sim. Isto é mais valias. E tem prós e contras. Como todo, todo sítio. É... é pacato, é seguro, é, por exemplo, as crianças brincarem é muito seguro, nós para andar na rua à noite, como acontece na cidade. Temos um contato com a natureza muito maior, podemos usufruir esta, esta calma, do rio, da paisagem. Não há estresse, eu sei que saio aqui, agora e quero estar naquele sítio, sei que é só o tempo da viagem e não apanho trânsito, não apanho, não apanho nada.</p> <p>Contras, não temos alguns, alguns serviços que gostaríamos de ter, não temos cinema. Temos cinema ambulante que vem uma vez por semana e passa um filme, mas, estamos limitados nesse sentido, não temos shopping, não temos, pronto, se queremos ter acesso a essas coisas temos que ir à cidade mais próxima que é Bragança que ainda fica a uma hora e tal, mas são coisas que, que nem sempre, mesmo quem está na cidade, nem sempre tira, pode ir, não é? Por isso, não é uma coisa que...</p>	
--	--	---	--

GRUPO 5: Gravações feitas na cidade de Bragança

Nome do Grupo	Falante	Pastas	Tipo de seleção
Bragança	Senhora	<p>Pasta 22: Fiquei pasmada da vida com tanta grade na janela e nas portas, e que tanta gente dormia com a chave na porta, agora não. Agora temos mais segurança. Porque também já há muita ladroeira, muita vadiagem sim. Não trabalham. Agora lá, meu Deus do céu, só grades, grades, grades.</p> <p>Conhece o passarinho bem-te-vi?</p> <p>Foram tempos muito difíceis para os criarem.</p> <p>Nem para a Alemanha quis ir, nem pra França, nem pra lugar nenhum. Num quis sair daqui.</p> <p>Pasta 23: Minha irmã era doméstica, meu irmão era alfaiate. (Pergunta: e a senhora gosta de morar aqui?)</p> <p>Gosto, do Brasil não gosto. (Pergunta: A senhora já foi para lá?)</p> <p>Já, fiquei lá dois meses. Fui para Águas de Lindóia, é muito lindo. Fui para Senhora D' Aparecida. Fui pra muitos lugares, não me lembro não, estou muito esquecida, depois, e fui pra... pra o Rio de Janeiro, foi onde embarquei pra cá, pra Portugal. Gostei muito do Rio de Janeiro, praia.</p> <p>Aos sábados, (Pergunta: Só sábado?) só sábado às cinco e meia. Foi a primeira igreja que se fez em Bragança. A primitiva. Igreja Santa Maria.</p>	Texto

		Porque aqui tem... tem um, é um lugar muito bonito aqui. Tem muito parque de estacionamento. E tudo gosta de vir aqui a vila a casar-se batizar as crianças. Tem muito movimento, mas já está não assim muito, muito, está menos gente do que nos outros anos. Do arco pra cima é a cidadela e chamam-lhe a vila.	
	Moça	Pasta 24: Pra mim... eu vou continuar a escrever como aprendi. Como eu aprendi na minha, nos meus primeiros anos de escola, sempre. Vou ter que ensinar a escrever corretamente, agora, qual será a forma correta, se é a que eu aprendi ou esta nova. Uma grande dúvida, não é? Neste momento há muita falta de informação, as pessoas não sabem. Porque o acordo é muito recente também.	

GRUPO 6: Gravações feitas na cidade de Braga

Nome do Grupo	Falante	Pastas	Tipo de seleção
BragaTG	Senhora	Pasta 25: Já tenho oitenta e quatro anos. (Eu tenho 27). Já lá passei. (Já passou?) Pois é. Eu nasci aqui mesmo na cidade de Braga. Morávamos na rua da Boa Vista. Sete filhos vieram mais filhos, e menina só eu. (Só uma?). Só uma rapariga, seis rapazes e uma rapariga. Já morreram três. E existem outros três e comigo quatro. É... e de maneira que, tenho os meus paizinhos, que Deus te, já morreram a muitos anos. Meu pai morreu com cinqüenta e três ou quatro anos de desastre, desastre elétrico. Ainda havia elétrico naquele tempo aqui na cidade de Braga. E a minha mãe morreu com oitenta e seis, duma queda que deu em casa, escorregou no tapete e bateu com a cabecinha com a nuca na esquina do armário da cozinha e ficou em estado de coma, morreu. Foi para o hospital, mas durou só quatorze dias. E eu, pois, claro, já era, já era casada, quando a minha mãe morreu já era, era casada. Pois quando meu pai morreu eu era solteira ainda, tinha vinte e dois, ou vinte e dois anos, mais ou menos. De maneira que, então, eu depois, claro, fui para uma fábrica trabalhar, de chapéus. De maneira que depois casei e vim pra aqui.	Texto
	Senhora	Pasta 26: Os meus irmãos foram todos pra escola. Minha mãe pôs todos na escola, fazer a quarta classe, fizeram todos a quarta classe. E... a mim não puseram na escola, puseram a trabalhar com oito aninhos. Quando fui crescendo, fui crescendo, quando chegou depois a idade fui pra fábrica, tinha já lá a minha mãe pôs um pedido e tal e eu fui pra lá. Lá casei, depois vim prá aqui. Meu marido que Deus o tenha era chofer e naquela altura era chofer de praça. Pronto, assim fomos vivendo, pouquinho ganhava, mas eu fazia rendas, fazia bordados, fazia ponto aberto, fazia malhas pra fora, e foi-se, foi-se vivendo assim. E fui, e fui ajudando os filhos, onde pude, e é isso. (Hoje, então a vida é muito melhor do que era antes) Muito longe. A gente andava, a gente, é eu, quando tinha uns quatorze ou quinze anos é que comecei a calçar. Não havia dinheiro para comprar calçado, pois comprávamos (?) E foi-se, e foi-se sendo assim, a sainha, agora usa essas calças rotas por, e são mais caras do que aquelas que não são rotas. E naquele tempo a gente remendava, remendava, remendo em cima de remendo e	

		andávamos com roupa às vezes, se calhar, nem sabíamos de que cor era o tecido. Remendos que eram tantos remendos que não se sabia. A minha falecida mãe, coitadinha, era as saias dela nem se sabia de que cor era, de que tecido a cor tinha, porque era só remendar a gente aproveitava. Não se podia comprar. Não havia dinheiro e vivia-se muito, muito mal, muito mal, muito mal. Era fome de pão era tudo. A gente deitava-se na cama muitas vezes sem comer nada, cheios de frio, todos molhadinhos, porque a gente não tinha roupa pra mudar e deitávamos com roupa molhada.	
		Pasta 27: Esse médico era muito amigo do meu pai. Estava hospedado numa pensão o meu pai fazia recaditos e tal e coisa e era muito amigo dele, ele era solteiro. Ana da assunção Barbosa.	
	Homem	Pasta 28: Eu sou daqui e a que coisas posso dizer... ai, eu, nós os bragarenses, não eu não me identifico com muitos bragarenses. Porque tiraram nos de um sítio e colocaram-nos noutro, sem ligações nenhuma, isto cria problemas, não é? O português e isto têm aparecido ao longo destas últimas semanas. A questão da gasolina, a questão dos aumentos, etc. Não há problema nenhum, isto fácil de governar. O que já chega demais dizer assim, desde 25 de abril até agora estou farto de dizer, de ouvir, ou melhor dizendo, de que os políticos dizem sempre que está mal. Já a trinta e quatro anos, trinta anos, pois, que se diz isso, e eu sei que daqui a vinte anos e os que vierem constantemente vão dizer isso, que está mal e os portugueses têm interpretado (?).	
	rapaz e moça	Pasta 29: Menino: Pedro Felipe. Sim nasci em Braga. Estudo mas, durante as férias venho aqui ajudar e, por vezes vamos até o Sul de Portugal até o Algarve, até o Algarve, mas assim tirando isso vamos até o rio, o rio aqui nestas zonas ou às vezes vamos por assim numa outra já cheguei a ir até a Espanha, mas tirando isso nunca fui assim muito mais longe. Menina: Meu nome é Ana Margarida. É assim, quando tô na escola né, passo o dia lá e depois vou pra casa estudar ou assim, às vezes venho passear ao fim de semana e quando venho pra aqui, ajudo aqui, a minha amiga e passo o dia praticamente aqui. Só assim, pronto, aquelas coisas das novelas ou mesmo assim pra outros destinos cá às vezes vem assim nas revistas essas coisas. Menino: Minha região. Os talvez os centros comerciais e também alguns campos de futebol tem com um gramado sintético. Menina: o que eu mais gosto, talvez, as, as pessoas, a é uma cidade muito jovem, comunicamos muito uns entre os outros, pronto, basicamente é tudo muito, muito assim, muita juventude essas coisas eu gosto muito.	

2.7 Análises no PRAAT

Para as análises no PRAAT, selecionamos três cidades: Guarda, Viseu e Viana do Castelo e a partir de seis pastas do quadro anterior foram feitos recortes destacando sons fricativos. O mais importante, aqui, é expor a existência das fricativas prédorsodentais [ð] e [θ] em comparação com as fricativas ápicoalveolares [ʃ] e [ʒ].

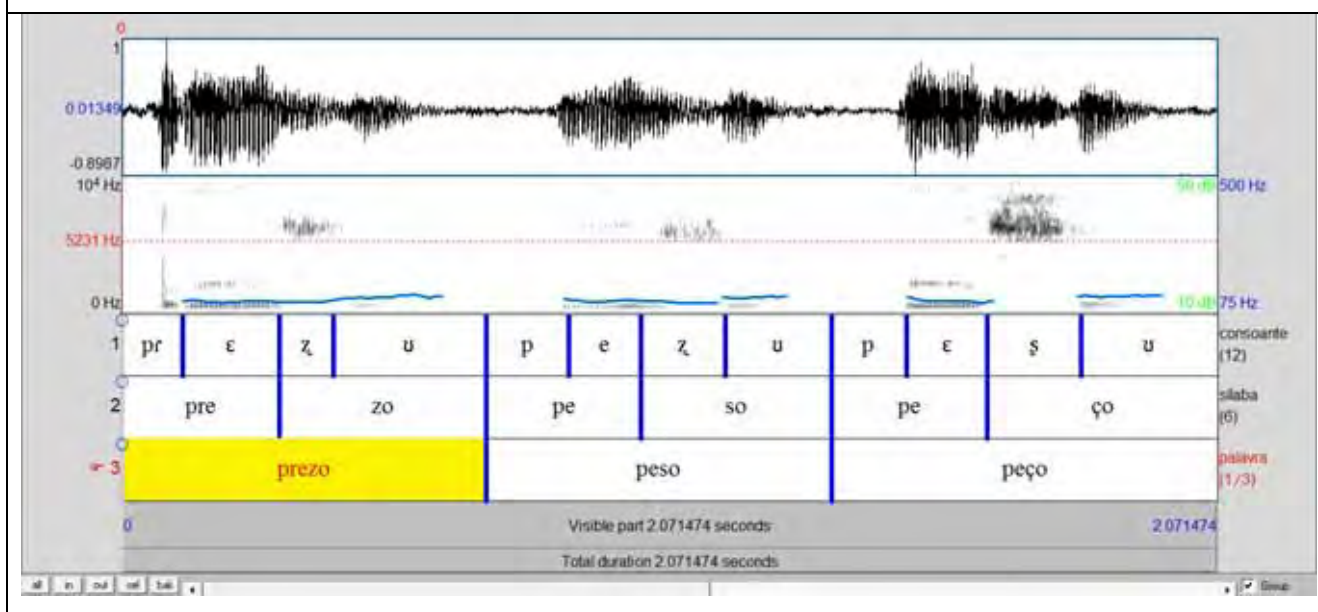
Mas, inesperadamente, foram encontrados os elementos africados “ts” e “dz” que a literatura apresentada anteriormente revelou talvez não existirem mais na língua portuguesa. Contudo, esses dados foram encontrados e filmados, e, em vista disso, buscou-se fazer uma pequena apreciação deles nesta pesquisa. Deste modo, esses elementos africados são mostrados no PRAAT e são discutidos mais adiante.

O quadro a seguir mostra as cidades, pastas e palavras selecionadas para a análise acústica de dados no programa PRAAT e, na sequência, há os espectrogramas de cada pasta e arquivo do quadro que segue:

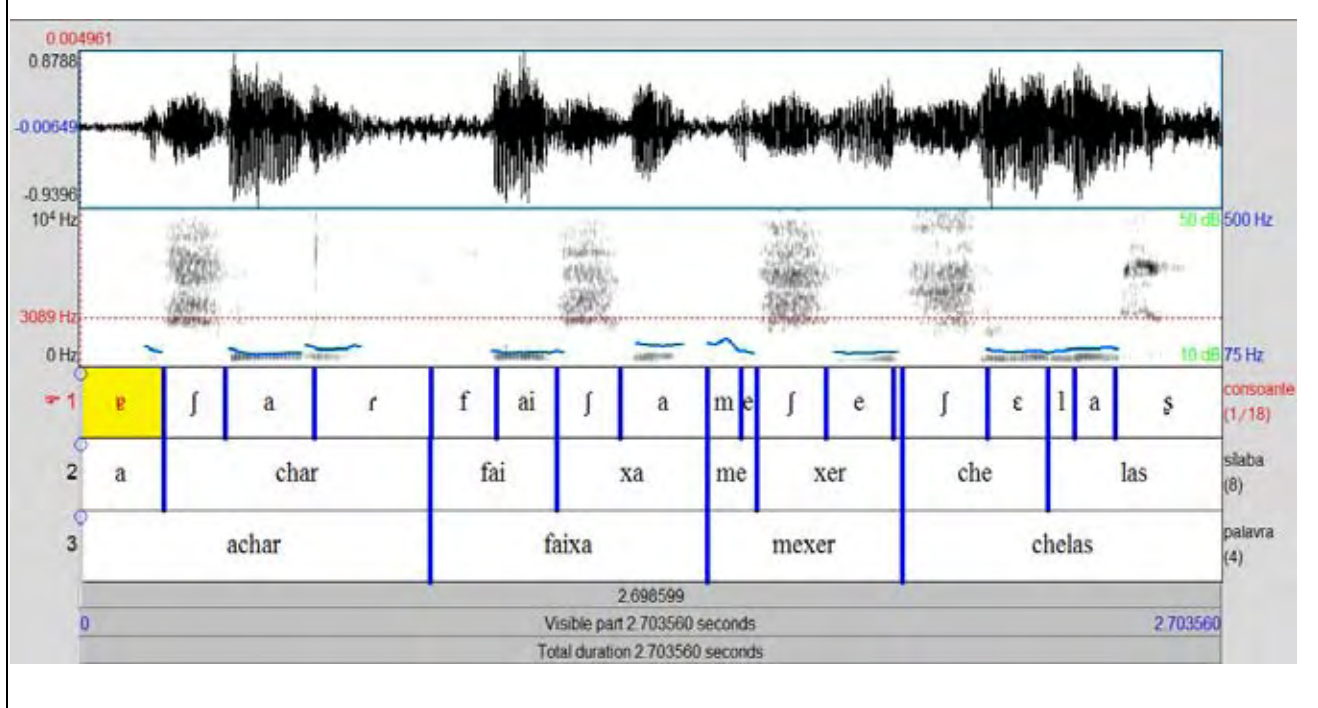
Cidade e Pasta	Arquivo	Exemplo
Guarda – Pasta 1 e 2	Z, -S-, Ç	Prezo, peso, peço
	CH, X	achar, faixa, mexer, chelas
	S, SS	Seu, processo, assim
	Ce, Ci	Céu, cereja, cidade
Guarda – Pasta 3 e 4	Ç, Z, S	Zunido, sumiço
	Z, -S-, Ç	Prezo, peso, peço, mesa
	CH, X	faixa, mexer, chave, chelas
	S, SS	Sal, sol, assa, assunto
Viseu – Pasta 9	Ce, Ci	cinto, cereja
	Ç, Z, S	Peso, peço, azeite, aceite
	X, CH	Acho, que deixava.
	S, SS	Sem, assaltada, assim.
	Ç, Z, S	Educação, espaços, civilizada, segurança.
Viseu – Pasta 14	Ce, Ci, -S-, Z, Ce	Cidade, acesso, desejar, dizer, limpeza, conhecer
	X, CH	queixam, chegar ao fim.
	S, SS	sossegado, o sol do campo, o sol do campo.
	Ce, Ci	Comércio, Cebolas, cidade, cidade.
	Z, S, Ç	Dizer positivo faça.
Viana do castelo – Pasta 15	Ç	Educação.
	Ç, Z	Açúcar, exemplo
	Ce, Ci	Palácio, cento
	Ch, X	Chaves, chamar, baixo, faixa
	Ci, Si	Vícios, vício, SIC, SIC
Presença de elemento africado	S, SS	Sapato, saco, passo, disse
	Z, -S-, Ç	Cozer, coser, casa, caça
Presença de elemento africado	TS	1. Bastante 2. Não é muito evidente 3. Pronto aqui 4. Transporte 5. Volta e muita
	DZ	6. valorizando

GUARDA
Pasta 1 e 2

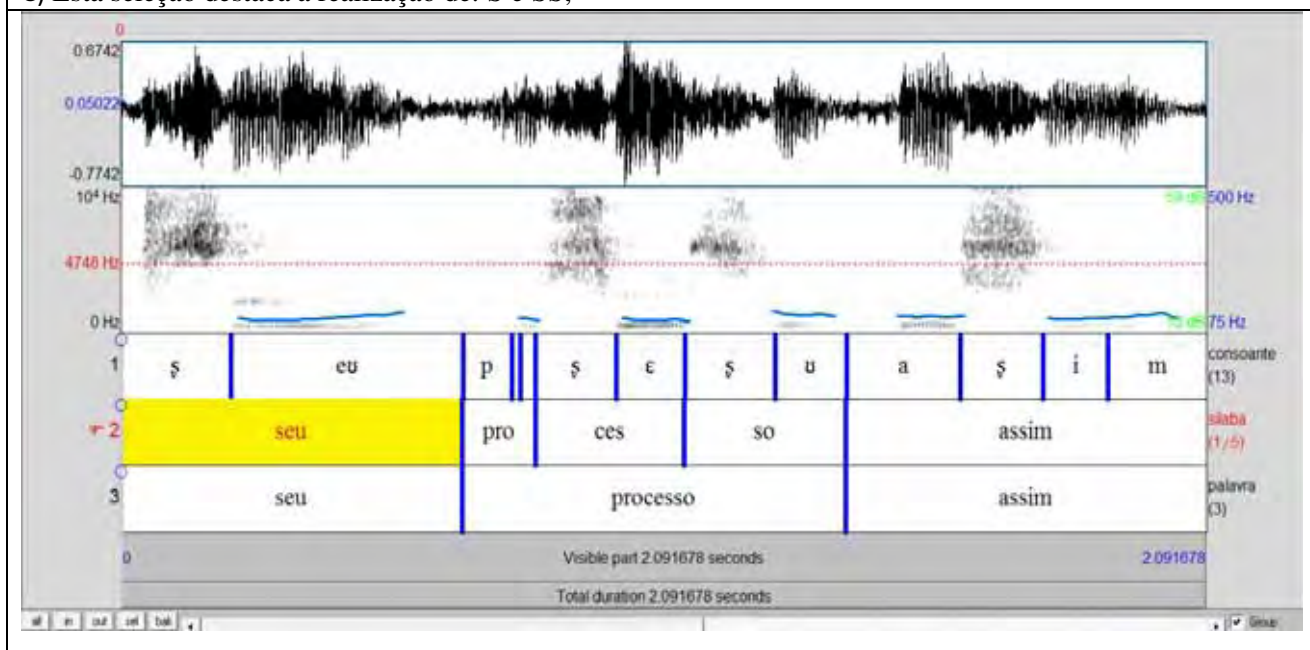
A) Esta seleção destaca a realização de: Z, -S- e Ç;



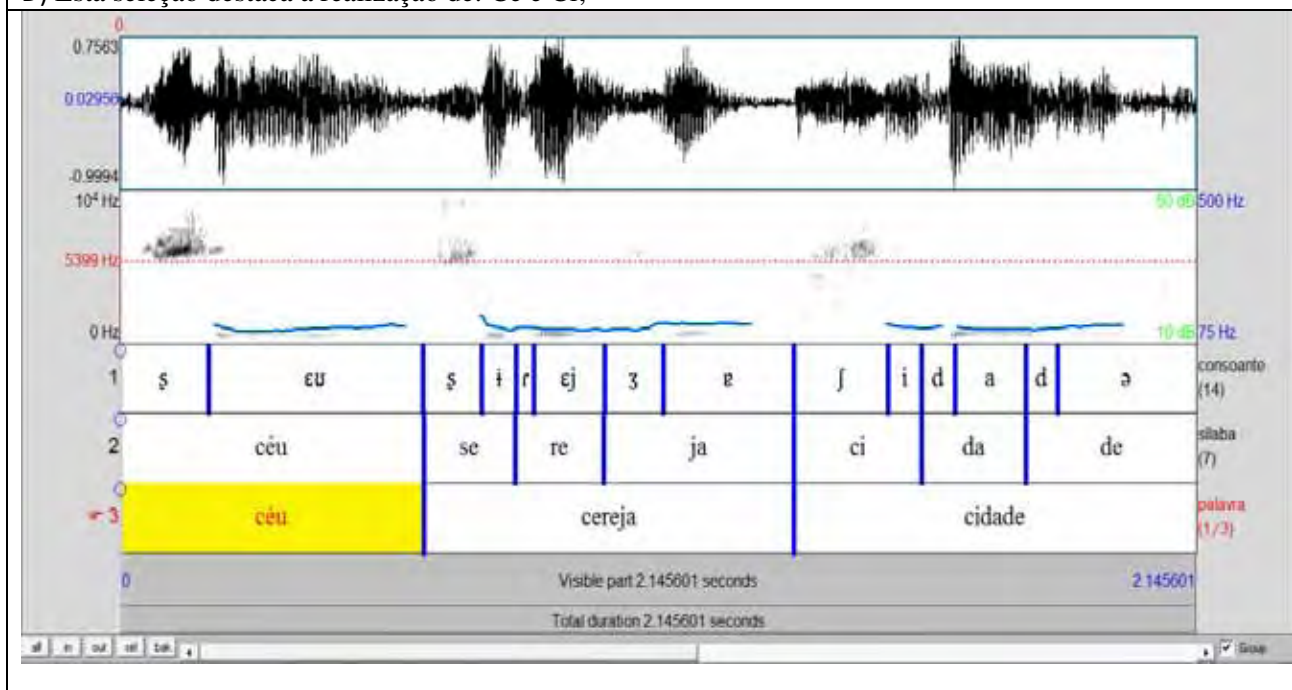
B) Esta seleção destaca a realização de: CH e X;



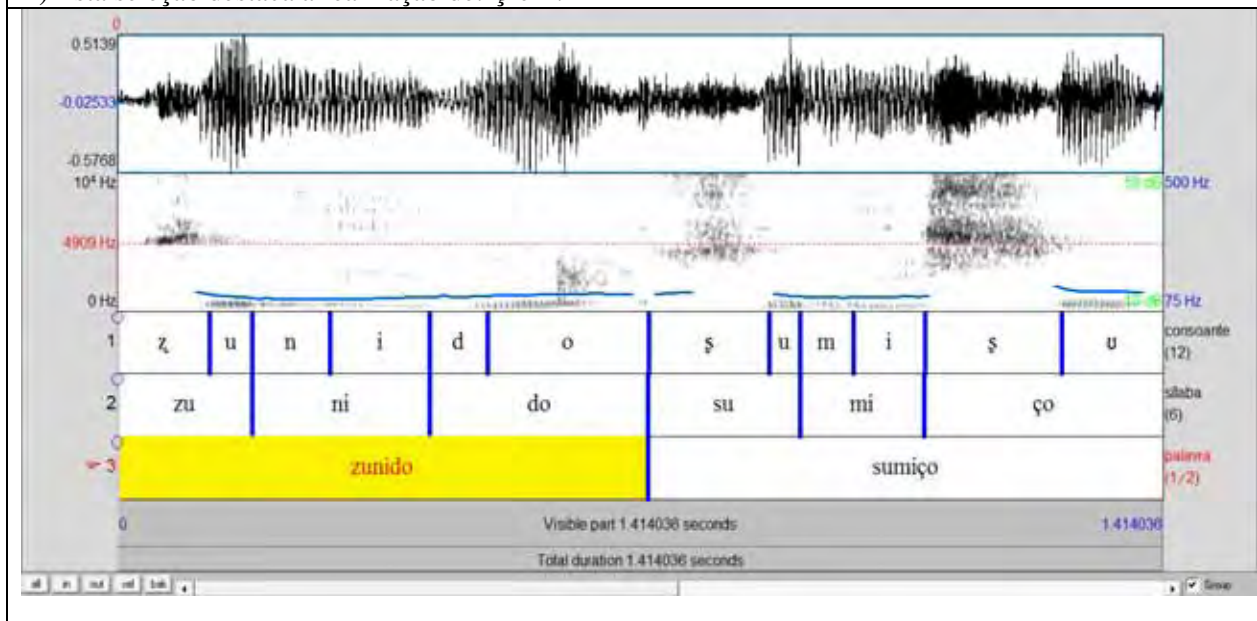
C) Esta seleção destaca a realização de: S e SS;



D) Esta seleção destaca a realização de: Ce e Ci;

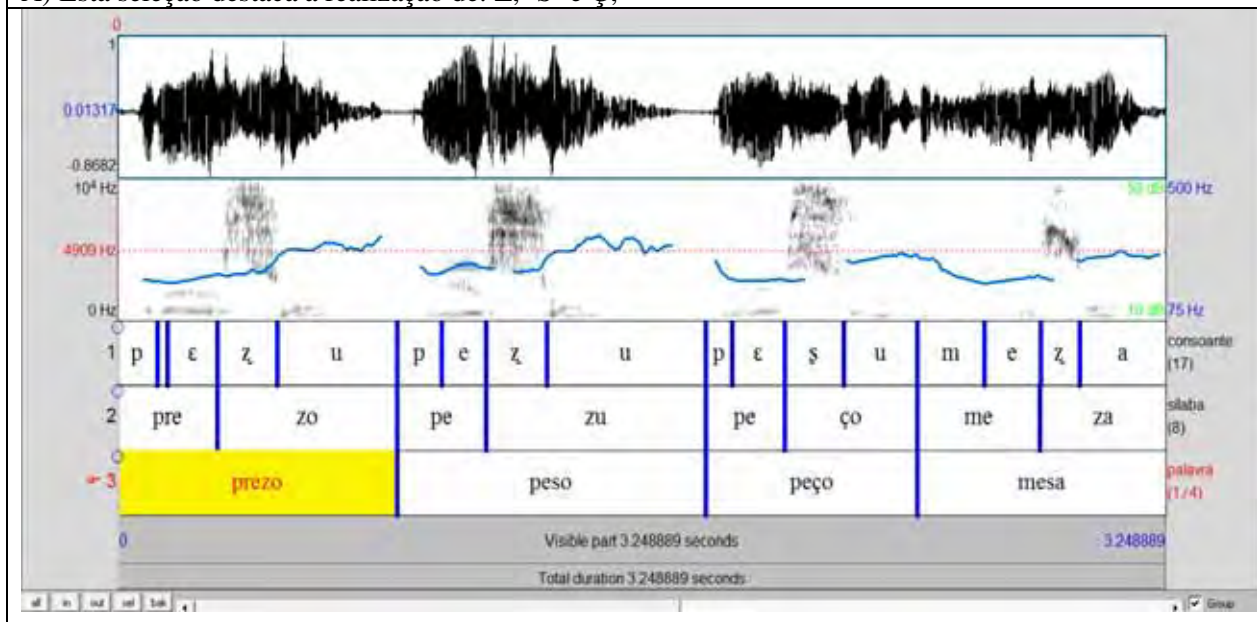


E) Esta seleção destaca a realização de: Ç e Z.

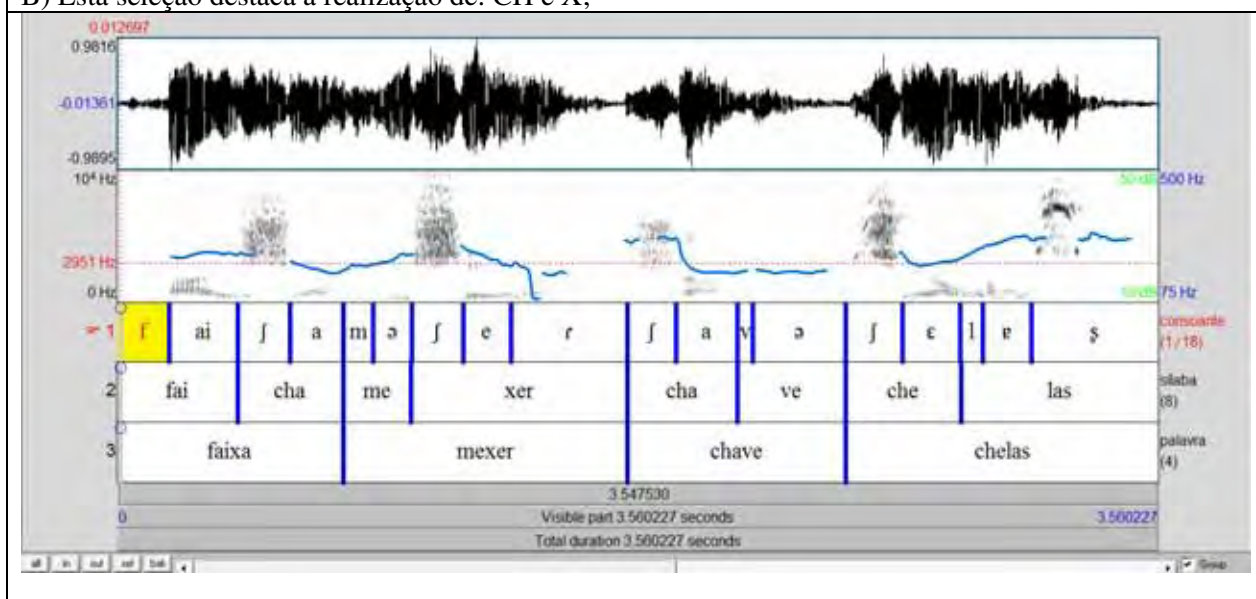


GUARDA
Pasta 3 e 4

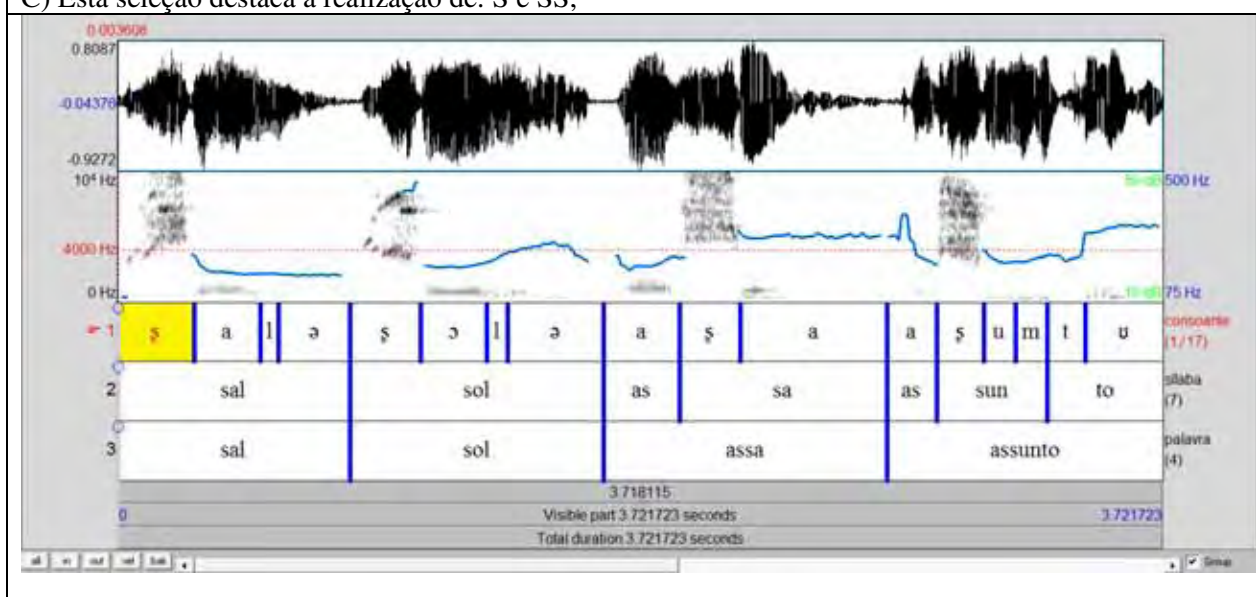
A) Esta seleção destaca a realização de: Z, -S- e Ç;



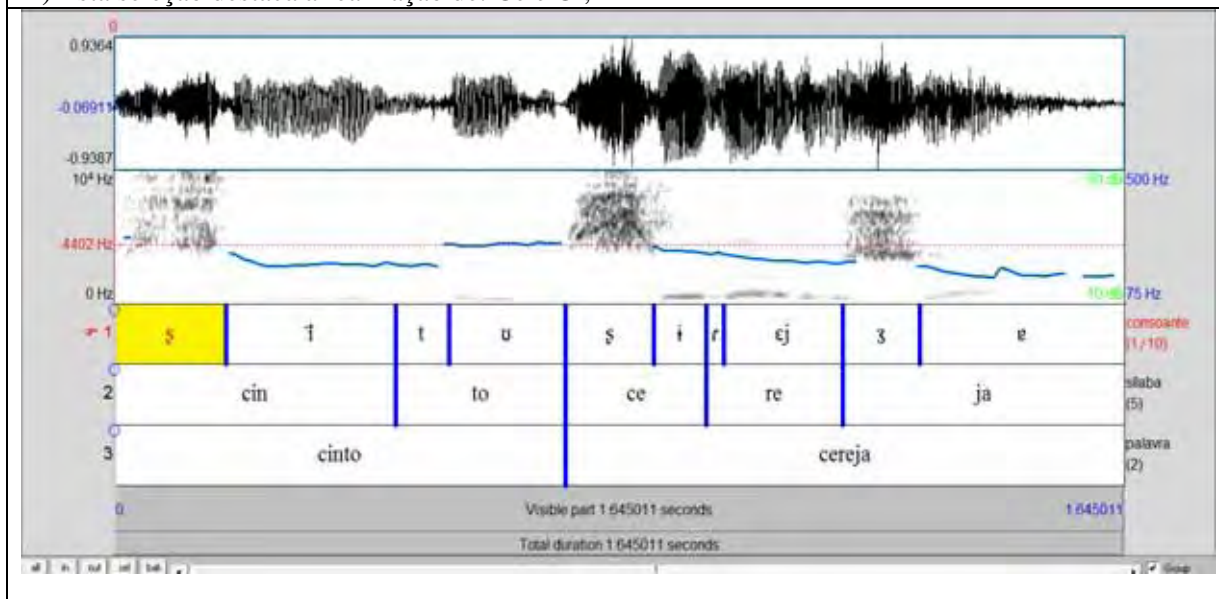
B) Esta seleção destaca a realização de: CH e X;



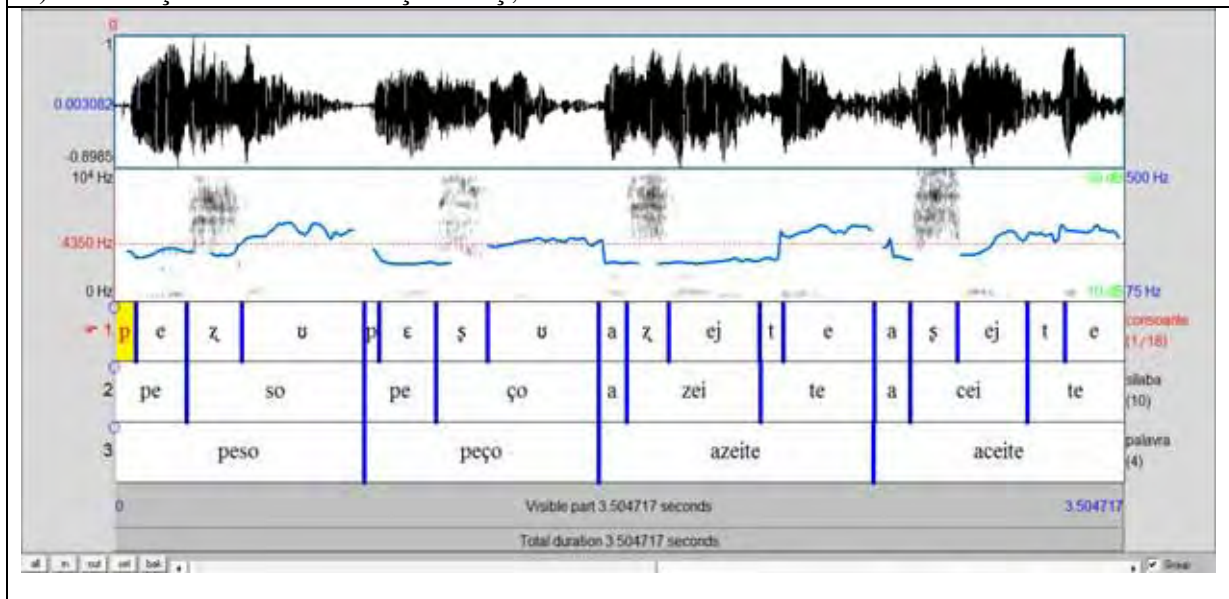
C) Esta seleção destaca a realização de: S e SS;



D) Esta seleção destaca a realização de: Ce e Ci;



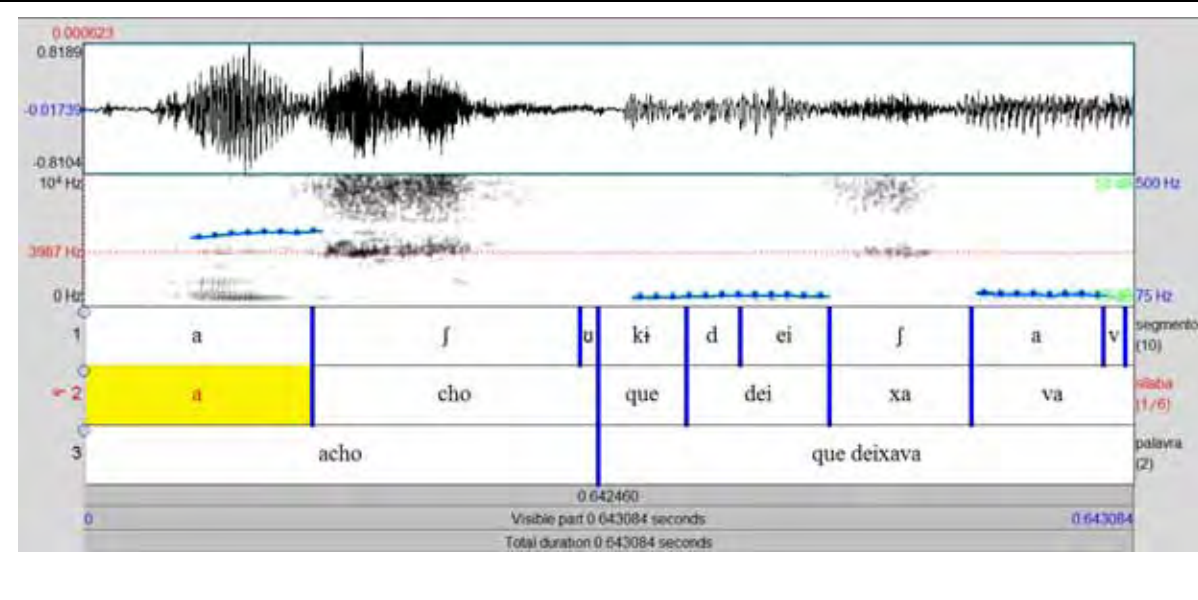
E) Esta seleção destaca a realização de: Ç, Z e S.



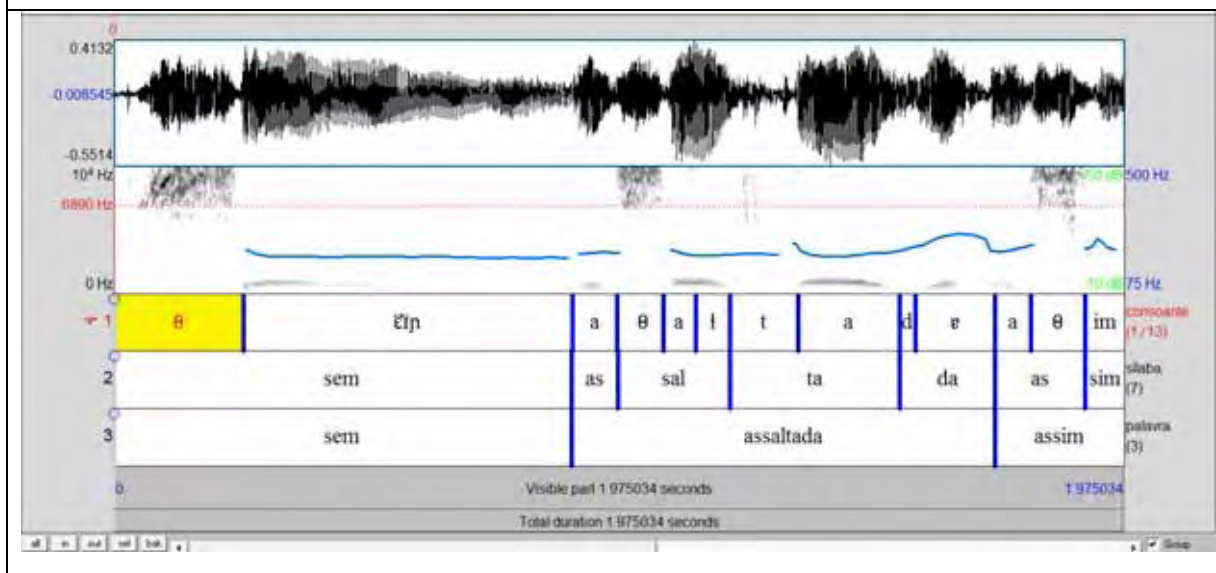
UISEU

Pasta 9

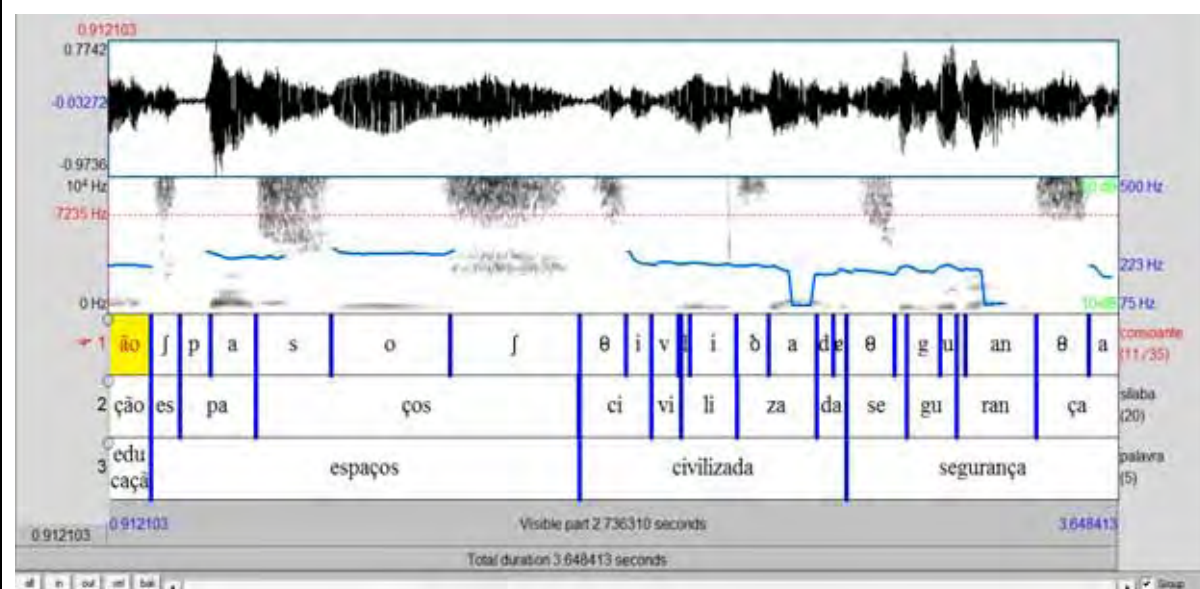
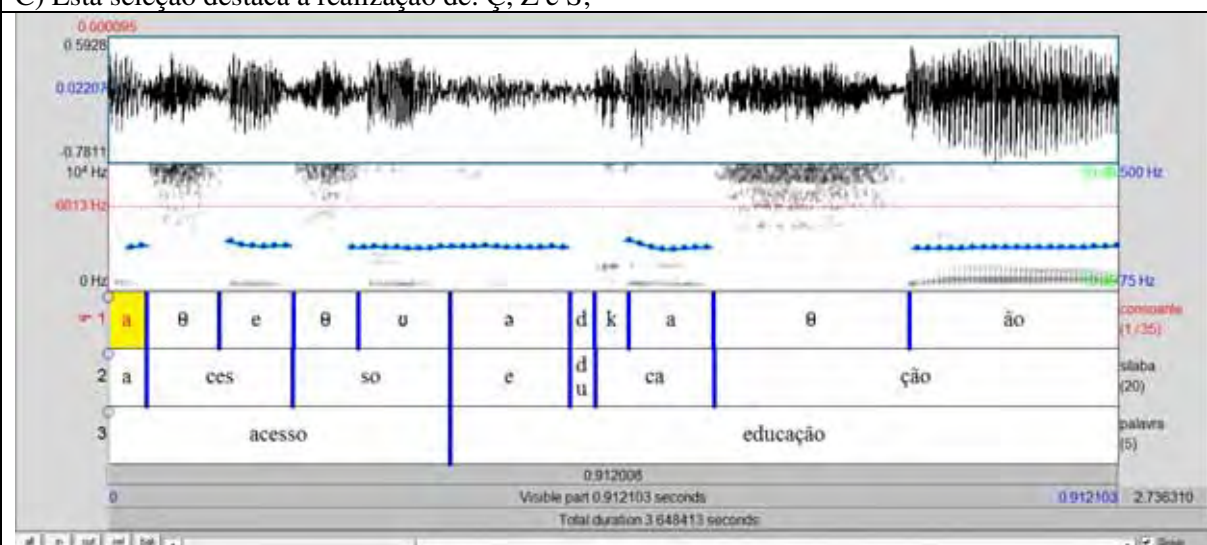
A) Esta seleção destaca a realização de: X e CH;



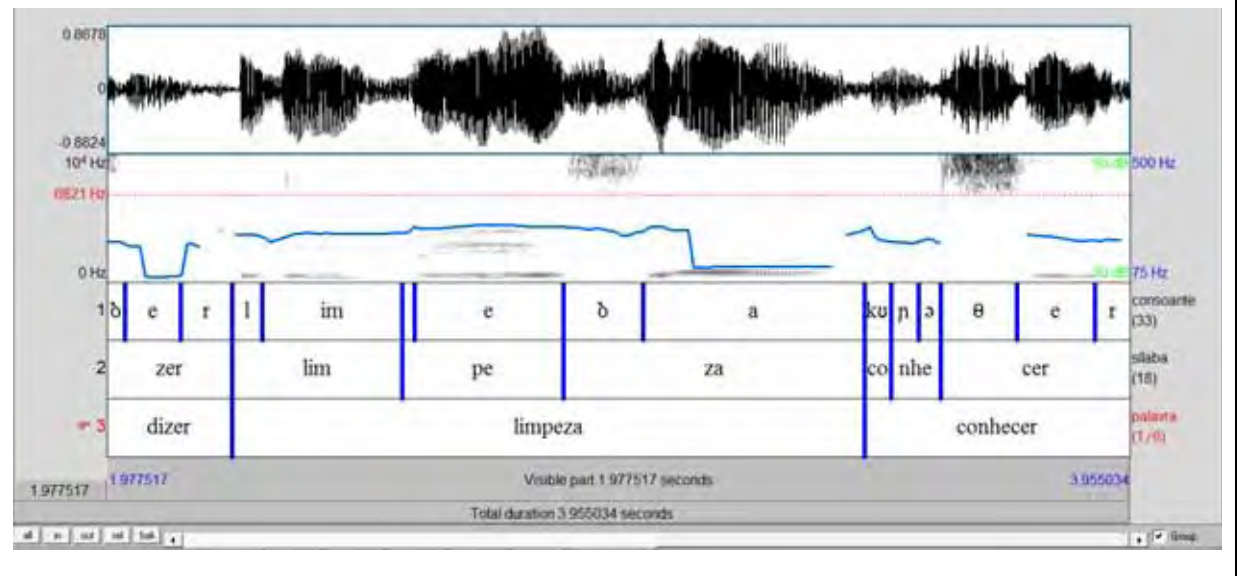
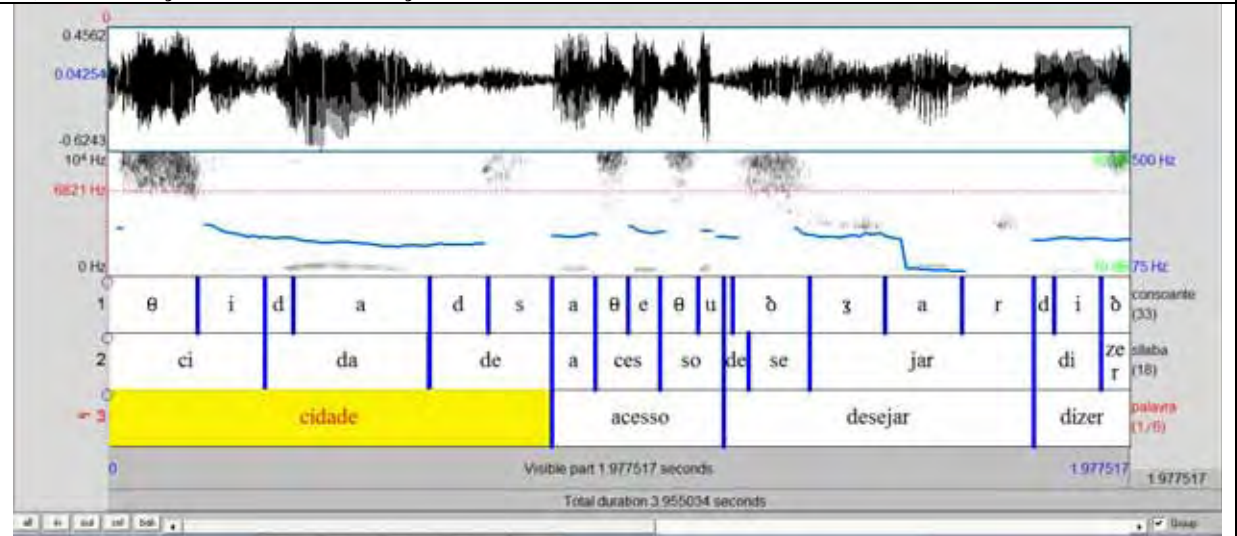
B) Esta seleção destaca a realização de S e SS



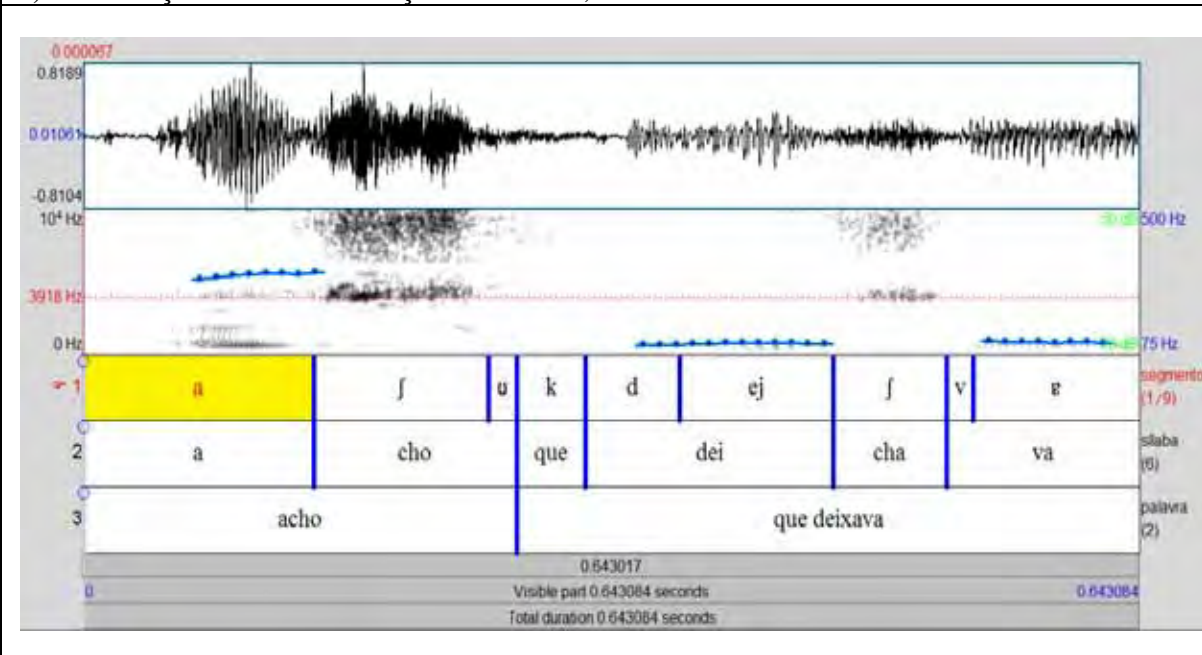
C) Esta seleção destaca a realização de: Ç, Z e S;



D) Esta seleção destaca a realização de: Ce, Ci, -S-, Z e Ce;



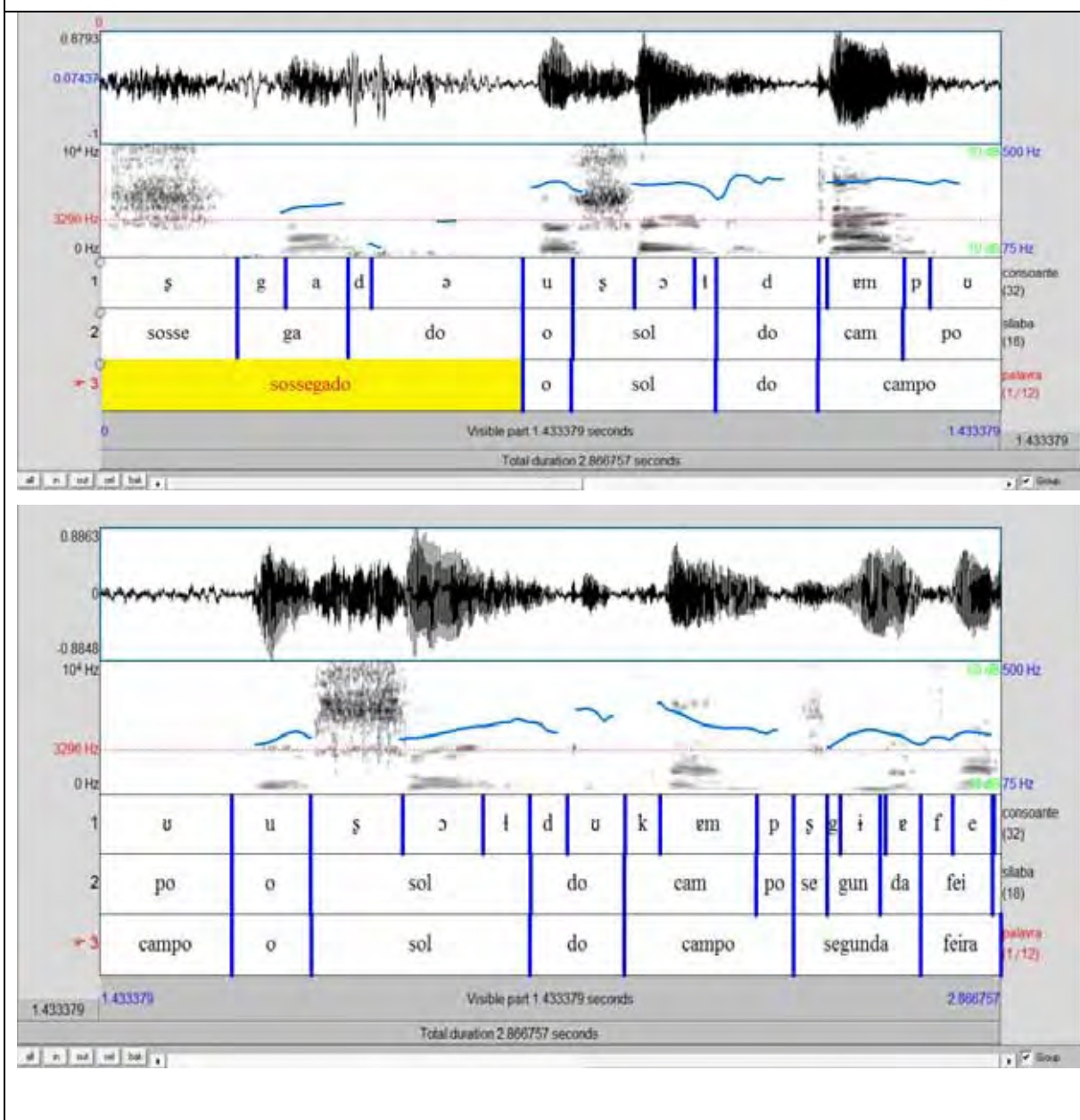
E) Esta seleção destaca a realização de: X e CH;



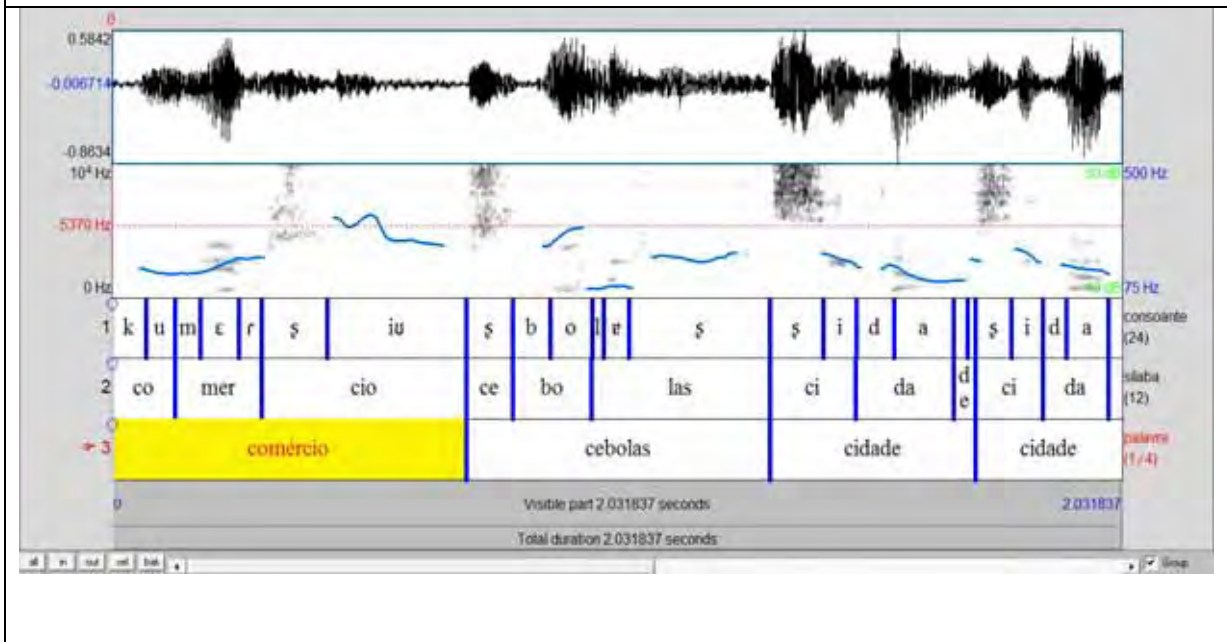
UISEU

Pasta 14

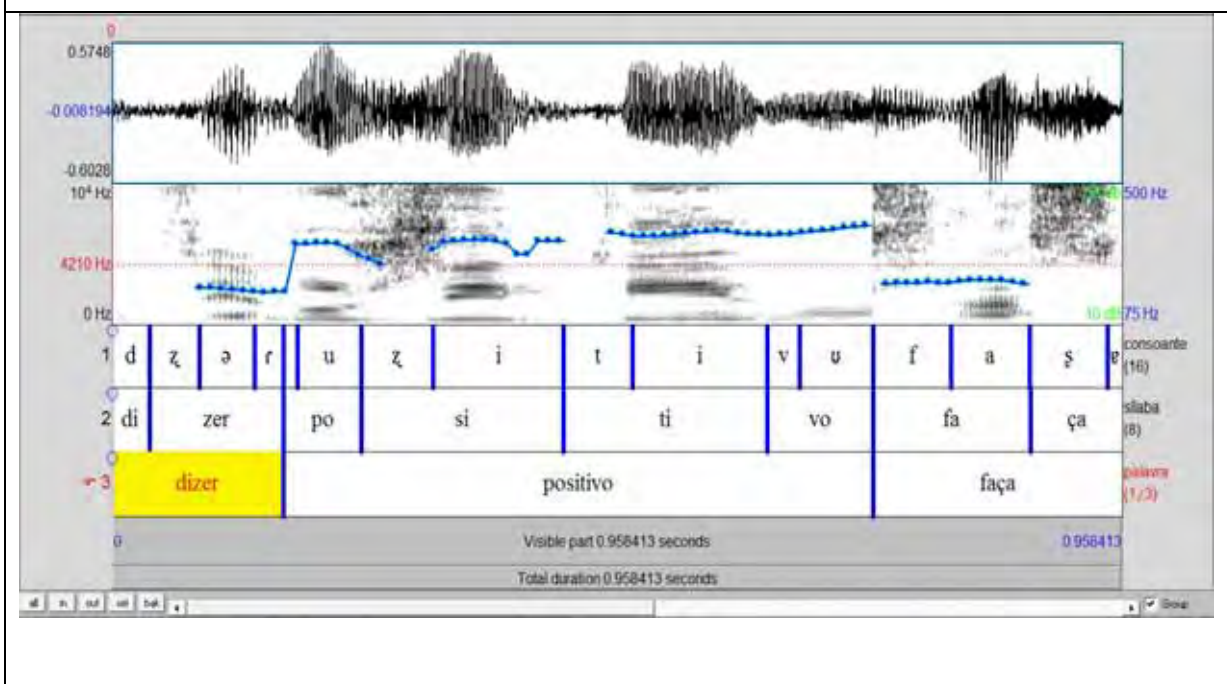
A) Esta seleção destaca a realização de: S e SS;



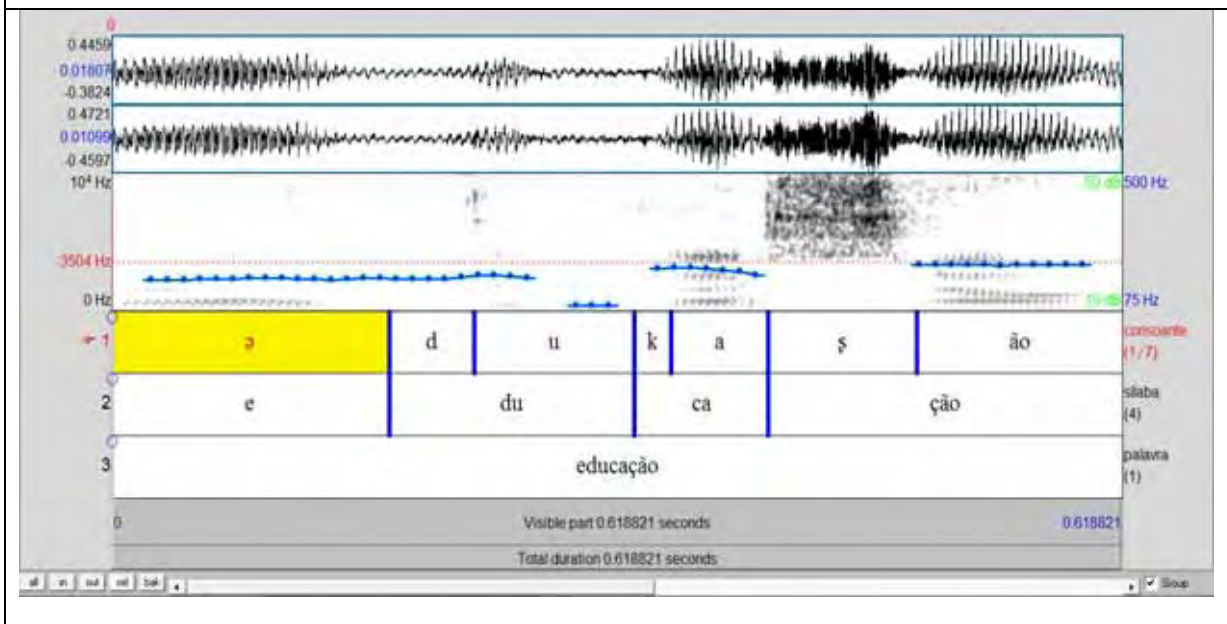
B) Esta seleção destaca a realização de: Ce e Ci;



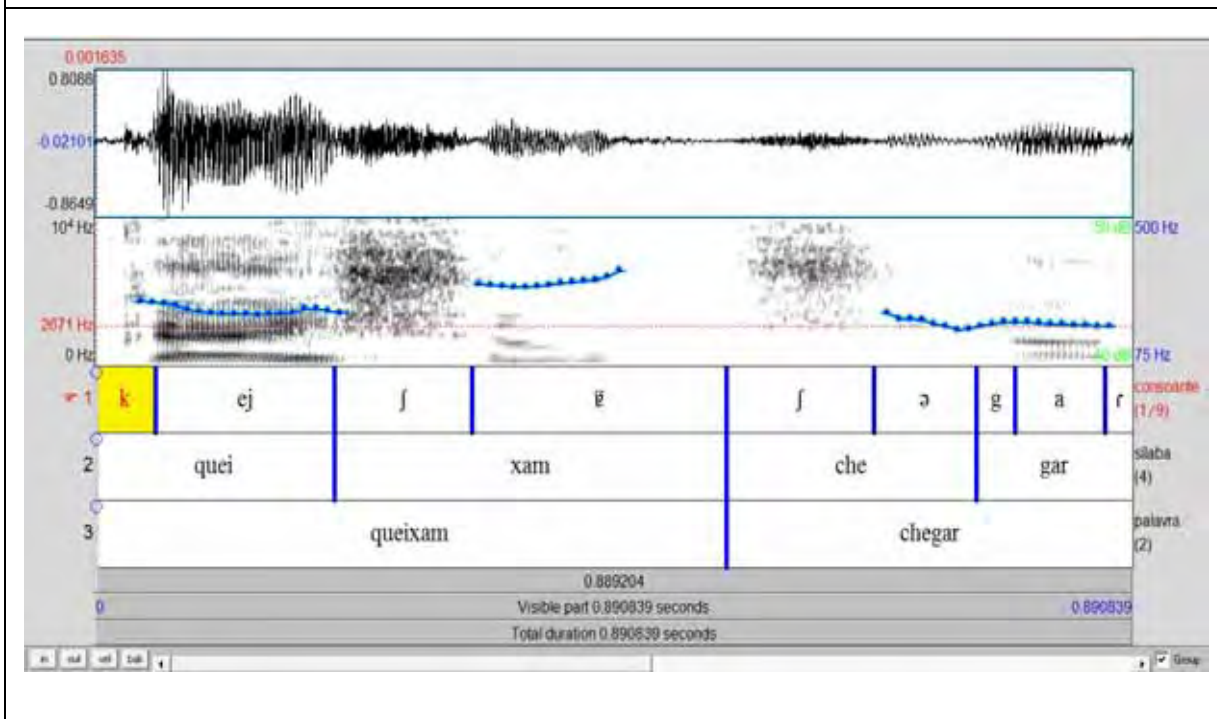
C) Esta seleção destaca a realização de: Z, S e Ç;



D) Esta seleção destaca a realização de: Ç;



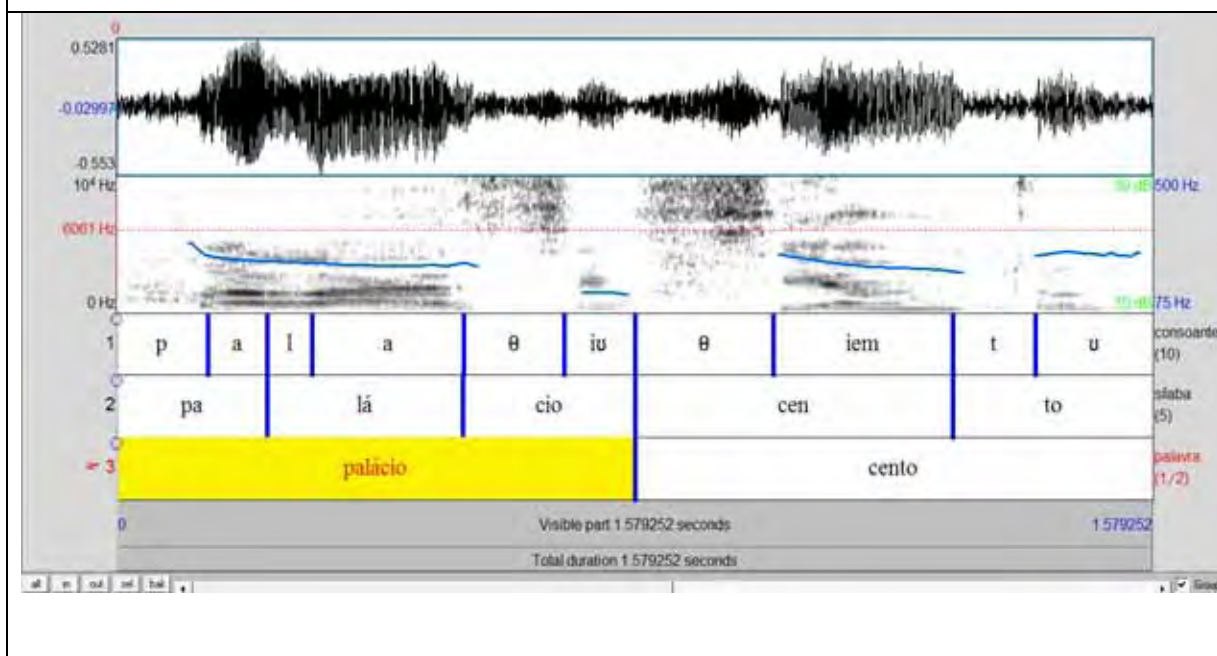
E) Esta seleção destaca a realização de: CH e X;



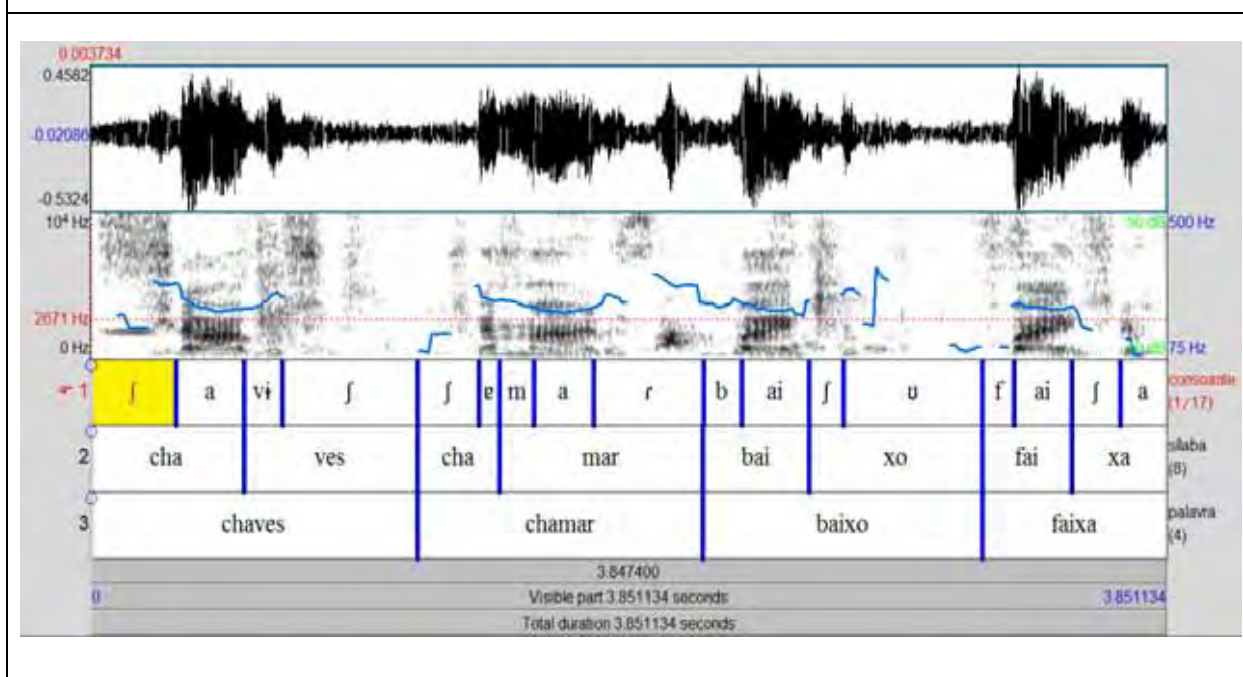
VIANA DO CASTELO

Pasta 15

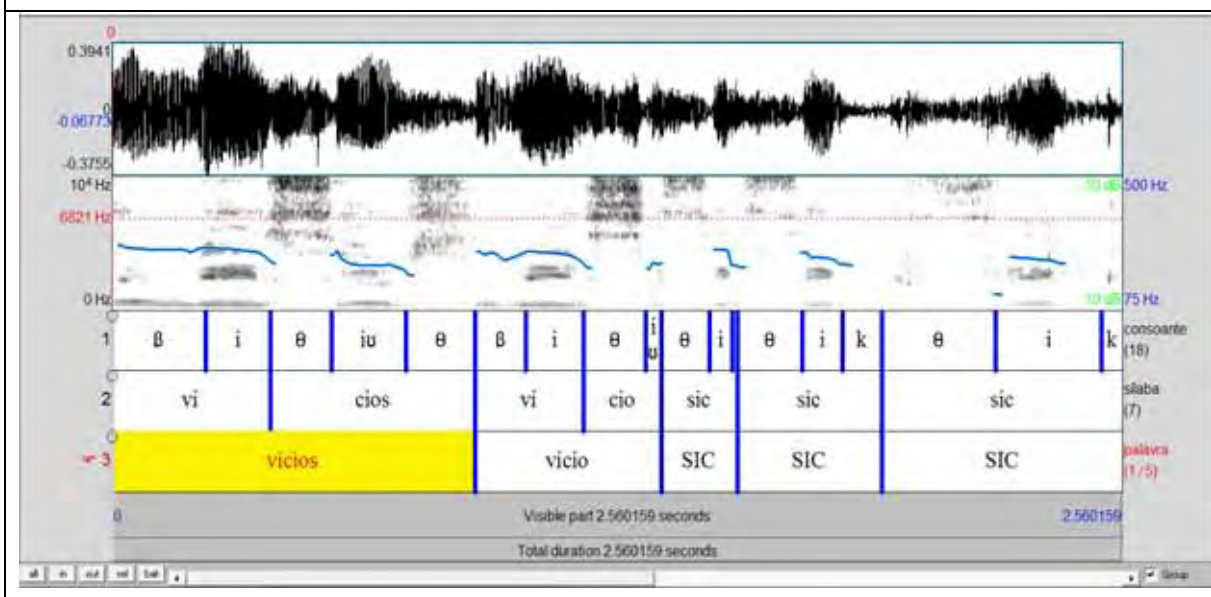
A) Esta seleção destaca a realização de: Ce, Ci;



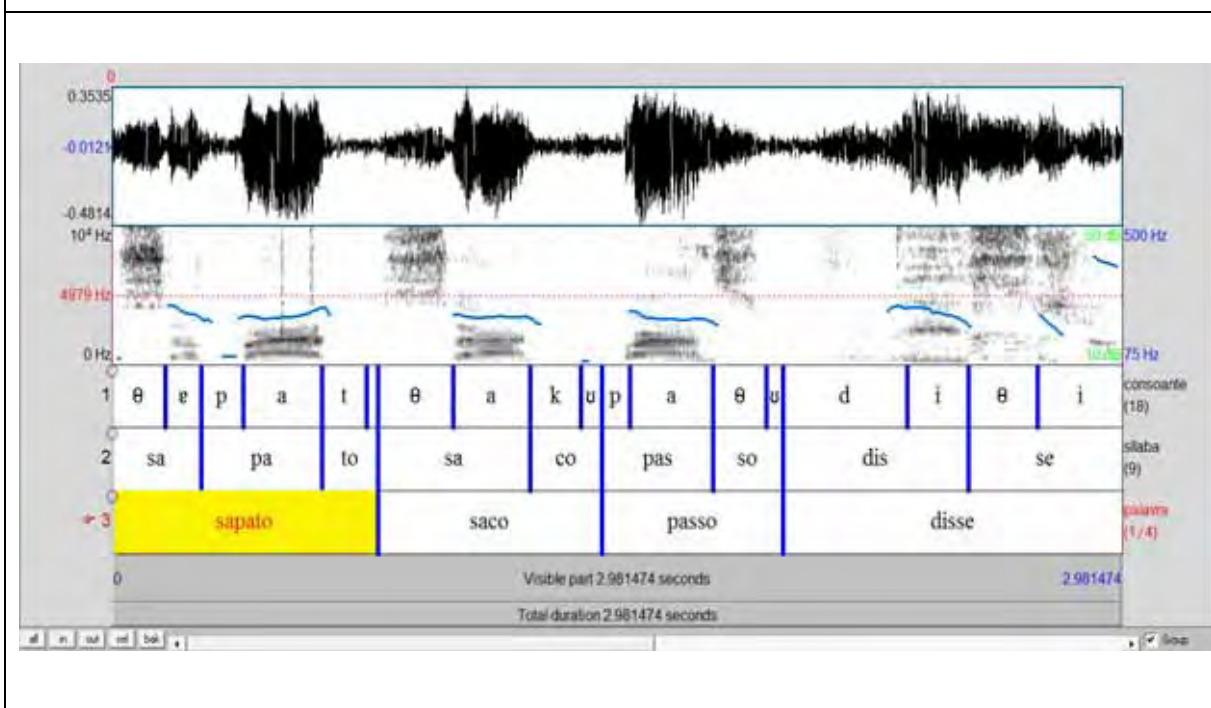
B) Esta seleção destaca a realização de: CH e X;



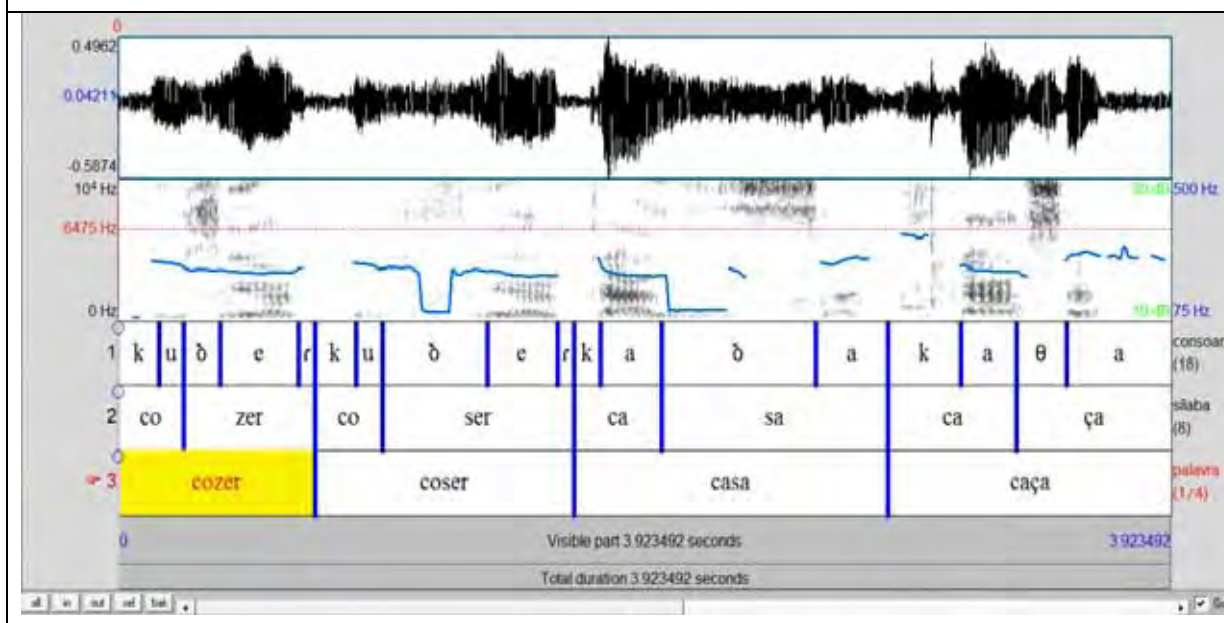
C) Esta seleção destaca a realização de: Ci e Si;



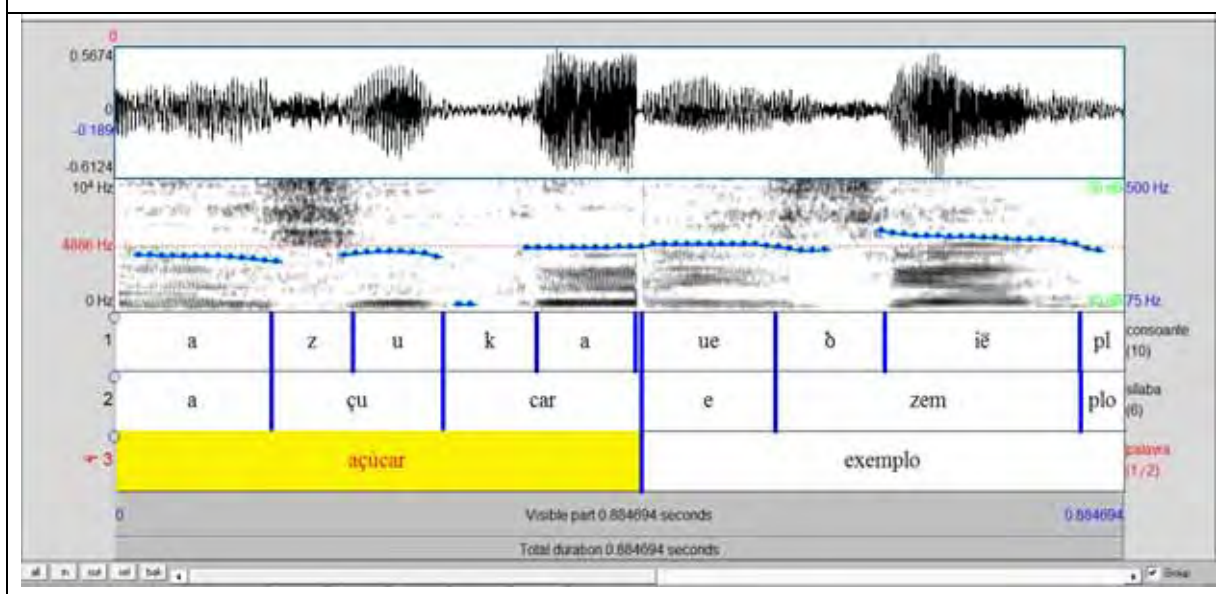
D) Esta seleção destaca a realização de: S, SS



E) Esta seleção destaca a realização de: Z, -S-, Ç;



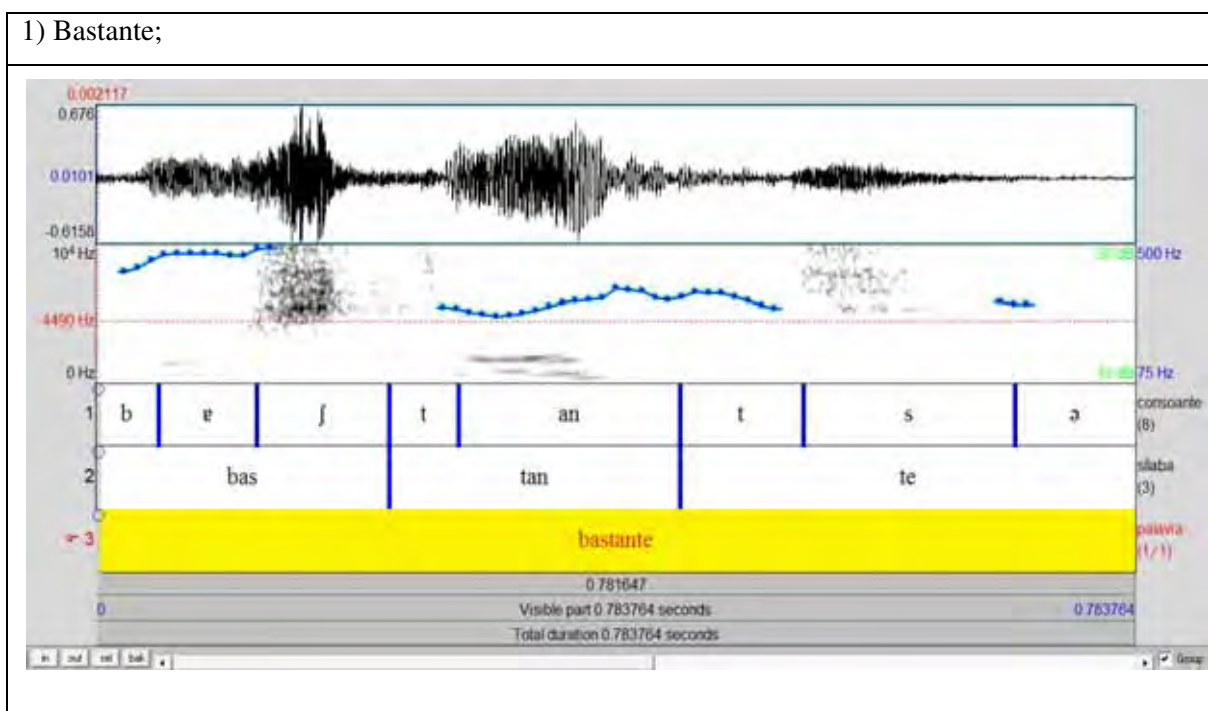
F) Esta seleção destaca a realização de: Ç e Z.



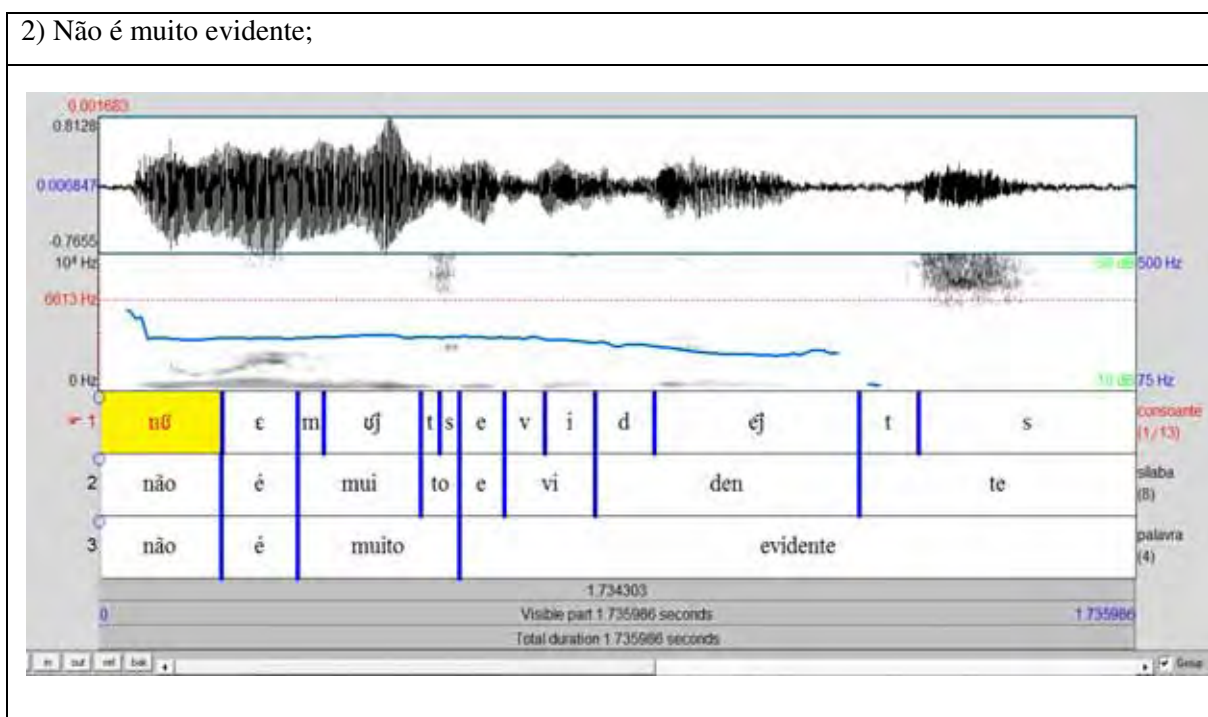
Presença de elemento africado:

Para o segmento “ts”:

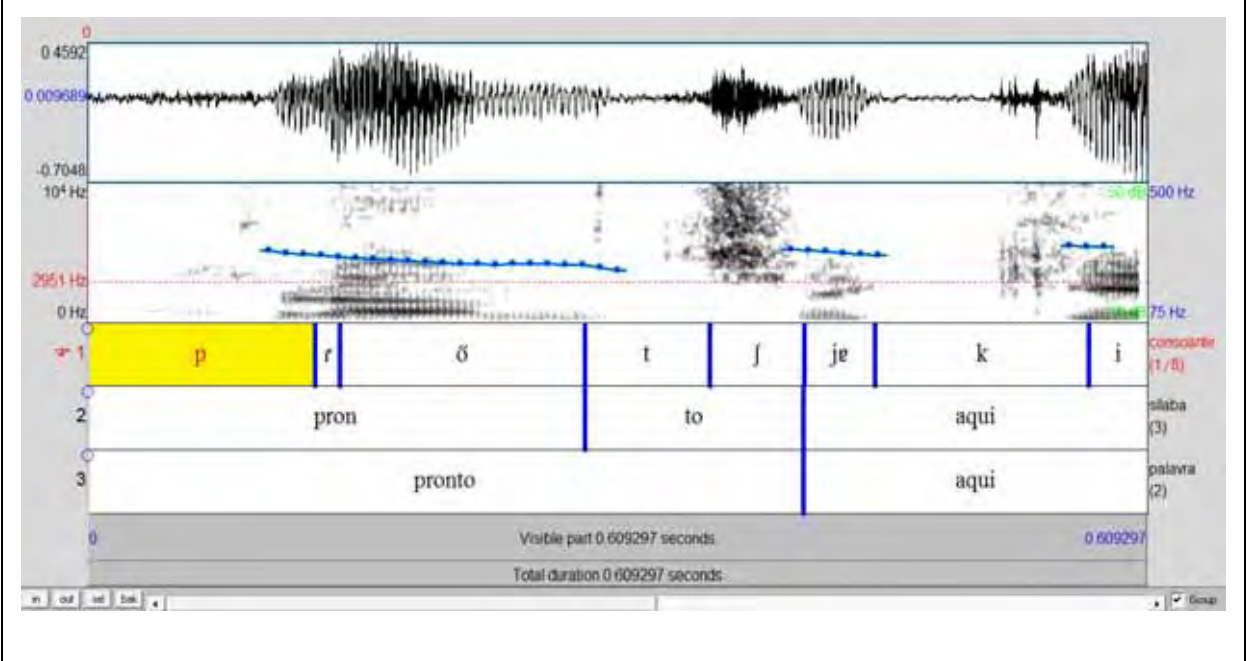
1) Bastante;



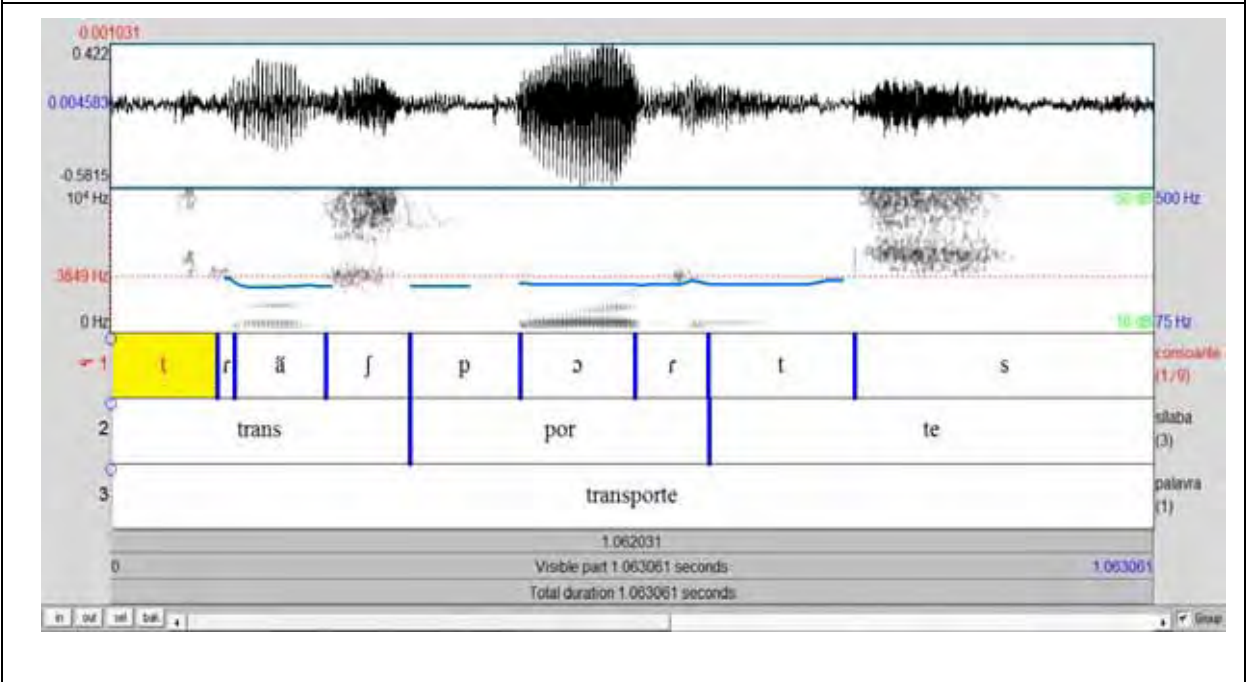
2) Não é muito evidente;



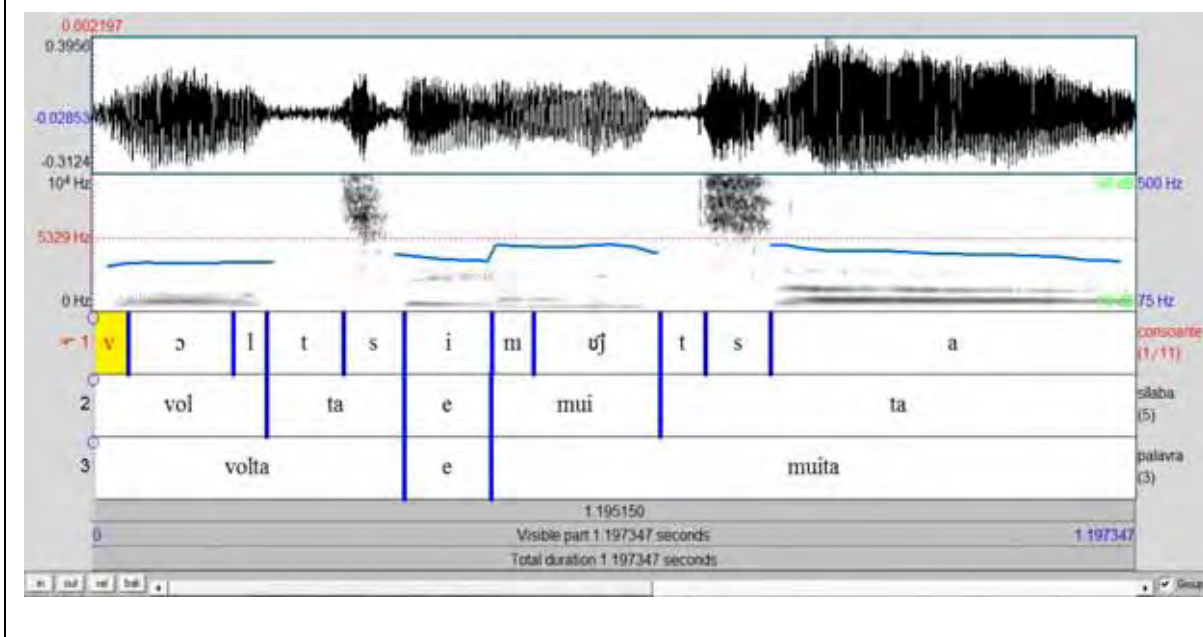
3) Pronto aqui;



4) Transporte;

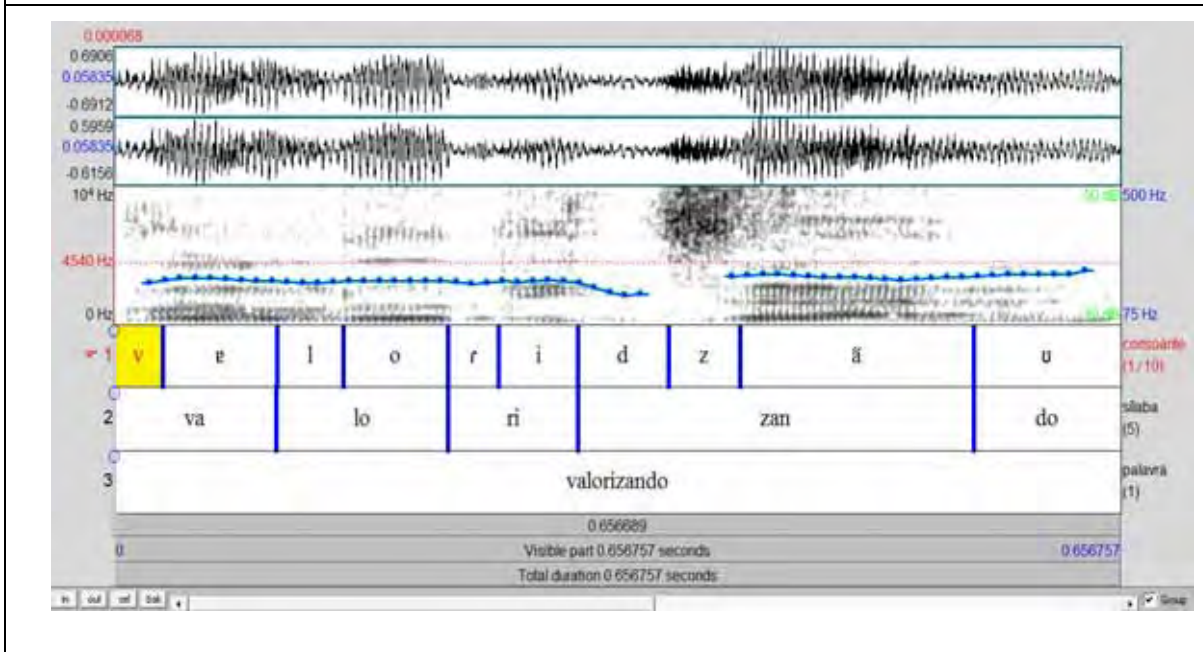


5) Volta e muita;



Para o segmento "dz":

6) Valorizando.



2.8 Discussão

As análises no PRAAT mostram a existência das fricativas pré-dorsais [θ] e [ð], das fricativas apicais [z] e [ʒ], além das africadas [ts] e [dz]. Em Viseu e Guarda é mais comum aparecerem as fricativas apicais, enquanto que, em Viana do Castelo, destacam-se as fricativas pré-dorsais.

A coexistência das pré-dorsais em oposição às apicais reveladas historicamente na distinção gráfica das letras destacadas em: paÇo, coZer ([s] e [z]) e paSSo coSer ([z] e [ʒ]) e que atestaram momentos de estabilidade e instabilidade ortográfica, trazem determinadas diferenças acústicas entre si.

A presente apreciação acústica dos dados, utilizando o PRAAT, objetiva apenas mostrar, no nível gráfico expresso pelos espectrogramas gerados, as diferenças mais salientes entre as fricativas pré-dorsais e as apicais. Para fazer uma análise mais apurada dos dados seria necessário fazer gravações com isolamento acústico, já que o ruído externo altera os valores de frequência. Poder-se-ia utilizar o recurso do PRAAT que elimina ruídos, mas como o som fricativo é um ruído, a aplicação desse recurso também iria afetar a gravação original.

Os parâmetros de análise acústica de sons fricativos mais comuns na literatura (JESUS, 1999) e que podem ser identificados pelo PRAAT são os picos espectrais e a duração dos segmentos. O estudo da duração ajuda a distinguir fricativas surdas e sonoras. Os valores da frequência caracterizam as fricativas quanto ao ponto de articulação.

Entretanto, a duração e a frequência podem variar dependendo do contexto, de fatores prosódicos e da posição que o segmento ocupa na cadeia da fala (JESUS, 1999). Para o estudo dos sons fricativos, há que se considerar a observação de Jesus (1999, p.166), quando afirma que “o estudo de sons fricativos do Português constitui um campo de pesquisa complexo e desafiante, ainda pouco explorado”.

Os parâmetros utilizados para analisar os dados da presente pesquisa por meio do PRAAT são a visualização do espectrograma e os valores da frequência.

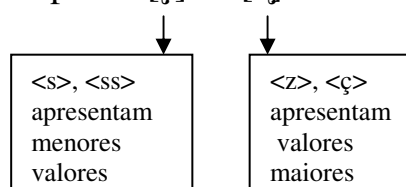
O segmento [tʃ], grafado *ch*, como em **ch**ave e **ach**ar, já descrita por Cintra (1971) e mencionada nas primeiras gramáticas e tratados de ortografia da língua portuguesa não foi encontrado nas gravações, como pode ser notado nos espectrogramas que seguem.

Quanto aos valores de frequência, as apicais realizam-se numa frequência que oscila entre 3000Hz a 5000Hz. Nesse caso, os maiores valores estão associados aos grafemas <z> e

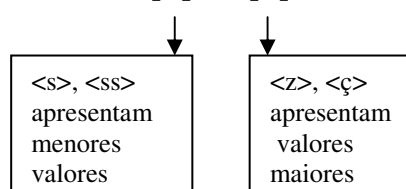
<ç>, enquanto <s> e <ss> apresentam frequências mais baixas. Do mesmo modo, ocorre com os grafemas representativos das dorsais. A única diferença é que essas últimas oscilam de 5000Hz a 8000Hz.

Essa conclusão pode ser vista no esquema a seguir:

- As apicais [ʃ] e [z] variam de 3000Hz a 5000Hz



- As dorsais [θ] e [ð] variam de 5000Hz a 8000Hz



2.8.1 Presença de elemento africado nas gravações

Para falar da presença do elemento africado nos segmentos ts e dz, vale recordar que a literatura já abordada anteriormente revela que tais segmentos podem ser provenientes do latim no seu processo de transformação nas línguas vernáculas.

A principal discussão sobre esse assunto tem sido precisar quando o elemento africado deixou de ser realizado na língua portuguesa ou se ele realmente chegou a existir (MATEUS, 1984; MAIA, 1986; TEYSSIER, 1997; MATTOS E SILVA, 2006).

A pesquisa não encontrou trabalhos que discutem a existência desses elementos africanos na atualidade na Região Norte de Portugal. Mas, discute-se que uma oclusiva, como [t] e [d] em “ts” e “dz” pode representar um tipo de consoante oclusiva que tende a ser realizada como uma fricativa. Nesse sentido, Jesus (1999, p.166) diz “There have been many studies of the phonetics and phonology of Portuguese, which have shown some interesting features of the language; it is unusually rich in instances of vowel reduction, consonant

clusters, **and plosives that are realized as fricatives** (JESUS, 1999, p.166, grifos nossos)¹¹⁰.”

No início da pesquisa não se cogitou a possibilidade de estudar as africadas “ts” e “dz”, pois não sabíamos que elas poderiam existir na atualidade. Entretanto, o contato com falantes de diferentes cidades da Região Norte de Portugal demonstrou que há muitas variações nos falares, com isso, segmentos fonéticos inesperados surgiam à medida que se ia tendo contato com os falantes. Nas gravações, chegou-se, por exemplo, a identificar (para mais de seis falantes de diferentes regiões) a realização da palavra *quinze* como [kujnz], além disso, palavra *nasci* é como [nafj], na verdade, essa sequência <sc> geralmente pronuncia-se como [ʃ], nos locais em que as entrevistas foram feitas.

Além dessa diversidade, uma característica dialetal considerada própria de uma cidade, (pelos falantes e pelos estudos dialetais) como as fricativas dentais de Viana do Castelo e as ápico-alveolares de Viseu foram encontradas em outras cidades (os falantes entrevistados eram nascidos nos locais onde as gravações foram feitas). Lindley Cintra (1973) já havia considerado esta questão na sua *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*.

Alguns elementos africados foram mostrados para a Doutora Clarinda de Azevedo Maia, em 2010, na cidade de Coimbra, local onde fui gentilmente recebida pela especialista. O olhar dela sobre os dados foi muito importante para a pesquisa. Em primeiro lugar, a pesquisadora considerou que tenho poucos dados para afirmar que esse tipo de elemento africado se realiza entre os falantes da Região Norte de Portugal, mas, ela não descartou a possibilidade de esses sons existirem naquela região.

Pretende-se utilizar os dados da pesquisa para investigações futuras, divulgando assim, o material coletado. Além disso, almeja-se ampliar determinados pontos da pesquisa, sobretudo, a investigação da existência das africadas mencionadas anteriormente.

¹¹⁰ Há muitos estudos sobre fonética e fonologia da Língua Portuguesa, que mostram algumas características interessantes da língua; é surpreendentemente rica em casos de redução de vogais, agrupamentos de consoantes e plosivas que são realizadas como fricativas (JESUS, 1999, p.166, tradução nossa).

PARTE 3

CONSIDERAÇÕES SOBRE REFORMA E ENSINO DA ORTOGRAFIA

3 A ortografia dos sons fricativos na discussão da reforma e do ensino de ortografia

Justificativa

A presente seção objetiva relacionar o estudo da história da ortografia dos sons fricativos com questões de reforma e ensino. Quanto à reforma, focalizar-se-á a sua necessidade; e, quanto ao ensino, pretende-se desmistificar determinadas ideias recorrentes sobre o seu aprendizado. Além disso, as questões de ensino aqui discutidas estiveram em pauta nas reformas ortográficas desde 1911, com Gonçalves Viana na sua *Ortografia Nacional* (1904), sendo retomadas ao longo das reformas e da unificação subsequentes. Portanto, há uma visível conexão entre reforma, ensino e história da ortografia, a partir dessa ligação, serão apresentados determinados aspectos, que podem ser úteis para ampliar discussões destes temas no que se refere, sobretudo, à representação ortográfica dos sons fricativos.

3.1 Reforma

Dentre as diversas motivações das reformas ortográficas para o vernáculo português há uma delas que tem grande relevo por ter sido discutida constantemente na história das reformas, e já nas primeiras gramáticas e tratados de ortografia. Trata-se da tentativa de se aplicar o princípio acrofônico ou alfabético. Nesse princípio, os fonemas deveriam ser associados aos grafemas de forma unívoca para que o leitor pudesse reconhecer os segmentos mínimos da sua fala refletidos nas letras que compõem as palavras¹¹¹. Com esse reconhecimento, o usuário poderia transcrever a sua fala usando as letras do alfabeto e, assim, não cometeria erros ortográficos.

Assim, sabendo a pronúncia que os grafemas têm, as dúvidas ortográficas poderiam ser solucionadas, como nos apresenta Pêro de Magalhães de Gândavo (1574, p.9-10, grifos nossos), para os sons fricativos, dizendo que,

As letras que se costumão muitas vezes trocar hũas por outras, e em que se cometem mais vicios nesta nossa linguagem, são estas que se seguem, conuem a saber, c, s, z, **e isto nace de não saberem muitos a diferença que ha de ũas às outras na pronunciação.**

¹¹¹ Conforme apresentamos na primeira parte do presente trabalho.

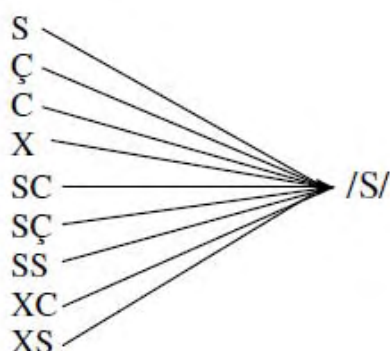
Nesse contexto, Duarte Nunes de Leão (1606, p. 184) adverte que,

Que tenhamos grande tento nos vocábulos, em que entra c, s, & z. Porque a mais da gente, & não soo a vulgar, se engana na scriptura, confundindo estas letras, & poendo hũas por outras, sem distinçaõ, **sendo ellas diferentes, & distantes na pronunciaçaõ, & natureza, assi como o saõ na figura.**

Jerônimo Soares Barbosa (1822, p. 51, grifos nossos) já não reconhece a distinção de pronúncia que serve como referência para a correta grafia dos sons fricativos e se vale da etimologia para fazer regra na ortografia, assim, ele diz,

Uma das maiores dificuldades que tem a othographia da derivação é a do c sem cedilha antes das vogais e e i, e a do ç com ella antes de a, o, u. **Porque tendo ambas o mesmo valor que o simples s, não se pode saber senão pela origem latina, quando havemos de usar de s e quando de c simples ou cedilhado.**

A escrita dos sons fricativos na ortografia da Língua Portuguesa apresenta uma notável diversidade gráfica que impossibilita relacionar fonema e letra univocamente. Por exemplo, o fonema /s/ pode ser representado pelas letras destacadas nas seguintes palavras: Saber, moÇa, Cebola, máXimo, naSCer, creSÇa, paSSo, eXCelente, eXSucção, etc. Nesse caso, há nove possibilidades de representação do referido fonema, como mostra o esquema a seguir:



Diante dessa situação, haveria complicações para o usuário, as quais são discutidas por vários pesquisadores e especialistas. Nesse contexto, a autora Maria Helena de Moura Neves, em entrevistada concedida ao jornal Folha de São Paulo (FOVEST, 2009, E4) na ocasião da reforma ortográfica de 2009, diz, “[...] a maior parte dos problemas que os

vestibulandos têm com a ortografia diz respeito a outras questões que não as que foram objeto de mudança: por exemplo, o uso de s ou ss ou ç; o uso de x ou ch.”

Assim, o fato de haver vários grafemas representando um mesmo fonema é o que estaria gerando esse transtorno para o usuário. Nessa lógica, uma reforma ortográfica poderia resolver essa questão ao eliminar essas variadas formas para a escrita de um mesmo fonema. Assim, se uma palavra tem som de [z] grafar-se-ia com <z>, e o mesmo poderia se aplicar a <x>, <s>, <ss>, enfim aos demais grafemas.

No entanto, conforme comenta Coulmas (2006, p.381), “advantages for the writer, e.g. greater simplicity of grapheme-phoneme correspondence, may not benefit the reader; and what is easiest to learn is not necessarily easiest to use¹¹².”

Na história da escrita da língua portuguesa, pode-se afirmar categoricamente que uma reforma nesse sentido sônico nunca foi aplicada, apesar de vários autores e estudiosos terem sugerido isso ao longo dessa história. Inclui-se aí Gonçalves Viana (1904) que, conforme já foi discutido anteriormente, também teve a sua proposta sônica (na escrita dos sons fricativos) rejeitada pela comissão de reforma. De lá para cá, nenhuma reforma alterou a escrita dos sons fricativos coronais.

Na verdade, pode-se afirmar que nunca haverá uma reforma ortográfica que estabeleça grafia sônica, ou alfabética, ou acrofônica para os sons fricativos. Porque não há reforma que possa refletir a variedade dialetal. Por exemplo, o <s> na palavra “mesmo” tem sons de [s], [z], [ʃ], [ʰ], etc, que poderiam ser grafados respectivamente por <s>, <z>, <j>, <rr>, entre outras possibilidades. Essa mesma situação se aplica a outros grafemas. Além disso, com a unificação de 2009, entram também os demais dialetos dos oito países signatários do acordo ortográfico. Com isso, levando em conta só as pronúncias de Portugal, acrescentar-se-iam a <ç> os sons de [ð] e [z]; acrescentar-se-iam a <z> os sons de [dz], [z],[ð]; acrescentar-se-iam a <s> os sons de [ʃ], [ts], [θ], conforme mostram as gravações feitas em Portugal para a presente pesquisa.

Além desses casos, há ainda muitos outros, cujas realizações dialetais são bastante variadas para toda a lusofonia, sendo assim impraticável a sua representação fonética na ortografia.

Seria ainda impraticável porque, conforme argumenta Perini (2010, p.352), mostrando fenômenos não marcados na ortografia,

¹¹² Vantagens para o escritor, por exemplo, maior simplicidade de correspondência grafema-fonema pode não beneficiar o leitor e o que é fácil de ler não é necessariamente mais fácil de usar (COULMAS, 2006, p.381, tradução nossa).

O PB apresenta uma série de fenômenos fonológicos que não são representados de nenhuma maneira na escrita, mas que são importantes na fala. Muitos deles são obrigatórios, e outros são usuais, de modo que ignorá-los equivale a deixar de lado traços essenciais da pronúncia do PB.

O referido autor traz diversos exemplos, reservando todo um capítulo para essa questão. Seguem alguns exemplos de Perini (2010, p.352-354), que adaptamos por meio do quadro,

Tópicos	Exemplos
Em proclíticos	A preposição <i>em</i> geralmente se pronuncia [ni] quando antes da forma pronominal <i>mim</i> ; por exemplo, [1] Ele bateu ni mim. A pronúncia em também ocorre nesse ambiente.
O verbo (es)tar	No verbo <i>estar</i> , um dos mais freqüentes da língua, a primeira sílaba é normalmente omitida, em todas as formas do verbo. Assim, diz-se [2] Ele tava em cima da cama.
A partícula negativa não	A partícula <i>não</i> se pronuncia em geral [nũ] quando precede um verbo: [6] Ele [nũ] chegou.
Você	O pronome pessoal <i>você</i> raramente se pronuncia [vo'se] quando antes de um verbo, mas se reduz a [o'se], [se] ou simplesmente [s]; a frase [14] Você tem um relógio aí? acaba soando <i>ocê tem um relógio aí</i> , ou <i>s' tem um relógio aí</i> . A forma mais comum é provavelmente <i>cê</i> .
Observação:	Há outros exemplos que envolvem: fenômenos de sândi e contrações. Consultar Perini (2010).

Quadro 14- Exemplos de fenômenos não marcados na ortografia.
Fonte - adaptado de Perini (2010).

Assim, a interferência dialetal geraria uma imensa diversidade gráfica afetando a maneira de escrever as letras nas palavras, como também a extensão delas. Veja os exemplos a seguir, que exemplificam essas diferentes extensões para a escrita das palavras:

- Litro: li;
- Menino: minin;
- Estômago: istombu; istrombu;
- Você: ucê, ocê, cê, s.

De fato, seria necessário fixar grafias para resolver esse problema, mas, ao estabelecer isso, deixaríamos de aplicar o princípio alfabético tão almejado por diversos autores e voltaríamos a uma convenção.

Poder-se-ia contra-argumentar essas ideias dizendo que é possível que as letras representem um dialeto padrão e que isso resolveria o problema da variação, bastando que

todos falassem de forma padronizada. Contudo, além da impossibilidade dessa medida para a lusofonia há o preconceito linguístico que acompanha essa questão, como Cagliari (2004, p.9) argumenta,

A ortografia não é a representação do dialeto de nenhuma classe social ou região ou época da história, mas uma forma que se fixou através de uma tradição. Certamente, as reformas ortográficas são levadas adiante com intenções claras de privilegiar um grupo ou outro de falantes. Por exemplo, quando se declarou que o dialeto carioca representava a melhor pronúncia do Português do Brasil, fez-se uma declaração explícita de preconceito linguístico.

O grande problema que está por trás das tentativas de se aplicar o princípio acrofônico nas reformas ortográficas é que aí está revelado o desconhecimento da história da ortografia capaz de comprovar a impossibilidade dessa medida.

Além disso, como já foi dito sobre a natureza, função e uso da ortografia, existe a categorização funcional das letras que permite que o usuário opere tranquilamente com a ortografia em seu dialeto sem precisar se preocupar com a associação de segmentos fônicos relacionados aos grafemas.

Com a atuação desse princípio funcional das letras, não importa por qual dialeto o usuário se expressa, uma vez que as letras representam os diversos sons que os falantes de diferentes dialetos podem atribuir a elas.

Por isso, a busca pela compreensão do funcionamento da ortografia e, conseqüentemente da sua história, é essencial para uma reforma ortográfica. Nesse sentido, é lícito considerar os avanços empreendidos por Gonçalves Viana (1904) na sua busca por uma visão metódica, científica da questão, abrindo novas possibilidades nessa investigação.

Na atualidade, entre outros trabalhos, a vertente teórica em *Aspectos Teóricos Linguísticos da Ortografia* (2004) de Luiz Carlos Cagliari, aqui adotada, deveria ser levada em consideração quanto às reformas, uma vez que também faz uma destrincha da ortografia à luz da sua história sob embasamento Linguístico.

Conclui-se que ao considerarmos os constructos da ortografia não há necessidade de se empreender reformas ortográficas em períodos muito curtos. Assim, essa atitude torna-se mais importante quando o passar do tempo imprime grandes mudanças linguísticas. Segundo Cagliari (2004, p.161) “[...] as línguas mudam, mas mudam num ritmo vagaroso. Por essa razão, a ortografia pode permanecer inalterada durante muito tempo.”

Para Coulmas (2006, P.381), “The need or desire for orthography reform usually arises as a result of real or perceived discrepancies between speech and writing [...]”.

3.2 Ensino

Gonçalves Viana na sua *Ortografia Nacional* (1904) considerava que o ensino da ortografia deveria revelar também os preceitos que estão por trás das regras ortográficas, elucidando o viés lógico desse sistema.

Nessa linha, o foneticista chegou a pesquisar os tipos de dificuldade ortográfica de um usuário que utilizasse o sistema simplificado dele. Os tipos são organizados em duas categorias: a) geral e b) especial.

A categoria geral abrange: 1) o uso da letra “h” inicial; 2) o uso de “i”, ou “e” inicial com valor de “i”; 3) uso de “o” e “u” átonos.

A categoria especial decorre do fato de haver diferentes pronúncias na língua, causando erros ortográficos, são elas: 1) uso de *e* ou *i*, átonos, antes de *nh*, *lh*, *x*, *ch*, *j*; 2) uso de *a* e *e*, tônicos, antes de *nh*. 3) uso de *ô*, ou *ou*. 4) uso de *e* ou *ei*. 5) uso de *e*, ou *i*, antes de *s* seguido de consoante. 6) uso de *x* ou *ch*. 7) uso de *ç* ou *s* inicial; *ç* ou *ss* medial; *ce*, *ci*, ou *s(s)e*, *s(s)i*; *z* ou *s* medial; *z* ou *s* final.

Gonçalves Viana também aconselhava que os professores disponibilizassem aos alunos os fundamentos históricos, fonológicos e fonéticos da ortografia simplificada para um melhor entendimento das regras, evitando dificuldades gráficas. Assim, ele diz ser indispensável que “os mestres despertem nos alunos a curiosidade por tais investigações, para os habilitarem á sistematização e ao raciocínio; a resolverem por si próprios as dificuldades ortográficas, as quais, pela enumeração que fiz delas, ficam reduzidas a onze” (VIANA, 1904, p.21).

Essa perspectiva de ensino que traz à tona a história da ortografia carrega uma ideia genial que é fazer conhecer o caráter científico da ortografia e seu funcionamento, integrados ao ensino. Infelizmente, essa postura não vingou, como é possível notar nos muitos manuais didáticos e até mesmo nos documentos oficiais de divulgação da ortografia, como o VOLP.

O que permaneceu da proposta de ensino de Gonçalves Viana (1904) foi a sua distorção, tendo-se em vista o projeto como um todo. Restou uma tradição de ensino que passou a associar e a sugerir a relação unívoca entre grafemas e fonemas como forma predominante de facilitar o aprendizado da ortografia, sem considerar seriamente a sua face histórica e, sobretudo, científica.

Nesse sistema de ensino, a representação dos sons fricativos é a que mais recebe críticas devido à sua grande disparidade entre fonema e grafema, que sai do ideal alfabético e, por essa razão, “atrapalha” a alfabetização, conforme comentam vários educadores.

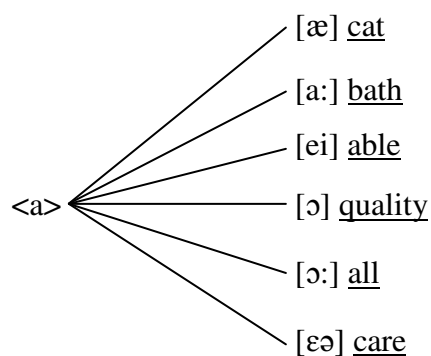
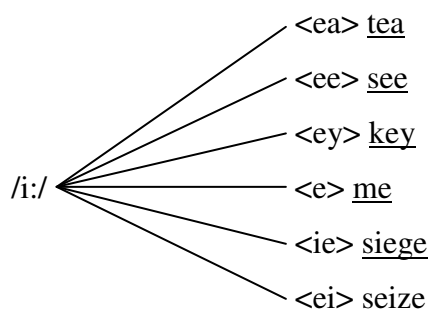
Por exemplo, Artur Gomes de Morais (2010, p.34) acredita que “[...] para superar um estado de confusão, os educadores precisam avançar em seus conhecimentos sobre como as correspondências som-grafia de nossa norma ortográfica estão organizadas.”

O referido autor utiliza uma proposta de alfabetização que privilegia essa relação fonema/letra. Ele defende que é mais fácil utilizar as grafias P, B, T, D, F e V e ainda M e N no início de sílabas porque, nesses casos,

[...] não existe nenhuma outra letras ‘competindo’ com a única letra disponível, na ortografia da língua, para grafar aquele som. Como se cumpre o ideal alfabético original (segundo o qual cada letra deveria representar um único som), em geral as crianças não têm maiores dificuldades para usar aquelas letras. (MORAIS, 2010, p.34-35).

Mas esse argumento é problemático, pois tal complicação não afeta o uso da ortografia portuguesa, bem como a ortografia do Francês, do Inglês, ou de outras línguas que apresentam essa mesma situação discutida por Morais (2010)¹¹³.

No caso do Inglês, por exemplo, veja a multiplicidade de grafemas na representação do fonema /i:/ e a multiplicidade de fonemas para representar <a> nos esquemas de Coulmas (2006, p.144) a seguir,

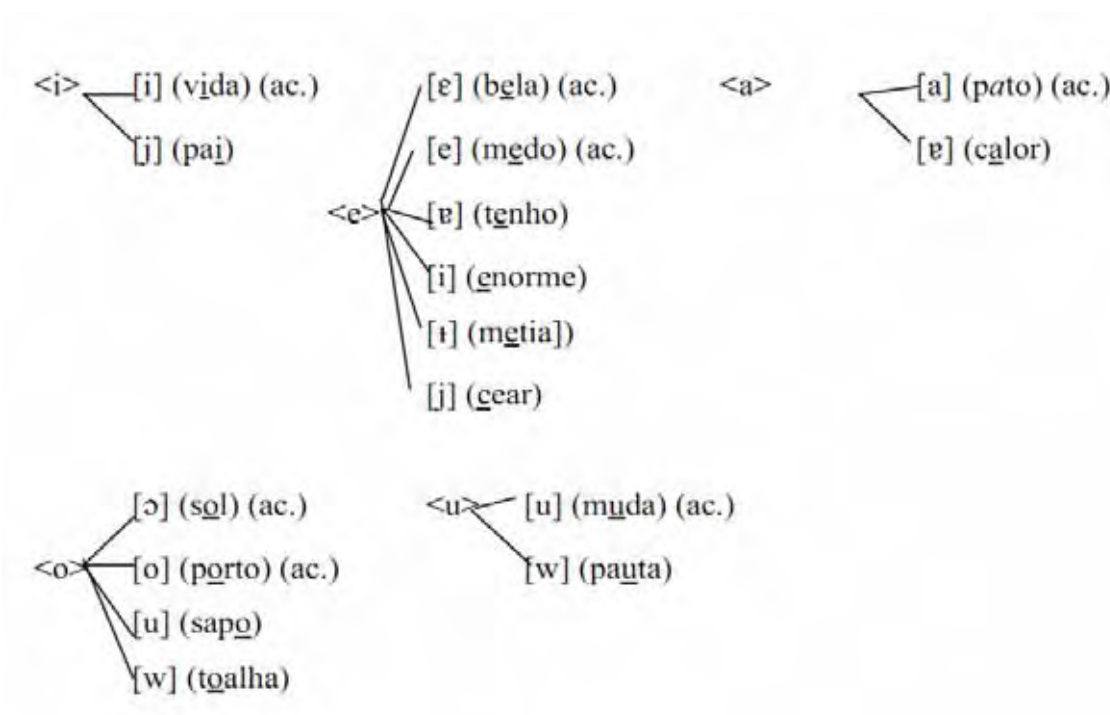


¹¹³ A técnica apresentada por Morais (2010), associando fonema e letra, pode contribuir na alfabetização, em alguns casos. No entanto, o maior problema não é a utilização dessa técnica, mas a ideia que geralmente a impulsiona: acreditar que a ortografia pode ser fonológica ou fonética, sendo que ela não é.

No francês, M. Riegel; J.-C. Pellat; R. Rioul (2008, p.32) também trazem os seguintes exemplos,

- le phoneme [ã] correspond aux graphèmes *an* (*rang*), *am* (*ramp*), *en* (*rente*), *em* (*tempe*), *aon* (*paon*), *aen* (*Caen*).
- le phoneme [s] correspond à *s* (*son*), ou *ss* (*poisson*), *c* (*cette*), ou *ç* (*balançoire*), *t* (*action*), *x* (*soixante*).
- [...]
- *s* correspond à [s] (*seuil*) ou à [z] (*maison*, *raison*); *in* correspond à [ɛ̃] (*pin*) ou à [in] (*mine*); *-ill-* correspond à [j] dans *paille*, à [il] dans *ville* et à [ij] dans *fille*.

No português, alguns exemplos de fonemas representados na escrita por vários grafemas, segundo Mateus (2006, p.11),



E ainda diferentes grafemas representado um mesmo fonema, de acordo com Mateus (2006, p.14)

[ĩ]	<in, im>	(tinta, sim)
[ẽ]	<en, em>	(pente, membro)
[ẽ]	<ã>	(romã)
	<an, am>	(banco, ambos)
[ẽj]	<ãe>	(mãe)
	<em, en>	(tem, tens)
[ẽw]	<ão>	(pão)
	<am>	(formas verbais como amam, batam)
[õ]	<on, om>	(ponte, pombo)
[õj]	<õe>	(corações)
[ũ]	<un, um>	(unto, atum)

Um problema de se desconsiderar a face histórica da ortografia é deixar de lado o esclarecimento mais preciso da relação que há entre escrita e fala.

Essas medidas para facilitar o ensino a partir do ideal alfabético, ou do princípio acrofônico, trazem à tona uma falta de entendimento sobre como tem ocorrido a relação entre a escrita e a oralidade na ortografia da língua portuguesa. Pois, conforme exploramos no item anterior, essa relação entre grafema e fonema tem sido desejada, porém apresenta-se impraticável.

Desconsiderar os fundamentos mais originais da história da ortografia traz como grave consequência a repetição permanente de erros do passado. Sendo assim, tanto um projeto de uma reforma quanto um projeto de ensino da ortografia reclama uma investigação mais profunda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou explorar a relação oralidade/escrita na representação histórica dos sons fricativos coronais europeus pela ortografia da língua portuguesa. Além disso, buscou depreender o que essa relação revela sobre a formação de uma ortografia e em paralelo à história desses sons.

Para isso, foi necessário definir o que é a ortografia, como ela surgiu e foi utilizada, na primeira parte deste trabalho. Essa compreensão da natureza, funções e usos da ortografia apoiou-se, sobretudo, na obra *Aspectos Teóricos Linguísticos da Ortografia* (2004) de Luiz Carlos Cagliari, pois tal trabalho teoriza sobre a ortografia, fazendo novas considerações ao estudo metaortográfico da língua portuguesa e soma-se aos poucos trabalhos a respeito desse tema.

Para este estudo, consideraram-se as fricativas coronais e palatais como [s], [ʃ], [z], [ʒ] [θ], [ð], [ʃ] (entre outras realizações históricas) e sua representação grafemática, como <s>, <z>, <ss>, <c>, <ç>, <sc>, <xc>, que representam fricativas coronais e <x>, <ch>, que representam fricativas palatais.

Na segunda parte da dissertação, definiu-se o que são as fricativas, como elas surgiram na língua portuguesa e se transformaram ao longo do tempo. Essa transformação histórica, fonética e fonológica, identificada por meio da escrita, deixa evidente sua influência nas oscilações gráficas, conforme avaliou Clarinda de Azevedo Maia (1986) para o período do português arcaico.

Por outro lado, discutiu-se que, embora possa se reconhecer a expressão oral refletida na ortografia dos sons fricativos, nunca houve uma escrita propriamente fonética, pois a ortografia, entre muitos outros aspectos, emerge de usos, de etimologia e ainda sob a atuação de um princípio cumulativo. Além disso, para que ocorra a leitura em qualquer dialeto, a variação linguística sempre é neutralizada pela ortografia. Deste modo, esses fatores diversificados na formação da ortografia imprimem um caráter heterogêneo a ela e, em particular, à escrita dos sons fricativos.

Destacou-se ainda que não há um consenso entre especialistas para determinadas transformações de sons fricativos no período que compreende do português arcaico ao português do século XVI.

A partir da análise das primeiras gramáticas e tratados de ortografia do vernáculo português entendeu-se que há uma influência árabe na realização de sons fricativos

representados por <ç>, <x> e <z>. Investigando essa influência, foram considerados aspectos históricos como a longa presença árabe em Portugal (por volta de 700 anos).

Além disso, foram ilustradas e investigadas realizações atuais dos sons fricativos coronais europeus, porque mostram realizações dialetais conservadoras da Região Norte de Portugal, em que se verificam fenômenos linguísticos mais antigos da língua como a presença das fricativas apicais [z] e [ʃ] e as dorsais [ð] e [θ], além de outras realizações como [ts] e [dz]. Em relação a essas últimas, a literatura acredita não existirem mais.

Assim, esse material foi comparado ao estudo histórico do desenvolvimento dos sons fricativos do vernáculo português, além de ter sido analisado acusticamente por meio do programa PRAAT.

Também foram abordados os temas ensino e reforma ortográfica, na terceira parte deste estudo, pois eles participam da história da ortografia e podem nos ajudar a entendê-la um pouco mais. Por outro lado, tais considerações ajudam a investigar se seria aconselhável fazer uma reforma ortográfica para os sons fricativos no sentido de estabelecer uma relação unívoca entre fonema e grafema, ou seja, cada letra representando um único som.

Mostrou-se que essa medida não ajuda uma reforma ortográfica, haja vista o referido caráter neutralizador da ortografia a fim de possibilitar a leitura. Além disso, ainda que fosse aplicado o princípio alfabético na reforma dos sons fricativos, muitos outros aspectos da oralidade ficariam fora dessa reforma.

Esse princípio alfabético também aparece nas questões de ensino, pois se acredita que ele traz grande ajuda. Mas a sua aplicação oculta o verdadeiro objetivo da ortografia, que é a leitura - independente do dialeto do usuário -, e deixa opaca a compreensão do seu funcionamento, bem como se distancia da sua realidade histórica, por isso representa uma distorção dessa matéria para o seu ensino. Em função disso, ambas as soluções comumente apresentadas para a reforma e para o ensino dos sons fricativos trazem mais problemas do que vantagens.

A relação entre oralidade/escrita na representação histórica dos sons fricativos aqui estudados mostra um longo percurso da realidade fonética e fonológica desses sons em seu desenvolvimento e que é associada à sua notação gráfica. A ortografia desses sons traz formas fixas, instauradas por diversos fatores que se consagram no uso. Por isso, como a ortografia se forma por constructos muito diversificados, a escrita dos sons fricativos também expressa essa heterogeneidade por meio da sua gama de grafemas, capazes de revelar sua face etimológica, usual, fonética, fonológica e até cultural, haja vista que o

caráter normativo desses sons tem sido associado à falas de prestígio, visível desde as primeiras gramáticas e tratados de ortografia.

A partir do presente estudo, pretende-se contribuir para um melhor conhecimento da história das fricativas, principalmente das coronais, bem como para um melhor conhecimento de como esses sons foram representados na ortografia da língua portuguesa e as consequências das decisões ortográficas na representação deles. Esse estudo busca também ser útil à elucidação de alguns fatos do passado linguístico do português que podem contribuir para esclarecer fatos da sua estrutura atual.

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, David. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Oxford University Press, 1967.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2003. 2ª ed.

ACORDO Ortográfico da Língua Portuguesa. 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/O%20Acordo%20Ortogr%C3%A1fico%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa_anexoI%20e%20II.pdf>. Acesso em 10 jan. 2009.

ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1921.

ASSALIM, Clarice. *A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do Português do século XVII: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros*. Vol. I e II. São Paulo: USP / FFLCH. 2007 (ms) – Tese de doutorado.

BARBOSA, Jerônimo Soares. *Grammatica Philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. 5. ed. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

BARRETO, João Franco. *Ortografia da lingua portuguesa*. Lisboa: Na Officina de Ioam Da Costa, 1671. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

BARROS, João de. *Gramática da Língua Portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez, & Latino*, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David (2006). Praat: doing phonetics by computer (Version 4.5.01) [computer program]. Retrieved October 30th, 2008 from <http://www.praat.org/>.

BOLÉO, Manuel de Paiva. *Dialectologia e história da língua*. Iglosas portuguesas. Separ. Do Boletim de Filologia, tomo XII, 1951, p.1-44.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Gramáticos Portugueses do século XVI*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Ministério da Educação, 1978.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *A História do Alfabeto*. São Paulo: Paulistana, 2009.

_____. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.

_____. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007

_____. *Aspectos Teóricos Lingüísticos da Ortografia*. Livro inédito, 2004.

_____. A escrita do Português arcaico e a falsa noção de ortografia fonética. In: Congresso Internacional da Associação Internacional de Lusitanistas, 5., 1998, Oxford. *Actas do V Congresso da AIL*. Oxford, v.1. p.57-69, 1998.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão-Livraria, 1979.

_____. *História da Lingüística*. Petrópoles: Vozes, 1975.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Iniciação ao latim*. São Paulo: Ática, 2009.

CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri, 2006.

_____. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991

CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel. *A demanda da ortografia portuguesa: comentário do acordo ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da questão que lhe seguiu*. Lisboa: João de Sá Costa, 1987.

CATACH, Nina. *L'orthographe*. Paris: PUF, 1978.

CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. Lisboa: Boletim de Filologia, 1973.

COULMAS, F. *The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems*. UK: Blackwell Publishing, 2006.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lingley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DANIELS, Peter T.; BRIGHT, William. *The world's writing systems*. New York: Oxford University Press, 1996.

FEIJÓ, João de Morais Madureira. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza*. Lisboa Occidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1734. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

FARACO, Carlos Alberto (org.); Pedro M. Garcez ... [et al.]. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo : Parábola, 2002.

FERREIRA NETO, Waldemar. *Introdução à fonologia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

FERREIRA, A. Gomes; FIGUEIREDO, J. Nunes de. *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2006.

FOVEST. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p.E4, 13 jan. 2009.

FRAWLEY, William J. *International Encyclopedia of Linguistics*. 2nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2003. v. 3-4.

GÂNDAVO, Pêro de Magalhães de. *Regras que ensinam a maneira de escrever orthographia da língua Portuguesa, com hum Dialogo que adiante se segue em defensam da mesma língua*. Edição fac-similada da 1ª edição. Introdução de Maria Leonor C. Buescu, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1574.

GOMES, Francisco Álvaro. O Acordo Ortográfico. *A águia*, Porto, v. ?, p.10, 2008.

GONÇALVES, Maria Filomena. *As idéias ortográficas em Portugal de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

HACKEROTT, M. M. S. Divergências entre os dicionários portugueses do século XVI ao início do século XIX. *Historiografia da Lingüística Brasileira - BOLETIM VII*, São Paulo, v. 7, p. 147-163, 2004.

HAUPT Carine. *As fricativas [s], [z], [Z] [X] do Português Brasileiro*. Estudos Linguísticos. 2007;36(1):37-46.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

HOUAISS, Antônio (1915-1999); Villar, Mauro de Salles (1939-). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IGNÁCIO, S. E. *Para ensinar ortografia... e outras coisas da língua escrita*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2001.

INTERNATIONAL Phonetic Alphabet. 2005. Disponível em:
<<http://web.uvic.ca/ling/resources/ipa/charts.htm>>. Acesso em jan. 2008.

JESUS, Luis Miguel Teixeira de. *Acoustic Phonetics of European Portuguese Fricative Consonants*, tese defendida em 2001.

KEMMLER, Rolf. *Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911*. *Lusorama*, Frankfurt, n.47-48, p.128-319, outubro, 2001.

LADEFOGED, P.; MADDIESON A.I. *The Sounds of the World's Languages*. Blackwell: Cambridge, Massachusetts, 1996.

LAVÉ, John D. M. H. *The Phonetic Description of Voice Quality*. Cambridge University Press, Cambridge, 1980.

LEÃO, Duarte Nunes de. *Orthographia da lingua portuguesa: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingua Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem*. Lisboa : Per João de Barreira, 1576. Disponível em: <<http://purl.pt/15>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

LEITE, M. Q. *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*. São Paulo: Paulistana, 2007.

LIMA, Luis Caetano de. *Othographia da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1736. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

LOBATO, Antonio José dos Reis. *Arte da grammatica da Lingua Portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

LOPES, David. *Textos em Aljama Portuguesa*, estudo filológico e histórico. Lisboa: Imprensa Nacional, 1940.

MAIA, Clarinda de Azevedo. A consciência da dimensão imperial da Língua na produção linguístico-gramatical portuguesa. *Gramática: História, Teorias, aplicações*, Porto, p. 29-49, 2010.

_____. Para a História do sistema de sibilantes em português. Algumas reflexões sobre a cronologia da mudança fonológica. *Com Alonso Zamora Vicente* (Actas del Congreso Internacional “La lengua, la Academia, lo popular, los clásicos, los contemporáneos”), Universidade de Alicante, n.2, p. 783-791, 2003.

_____. *História do galego-português: estado lingüístico da Galiza e do Noroeste Portugal desde o século XIII ao século XVI* (com referência à situação do galego moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986. (Lingüística, 9).

MARTINS, Ana Maria. *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: da produção primitiva ao século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos (1999) *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. Fonética ou ortográfica? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n.2, p.159-178. maio 1998.

MATEUS, Maria Helena Mira. Sobre a Natureza Fonológica da Ortografia Portuguesa. *Estudos da Língua (gem) Questões de Fonética e Fonologia*, Vitória da Conquista, n.3, p.159-180, jul. 2006.

_____. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

_____. Fonologia do galego e do português, por Maria Helena Mira Mateus. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA LÍNGUA GALEGO- PORTUGUESA, 1., 1984, Galiza Ourense. *Actas...* Galiza Ourense: Gráfica Vênus, 1984. p.295-337.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *O Português Arcaico: Fonologia*. Contexto: São Paulo, 1991.

_____. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Silvio de Almeida (Orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. São Paulo: Ateliê: FAPESP, 2006.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1967.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Lições de Filologia Portuguesa*. (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das *Lições práticas de português arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes [1912-1913].

MONTE, Vanessa Martins do. *Documentos setecentistas: edição semidiplomática e tratamento das sibilantes*. São Paulo: USP / FFLCH. 2007 – Dissertação de mestrado.

MORAIS, Artur Gomes de. Ortografia: objeto de aprendizagem baseada na reflexão. *Revista Educação: Guia Alfabetização*, São Paulo, n.2, p. 30-45, fev. 2010.

NARO, Anthony Julius. *Estudos Diacrônicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

NOVA ORTOGRAFIA. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p.C4, 04 jan. 2008.

NIMER, Miguel. *Influências Orientais na Língua Portuguesa: Os Vocábulos Árabes, Arabizados, Persas e Turcos: Etimologia/ Aplicações Analíticas*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005.

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, fonética e morfologia*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

- OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa (1536)*. Lisboa: casa de Germão galharde. Edição fac-similada da Biblioteca Nacional, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. Nem tudo que reluz é ouro: língua escrita e mudança linguística. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v.8, n.16, p.165-175, 2005.
- PEREIRA, Bento. *Regras gerays, e comprehensivas da melhor orthografia com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina & Portugueza, ...* Lisboa: Domingos Carneiro, 1666.
- PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PÉROLAS do Enem. Professor-Abraham Blogspot.Com. Disponível em : <<http://professor-abraham.blogspot.com/2010/02/perolas-do-enem.html>>. Acesso em jan. de 2010.
- RIEDEL M.; PELLAT J.-C.; RIOUL R. *Grammaire méthodique du français*. Paris: Puf, 2008.
- RIBEIRO, Luciana Mercês. *Análise e Descrição do Sistema Ortográfico de documentos manuscritos oficiais do século XVII escritos no Brasil*. Araraquara, 2008. Relatório Parcial de Pesquisa financiado pela FAPESP - Processo: 07/56550-8. Não publicado.
- ROBERT, Paul. *Le nouveau Petit Robert*, dictionnaire alphabétique et analogique de la langue Française, Paris: Le Robert, 2008.
- ROCCA, Iggy; JOHNSON, Wyn. *A Course in Phonology*. UK: Blackwell Publishing, 1999.
- ROGERS, Henry. *Writing Systems: A linguistic Approach*. UK: Blackwell Publishing, 2006.
- SILVA NETO, Serafin da. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- _____. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- SOUSA, João de. *Vestígios da Língua Arabica em Portugal ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes portuguezes, que tem origem arabica (1789)*. Maiadouro: (sc), 1981.
- TAVARES, Maria José Ferro. *História de Portugal medievo: economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 1992.

TEIXEIRA, Suely Ferreira Lima. *Apontamentos para uma edição semidiplomática em aljamia portuguesa*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro 2006. – Dissertação de mestrado.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Lisboa: Livraria Sá de Costa Editora, 1982. (Coleção Nova Universidade, Lingüística, 5).

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VERA, Álvaro Ferreira de. *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua portuguesa*. Lisboa: Per Mathias Rodriguez, 1631. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

VERNEY, Luís António. *Verdadeiro Método de Estudar, para ser útil à República, e à Igreja*: proporcionado Ao estilo, e necessidade de Portugal, Exposto Em várias cartas, escritas pólo R. P. Barbardinho da Congregasam de Itália, ao R. P. Doutor da Universidade de Coimbra. Valensa: Oficina de Antonio Balle; Nápoles: Gennaro e Vincenzo Muzio, 1746. Tomo segundo. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Vocabulario ortografico e ortoepico da lingua portuguesa*: conforme a Ortografia nacional do mesmo autor / A. R. Gonçalves Viana. Lisboa : Classica, 1909.

_____. *Ortografia Nacional*: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904.

_____. *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros*. Lisboa : Impr. Nacional, 1892.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *O guerreiro da língua portuguesa*. in: Revista Língua Portuguesa. Ano III, No. 31. maio de 2008, p.60-62.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do Latim ao Português*: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Tradução de Antônio Houaiss. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: INL: MEC, 1973.

APÊNDICE A - Descrição dos sons fricativos dos primeiros gramáticos e ortógrafos da língua portuguesa.

TABELA 1: Fernão de Oliveira (1536)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE REALIZAÇÃO DE SONS FRICATIVOS NA ESCRITA
<S>, <C ^{el} > (som [s])	O .s. singelo diz Quñtiliano e letra mimosa e qñdo a pronũciamos aleuãtamos a põta da lingua pera o çeo da boca e o espirito assouia pellas ilhargas da lingua. p.35
<SS>	O .ss. dobrado pronũciasse como o outro pregãdo mais a lingua no çeo da boca. p.35
<Ç>	Esta letra .c. cõ outro .c. de bayxo de si virado para tras nesta forma .ç. lê a mesma pronũciação q̃ .z. se não q̃ aperta mais a lingoa nos dêtes. p.36
<X>	Ao .x. nos lhe chamamos çis mas eu lhe chamaria antes xi porq̃ assi o pronũciamos na escritura: pronũciasse co as queixadas apertadas no meyo da boca os dêtes jũtos a lingua ancha dentro da boca e o espirito ferve na humidade da lingua. p.35
</Z>	A pronũciação d .z. zine antros os dentes çerrados com a lingua chegada a elles: e os beyços apartados hũ do outro: e e nossa propria esta letra. p.35
<C> (som [k])	.c. pronũciasse dobrãdo a lingua sobre os dentes queyxas: fazendo hũ çerto lombo no meyo della diante do papo: casi chegando cõ esse lõbo da lingua o çeo da boca e empedindo o espirito [o som [k] impede a passagem de ar]: o qual per força faça apartar a lingua e faças e quebre nos beyços com impeto. p.33-34

TABELA 2.: João de Barros (1540)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<S>, <SS>	“S, tem duas figuras, esta <i>f</i> ^s que serve sempre no principio, e no meo muitas vezes: e estoutro, S, sempre no fim, e assy outros pequenos que nam tem bâte comprida. O primeiro em algũas dições ô dobramos ao módo dos latinos, principalmente e o presente de todolos verbos do módo pẽra deseiar, como Amásse, lesse, ouvisse, fosse. E póla mayór parte os que ante sy tem letra vogal será dobrado: quãdo for toda hũa diçam, como assi, esse, nõssa.” p.15
<Ç>, <C>	“este primeiro C ajuntase sómente a estas tres vogaes ca, co, cu, e o segundo a todas a este módo, ça, çe, çì, ço, çu: comque as syllabas ficam çeçeadas da maneira dos ciganos.” p. 10
Observação:	O João de Barros (1540) faz uma descrição muito restrita quanto à pronúncia e aos sons. Isso ocorre, possivelmente, devido ao projeto didático dele, em que talvez não fizesse muito sentido, descrever detalhadamente os sons portugueses. O trabalho desse estudioso estava mais voltado ao ensino, tendo sido fortemente influenciado pela gramática de Nebrija (1492), (QUADROS LEITE, 2007). Nota-se que João de Barros, conta com o conhecimento de língua do falante em suas descrições. Veja a principal regra de ortografia que ele expõe em seu trabalho: “A Primeira e principal regra na nõssa orthografia, e [é] escrever todalas dições com tantas letras com quantas a pronunciamos, sem poer consoantes oçiosas como vemos na escritura italiana e françesa” (p.2) Nesse trecho o autor chama a atenção para a pronúncia, que é uma referência para a escrita. Contudo, ele não detalha como são essas pronúncias, já que são conhecidas pelos portugueses. Em relação as letras X e Z, o autor diz: “Estas seis letras (D F P T X E), nam tem tantos trabálhos nem mudãças em servir seus ofícios, como vemos que tem as outras. Servenõs comumente em todalas dições, como pouo nos trabálhos da república: ao quál às podemos comparar: e por isso às atamos em molho, sem guardar a órdem que tem, nem fazermos delas muita mençãm”. (p.10).

TABELA 3.: Pêro de Magalhães Gândavo (1574)	
GRAFEMA	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<C ^{a,o,u} >, <S>	“Quando pronunciarem qualquer dição com c, hão de fazer força com a lingua nos dentes de baixo de maneira, que fique algum tanto a ponta dobrada pera dentro, e quando for com s, porão a lingua mais folgadamente pera cima que fique soando a pronunçiação á maneira de assuuio de cobra.” p.21-22.
<SS>, <C> <Ç>	“dous SS, em meyo de parte tem muito mais semelhança de z, que de c, no que totalmente se enganão, porque dous ss, tem mais semelhança de c, que de z, assi como remissão, profissão.” p.21 “ <i>passos</i> que se escreve com dous ss, quando significão os que se dão com os pés, & paços quando se entendem pellas casas reaes com ç. E outros algũs nomes e verbos ha, que não tem outra differença na significação, se não escreveremse com s, ou com c, ou com z, assi como cozer que se escreve com z, quando he por cozinhar algũa coisa em fogo, & coser com s, quando he por coser com agulha. Tambem cervo se escreve com s, quando he pelo veado, & servo com s, quando se entende pelo escravo. E assi tambem cella com c, quando se toma pelo aposento do religioso, & sella com s, quando significa a que se poem no cavallo. [...] todos os escrivães que nesta parte quizerem ser perfectos, tenham algum conhecimento de latim, ou ao menos conheção a differença que ha na pronunçiação do c, ao s, & do s, ao z,” p.21.
<Z>	Quanto esta letra z, composerão os Gregos de duas letras, convem a saber, do s, & do d, & assi a pronunçiação della não he outra cousa, senão a de hum s, carregado por respecto daquelle d, que lhe formão diante, o qual d, não deixa soltar a lingua tão livremente como quando o mesmo s, per si se pronuncia. p.22 A respeito dessa descrição, Kemmler (2001, p.173) diz que essa “descrição feita por Gandavo parece indicar que ele ainda considerava usual algo como a africada alveolar sonora [dz]. Tal procedimento talvez possa ser explicado pelo facto de ele ser oriundo da província interamnense, portanto, de uma área linguisticamente conservadora, como justamente realça Teyssier (1982), quando trata da manutenção do sistema das quatro sibilantes”.
Observação:	O autor fala sobre as confusões gráficas decorrentes do não conhecimento das distinções de pronúncia que se refletem na fala: “todos os escriuães que nesta parte quizerem ser perfectos, tenham algum conhecimnto de latim, ou ao menos conheção a differença que ha na pronunçiação do c, ao s, e do s, ao z, porque se cairem nella, com mais facilidade poderão vedar muitos erros conforme ao sentido da orelha que nesta parte não he pouco fiel.” p.9-10. As <i>Regras</i> de Pero de Mafalhães Gandavo (1574) não trazem informações sobre a articulação de CH e X, possivelmente porque é uma obra pequena, de 36 fols, a qual mostra regras gerais, problemas específicos, como a confusão no uso de S, Z, C, Ç, enfim, porque “trata-se , antes de mais, um conjunto de regras e indicações correctivas para todos os que escrevem” (KEMMLER, 2001, p.170)

TABELA 4: Duarte Nunes de Leão (1576)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<S>, <SS>	<p>“S he letra semivogal, & mais assovio que letra, segundo dizia Marco Messala. Donde veo, q̄ a figura della denotarão, como ùa cobra enroscada, por parecer mais pronunciação de cobras, que de hões. A qual letra, ainda que os vulgares a figurem em seu alphabeto de duas maneiras assi .f.s. em potestade, & força, he ùa soo letra. Porque essa defferença he para a graça da scriptura, mas não para fazer differença na pronunciação. Isto lembro, porq̄ há algũus que cuidão, que .s. ha duas species .f. hum que se pronuncia dobrado, & q̄ se usa no principio, que he o comprido assi .f. outro curto assi .s. mais brando, para o cabo das syllabas. O q̄ não he assi. Porque se ha de notar, que totalas vezes, que as dições começão em .f. & depois delle se segue vogal, naturalmente se pronuncia como dobrado, como:</p> <p>fancto, sella, sitio, solitario, summa. [sancto, sella, sitio, solitário, summa] E apenas o poderão pronunciar como singello, que não fique soando como o .z. O que não eh nas dições, q̄ teem depois do .f. outra consoante, como spero, stilo. No que tambem hão de advertir, que da mesma maneira se pronũcia, como dobrado, quando vem depois de consoante, como falso, manso, persuadir, & outros semelhantes. p.24</p>
<Z>	<p>“soa entre .s. e .ç. A qual letra, porque muitos vulgares a confundem com o .s. & aas vezes com .ç. poerci algũus lugares, onde a devemos usar. E cõ ella screveremos todolos nomes patronymicos Portugueses . p.27</p>
<Ç>	<p>E para pronunciarmos a. o. u. junto ao c. como e. i. poemslhe ùa cifra ou cercilho de baixo que fica fazendo ùa especie de z. & dizemos çapato, çoçobrar, çurrador”p.25.</p>
<Ç^{a,o,u}>, <C^{e,i}>	<p>“C. Teem acerca e nos muitos officios: hũ proprio, quãdo depois delle se segue .a.o.u. como nas primeiras syllabas destas dições. cavallo, comedia, cutello. Da qual meneira os antigos tambem pronunciavão o .c. quando depois delle se seguia .e.i. segundo se collige de Quintiliano [...] Mas agora damos a esta letra diferente pronunciação, exprimindoa com .e. & .i. como a pronunciamos, quando lhe accrescentamos a cifra, ou cercilho ajuntãdo a estas vogaes, a.o.u. Porque para exprimirmos as cinco vogaes todas de hũa mesma pronũciação, dizemos, ca que, quĩ, co, cu, como se vee nestas palavras de hũa mesma substãcia, & parêtesco: vacca, vacqueiro, vacquinha, vaccona, vaccum. E para pronunciarmos a. o. u. junto ao c. como e. i. poemslhe ùa cifra ou cercilho de baxo que fica fazendo ùa especie de z. & dizemos çapato, çoçobrar, çurrador. A qual cifra nõ poeremos, quãdo depois do .c. se segue .e.i. como fazẽ os idiotas.”p.9</p>
<CH>	<p>“outro officio teem o .c. emprestado, quãdo depois delle se segue .h. & lhe damos differete pronũciação do.c. [...] como nestas dições, chamar, cheirar, chiar, chorar, chupar. A qual pronũciação tam propria he da lingoa Hespanhol, que nem os Gregos, nem os Latinos, Hebreos, ou Arabes a tiverão: posto que os Italianos a pareção imitar na pronunciação do seu, ce.ci. Pólo que podemos dizer, que debaxo de hũa figura do .c. ha muitas letras em potestade e officio. p. 9-10.</p>
<X>	<p>“A pronunciação que agora damos a esta letra, he Arabica, da maneira que os Mouros pronunçião o seu, xin. Pólo que nas palavras Hespanhoes, não nos fica servindo o .x. dos Latinos, em força & potestade, senão em figura, per que denotamos a dicta pronunciação Arabica, como nestas palavras: paixão, caxa, enxada, coxim. E assi os franceses, que teem a mesma pronunciação que nos, a denotão per .ch. impropriamente, porque per .x. se não podia denotar, & dizem, <i>cheval</i>, & <i>chapiste</i> por <i>xeval</i> & <i>xapiste</i>. p. 25</p>
Observação:	<p>Duarte Nunes de Leão (1576) faz a seguinte advertência mostrando que há diferença de pronúncia entre C, S e Z: “Que tenhamos grande tento nos vocábulos, em que entra c, s, & z. Porque a mais da gente, & não soo a vulgar, se engana na scriptura, confundindo estas letras, & poendo hũas por outras, sem distincão, sendo ellas diferentes, & distantes na pronunciação, & natureza, assi como o saõ na figura.”</p>

TABELA 5.: Alvaro Ferreira de Vera (1631)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<Ç>, <Ç ^{a,o,u} >, <C ^{e,i} >	<p>“Esta letra ç, he mui diferente de C, assi no nome, como na figura: e como taes tem duas pronunçações diversas: porque com hũa dizemos, caca, e com outra caça: barca, que navega; e barça, vaso de palha [...] Porque no trocar de hũa letra por outra, não sómente troca o sohido, mas ainda altera o sentido nas dicções, que tem diferente significação. p.40</p> <p>“como se ve nestes exêplos, açucena, maçã, poço, buço: sua pronunçação [do Ç] se faz tocando brandamente coma lingua no ceo da bocca, e alto dos dentes; bem diferente do que quando pronunciamos a letra C, ç a modo do pronunciar do, K, Grego (em cujo lugar há de ficar) sae do interior da lingua, lançando a respiração com a bocca mais em alto. [...] Advirto que não tem esta letra necessidade do rasgo, ou cifra debaixo, quando tocar as letras e, i, porque junta a qualquer dellas, não tem outro sohido, segundo a pronunçação destes tempos: e assi dizemos, cinco, cinto, cisne, cidra, cesto, certo, cento.” p.41-42</p>
<Ç>, <S>, <SS>	<p>“todas as vezes que as dicções começam em, s, e depois delle se segue vogal, naturalmente se pronuncia como dobrado; e sômente se dobra entre vogaes pronunciado a modo de ç: como massa, passa, posso: na forma que se dirá no capitulo das letras, que se dobrão em dicção. Tambem se ha de advertir, que n’a mesma maneira se pronuncia como dobrado, quando vem depois de consoante, como falso, manso, persuadir. Assi que esta letra, s [...] é mais assobio que letra: (segundo dezia Marco Massala) porque imitta no sohido ao silvo da cobra. E daqui (dizem algûs) se deu a feitura de S torcida, e enrocada, â feição, e postura, que a cobra tem.” p.42</p>
<Z>	<p>“Da letra Z [...] a pronunçação destes tempos soa entre s, e ç: não obstante que ç se pronuncia com mais força, que z, e s como se ve nos nomes verbaes em ção:lição, deleitação: e outros como, agencia, officio, maço [...] o s se pronuncia com a língua mais remissa: como se notará nos nomes verbaes de Latinos em sio; lisão, conclusão, e outros como, casa, caso, liso, tiso, peso, preso, coser, por coser com agulha, porque com z, significa cozinhar: e assi os mais, que acerca dos Latinos se escrevem com s; como mesa; e não meza. E z se pronuncia com a ponta da lingua, com mais força que s, e menos que ç: como razão praza a Deus, apazível.</p> <p>E porque muitos vulgares confundem o z, escrevendo s, sem saberem aonde convem o accentto.” p.75</p>

TABELA 6.: Bento Pereira (1666)

GRAFEMA	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<C ^{e,i} >, <C ^{a,o,u} >, <Ç>, <SS>, <S>	<p>“Ainda que a letra ç, com plica, como a que puzemos, faz muy diferente som do c, sem plica, quando de junta com as vogays, a, o, u, que tem entam força de q, com tudo o mesmo som faz com plica, & sem ella, quando se junta com e, i, & entram nam se lhe deve por plica, poys he escusada. A primeyra parte deyxa bem ver na diversidade destas palavras, <i>Barca & barça, forca & força, capa & çapa, copa & çopa, cuba & çuba</i>. A segunda parte do que dissemos, se conhece nestes vocabulos, <i>ceyra cingir</i>, pelo que nam só he escusado porselhe, mas he erro. Porém, porque toda difficuldade está em saber discernir conhecendo quando se escreverá o c, plicado, & quãdo dous ss, visto terem estes dous modos a mesma toada”. p.77</p> <p>“[...] a letra c, & a letra s, tem quasi a mesma toada, quando se juntam com e, i, porque a mesma toada faz: <i>seram</i>, escrito com s, do que <i>ceram</i>, escrito com c. Do mesmo modo <i>cidade</i>, & <i>sidade, sinco</i>, & <i>cinco</i>, pelo que necessitão de regra para sabermos o uso das tays letras.” p.48</p>
<S>, <Z>	<p>“Cotejemos agora o s, com z, as quays letras muytos confundem, não sabendo quando usarám de hũa, & quando de outra. Regra para distinçam seja applicada que demos para o c & s, a saber, que escreveremos com s, & nam com z, os vocabulos Portuguezes, quãdo os Latinos, donde nascem, tem s, & nam z, & assim porque o Latim tem, <i>mensa</i>; escreveremos nós, <i>mesa</i> & nam <i>meza</i>.” p. 49</p>
<CH>	<p>“se o Latim põem aspiraçam depois do c: como em <i>charitas, chorus</i>, & outras semelhantes, nós a não ponhamos, porçã assim fugiremos â toada diversa do Latim, çã no Portuguez faz, <i>charidade, choro</i>. Pois bem se vê diversidade, çã entre as nossas palavras ha, de <i>caco</i>, a <i>cacho</i>, de <i>marca</i> a <i>marcha</i>, & assim digamos, <i>caridade, coro</i>.” p.56</p>

TABELA 7.: João Franco Barreto (1671)	
GRAFEMA	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<C>	“Esta letra C, he a terceyra de nosso alfabeto, como delle se ve, dizendo abece; [...] quizeram chamarlhe ca, que he proprio do que tẽ esta figura K.” p.126-127
<Ç>, <Z>, <C ^{e,i} >, <C ^{a,o,u} >, <CH>	<p>“dizem que o c, cõ cedilho he letra propria nossa, sendo engano manifesto, porque tãbẽ os Castelhanos a usam, & muyto mays que nós, sebẽ cõ alguma diferença, que logo direy. Duarte Nunez diz que he propria dos Mouros, & que delles a tomamos; assi o diz tãbẽ o M. Bertolomeu Ximenes, ã seu epitome, acrecentando que os Andaluzes, mas he pronunciandoo como se fora Z, como elle diz, que advertio no livro, que intitulou Sapiaentia, porẽ nós ãã lhe damos esse soido. Para o que he de advertir, que esta letra C, tẽ tres officios muyto diferentes, ã proprio, que he quando acenta sobre a, o, u, como capa, cota, cura, [...]</p> <p>O segundo officio que a letra C. tẽ he ãprestado, que he quando assenta sobre e, & sobre i, como dicemos; & o terceyro tãbẽ he improprio, que he quando se ajunta cõ h que tẽ pronuncia assi, chapeo, cheiro, chicharo, choro, chuva, a qual pronunciaã se ãã acha entre os Latinos, Gregos ãã Hebraicos, mas he sã dos Hespanhoes: porque ainda que os Gregos tẽ cha, che, chi, cho, chu, & delles os Latinos, o e, perde o seu sã, & toma o de ca, K. E os Italianos pronunciam ce, ci, como nós che chi.</p> <p>[...] Quando o c, sobre a, o, u, ouver de soar como s, lhe poremos por baixo uma risquinha, que chamamos cedilho, nesta forma ç, & escutaremos multiplicar letras. Sobre e, i, ãã ha mister essa risquinha; e assi ferirá sobre todas as vogaes, como diz Quintiliano, cõ aquella brandura, que esta letra de si tẽ; como se ve nestes exemplos; maçan, açucena, cifra, poço, açúcar. Serve tãbẽ este sinal para distincã de algũs nomes, que cõ o cedilho tẽ uma significaã, & sã elle outra, como se ve nestes exemplos; caca, caça; moca, moça; capa, çapa; roca,roça; faca,faça; cota, çota; Franca, França, & semelhantes. p.126-127</p> <p>Certo ortografo nosso diz que se podẽ escrever cõ cedilho, cinco, cinto, cisne, cifra, cesto, certo, cento, mas he erro, porque o cedilho so tẽ lugar quando o e, sobre a, o, u, tẽ o soido de s.” p.126-127</p>
<S>	Em relaãõ a letra S o autor diz: [...] formase chegando a lingua ao pádar, junto aos dentes cõ alguma aspiraã. Marco Marcello, segundo Marciano Capella, dizia que mays era asovio que letra: & por esta razã a figuraram a maneyra de uma cobra enroscada, por parecer mays silvo de cobra, que voz de omem. [...] Em o principio da diã pronunciasse como se fora dobrado, & soa á maneyra de ç, cõ cedilho; assi como sal, serea, sino, sono, suor. E tãbẽ tẽ o mesmo soido, despoys das consoantes b.l.n.r como é abstinencia, balsamo, persiguisã, & semelhantes [...] p. 170
<X>	Em relaãõ a letra X o autor diz: “Nossos ortografos dizem a pronunciamos segundo os Árabes o seu Xin, como nestes vocabulos, payxã, caxa, enxada, enxurrada, & outros, [...]” p.182
<Z>	Em relaãõ a letra Z ele diz: “Formase encostando a ponta da lingua ao pádar no confim dos dentes cõ mays força, que o s, & cõ menos que o c.”p.185

TABELA 8.: João de Moraes Madureira Feijó (1734)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<S>, <Ç>,	<p>“O s pronuncia-se com a ponta da lingua moderadamente applicada ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, em quanto sahe um som quase assobiando do meyo da bocca e o ç pronuncia com a extremidade anterior da lingua tocando os dentes quase fechados, em quanto sahe o seu som, que he suavemente brando, alegando que pronuncia-se “Çapata”, e “sapata”; “Maça” e “Massa”; e diga quem não he surdo a differença que percebe entre um e outro. [...] Pois se esta he a rigorosa, e propria pronunçiação do S, como se equivoca com a do Ç, que he tão diversa? Demos a cada uma destas letras a diversidade da sua pronunçiação e logo se perceberá a differença de Sá ou Çá [...] p.26-28.</p>
<C ^{e,i} >,<C ^{a,o,u} >	<p>“A letra C humas vezes sôa na pronunçiação como C, v.g.Ce, Ci; e outras sôa como Q, v.g. Ca, Co. Quando sôa como C, pronunçia-se com a extremidade anterior da lingua tocando nos dentes quase fechados, em quanto sahe o seu som, que he brando, e suave; como se percebe nestas palavras Cêa, Cear, Cinco Cima, &c. Quando sôa como Q, pronunçia-se applicando o meyo da lingua quase junto ao paladar com os beiços abertos: v.g. Cabello, [...]p.27</p> <p>O C antes de A, O, U, escripto so como aqui se figura, sempre sôa quasi como Q, ou como K dos Gregos. [...] Mas escripto com huma plica por baixo, sahindo da extremidade inferior do C como um virgula, sempre sôa como C antes de A, O, U: v.g.: <i>Faça, Faço, Açucar.</i></p> <p>Antes das vogaes E, I, nunca necessita de plica, porque nunca pôde soar senão como C: cem, cento, cincoenta, [...]” p.27-28</p>
<S>	<p>“Já dissemos na letra C, que a letra S, se pronunciava com a ponta da lingua applicada moderadamente ao paladar, junto aos dentes de cima, de maneira que sahe um som como assobiando, ou como sibilo; e por isto os antigos a figuravão como serpente enroscada.” p.53</p>
<X>	<p>“A letra X, pronunçia-se com a metade da lingua, quase junta ao paladar; mas de sorte, que faz huma via como canal por onde sahe o som com que se forma.” p. 57</p>
<Z>	<p>“O Z pronunçia-se com a parte anterior da lingua menos junta aos dentes, que na pronunçiação do C, dando algum espaço para sahir o som com mais força , e hum certo zunido.” p.60</p>
<CH>	<p>“[ch] nunca sôa nem como C, nem como Q, mas faz um terceiro som, em que senão percebe como sôa, ferindo as vogaes seguintes deste modo: <i>Cha, Che, Chi, Cho, Chu</i>: v.g. <i>Chave, Chaminé, China, Chove, Chuva</i>, cuja pronunçiação não tem similhaça com outras letras; e só os oriundos de Lisboa a equivocão tanto com o X, que a cada palavra a trocã huma por outra: porque não só pronunciam, mas tambem escrevem, <i>Xave, Xaminé, Xina, Xove, Xuva</i>. p.32.</p>

TABELA 9.: Luis Caetano de Lima (1736)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<Ç>, <SS>, <S>	“Esta letra [Ç] tem força de dous SS, e só se poem antes das Vogaes A O U, tanto no principio, como no meyo das palavras. <i>Çafra, Çarça, Moço, Poço, Çujo, Açulo</i> . A grande dificuldade consiste em saber quando devemos usar o Ç ou de SS, e ainda de hum só S, visto terem estas letras muitas vezes a mesma força. Nesta maneira nos parece, que devemos recorrer ás regras seguintes, considerando as palavras, ou como derivadas do Latim, ou como Portuguezas de natureza.” p. 53
<S>	“[S] pronuncia-se com tanta força, como se fora C, ou dous SS. <i>Só, Sal, Saõ, Sim, Salvo, Servo, Sinto, Somno, Susto</i> . No meyo entre duas Vogaes pronuncia-se tão suavemente, como se fora Z. <i>Desastre, Desejo, Desigual, Desordem, Confuso</i> .” p.66
<X>	“Esta letra [X] tem a mesma pronuncia que o CH dos Francezes, tanto no principio, como no meyo das palavras; e assim pronunciamos <i>Xadrez, Xarópe, Deixar, Paixaõ</i> do mesmo modo que os Francezes pronunciaõ <i>Chapeau, Cheval, Achever, Acheter</i> .” p. 69.
<Z>	“Há muita dificuldade em averiguar, quando se deve escrever S, ou Z entre duas Vogaes, pois que a pronuncia he a mesma.”p.67
<CH>	“[CH] Requere tanta força na lingua Portugueza, como na Ingleza v.g. <i>Church</i> Igreja; e muita mais que em Francez. Nesta forma erraráõ os Francezes, que pronunciarem <i>Chapeo</i> em Portuguez tão bradamente, como elles dizem <i>Chapeau</i> . Com esta força se faz soar o CH no principio das palavras [...], no meyo em <i>Machado</i> [...]. Finalmente o CH se deve differençar muito da letra X, dandose-lhe dobrada força.” p.62.

TABELA 10.: Luis Antônio Verney (1746)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<C ^e >, <S>	“o s Portuguez, que nam é final, é um verdadeiro sibilo ou letra sibilante”p.44. O autor compara ainda a pronúncia de S com C ^e : “s, e c, antes de e, i, pronunciam-se da mesma sorte” p. 45 “Nenhuma diferenca na pronuncia se acha entre o c, e o s: se alguem contraria isto, que me-fala a merce de mo-provar: porque o meu ouvido, que é bastantemente advertido, nam conhece esta diversidade”. p.32
<Ç>	“todos tambem conhecem, que o c, co cedilha ç, antes de vogal pronuncia-se como s”p.47
<X>	Sobre a pronúncia de X o referido autor diz: “observo que nam só o s final se-pronuncia como x, mas tambem o z final: o que V. P. pode ver em Diz, Luiz, Fiz, &cc.”p.44
<Z>	“Os Portugezes tem a pronuncia do z asperissima: que creio lhe-ficou, da comunicasam com os Moiros, e Arabios, que abundam muito diso: eu acho em Portugal, muitos vocabulos destas Nasoes. Onde tendo o s e o z diferentesimas pronuncias, é erro sem desculpa, por s, em lugar do z” p. 47
<CH>, <X>	“dizemos <i>Choro, Chove</i> &cc. como se estivera escrito, <i>Xoro, Xove</i> ” [...] “na pronuncia, nam á diferença entre uma, e outra letra. Em materia de pronuncia, sempre se-devem preferir, os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura , que todos os das-outras Provincias juntas. Ora é certo, que os ditos pronunciam docemente como um x: e nem só eles, mas muitissimos de outras Províncias, tem a mesma pronuncia. Somente alguma diversidade achei nos-Beirenses, que batem mais o dito c, encostando-se à pronuncia Romana do- c”. p.45
Observação:	Verney (1746) tinha conhecimento da fala da Região de Entre Douro e Minho pois anotou outros fenômenos que ali ocorriam, ele diz “na Provincia de Entre Doiro, e Minho ainda oje se-pronuncia, em muitas destas palavras, o o; pois dizem <i>tabaliom, escrivom</i> &cc.”p. 42 Mas é muito claro que esse autor não se propôs a fazer uma descrição detalhada da pronúncia que lhe servia de referência na escrita em vista do objetivo da obra dele, pois diz: “Eu nam determinei, escrever um tratado completo: mas unicamente, sugeri a V. P. o que se acha mais bem notado, nesta materia: e o que deve ensinar um mestre, ao dicipulo, a quem explica a língua Portugueza”.p.70 Ele ainda deixa claro a sua posição quanto a outros gramáticos e ortógrafos “O Barreto, o Leam, o Vera tem algumas coizas boas, entre outras muito más. Na mesma clase ponho P. Argote, nas suas regras Portuguezas; e algum outro. Tais autores copiaram-se fielmente uns aos outros, sem examinarem a materia”p. 60

TABELA 11.: Antônio José dos Reis Lobato (1770)	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
<C>	Lobato (1770) descreve as letras B, C, D, F, G, P Q, T, V como “letras mudas” porque “fazem um som mais escuro, e se pronúnciao com o som de vogal depois de si, como v.g. B, C, que se pronúnciao, como se se escrevessem Bê, Cê” p.28
<S>, <X>, <Z>	[S, X, Z] são letras semivogaes “E chamão-se assim, porque fazem hum som claro, e se pronúnciao, com o som da vogal antes, e depois de si.”p.29
Observação:	A descrição dos sons fricativos feitos por Antônio José dos Reis Lobato (1770) aparece de forma simplificada possivelmente porque a proposta de gramática defendida na obra dele divide-se em dois assuntos principais, que são as duas partes da obra desse autor: etimologia e sintaxe . Em relação a ortografia, ele revela que se conformará com o costume dos gramáticos, que <i>nas artes não tratão da ortografia</i> , porque <i>a Ortografia por si só é matéria bastante para um tratado</i> .

TABELA 12.: Jeronymo Soares Barboza (1822).	
GRAFEMAS	DESCRIÇÕES DE PRONÚNCIA DE SONS FRICATIVOS
Observação:	<p>O autor Jeronymo Soares Barboza (1822), em seu estudo das “consonancias portuguezas” descreve os sons fricativos coronais a partir de uma subclassificação dessas consonâncias. A explicação geral que ele fornece para o entendimento do que vem a ser essas consonâncias e, especificamente, àqueles que representam os sons fricativos, merece um destaque especial, na citação a seguir, em que se pode verificar como se realizava sons fricativos coronais:</p> <p>“As consonancias linguaes são todas produzidas pela lingua, que para interceptar e tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade inferior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, chamado <i>ceo da bocca</i>. As primeiras, chamadas por isso linguaes gutturaes, são duas, uma guttural branda, como g em <i>gállo</i>, e outra guttural forte, como c, em <i>cállo</i>. As segundas, chamadas por isso linguaes dentaes, são tambem duas, a lingual dental branda d, como em <i>dála</i>, e a lingual dental forte t, como em <i>tália</i>.</p> <p>As terceiras, chamadas linguaes palataes, tem mais variedade em razão da maior extensão do ceo da bocca, e dos muitos pontos de apoio que por isso offerece á lingua para interceptar a voz.</p> <p>Umaz fazem uma espécie de <i>assobio</i>, chamadas por isso sibillantes, a qual assobio é produzido na fisga dos dentes pela ponta da lingua, que com elles quase cerrados já faz menos esforço para interceptar a voz, e assim produz a palatal sibilante branda s (quando tem vogal diante), como em <i>séllo</i>; já faz mais esforço, e produz a palatal sibilante forte z, como em <i>zêlo</i>.</p> <p>Outras fazem uma especie de <i>chio</i>, chamadas por isso chiantes, porque a língua apoiada em toda a sua circumferencia contra as gengivas superiores, tufando-se na ponta mais ou menos, deixa escapar por ella e pela fisga dos dentes o ar coado com este som. Os quatro graus de maior ou menor quantidade de ar, e de maior ou menor força, com que ahi o intercepta produzem as quatro differenças que o ouvido sente nas nossas quatro palataes chiantes s (quando não tem vogal diante), como em <i>sciência</i>; x em <i>xara</i>; j em <i>jarra</i>; e ch como em <i>charro</i>. A primeira é <i>liquida</i>, a segunda é <i>forte</i>, a terceira <i>branda</i>, e a quarta <i>forte</i>, porque n’esta se intercepta a voz inteiramente.</p> <p>O differente som do s sibilante, quando a tem, se sente claramente nas palavras <i>sciencia</i> e <i>nascer</i>, onde o <i>ci</i>, <i>ce</i>, valendo o mesmo na pronunciação que <i>si</i>, <i>se</i>, o s que precede não se confunde com elles; antes tem um som mui differente, que se achará menos nas ditas palavras, pronunciando-as e escrevendo-as sem elle, d’este modo: <i>ciencia</i>, <i>nacer</i>. ”(BARBOZA, 1822, p.7)</p> <p>Esse autor não identifica diferença pronúncia entre Ce, Ci, Ça, Ço, Çu, pois: “Uma das maiores dificuldades que tem a orthographia da derivação é a do c sem cedilha antes das vogais e e i, e a do ç com ella antes de a, o, u. Porque tendo ambas o mesmo valor que o simples s, não se pode saber senão pela origem latina, quando havemos de usar de s e quando de c simples ou cedilhado. (BARBOSA, 1822, p. 94).</p>

APÊNDICE B - DVD contendo as gravações de sons fricativos da Região Norte de Portugal.